

# HARRY POTTER

*e a*

CÂMARA *dos*  
SEGREDOS



2

J.K. ROWLING

VISIT...

LANZAROTE  
*Caliente*.COM



# HARRY POTTER

*e a*

CÂMARA *dos*  
SEGREDOS



2

J.K. ROWLING

# HARRY POTTER

---

*e a*  
CÂMARA *dos*  
SEGREDOS

J.K. ROWLING

Pottermore<sup>™</sup>  
from J.K. Rowling

Pottermore™

from J.K. Rowling

*Ao Séan P. F. Harris,  
condutor imparável e um amigo dos diabos.*

# ÍNDICE

- I O pior aniversário
- II O aviso de Dobby
- III «A Toca»
- IV Na Borrões e Floreados
- V O Salgueiro Zurzidor
- VI Gilderoy Lockhart
- VII Sangues de Lama e Murmúrios
- VIII A festa do aniversário da morte do Nick Quase-Sem-Cabeça
- IX O aviso
- X Uma *bludger* perigosa
- XI O clube de esgrima
- XII A poção Polissuco
- XIII Um diário muito secreto
- XIV Cornelius Fudge
- XV *Aragog*
- XVI A Câmara dos Segredos
- XVII O herdeiro de Slytherin
- XVIII A recompensa de Dobby

# I

## O PIOR ANIVERSÁRIO

Não era a primeira vez que uma discussão estoirava à mesa do pequeno-almoço, no número 4 de Privet Drive. Mr. Vernon Dursley fora acordado de manhã cedo pelo piar ruidoso que vinha do quarto do seu sobrinho Harry.

— É a terceira vez esta semana! — resmungou, à mesa. — Se não consegues controlar essa coruja, ela não pode ficar aqui.

Harry tentou, mais uma vez, explicar.

— Ela está aborrecida. Estava habituada a voar livremente lá fora. Se eu pudesse, ao menos, soltá-la à noite...

— Achas-me com cara de idiota? — perguntou rispidamente o tio Vernon, com um fio de ovo preso no bigode farfalhado. — Sei muito bem o que aconteceria, se essa coruja fosse lá para fora.

Trocou um olhar soturno com a mulher, a tia Petúnia.

Harry tentou contra-argumentar, mas as suas palavras foram abafadas por um enorme arroto do filho dos Dursleys, Dudley.

— Quero mais *bacon*.

— Há mais na frigideira, fofinho — disse a tia Petúnia, lançando um olhar vago ao seu filho compacto. — Tens de te alimentar bem enquanto aqui estás, aquela comida da tua escola não me cheira.

— Disparate, Petúnia, eu nunca passei fome enquanto andei em Smeltings — afirmou com sinceridade o tio Vernon. — O Dudley tem que chegar. Não é verdade, filho?

Dudley, que era tão gordo que o rabo lhe saía dos dois lados da cadeira da cozinha, sorriu laconicamente e voltou-se para Harry.

— Passa-me a frigideira.

— Esqueceste-te da palavra mágica — disse Harry, irritado.

O efeito que esta simples frase teve no resto da família foi inacreditável: Dudley começou a arfar e caiu da cadeira com um estrondo que abalou a



cozinha, Mrs. Dursley deu um gritinho e bateu com as mãos na boca, Mr. Dursley pôs-se de pé com as veias das têmporas dilatadas.

— Eu queria dizer «por favor» — explicou Harry rapidamente. — Não me referia a...

— O QUE É QUE EU TE DISSE — vociferou o tio, espalhando perdigotos sobre a mesa — SOBRE PRONUNCIAR A PALAVRA M. NESTA CASA?

— Mas eu...

— COMO TE ATREVES A AMEAÇAR O DUDLEY? — rosnou o tio Vernon, batendo com o punho na mesa.

— Eu só...

— ESTÁS AVISADO. NÃO VOU ADMITIR REFERÊNCIAS À TUA ANORMALIDADE DEBAIXO DO MEU TECTO!

Harry olhou alternadamente para o rosto congestionado do tio e para a palidez da tia, que tentava pôr Dudley de pé.

— Está bem — disse Harry. — Está bem...

O tio Vernon voltou a sentar-se, respirando como um rinoceronte exausto e observando Harry de perto pelo canto dos seus olhos pequeninos e penetrantes.

Desde que Harry regressara para as férias de Verão que o tio Vernon o tratava como se ele fosse uma bomba, capaz de explodir a qualquer momento, porque Harry não era um rapazinho normal. Na verdade, ele era o menos normal que é possível imaginar.

Harry Potter era um feiticeiro, um feiticeiro que acabara de concluir o primeiro ano na Escola de Magia e Feitiçaria de Hogwarts e a infelicidade que os Dursleys sentiam por ele estar lá em casa não era nada comparada com a de Harry.

As saudades de Hogwarts eram tão intensas que se assemelhavam a uma constante dor no estômago. Sentia a falta do castelo com as suas passagens secretas e os seus fantasmas, das aulas (com exceção talvez das de Snape, o professor de Poções), do correio a chegar trazido pelas corujas, dos banquetes no Salão Nobre, das noites nas camas de dossel no dormitório da torre, das visitas a Hagrid, o guarda dos campos na sua casinha no bosque, junto da Floresta Proibida e, principalmente, sentia a falta do Quidditch, o desporto mais popular do mundo dos feiticeiros (seis postes para marcação de golos, quatro bolas voadoras e catorze jogadores montados em vassouras).

Todos os livros de feitiços de Harry, assim como a varinha, os mantos, o caldeirão e a vassoura topo de gama *Nimbus Dois Mil* tinham sido encerrados pelo tio Vernon no armário que ficava debaixo das escadas, no momento em que Harry regressara a casa. O que é que lhes interessava se

ele perdia ou não o seu lugar na equipa de Quidditch por não ter praticado durante todo o Verão? Que importância tinha para eles que Harry voltasse à escola sem ter podido fazer os trabalhos de casa? Os Dursleys eram daqueles a quem os feiticeiros chamam «Muggles» (nem uma gota de sangue mágico nas veias) e, para eles, ter um feiticeiro na família era motivo de grande vergonha. O tio Vernon tinha, inclusivamente, fechado a cadeado a coruja de Harry, *Hedwig*, dentro da gaiola, para evitar que ela transportasse mensagens para a gente do mundo da feitiçaria.

Harry não se parecia em nada com o resto da família. O tio Vernon era atarracado e sem pescoço, dotado de um enorme bigode preto; a tia Petúnia tinha um rosto cavalaresco e era esquelética; Dudley era loiro e rosado como um porquinho. Harry, pelo contrário, era baixo e franzino, com os olhos verdes brilhantes e cabelo negro sempre desalinhado. Usava uns óculos redondos e tinha na testa uma cicatriz em forma de raio.

Era essa cicatriz que o tornava tão invulgar, mesmo para um feiticeiro. Era a única alusão ao seu passado misterioso, ao motivo pelo qual, onze anos antes, tinha sido deixado no degrau da porta dos Dursleys.

Com um ano de idade, Harry sobrevivera a uma maldição do maior feiticeiro negro de todos os tempos, Lord Voldemort, cujo nome a maior parte dos feiticeiros e feiticeiras ainda receava pronunciar. Os pais de Harry tinham morrido num ataque de Voldemort, mas ele escapara com a sua cicatriz em forma de raio e, estranhamente, sem que ninguém compreendesse porquê, os poderes de Voldemort tinham sido destruídos no momento em que não fora capaz de matar Harry.

Por isso, este foi criado pela irmã da sua falecida mãe e pelo respectivo marido. Passou dez anos com os Dursleys, sem nunca compreender por que fazia com que acontecessem coisas estranhas, alheias à sua vontade, acreditando na história dos Dursleys de que aquela cicatriz fora resultado de um acidente de automóvel em que os seus pais tinham morrido.

E um dia, precisamente um ano antes, Hogwarts escrevera-lhe e fora então que tudo começara. Harry fora ocupar o seu lugar na escola de feitiçaria, onde ele e a sua cicatriz eram famosos... mas agora o ano escolar chegara ao fim e estava de novo com os Dursleys. Durante o Verão, voltara a ser tratado como um cão malcheiroso.

Os Dursleys nem se tinham lembrado de que aquele era o dia do seu décimo segundo aniversário. É claro que não tivera grandes expectativas: eles nunca lhe tinham dado um presente a sério, muito menos um bolo, pelo contrário, ignoravam-no por completo...

Nesse momento, o tio Vernon pigarreou com um ar importante e disse: — Como todos sabem, hoje é um dia muito importante.

Harry olhou para ele, mal conseguindo acreditar.

— Pode bem ser que eu faça hoje o maior negócio de toda a minha vida — afirmou.

Harry voltou novamente a atenção para a torrada. É claro, pensou amargamente, o tio Vernon referia-se àquele estúpido jantar. Havia quinze dias que não falava de outra coisa. Um construtor qualquer cheio de massa e a mulher iam jantar lá a casa e o tio Vernon tinha esperança de conseguir uma grande encomenda (a empresa do tio Vernon fabricava brocas).

— Acho que devíamos recapitular mais uma vez — disse o tio Vernon. — Devemos estar todos a postos às oito horas em ponto. Petúnia, tu vais estar...?

— No salão — respondeu a tia Petúnia prontamente —, à espera para lhes dar as boas-vindas a nossa casa.

— Bom, bom. E o Dudley?

— Eu vou estar à espera para abrir a porta. — Dudley esboçou um sorriso falso e afectado. — Dão-me licença que vos guarde os casacos, Mr. e Mrs. Mason?

— Eles vão adorá-lo! — exclamou arrebatadamente a tia Petúnia.

— Excelente, Dudley — disse o tio Vernon. A seguir voltou-se para Harry. — E tu?

— Eu vou ficar no meu quarto, sem fazer barulho e fingindo que não estou lá — repetiu o Harry, de forma inexpressiva.

— Exactamente — confirmou o tio Vernon, de um modo desagradável.

— Eu conduzo-os até ao salão, apresento-te, Petúnia, e sirvo-lhes as bebidas. Às oito e um quarto...

— Eu chamo para a mesa — completou a tia Petúnia.

— E tu, Dudley, vais dizer...

— Dá-me licença que lhe indique a casa de jantar, Mrs. Mason? — repetiu Dudley, oferecendo o seu braço gordo a uma mulher invisível.

— O meu pequenino cavalheiro — fungou a tia Petúnia.

— E tu? — perguntou o tio Vernon a Harry, no mesmo tom desagradável.

— Eu vou ficar no meu quarto, sem fazer barulho, fingindo que não estou lá — respondeu Harry, aborrecido.

— Isso mesmo. Agora, devíamos ter preparadas algumas frases amáveis para o jantar. Petúnia, alguma ideia?

— O Vernon disse-me que o senhor é um excelente jogador de golfe, Mr. Mason... Tem de me dizer onde comprou esse vestido, Mrs. Mason...

— Perfeito. Dudley?

— Que tal: Tivemos de fazer um trabalho para a escola sobre o nosso

herói e eu escrevi sobre o senhor...

Foi de mais, tanto para a tia Petúnia como para Harry. A tia debulhou-se em lágrimas e abraçou o filho, enquanto Harry se esgueirava para debaixo da mesa para ninguém o ver rir.

— E tu, rapaz?

Harry fez um esforço para se mostrar inexpressivo quando emergiu. — Eu vou ficar no meu quarto, sem fazer barulho e fingindo que não estou lá — disse.

— Vais, sim senhor — afirmou o tio Vernon energicamente. — Os Mason não sabem nada a teu respeito e é assim que as coisas vão continuar. Quando o jantar terminar, tu trazes Mrs. Mason para o salão, onde vamos tomar café, Petúnia, e eu puxo o assunto das brocas. Com um pouco de sorte, tenho o contrato assinado antes do noticiário das dez. Amanhã por esta hora, vamos estar à procura de uma casa de férias em Maiorca.

Harry não conseguia sentir o menor entusiasmo com aquilo. Não lhe parecia que os Dursleys gostassem mais dele em Maiorca do que em Privet Drive.

— Certo, eu vou à cidade buscar o meu *smoking* e o do Dudley. E tu — resmungou, apontando para Harry — não atrapalhes a tua tia enquanto ela estiver a limpar.

Harry saiu pela porta das traseiras. Estava um lindo dia de sol. Atravessou o relvado, deixou-se cair no banco do jardim e cantarolou baixinho: — Parabéns para mim... parabéns para mim...

Nem cartas nem presentes e tinha de passar a noite a fingir que não existia. Olhou, infeliz, para a sebe.

Nunca se sentira tão só. Mais do que tudo no mundo, mais do que de Hogwarts, mais até do que do jogo de Quidditch, Harry sentia a falta dos amigos Ron Weasley e Hermione Granger, mas eles não pareciam sentir a falta dele. Nenhum dos dois lhe escrevera durante todo o Verão apesar de Ron ter dito que ia convidá-lo para passar uns dias lá em casa.

Inúmeras vezes, Harry estivera quase a libertar magicamente *Hedwig* da sua gaiola e mandá-la levar uma carta a Ron e a Hermione, mas não valia a pena correr o risco. Os feiticeiros menores de idade não tinham autorização para usar magia fora da escola. Harry não contara isto aos Dursleys, pois sabia que era o medo de que ele os transformasse a todos em baratas que os impedia de o fecharem à chave no armário debaixo das escadas, juntamente com a varinha e a vassoura. Nas primeiras semanas, Harry divertira-se a murmurar baixinho palavras sem sentido e a ver Dudley sair disparado do quarto, tão rápido quanto as suas pernas gordas lhe permitiam. Mas o silêncio prolongado de Ron e Hermione tinham-no feito sentir-se tão longe

do mundo da magia que até divertir-se à custa de Dudley perdera o interesse. E, agora, Ron e Hermione tinham-se esquecido do seu aniversário.

Quanto não daria ele por uma mensagem de Hogwarts de qualquer feiticeiro ou feiticeira! Quase ficaria satisfeito com um sinal do seu feroz inimigo, Draco Malfoy, só para ter a certeza de que tudo aquilo não fora apenas um sonho...

Não que tudo durante o ano em Hogwarts tivesse sido divertido. Mesmo no fim do último período, Harry confrontara-se nem mais nem menos do que com Lord Voldemort, em pessoa. Voldemort podia ser uma sombra do que fora em tempos, mas continuava a espalhar o terror, ainda astuto, ainda determinado a recuperar o poder. Harry escapara uma segunda vez às suas garras, mas fora por um triz e mesmo agora, algumas semanas decorridas, acordava de noite encharcado em suores frios, perguntando-se onde estaria Voldemort, relembrando o seu rosto lívido, os seus olhos completamente loucos...

Harry sentou-se subitamente, direito como um fuso, no banco do jardim. Tinha estado a olhar distraído para a sebe e a sebe estava a olhar para ele. Dois enormes olhos verdes surgiram por entre a folhagem.

Pôs-se de pé no momento em que uma voz zombeteira flutuava pelo relvado.

— Eu sei que dia é hoje — cantarolava Dudley, bamboleando-se enquanto se aproximava.

Os olhos enormes piscaram e desapareceram.

— O quê? — perguntou Harry sem afastar o olhar do lugar onde eles estavam.

— Eu sei que dia é hoje — repetiu, chegando junto dele.

— Ainda bem — disse Harry. — Aprendeste finalmente os dias da semana.

— Hoje é o dia dos teus anos — troçou Dudley. — Por que é que não recebeste nenhuma carta? Não tens amigos nesse lugar esquisito?

— É melhor não deixares a tua mãe ouvir-te falar da minha escola — disse Harry calmamente.

Dudley puxou as calças que estavam a escorregar-lhe pelo gordo rabo abaixo.

— Por que estás a olhar para a sebe? — perguntou, curioso.

— Estou a pensar nas palavras que deverei pronunciar para lhe pegar fogo — disse Harry.

Dudley recuou de imediato com um olhar de pânico na cara rechonchuda.

— Tu não p-p-odes, o pai disse que não podias fazer magia ou corria contigo daqui de casa e não tens mais nenhum lugar para onde ir, não tens amigos que te convidem...

— *Jiggery pokery!* — entoou Harry com voz firme. — *Hocus pocus... squiggly wiggly...*

— Maaaaaãe! — gritou Dudley, tropeçando nos pés, enquanto se precipitava para dentro de casa. — Maaaaãe, ele vai fazer aquela coisa!

Harry pagou duramente aquele momento de gozo.

Como não aconteceu nada de mal nem a Dudley nem à sebe, a tia Petúnia percebeu que ele não fizera magia nenhuma, mas, mesmo assim, Harry teve de se baixar quando ela lhe deu uma forte pancada na cabeça com a frigideira cheia de detergente. A seguir, distribuiu-lhe trabalho e o castigo de só voltar a comer quando tivesse acabado tudo.

Enquanto Dudley andava a flunar, olhando para o ar e comendo gelados, Harry limpou as janelas, lavou o carro, aparou a relva, adubou os canteiros, podou e regou as rosas e pintou de novo o banco do jardim. O Sol ardia lá em cima, queimando-lhe a parte de trás do pescoço. Harry sabia que não devia ter provocado Dudley, mas ele dissera precisamente aquilo que ele próprio pensava... talvez não tivesse amigos em Hogwarts.

«Deviam ver agora o famoso Harry Potter», pensou amargamente, enquanto espalhava adubo nos canteiros, as costas a doerem-lhe e o suor a escorrer-lhe pelo rosto.

Eram sete e meia da tarde quando, por fim, exausto, ouviu a tia Petúnia a chamá-lo.

— Anda para dentro e passa por cima dos jornais.

Harry entrou satisfeito na cozinha fresca, que rebrilhava. Sobre o frigorífico estava o bolo da noite: um enorme monte de natas cobertas de violetas de açúcar. A carne de porco assava no forno.

— Come depressa, os Mason devem estar a chegar! — exclamou bruscamente a tia Petúnia, apontando para duas fatias de pão e uma de queijo que estavam em cima da mesa da cozinha. Ela já tinha posto um vestido de cerimónia cor de salmão.

Harry lavou as mãos e comeu aquele triste jantar. Mal tinha terminado, a tia Petúnia tirou-lhe o prato.

— Lá para cima, rápido!

Ao passar pela porta da sala, Harry vislumbrou o tio Vernon e Dudley de *smoking* e laço. Tinha acabado de chegar ao cimo das escadas, quando a campainha da porta tocou e a cara do tio Vernon apareceu no patamar. — Lembra-te, rapaz, um ruído que seja...

Harry entrou no quarto em bicos dos pés, fechou a porta e virou-se para



se deixar cair sobre a cama.

O problema é que estava alguém lá sentado.

## II

### O AVISO DE DOBBY

Harry conseguiu não gritar, mas foi por pouco. A pequena criatura que estava na cama tinha grandes orelhas de morcego e uns olhos verdes protuberantes do tamanho de bolas de ténis. Harry percebeu imediatamente que fora ela que o estivera a observar de manhã.

Enquanto olhavam um para o outro, Harry ouviu a voz de Dudley no átrio.

— Posso guardar os vossos casacos, Mr. e Mrs. Mason?

A criatura escorregou pela cama e curvou-se tanto que a ponta do seu enorme nariz tocou no tapete. Harry reparou que ela tinha vestido uma espécie de fronha de almofada com buracos para os braços e pernas.

— Hã... Olá — disse Harry, um pouco nervoso.

— Harry Potter! — exclamou a criatura numa voz tão estridente que Harry teve a certeza de que se ouvira lá em baixo. — Há tanto tempo que Dobby querer conhecê-lo, senhor. Ser uma enorme honra...

— Ob-obrigado — disse Harry, deslizando ao longo da parede e sentando-se na cadeira da secretária, junto de *Hedwig*, que dormia na sua grande gaiola. Queria perguntar-lhe «O que és tu?», mas pensou que seria má educação, por isso perguntou: — Quem és tu?

— Dobby, senhor. Apenas Dobby, o elfo doméstico — afirmou a criatura.

— Oh! A sério? — perguntou Harry. — Não quero ser mal-educado, mas esta não é a melhor altura para ter um elfo no meu quarto.

O riso falso da tia Petúnia ouvia-se na sala de jantar. O elfo deixou cair a cabeça.

— Não que eu não me sinta feliz por te conhecer — disse Harry rapidamente — mas, hã... estás aqui por algum motivo em especial?

— Oh, sim senhor — assentiu Dobby muito a sério. — Dobby vir dizer

que... ser difícil... Dobby não saber por onde começar...

— Senta-te — disse Harry educadamente, apontando-lhe a cama.

Para seu horror, o elfo debulhou-se em lágrimas bastante ruidosas.

— S-senta-te! — repetiu. — *Nunca*, em toda a minha vida...

Harry pareceu-lhe ouvir as vozes lá em baixo vacilarem.

— Desculpa — murmurou. — Não queria ofender-te...

— Ofender Dobby! — exclamou o elfo num sufoco. — Nunca nenhum feiticeiro ter dito a Dobby para se sentar junto de si... como um *igual*...

Harry, tentando dizer-lhe «shiu...» e confortá-lo ao mesmo tempo, conduziu Dobby de novo até à cama onde ele se sentou a soluçar, parecendo uma grande boneca muito feia. Por fim, conseguiu controlar-se e ficou quieto, com os seus grandes olhos fixos em Harry, numa expressão de absoluta adoração.

— Não deves ter conhecido muitos feiticeiros decentes — disse-lhe, tentando animá-lo.

Dobby abanou a cabeça. Em seguida, sem qualquer aviso, saltou e começou a bater furiosamente com a cabeça na janela, gritando: — Dobby ser mau! Dobby ser mau!

— Pára, o que é que estás a fazer? — perguntou Harry num murmúrio sibilante, dando um salto e puxando Dobby de novo para a cama. *Hedwig* acordara com um pio particularmente agudo e batia agressivamente com as asas contra as grades da gaiola.

— Dobby ter de se castigar, senhor — afirmou o elfo, que ficara ligeiramente estrábico. — Dobby quase ter falado mal da família dele...

— Da tua família?

— Da família de feiticeiros que Dobby servir, senhor... O Dobby ser um elfo doméstico, obrigado a servir uma casa e uma família para sempre.

— Eles sabem que estás aqui? — perguntou Harry, cheio de curiosidade. Dobby estremeceu.

— Oh, não senhor, não... Dobby vai ter de se castigar muito por ter vindo vê-lo. Dobby vai ter de entalar as orelhas na porta do forno por isto. Se eles saber, senhor...

— Mas achas que eles não vão reparar se tu entalares as orelhas na porta do forno?

— Dobby duvidar, senhor. Dobby estar sempre a ter de se castigar por qualquer coisa. Eles deixar que o Dobby se castigue. Às vezes até sugerem alguns castigos extra.

— Mas por que é que não te vais embora, não foges?

— Um elfo doméstico ter de ser libertado, senhor. E a família nunca libertará Dobby. Dobby servirá a família até morrer.

Harry olhou para ele.

— E eu que pensava que era infeliz por ter de ficar aqui mais quatro semanas — declarou. — Isto faz os Dursleys parecerem quase humanos. Será que ninguém te pode ajudar? Talvez eu?

No mesmo momento, Harry desejou não ter aberto a boca. Dobby desfez-se em ruidosos soluços de gratidão.

— Por favor — murmurou Harry, inquieto. — Por favor, está calado. Se os Dursleys ouvem barulho, se eles sabem que estás aqui...

— Harry Potter perguntar se pode ajudar Dobby. Dobby ouvir falar da sua grandeza, mas da sua bondade, Dobby nada sabia.

Harry, que se sentia corar, disse: — Seja o que for que tenhas ouvido sobre a minha grandeza, é um disparate. Nem sequer sou o melhor do meu ano em Hogwarts. É a Hermione. Ela...

Mas calou-se rapidamente, porque pensar em Hermione era-lhe doloroso.

— Harry Potter ser humilde e modesto — disse Dobby reverentemente, com os seus olhos esféricos a cintilar. — Harry Potter não falar da sua vitória sobre Aquele Cujo Nome Não Deve Ser Pronunciado.

— O Voldemort? — perguntou Harry.

Dobby bateu com as mãos nas enormes orelhas e gemeu: — Ai, não dizer o nome, senhor. Não dizer o nome!

— Desculpa — disse Harry muito depressa. — Eu sei que muita gente não gosta. O meu amigo Ron...

Calou-se de novo. Pensar em Ron era igualmente doloroso.

Dobby inclinou-se para Harry com os olhos tão esbugalhados que lembravam uns faróis.

— Dobby ouvir dizer — balbuciou o elfo com voz rouca — que Harry Potter ter encontrado o Senhor das Trevas uma segunda vez há poucas semanas... que Harry Potter ter escapado *de novo*.

Harry confirmou com um gesto e os olhos de Dobby encheram-se de lágrimas.

— Ah, senhor — disse num sobressalto, limpando o rosto com a ponta da franha encardida que tinha vestida. — Harry Potter ser valente e arrojado. Ter enfrentado tantos perigos! Mas Dobby vir protegê-lo, avisar Harry Potter, mesmo que para isso tiver de entalar as orelhas na porta do forno... *Harry Potter não poder voltar para Hogwarts*.

Houve um silêncio apenas quebrado pelo ruído dos garfos e das facas lá em baixo e pela voz distante do tio Vernon.

— O q-q-uê? — gaguejou Harry. — Mas eu tenho de voltar, o ano começa no dia 1 de Setembro. É a minha razão de viver. Tu não sabes

como são as coisas aqui. Eu não pertenço a este lugar, o meu lugar é em Hogwarts.

— Não, não, não — guinchou Dobby, sacudindo a cabeça com tanta força que as orelhas abanaram de um lado para o outro. — Harry Potter dever ficar aqui, onde se encontra a salvo. Ser demasiado grande, demasiado bom para se perder. Se Harry Potter regressar a Hogwarts, correrá perigo de vida.

— Porquê? — inquiriu Harry, surpreendido.

— Haver uma conspiração, Harry Potter. Uma conspiração para fazer acontecer coisas terríveis este ano na Escola de Magia e Feitiçaria de Hogwarts — murmurou Dobby, que começara a tremer da cabeça aos pés. — Dobby saber disto há meses, senhor. Harry Potter não dever expor-se ao perigo. Ser demasiado importante.

— Que coisas terríveis são essas? — perguntou Harry sem perder tempo. — Quem está por detrás?

Dobby fez um ruído esquisito e começou a bater com a cabeça contra a parede como um louco.

— Está bem — gritou Harry, agarrando o braço do elfo para o fazer parar. — Não podes dizer, eu compreendo. Mas por que vieste avisar-me? — Um pensamento súbito e desagradável surgiu-lhe. — Espera aí, isto tem alguma coisa a ver com o Vol... desculpa com o Quem-Nós-Sabemos? Basta que faças sim ou não com a cabeça — acrescentou com vivacidade, enquanto a cabeça de Dobby se inclinava de novo a uma velocidade preocupante para a parede.

Lentamente, Dobby abanou a cabeça.

— Não, não ser Aquele Cujo Nome Não Deve Ser Pronunciado, senhor.

Dobby esbugalhara os olhos como se estivesse a tentar dar a Harry uma pista, mas Harry estava completamente baralhado.

— Ele não tem nenhum irmão, ou tem?

Dobby abanou a cabeça, os olhos mais esbugalhados do que nunca.

— Bem, nesse caso não estou a ver quem mais poderia ter a possibilidade de fazer acontecer coisas horríveis em Hogwarts — disse Harry. — Quero dizer, para já, está lá o Dumbledore. Sabes quem é o Dumbledore, não sabes?

Dobby baixou a cabeça.

— Albus Dumbledore ser o melhor director que Hogwarts alguma vez ter. Dobby saber, senhor. Dobby ouvir dizer que os poderes de Dumbledore rivalizam com os d' Aquele Cujo Nome Não Deve Ser Pronunciado. Mas, senhor — a voz de Dobby baixou para um urgente murmúrio —, haver poderes que Dumbledore não... poderes que nenhum feiticeiro sério...

E, antes que Harry conseguisse impedi-lo, Dobby saltou da cama, agarrou o candeeiro de secretária e começou a bater com ele na cabeça, dando uivos ensurdecedores.

Fez-se silêncio lá em baixo. Dois segundos mais tarde, Harry, com o coração a bater como um louco, ouviu o tio Vernon chegar ao vestíbulo e dizer: — O Dudley deve ter deixado outra vez a televisão ligada, o maroto!

— Depressa, para dentro do guarda-fatos — silvou Harry, empurrando Dobby bem para o fundo, fechando a porta e metendo-se a correr na cama, mesmo a tempo de ver a maçaneta da porta a girar.

— Que diabo estás tu a fazer? — disse o tio Vernon entredentes, o rosto assustadoramente próximo do de Harry. — Acabas de estragar o ponto alto da minha anedota do golfista japonês. Eu que oiça mais um som e vais desejar nunca ter nascido, rapaz!

Abandonou o quarto com grandes passadas. A tremer, Harry deixou Dobby sair do guarda-fatos.

— Estás a ver como são as coisas por aqui? — disse. — Vês por que tenho de voltar para Hogwarts? É o único sítio onde tenho... bem, onde *acho* que tenho amigos.

— Amigos que nem sequer *escrevem* a Harry Potter? — observou Dobby com ar manhoso.

— Calculo que devem ter estado... espera aí — disse Harry, franzindo a testa. — Como é que tu sabes que os meus amigos não me têm escrito?

Dobby mexeu os pés, atrapalhado.

— Harry Potter não dever zangar-se com Dobby. Dobby fazer o que achar melhor...

— Tu tens estado a interceptar-me as cartas?

— Dobby ter elas aqui, senhor — confessou o elfo.

Saltando para longe do alcance de Harry, retirou de dentro da fronha que usava um espesso maço de envelopes. Harry reconheceu de imediato a caligrafia certinha de Hermione, a escrita desordenada de Ron e até uns gatafunhos que pareciam ser do guarda dos campos de Hogwarts, Hagrid.

Dobby piscava ansiosamente os olhos.

— Harry Potter não dever ficar zangado... Dobby esperara que... se Harry Potter pensasse que os amigos o ter esquecido... Harry Potter talvez não querer voltar à escola, senhor.

Harry não o ouvia. Fez um gesto para agarrar as cartas, mas Dobby deu um salto, afastando-se.

— Harry Potter vai ter as cartas, senhor, se der a Dobby a sua palavra de não voltar a Hogwarts. Ah, senhor, ser um risco que não poder correr. Dizer que não volta, senhor!

— Não — afirmou Harry zangado. — Dá-me as cartas dos meus amigos!

— Nesse caso, Harry Potter deixar Dobby sem escolha — disse o elfo tristemente.

Antes que Harry pudesse fazer um movimento, Dobby tinha aberto a porta do quarto e descido a correr pelas escadas abaixo.

Com a boca seca e um aperto no estômago, Harry correu atrás dele, tentando não fazer barulho. Saltou os últimos seis degraus, aterrando como um gato na carpete do vestíbulo, olhando em volta à procura de Dobby. Da sala de jantar, ouviu a voz do tio Vernon: — Conte à Petúnia aquela história engraçadíssima dos funileiros americanos, ela tem estado louca por ouvi-la, Mr. Mason.

Harry correu do vestíbulo para a cozinha e sentiu o estômago contrair-se.

O pudim, que era a obra-prima da tia Petúnia, a montanha de natas cobertas de violetas de açúcar, flutuava junto do tecto. Em cima do guardalouça do canto, Dobby inclinava-se servilmente.

— Não — suplicou Harry. — Por favor, eles matam-me.

— Harry Potter ter de dizer que não ir voltar à escola...

— Dobby, por favor.

— Dizer, senhor.

— Não posso.

Dobby lançou-lhe um olhar trágico.

— Então, Dobby dever fazê-lo, senhor, para o bem de Harry Potter.

O pudim foi direito ao chão, estatelando-se com um baque de fazer parar o coração. As natas esguicharam para as janelas e para as paredes, enquanto o prato se despedaçava. Com o ruído de uma chicotada, Dobby desapareceu.

Ouviram-se gritos na casa de jantar e o tio Vernon irrompeu pela cozinha onde foi dar com Harry, petrificado de choque, coberto, da cabeça aos pés, pelo pudim da tia Petúnia.

A princípio parecia que o tio Vernon ia conseguir arranjar uma desculpa para aquilo tudo. (É só o nosso sobrinho, muito perturbado; conhecer pessoas estranhas deixa-o muito nervoso, por isso deixamo-lo lá em cima...) Conduziu os Mason, bastante chocados, para a sala de jantar, garantindo a Harry que o esfolava vivo quando os Mason se fossem embora e pôs-lhe nas mãos uma esfregona. A tia Petúnia descobriu um resto de gelado no frigorífico e Harry, ainda a tremer, começou a limpar a cozinha.

O tio Vernon poderia ainda ter feito o negócio, se não fosse a coruja.

Estava a tia Petúnia a circular com uma caixa de *After-Eight*, quando uma enorme coruja de celeiro fez a sua entrada vertiginosa através da janela da casa de jantar, deixando cair uma carta na cabeça de Mrs. Mason

e desaparecendo logo a seguir. Mrs. Mason gritou como uma carpideira e fugiu pela porta fora, berrando contra os loucos. Mr. Mason ficou o tempo estritamente necessário para dizer aos Dursleys que a mulher tinha um medo intenso de pássaros de todas as formas e tamanhos e perguntar-lhes se aquela era alguma brincadeira de mau gosto.

Harry deixou-se ficar na cozinha, agarrado à esfregona, enquanto o tio Vernon avançava para ele com um brilho demoníaco nos olhos pequeninos.

— Lê isso — ordenou maldosamente, acenando-lhe com a carta que a coruja tinha entregado. — Vá lá... Lê!

Harry pegou na carta. Não era a desejar-lhe um bom aniversário.

*Caro Mr. Potter,*

*recebemos hoje informações de que um Feitiço de Suspensão foi efectuado em sua casa esta noite, às nove horas e doze minutos.*

*Como sabe, os feiticeiros menores não estão autorizados a praticar magia fora da escola e, se efectuar mais um trabalho mágico, será expulso da nossa escola. (Decreto de Restrições Razoáveis à Feitiçaria de Menores, 1875, parágrafo C.)*

*Pedimos-lhe também que se lembre de que qualquer actividade que possa ser notada por membros alheios à nossa comunidade (Muggles) constitui uma ofensa grave, segundo a secção 13 do Estatuto de Secretismo da Confederação Internacional de Feiticeiros.*

*Tenha umas boas férias.*

*Atenciosamente,*

*Mafalda Hopkirk*

*Gabinete da Utilização Imprópria da Magia*

*Ministério da Magia.*

Harry ergueu o olhar da carta e engoliu em seco.

— Tu não nos contaste que estavas proibido de usar magia fora da escola — disse o tio Vernon com um brilho maldoso a dançar-lhe nos olhos. — Esqueceste-te de o mencionar, passou-te, não foi?

Tinha-se aproximado de Harry como um grande buldogue, com todos os dentes à mostra. — Tenho boas notícias para ti, rapaz, vou fechar-te à chave e, se tentares sair através de magia, nunca mais voltas àquela escola, eles expulsam-te.

E rindo como um louco, arrastou Harry até ao andar de cima.

O tio Vernon cumpriu a sua palavra. Na manhã seguinte, pagou a um homem para colocar grades na janela do quarto de Harry. Ele próprio instalou uma portinhola para gatos na porta do quarto para que a comida



pudesse ser introduzida três vezes por dia. Deixavam Harry sair para ir à casa de banho de manhã e ao final da tarde. O resto do tempo estava fechado no quarto.

\*

Três dias mais tarde, os Dursleys não mostravam qualquer intenção de abrandar o castigo e Harry não sabia como sair daquela situação. Estava deitado na cama, vendo o Sol brilhar por entre as grades da janela e perguntando-se tristemente o que iria acontecer-lhe.

Qual era a vantagem de sair dali por artes mágicas, se Hogwarts o expulsaria em seguida? Contudo, a vida em Privet Drive tinha atingido o seu ponto mais baixo. Agora que os Dursleys tinham a certeza de que não iam acordar transformados em morcegos, ele perdera a única arma que tinha. Dobby podia tê-lo salvado de acontecimentos terríveis em Hogwarts, mas da maneira como as coisas estavam, morreria muito provavelmente à fome.

A portinhola rangeu e a mão da tia Petúnia apareceu, empurrando uma tigela de sopa de pacote para dentro do quarto. Harry, que estava cheio de fome, saltou da cama e agarrou-a. A sopa estava gelada, mas ele bebeu metade de um único trago. A seguir, atravessou o quarto até à gaiola de *Hedwig* e pôs os legumes ensopados dentro do seu pratinho vazio. Ela agitou as penas e olhou-o com profunda repugnância.

— Não vale de nada fazeres esse ar emproado. É tudo o que temos — disse Harry, de modo severo.

Colocou a tigela vazia no chão junto da portinhola e voltou a estender-se na cama, ainda com mais fome do que antes de ter comido a sopa.

Admitindo que estaria ainda vivo dentro de quatro semanas, o que aconteceria se ele não se apresentasse em Hogwarts? Será que mandariam alguém a saber por que motivo não voltara? Poderiam obrigar os Dursleys a deixá-lo ir?

O quarto começava a escurecer. Exausto e com o estômago a dar horas, o cérebro às voltas com as mesmas questões sem resposta, Harry caiu num sono agitado.

Sonhou que fazia parte de um espectáculo do jardim zoológico. Preso à jaula onde se encontrava, estava um cartaz onde podia ler-se «feiticeiro menor de idade». As pessoas olhavam-no espantadas, enquanto ele jazia, fraco e esfomeado, num leito de palha. Viu a cara de Dobby no meio da multidão e gritou-lhe, pedindo ajuda, mas Dobby respondeu: — Harry Potter estar em segurança aí, senhor — e desapareceu. Em seguida vieram

os Dursleys e Dudley bateu nas grades da jaula, rindo-se dele.

— Pára com isso — murmurou Harry como se aquele ruído martelasse na sua cabeça dorida. — Deixa-me em paz, pára com isso, estou a tentar dormir.

Abriu os olhos. O luar brilhava através das grades da janela. E, lá fora, alguém olhava de olhos arregalados para ele, alguém de rosto sardento, cabelo ruivo e nariz grande.

Ron Weasley estava do lado de fora da janela.

### III

#### «A TOCA»

— Ron! — exclamou Harry, arrastando-se até à janela e empurrando-a para poderem falar através das grades. — Ron, como é que tu, foi o...?

Harry ficou de boca aberta, espantado com o que viu. Ron estava debruçado da janela de trás de um velho automóvel azul-turquesa que se encontrava estacionado *no ar*. Nos lugares da frente, rindo-se para Harry, estavam os irmãos mais velhos, os gémeos Fred e George.

— Tudo bem, Harry?

— O que é que se tem passado? — perguntou Ron. — Por que não respondeste às minhas cartas? Convidei-te para vires ter comigo umas doze vezes e um dia o pai chegou a casa e comunicou-nos que tu tinhas recebido uma advertência oficial por usares magia diante dos Muggles...

— Não fui eu. E como é que ele soube?

— Ele trabalha no Ministério — esclareceu Ron. — Tu sabes que nós não podemos fazer feitiços fora da escola.

— Bem, isso vindo de ti... — exclamou Harry, olhando para o carro flutuante.

— Oh, isto não conta — disse Ron. — É só emprestado, é do pai. Não fomos nós que o enfeitiçámos, mas usar magia na frente desses Muggles com quem tu vives...

— Já te disse que não fui eu, mas vai demorar muito tempo a explicar-te isso agora. És capaz de avisar em Hogwarts que os Dursleys me fecharam à chave e que não me querem deixar voltar e obviamente eu não posso sair daqui magicamente, senão o Ministério vai achar que é a segunda vez em três dias e...

— Pára com essa conversa — disse Ron. — Viemos para te levar connosco.

— Mas tu também não podes tirar-me daqui utilizando processos

mágicos...

— Não precisamos disso — afirmou Ron, fazendo um sinal de cabeça para os lugares da frente. — Esqueces-te de quem está aqui comigo.

— Amarra isso em volta das grades — disse Fred, lançando a Harry a ponta de uma corda.

— Se os Dursleys acordam, estou feito — lamentou-se Harry, enquanto dava um nó bem apertado com a corda numa das grades e Fred acelerava.

— Não te preocupes e chega-te para trás.

Harry recuou para a sombra, para junto de *Hedwig*, que parecia ter-se apercebido da importância de tudo aquilo, mantendo-se quieta e em silêncio. O carro roncou mais e mais e, subitamente, com um ruído de ferro a ceder, as grades foram arrancadas da janela, enquanto Fred disparava na vertical. Harry correu de novo para a janela para ver as grades a balouçarem a poucos metros do chão. Ofegante, Ron içou-as para dentro do carro. Harry escutou ansiosamente, mas não vinha qualquer som do quarto dos Dursleys.

Quando as grades estavam em segurança no banco de trás, junto de Ron, Fred virou e aproximou-se o máximo que lhe foi possível da janela.

— Anda daí — disse.

— Mas... todas as minhas coisas de Hogwarts, a minha varinha, a minha vassoura...

— Onde estão?

— Fechadas no armário debaixo das escadas e eu não consigo sair do quarto...

— Não há azar — disse George. — Sai da frente, Harry.

Fred e George entraram cautelosamente pela janela no quarto de Harry. Tinha de ter aberto a boca, pensou Harry enquanto George tirava do bolso um vulgar gancho de cabelo e começava a tentar abrir a fechadura.

— Muitos feiticeiros acham que é uma perda de tempo aprender os truques dos Muggles — disse Fred —, mas nós pensamos que há habilidades que é sempre útil conhecer apesar de serem um pouco lentas.

Ouviu-se um pequeno clique e a porta abriu-se.

— Bom... nós vamos buscar o teu malão. Tu vai dando ao Ron aquilo que precisas daí do teu quarto — murmurou George.

— Cuidado com o degrau de baixo que range — sussurrou Harry, enquanto os gémeos desapareciam no patamar escuro.

Harry afadigou-se, recolhendo as suas coisas e passando-as pela janela a Ron. Em seguida, foi ajudar Fred e George a trazerem o malão pelas escadas acima. Ouviu o tio Vernon tossir.

Por fim, de língua de fora, chegaram ao patamar, atravessaram o quarto

até à janela aberta e Fred trepou para o carro. Puxando com a ajuda de Ron, enquanto Harry e George empurravam de dentro do quarto, centímetro a centímetro, o malão foi passando pela janela.

O tio Vernon tossiu de novo.

— Mais um pouco — arfou Fred, que estava a puxar de dentro do carro.  
— Um bom empurrão, vá.

Harry e George encostaram os ombros contra a mala e ela escorregou para a parte de trás do carro.

— Pronto, vamos embora — murmurou George.

Mas quando Harry trepava para o parapeito da janela, ouviu-se um forte pio atrás dele, imediatamente seguido do vociferar do tio Vernon.

— AQUELA MALDITA CORUJA!

— Esqueci-me da *Hedwig*!

Harry precipitou-se de novo para o quarto, enquanto a luz do patamar se acendia. Agarrou a gaiola de *Hedwig*, correu para a janela e passou-a a Ron. Estava a subir para cima da cómoda, quando o tio Vernon bateu na porta, que não estava fechada, e esta se abriu completamente.

Por uma fracção de segundo, o tio Vernon ficou estático no limiar da porta. Em seguida, soltou um mugido como um boi zangado e avançou para Harry, agarrando-o pelo tornozelo.

Ron, Fred e George seguraram-no pelos braços e puxaram-no com toda a força.

— Petúnia! — rosnou o tio Vernon. — Ele está a fugir! ELE ESTÁ A FUGIR!

Os Weasleys deram um puxão gigantesco e a perna de Harry escapou às garras do tio Vernon. Logo que Harry entrou no carro e a porta se fechou, Ron gritou: — Acelera, Fred! — E o carro partiu subitamente em direcção à Lua.

Harry mal podia acreditar que estava livre. Abriu a janela, o ar da noite a fustigar-lhe os cabelos e olhou para baixo, para os telhados de Privet Drive, que diminuía. O tio Vernon, a tia Petúnia e Dudley estavam todos debruçados com cara de parvos, à janela do quarto dele.

— Até ao próximo Verão — gritou.

Os Weasleys riam-se às gargalhadas e Harry instalou-se no banco, com um sorriso de orelha a orelha: — Deixa sair a *Hedwig*. Ela pode voar atrás de nós. Há séculos que não tem uma oportunidade de esticar as asas.

George passou a Ron o gancho de cabelo e, um momento depois, *Hedwig* saía feliz pela janela, planando atrás deles como um fantasma.

— Então, qual é a história? — perguntou Ron, impaciente. — O que é que se passou?

Harry contou-lhes tudo sobre Dobby, o aviso deste e o fracasso do pudim de violetas. Houve um longo silêncio quando ele se calou.

— Aqui há coisa — disse, por fim, Fred.

— Ai há, há — concordou George. — Então, ele nem te disse quem está por detrás dessa trama toda?

— Acho que não podia — explicou Harry. — Já te disse, de cada vez que estava quase a deixar escapar qualquer coisa, começava a bater com a cabeça na parede.

Viu Fred e George olharem um para o outro.

— O quê? Achem que ele estava a mentir-me? — perguntou Harry.

— Bem — começou o Fred —, coloquemos as coisas do seguinte modo: os elfos domésticos têm poderes mágicos próprios, mas geralmente não podem usá-los sem a autorização dos seus amos. Eu acho que o bom do Dobby foi enviado para evitar que voltasses para Hogwarts. Uma ideia de um engraçadinho. Haverá alguém na escola com má vontade contra ti?

— Sim — responderam Harry e Ron, precisamente ao mesmo tempo.

— O Draco Malfoy — explicou Harry. — Ele detesta-me.

— O Draco Malfoy? — perguntou George, voltando-se para trás. — O filho do Lucius Malfoy?

— Deve ser. Não é um nome muito vulgar, pois não? — disse Harry. — Mas porquê?

— Ouvi o pai falar acerca dele — confidenciou George. — Ele era um grande apoiante do Quem-Nós-Sabemos.

— E quando o Quem-Nós-Sabemos desapareceu — continuou Fred, voltando a cara para olhar para Harry —, o Lucius Malfoy voltou, dizendo que não foi por vontade própria que fez o que fez. Tretas. O pai acha que ele fazia parte de um círculo de amigos íntimos do Quem-Nós-Sabemos.

Harry já tinha ouvido esses boatos sobre a família de Malfoy e não o surpreenderam em absoluto. Malfoy fazia com que Dudley Dursley parecesse um rapazinho simpático, amável e sensível.

— Não sei se os Malfoy têm um elfo doméstico... — afirmou Harry.

— Bem, quem quer que seja, é sem dúvida uma antiga família de feiticeiros e deve ser rica — explicou Fred.

— Sim. A minha mãe está sempre a desejar que pudéssemos ter um elfo doméstico para passar a roupa a ferro — afirmou George. — Mas só temos um velho vampiro piolhoso no sótão e montes de gnomos no jardim. Os elfos domésticos pertencem às grandes casassenhor iais, aos castelos e lugares assim, não encontrarias um na nossa casa...

Harry estava calado. Considerando que Draco Malfoy tinha sempre as melhores coisas, que a sua família nadava em ouro mágico, era fácil

imaginá-lo passeando-se por uma enorme casa senhorial. Mandar o criado da família fazer com que Harry não voltasse para Hogwarts também parecia exactamente o tipo de coisa que Malfoy poderia fazer. Teria Harry sido estúpido ao tomar Dobby a sério?

— De qualquer modo, ainda bem que viemos buscar-te — declarou Ron. — Eu começava a ficar seriamente preocupado por não responderes a nenhuma das minhas cartas. A princípio pensei que a culpa fosse da *Errol*...

— Quem é a *Errol*?

— A nossa coruja. Já é velhota. Não seria a primeira vez que adoecia durante uma entrega. Por isso, tentei pedir a *Hermes* emprestada...

— Quem?

— A coruja que os meus pais compraram ao Percy quando ele foi nomeado prefeito — respondeu Fred. — Mas o Percy não ma emprestou. Disse que precisava dela.

— O Percy tem andado com atitudes muito estranhas este Verão — comentou George franzindo a testa. — E tem mandado imensas cartas e passado um tempo infinito fechado no quarto... enfim, não se pode passar a vida a puxar o brilho a um distintivo de prefeito... Estás a conduzir demasiado para ocidente, Fred — acrescentou, apontando para uma bússola no painel do automóvel. Fred girou o volante.

— Então, o vosso pai sabe que andam com o carro? — perguntou Harry, quase adivinhando a resposta.

— Hã... não — confessou Ron. — Ele tinha trabalho esta noite. Felizmente vamos poder pô-lo de novo na garagem, sem a mãe perceber que andámos a voar nele.

— A propósito, o que faz o vosso pai no Ministério da Magia?

— Trabalha no Departamento mais chato — respondeu Ron. — O Gabinete de Uso Impróprio dos Artefactos dos Muggles.

— No quê?

— Trata-se de enfeitiçar objectos fabricados pelos Muggles; sabes como é, se forem parar de novo a uma loja dos Muggles, ou a uma casa, como no ano passado, quando morreu uma feiticeira velha e o bule dela foi vendido a uma loja de antiguidades. Uma mulher Muggle comprou-o e tentou servir chá aos amigos. Foi um pesadelo, o pai teve de fazer horas extraordinárias durante semanas.

— O que é que aconteceu?

— O bule parecia louco, esguichou chá a ferver para todos os lados e um dos homens foi parar ao hospital com a pinça do açúcar presa no nariz. O pai ficou nervosíssimo. É só ele e o velho feiticeiro Perkin no gabinete e

tiveram de fazer imensos Encantamentos de Memória para abafar a coisa...

— Mas o teu pai... este carro...

Fred riu-se. — Sim, o pai é louco por tudo o que tem a ver com os Muggles. A nossa arrecadação está cheia de coisas deles. O pai desmonta-as, lança-lhes feitiços e volta a montá-las. Se ele fizesse uma busca à nossa casa, teria de se prender a si mesmo. A minha mãe fica louca com tudo aquilo.

— É a estrada principal — gritou George, apontando para baixo através da janela. — Dentro de poucos minutos, estamos lá, mesmo a tempo, está a começar a clarear.

Um leve brilho rosado tingia o horizonte para leste.

Fred baixou a altitude e Harry pôde ver uma manta de retalhos de campos escuros e pequenos bosques.

— Estamos um pouco longe da aldeia — disse George. — Em Ottery St. Catchpole...

O carro voador foi descendo aos poucos. A luz avermelhada do Sol brilhava agora por entre as árvores.

— Terra! — anunciou Fred, no momento em que tocaram no chão com um ligeiro solavanco. Tinham aterrado perto de uma garagem em ruínas num pequeno pátio e Harry viu pela primeira vez a casa de Ron.

Parecia ter sido em tempos uma pocilga de pedra. Mas foram-lhe sendo acrescentados quartos aqui e ali e tinha já vários andares. Era tão torta que parecia ser mantida em pé por magia (o que, pensou Harry, era, muito provavelmente, verdade). Do telhado vermelho saíam quatro ou cinco chaminés. Junto da entrada, fixa no chão, podia ver-se uma tabuleta de banda que dizia «A Toca». Ao lado da porta principal estava uma confusão de botas de borracha e um caldeirão completamente enferrujado. Pelo pátio passeavam-se várias galinhas castanhas e gordas.

— Não é grande coisa — desculpou-se Ron.

— É *ótima* — exclamou Harry, feliz, pensando em Privet Drive.

Saíram do carro.

— Agora vamos lá para cima sem fazer barulho — avisou Fred — e esperamos que a mãe nos chame para o pequeno-almoço. Depois tu, Ron, desces a escada entusiasmadíssimo, dizendo: Mãe, olha quem apareceu cá durante a noite! E ela vai sentir-se felicíssima quando vir o Harry. Assim ninguém fica a saber que levámos o carro voador.

— Certo — disse Ron. — Vamos, Harry, eu durmo no...

Ron ganhou um tom esverdeado-pálido, os olhos fixos na casa. Os outros três fizeram meia-volta.

Mrs. Weasley avançava pelo pátio, afugentando as galinhas e, para uma



mulher baixa, roliça e simpática, era fantástico como conseguia parecer-se com um tigre dentes-de-sabre.

— Ah! — suspirou Fred.

— Oh, oh! — exclamou George.

Mrs. Weasley parou em frente deles, com as mãos nas ancas, os olhos saltando de um rosto culpado para o outro. Usava um avental às flores, com uma varinha a sair-lhe do bolso.

— Com que então! — exclamou.

— Bom dia, mãe — arriscou George com uma voz que tentou que fosse alegre e bem-disposta.

— Vocês têm alguma ideia de como tenho estado preocupada? — sussurrou Mrs. Weasley num tom perigoso.

— Desculpe, mãe, mas sabe, nós tivemos de...

Os três filhos de Mrs. Weasley eram mais altos do que ela, mas encolheram-se quando a fúria da mãe se abateu sobre eles.

— *As camas vazias! Nem um bilhete! O carro desaparecido... Podiam ter tido um acidente, estou fora de mim com tanta preocupação e vocês nem se importam... nunca, enquanto eu for viva... esperem só até o vosso pai chegar, nunca tivemos problemas destes com o Bill, com o Charlie ou com o Percy...*

— Percy, o perfeito — resmungou Fred.

— TU NÃO VALES UM DEDO DA MÃO DO PERCY! — gritou Mrs. Weasley, espetando um dedo no peito de Fred. — Podias ter *morrido*, podias ter sido *visto*, podias ter feito com que o teu pai perdesse o *emprego*...

Parecia nunca mais acabar. Mrs. Weasley gritou até ficar rouca, voltando-se finalmente para Harry, que recuou.

— Estou muito contente por te ver, Harry — disse. — Entra e vem tomar o pequeno-almoço.

Voltou-se e regressou a casa e Harry, depois de trocar um olhar nervoso com Ron, que lhe acenou, encorajando-o, seguiu-a.

A cozinha era pequena e muito atulhada. A meio havia uma mesa de madeira e cadeiras em volta e Harry sentou-se à beirinha do assento, olhando em volta. Era a primeira vez que entrava numa casa de feiticeiros.

O relógio na parede em frente dele tinha apenas um ponteiro e nenhum número. Em volta, estavam escritas frases como «Hora de fazer o chá», «Hora de dar de comer às galinhas» e «Estás atrasado». Empilhados no rebordo da lareira viam-se livros com títulos como *Encanta o teu próprio queijo*, *Encantamento na cozedura do pão* e *Banquetes num minuto — é magia!* E, a menos que os ouvidos de Harry estivessem a traí-lo, o velho rádio próximo do lava-loiças acabara de anunciar que a seguir vinha a Hora

dos Feitiços com a popular feiticeira-cantora Celestina Warbeck.

Mrs. Weasley fazia barulho com os talheres, preparando o pequeno-almoço um bocado ao acaso e lançando olhares furiosos aos filhos, enquanto punha as salsichas na frigideira. De vez em quando murmurava coisas como: «Não sei o que vos passou pela cabeça» ou «Se não tivesse visto, não acreditava».

— Eu não te culpo a ti, filho — assegurou a Harry, pondo-lhe sete ou oito salsichas no prato. — Eu e o Arthur temos estado preocupados contigo. Ainda ontem à noite estivemos a dizer que te iríamos buscar nós próprios se não respondesses ao Ron até sexta-feira. Mas, francamente — estava agora a acrescentar três ovos estrelados ao prato dele —, atravessar metade do país a voar num carro ilegal... qualquer um vos poderia ter visto...

Agitou maquinalmente a varinha na direcção do lava-loiças, onde a loiça começou a lavar-se sozinha, tinindo baixinho.

— Estava *enevado*, mãe! — exclamou Fred.

— Boca fechada enquanto comes! — interrompeu Mrs. Weasley.

— Eles estavam a fazê-lo passar fome, mãe! — disse George.

— E tu também! — disse Mrs. Weasley, mas já foi com uma expressão mais doce que começou a cortar o pão para Harry e a barrá-lo com manteiga.

Nesse momento, as atenções voltaram-se para um pequenino vulto de cabelos ruivos, numa camisa de dormir até aos pés, que surgiu na cozinha, deu um grito agudo e desapareceu de novo.

— É a Ginny — disse Ron baixinho a Harry —, a minha irmã. Tem falado de ti todo o Verão.

— Sim, ela vai querer o teu autógrafo, Harry — riu-se Fred, mas o seu olhar cruzou-se com o da mãe e inclinou-se para o prato, não voltando a abrir a boca. Ninguém falou até os quatro pratos estarem limpos, o que sucedeu a uma velocidade surpreendente.

— Bolas, estou cansado — bocejou Fred, pousando a faca e o garfo. — Acho que me vou deitar e...

— Não vais, não senhor — interrompeu Mrs. Weasley. — A culpa é tua se ficaste toda a noite acordado. Vais fazer a *desgnomização* do jardim. Eles estão outra vez a exagerar.

— Oh, mãe...

— E vocês os dois também — ordenou a Ron e a George, com um olhar furibundo.

— Tu podes ir para a cama, filho — disse a Harry. — Não lhes pediste que guiassem a porcaria daquele carro.

Mas Harry, que se sentia acordadíssimo, respondeu prontamente: — Eu ajudo o Ron, nunca vi uma *desgnomização*...

— É muito simpático da tua parte, querido, mas é um trabalho chato — explicou Mrs. Weasley. — Vejamos o que o Lockhart tem a dizer acerca disto.

E puxou do rebordo da lareira um livro pesadíssimo. George resmungou:

— Mãe, nós sabemos *desgnomizar* o jardim.

Harry olhou para a capa do livro de Mrs. Weasley. Em grandes letras douradas, que ocupavam grande parte da capa, podia ler-se *Guia de Gilderoy Lockhart para Pragas Caseiras*. Via-se também a grande fotografia de um feiticeiro bem-parecido, de cabelos loiros ondulados e cintilantes olhos azuis. Como sempre, no mundo dos feiticeiros, a fotografia mexia-se. O feiticeiro, que Harry calculou ser Gilderoy Lockhart, não parava de lhes piscar os olhos descaradamente. Mrs. Weasley sorriu-lhe.

— Oh, ele é fantástico — disse. — Conhece bem as pragas caseiras. É um livro maravilhoso.

— A mãe adora-o — disse Fred num murmúrio bastante audível.

— Não sejas ridículo, Fred — repreendeu Mrs. Weasley com as faces coradas. — É claro que se achas que sabes mais do que o Lockhart, podes ir fazer o trabalho e aí de ti se houver um único gnomo no jardim quando eu for fazer a inspecção.

A bocejar e a resmungar, os Weasleys arrastaram-se lá para fora com Harry atrás deles. O jardim era grande e, na opinião de Harry, exactamente como deveria ser um jardim. Os Dursleys não teriam gostado. Havia uma enorme quantidade de ervas daninhas e a relva precisava de ser cortada, mas havia árvores nodosas em volta das paredes, plantas que Harry nunca vira, tombando de todos os canteiros e um grande lago verde cheio de rãs.

— Os Muggles também têm gnomos de jardim, sabes — contou Harry a Ron, enquanto atravessavam a relva.

— Sim, já vi essas coisas que eles pensam que são gnomos — disse Ron todo dobrado, com a cabeça enfiada numa moita de peónias. — Como os Pais Natal gordinhos com canas de pesca...

Houve um tumulto ruidoso, a moita de peónias estremeceu e Ron endireitou-se. — Isto é um gnomo — declarou com um ar sério.

— Larga eu! Larga eu! — guinchou o gnomo.

Não se parecia nada com o Pai Natal. Era pequenino e rugoso, com uma grande cabeça protuberante e calva, precisamente como uma batata. Ron segurou-o com o braço esticado, enquanto ele dava pontapés no ar com os seus pezinhos que pareciam chifres. Agarrou-o pelos tornozelos e voltou-o

de pernas para o ar.

— Isto é o que tens de fazer — explicou. Levantou o gnomo acima da cabeça (Larga eu!) e começou a balouçá-lo em grandes círculos, como os vaqueiros fazem com os laços. Ao ver a expressão chocada de Harry, Ron explicou: — Não os magoa. Só tens de os deixar bem tontos para que não consigam encontrar o caminho de regresso às suas tocas.

Largou os tornozelos do gnomo, que voou uns seis metros e aterrou com um ruído surdo no campo para lá da sebe.

— Pouca força! — afirmou Fred. — Aposto que consigo lançar o meu para além daquele tronco.

Harry aprendeu rapidamente a não sentir muita pena dos gnomos. Decidira largar o primeiro que apanhou do outro lado da sebe, mas o gnomo, sentindo fraqueza, enfiou os seus dentinhos, aguçados como lâminas, no dedo de Harry e não foi fácil sacudi-lo para ele o largar, até que...

— Uau, Harry, esse deve ter caído a uns quinze metros...

O ar encheu-se subitamente de gnomos voadores.

— Vês, eles não são muito espertos — afirmou George, agarrando cinco ou seis de uma vez. — No momento em que se apercebem de que começou a *desgnomização*, aparecem todos para espreitar. Era de esperar que já tivessem aprendido a ficar quietinhos.

Rapidamente a multidão de gnomos começou a afastar-se, atravessando os campos numa fila desordenada, com os pequeninos ombros arqueados.

— Eles voltam — disse Ron, enquanto os via desaparecer na sebe do outro lado do campo. — Adoram estar aqui... o pai é muito mole com eles, acha-lhes piada.

Nesse momento, a porta da frente bateu.

— Ele já voltou! — exclamou George. — O pai chegou!

Apressaram-se a entrar. Mr. Weasley tinha-se afundado numa das cadeiras da cozinha, sem óculos e com os olhos fechados. Era um homem magro, quase calvo, mas o pouco cabelo que tinha era tão ruivo como o dos filhos. Vestia um longo manto verde, poeirento e gasto.

— Que noite! — murmurou, tateando em busca do bule, enquanto todos se sentavam à volta dele. — Nove buscas, nove! E o velho Mundungs Fletcher tentou lançar-me um feitiço quando eu estava de costas.

Mr. Weasley tomou um bom gole de chá e suspirou.

— Encontrou alguma coisa, pai? — perguntou Fred ansiosamente.

— Só encontrei algumas chaves encolhidas e uma chaleira que mordia — bocejou Mr. Weasley. — Havia um material bastante mauzinho, mas não era do meu departamento. O Mortlake foi levado para ser interrogado sobre

uns furões muito esquisitos, mas isso, felizmente, pertence à Comissão dos Feitiços Experimentais.

— Por que é que alguém se daria ao trabalho de fazer encolher chaves? — perguntou George.

— Para chatear os Muggles — suspirou Mr. Weasley. — Vende-se-lhes uma chave que não pára de encolher, até que desaparece, de modo a que nunca a encontrem quando precisam... É claro que é muito difícil condenar alguém, porque nenhum Muggle é capaz de admitir que a sua chave está a encolher, insistem em que estão sempre a perdê-la. Benditos sejam, vão até onde for preciso para ignorar a magia, mesmo que ela esteja debaixo dos seus narizes... mas vocês não acreditariam nas coisas que o nosso grupo tem levado para enfeitiçar...

— COMO CARROS, POR EXEMPLO?

Mrs. Weasley tinha aparecido, segurando um grande atizador como se fosse uma espada. Os olhos de Mr. Weasley abriram-se de repente, fitando a mulher com um ar culpado.

— C-carros, querida Molly?

— Sim, Arthur, carros — afirmou Mrs. Weasley, os olhos a faiscar. — Imagina um feiticeiro a comprar um carro velho e enferrujado e a dizer à mulher que a única coisa que queria fazer com ele era desmontá-lo para ver como ele funcionava, enquanto na verdade estava a enfeitiçá-lo para o fazer voar.

Mr. Weasley piscou os olhos.

— Bem, querida, acho que poderás constatar que não é ilegal fazer isso, embora, hã..., talvez ele devesse ter contado a verdade à mulher... Existe uma forma de tornear a lei, já que ela diz que... desde que não se tenha a *intenção* de voar no carro, o facto de ele poder voar, não...

— Arthur Weasley, tu arranjaste essa forma de tornear a lei quando a criaste! — gritou Mrs. Weasley. — Para poderes continuar a remexer em todo aquele lixo dos Muggles que tens na arrecadação! E, para tua informação, o Harry chegou hoje de manhã no carro que tu não pretendias pôr a voar!

— O Harry? — perguntou Mr. Weasley sem expressão. — Qual Harry? Olhou em volta, viu Harry e deu um salto.

— Nem quero acreditar, és o Harry Potter? Muito prazer, o Ron falou-nos tanto de si...

— *Os teus filhos conduziram aquele carro até à casa do Harry e de volta até aqui na noite passada!* — gritou Mrs. Weasley. — O que tens a dizer a esse respeito?

— A sério?! — exclamou Mr. Weasley com vivacidade. — Correu tudo

bem? Quero dizer... — vacilou ao ver os olhos de Mrs. Weasley que faiscavam. — Hã, fizeram mal, rapazes, muito mal, mesmo...

— Vamos deixá-los aos dois — murmurou Ron, enquanto Mrs. Weasley inchava como um sapo gigantesco. — Vamos, vou mostrar-te o meu quarto.

Esgueiraram-se da cozinha e desceram uma passagem estreita que dava para uma escada desnivelada que ziguezagueava ao longo da casa. No terceiro andar, estava uma porta entreaberta. Harry só teve tempo de ver um par de olhos castanhos brilhantes que o olhavam fixamente, antes de a porta se fechar com um estalido.

— É a Ginny — disse o Ron. — Não imaginas como é estranho vê-la tão tímida, ela que quase nunca se cala...

Subiram mais dois andares, até chegarem a uma porta com a tinta a descascar e uma pequena placa dizendo: «Quarto do Ronald.»

Harry entrou. A sua cabeça quase tocava no tecto inclinado. Piscou os olhos. Era como entrar dentro de uma fornalha: quase tudo no quarto de Ron tinha um violento matiz alaranjado: a colcha da cama, as paredes, até o tecto. Em seguida, apercebeu-se de que Ron tinha coberto cada centímetro do velho papel de parede com *posters* dos mesmos sete feiticeiros e feiticeiras, todos vestidos com brilhantes mantos cor-de-laranja, transportando vassouras e acenando entusiasticamente.

— É a tua equipa de Quidditch? — perguntou Harry.

— Sim, os Chudley Cannons — disse Ron, apontando para a colcha cor-de-laranja que tinha um brasão com dois C's gigantes a preto e uma bala de canhão a toda a velocidade. — Nonos na Liga.

Os livros de estudo de feitiços de Ron estavam empilhados desordenadamente a um canto, junto de um monte de BD, todas elas relativas às *Aventuras de Martin Miggs, o Muggle louco*. A varinha mágica de Ron encontrava-se em cima de um aquário cheio de ovos de rã sobre o peitoril da janela, junto do seu rato gordo e cinzento, *Scabbers*, que dormia uma soneca ao sol.

Harry passou por cima de um baralho de cartas de jogar com vontade própria, que estava caído no chão, e olhou para fora da janelinha. No campo, muito ao longe, podia ver um grupo de gnomos a esgueirarem-se, de novo um a um, pela sebe dos Weasleys. Em seguida, voltou-se para Ron, que o observava nervoso, como se esperasse a opinião dele.

— É um pouco pequeno — declarou Ron muito depressa. — Não se parece nada com o quarto que tu tinhas em casa dos Muggles. E estou mesmo debaixo do vampiro do sótão. Ele anda sempre a bater nos canos e a gemer...

Mas Harry, com um grande sorriso, disse-lhe: — Esta é a melhor casa em que eu já estive.

As orelhas de Ron ficaram cor-de-rosa.

## IV

### NA BORRÕES E FLOREADOS

A vida n'«A Toca» era o mais diferente que é possível da vida em Privet Drive. Os Dursleys gostavam de tudo limpo e arrumado; a casa dos Weasleys abarrotava de coisas estranhas e inesperadas. Harry teve um choque da primeira vez que olhou para o espelho que estava sobre a lareira da cozinha e ele gritou: — *Mete a camisa para dentro, desmazelado!* — O vampiro do sótão gemia e batia nos canos, sempre que sentia as coisas demasiado calmas e as pequenas explosões no quarto de Fred e de George eram consideradas perfeitamente normais. Mas o que Harry achou mais bizarro sobre a vida em casa de Ron não foi o espelho que falava, nem o vampiro barulhento, foi o facto de todos ali em casa parecerem gostar dele.

Mrs. Weasley preocupava-se com o estado das suas meias e tentava obrigá-lo a servir-se quatro vezes a cada refeição. Mr. Weasley gostava que Harry se sentasse ao lado dele à mesa para poder bombardeá-lo com perguntas sobre a vida com os Muggles, pedindo que lhe explicasse como funcionavam coisas como as fichas eléctricas e o serviço dos correios.

— Fascinante! — exclamava, enquanto Harry lhe explicava a utilização do telefone. — Engenhoso, de facto, todas as maneiras que os Muggles encontraram para passar sem magia.

Harry teve notícias de Hogwarts numa manhã de sol, cerca de uma semana depois de ter chegado à «Toca». Quando ele e Ron desceram para tomar o pequeno-almoço, encontraram Mr. e Mrs. Weasley e Ginny já sentados à mesa. No momento em que viu Harry, Ginny entornou a tigela dos cereais, que caiu ao chão com grande espalhafato. Ginny entornava facilmente coisas sempre que Harry entrava na sala. Mergulhou debaixo da mesa para apanhar a tigela e emergiu com o rosto a brilhar como o Sol poente. Fingindo não ter dado por nada, Harry sentou-se e aceitou a torrada que Mrs. Weasley lhe ofereceu.



— Cartas da escola — anunciou Mr. Weasley, passando a Harry e a Ron sobrescritos idênticos de pergaminho amarelado, com a morada escrita a tinta verde. — O Dumbledore já sabe que estás aqui, Harry, não perde nada, aquele homem. Vocês os dois também — acrescentou, enquanto Fred e George entraram vagarosamente, ainda em pijama.

Fez-se silêncio durante alguns momentos, enquanto liam as respectivas cartas. A de Harry dizia para apanhar o Expresso de Hogwarts, como sempre, na Estação de King's Cross, no dia 1 de Setembro. Havia ainda uma lista dos livros de que precisaria para o próximo ano.

Os alunos do segundo ano deverão ter:

*O Livro Padrão de Feitiços, Nível 2, por Miranda Goshawk.*

*Ensinos de Uma Fada Carpideira, por Gilderoy Lockhart.*

*Vagueando com Vampiros, por Gilderoy Lockhart.*

*Férias com Feiticeiras, por Gilderoy Lockhart.*

*Viagens com Duendes, por Gilderoy Lockhart.*

*Viagens com Vampiros, por Gilderoy Lockhart.*

*Vagueando com Lobisomens, por Gilderoy Lockhart.*

*Um Ano com o Abominável Homem das Neves, por Gilderoy Lockhart.*

Fred, que terminara a sua própria lista, espreitou para a de Harry.

— Também te mandam comprar todos os livros do Lockhart — disse. — O novo professor de Defesa Contra a Magia Negra deve ser fã dele. Aposto que é uma feiticeira.

Nessa altura, Fred percebeu o olhar da mãe e apressou-se a comer o doce de laranja.

— Esta lista não vai ficar barata — observou George, olhando rapidamente para os pais. — Os livros do Lockhart são dos mais dispendiosos...

— Cá nos havemos de arranjar — declarou Mrs. Weasley, mas parecia preocupada. — Espero que, pelo menos, para a Ginny possamos arranjar imensas coisas em segunda mão.

— Ah, vais entrar este ano para Hogwarts? — perguntou-lhe Harry. Ela fez um aceno, corando até à raiz dos cabelos ruivos e meteu o cotovelo no pires da manteiga. Felizmente, ninguém deu por nada, a não ser Harry, porque nesse momento o irmão mais velho de Ron, Percy, entrou. Já estava vestido, com a placa de prefeito presa na sua camisola de malha.

— Bom dia a todos — cumprimentou, cheio de vivacidade. — Está um dia lindo.

Puxou a única cadeira livre, mas deu um salto quando ia sentar-se e, debaixo dele, saltou um espanador cinzento de penas; pelo menos foi o que Harry pensou até ver que ele respirava.

— *Errol!* — exclamou Ron, afastando a coruja estonteada de Percy e retirando-lhe debaixo da asa uma carta. — *Até que enfim...* a resposta da Hermione. Escrevi-lhe a contar que íamos tentar raptar-te de casa dos Dursley.

Levou *Errol* para um poleiro que havia junto à porta das traseiras e tentou colocá-la lá em cima, mas esta caiu redonda e Ron teve de a pôr na pia, murmurando: — Patético. — Em seguida, abriu a carta de Hermione e leu-a em voz alta.

*Queridos Ron e Harry, se aí estiveres, espero que tudo tenha corrido bem, que o Harry esteja bom e que não tenham feito nada ilegal para conseguir trazê-lo, porque isso podia criar problemas também a ele. Tenho estado muito preocupada e, se o Harry estiver bem, por favor, digam-me qualquer coisa rapidamente, mas talvez seja melhor usarem uma nova coruja, porque acho que outra entrega pode acabar por despachar a vossa.*

*Estou muito atarefada com trabalho da escola, claro.* (Como é possível! — exclamou Ron, horrorizado. — Estamos em férias!) — *Vamos para Londres na próxima quarta-feira para comprar os meus livros novos. Por que não nos encontramos na Diagon-al?*

*Dêem-me notícias vossas o mais depressa possível.*

*Beijinhos,  
Hermione*

— Bem, parece uma boa solução, podemos ir todos comprar as vossas coisas — disse Mrs. Weasley, começando a levantar a mesa. — O que vão fazer hoje?

Harry, Ron, Fred e George tinham planeado ir ao cimo do monte a um pequeno cercado de cavalos que os Weasleys possuíam. Estava rodeado de árvores que o ocultavam da vista da cidade cá em baixo, o que quer dizer que podiam praticar Quidditch, desde que não voassem muito alto. Não podiam usar as verdadeiras bolas de Quidditch, pois seria muito difícil explicar se elas escapassem e voassem sobre a cidade. Em vez delas, lançavam maçãs para os outros apanharem. Faziam turnos para montar a *Nimbus Dois Mil*, que era de longe a melhor vassoura. A velha *Estrela Cadente* de Ron foi muitas vezes ultrapassada pelas borboletas que passavam por eles.

Cinco minutos mais tarde iam pelo monte acima, de vassouras ao ombro. Tinham perguntado a Percy se queria juntar-se a eles, mas ele alegara muito trabalho. Até esse dia, Harry só tinha visto Percy à hora das refeições; o resto do tempo ficava fechado no quarto.

— Gostava de saber o que ele anda a fazer — afirmou Fred, de testa franzida. — Não parece o mesmo. O resultado dos exames veio um dia antes de tu chegares: doze NPFs e ele nem se gabou.

— Níveis Puxados de Feitiçaria — explicou George, vendo o olhar atarantado de Harry. — O Bill também fez doze. Se não tivermos cuidado, ainda nos calha outro Delegado dos Alunos na família. Acho que não suportaria a vergonha.

Bill era o mais velho dos irmãos Weasley. Ele e o irmão a seguir, Charlie, já tinham saído de Hogwarts. Harry não conhecia nenhum dos dois, mas sabia que Charlie estava na Roménia a estudar dragões e Bill, no Egipto, a trabalhar no banco dos feiticeiros, Gringotts.

— Não sei como o pai e a mãe vão arranjar dinheiro para nos pagar o material escolar este ano — disse George, passado um bocado. — Cinco conjuntos de livros do Lockhart! E a Ginny precisa de mantos e de uma varinha e tudo isso...

Harry não disse nada. Sentiu-se um pouco incomodado. Fechada num cofre subterrâneo, no banco de Gringotts, de Londres, estava uma pequena fortuna que os pais lhe tinham deixado. É claro que só tinha esse dinheiro no mundo dos feiticeiros, pois não se podem usar galeões, leões e janotas nas lojas dos Muggles. Nunca falara aos Dursleys da sua conta bancária em Gringotts. Não lhe parecia que o horror que eles sentiam por tudo o que se relacionava com a feitiçaria se estendesse a uma enorme pilha de barras de ouro.

Na quarta-feira seguinte, Mrs. Weasley acordou-os a todos bem cedo. Depois de comerem meia dúzia de sanduíches de *bacon* cada um, enfiaram os casacos e Mrs. Weasley tirou um vaso da prateleira da lareira da cozinha e espreitou lá para dentro.

— Está a acabar-se, Arthur — suspirou. — Temos de comprar mais hoje... Bem, os hóspedes primeiro. Passa, Harry querido!

E estendeu-lhe o vaso de flores.

Harry olhou espantado, enquanto todos eles o observavam.

— O q-que é que eu devo fazer? — gaguejou.

— Ele nunca viajou com o pó de Floo — disse Ron subitamente. — Desculpa, Harry, esqueci-me.

— Nunca? — perguntou Mr. Weasley. — Mas então como chegaste à

Diagon-Al no ano passado para comprar as tuas coisas?

— Fui de Metro.

— A sério? — disse Mr. Weasley, entusiasmado. — Havia *escadas volantes*? Como é que...

— Agora não, Arthur — interrompeu Mrs. Weasley. — O pó de Floo é muito mais rápido, querido, mas, valha-me Deus, se ele nunca o usou...

— Vai correr bem, mãe — sossegou-a Fred. — Harry, observa-nos primeiro.

Tirou uma pitada de pó brilhante de dentro do vaso, aproximou-se do lume e lançou o pó nas chamas.

Com um rugido, o fogo ficou verde-esmeralda e elevou-se a uma altura superior à de Fred, que avançou, gritando «Diagon-Al!» e desapareceu.

— Tens de falar claramente, filho — explicou Mrs. Weasley a Harry, ao mesmo tempo que George metia a mão no vaso. — E vê se saís na lareira certa.

— Na quê? — perguntou Harry, nervoso, enquanto o lume crepitava e fazia George desaparecer também.

— Bem, há imensas lareiras de feiticeiros, mas desde que te tenhas expressado claramente...

— Ele vai conseguir, Molly, não te preocupes — disse Mr. Weasley, tirando também ele algum pó de Floo.

— Mas, querido, se ele se perde como é que vamos justificar-nos perante o tio e a tia dele...

— Eles não se importariam — tranquilizou-a Harry. — O Dudley ia achar imensa piada se eu me perdesse numa chaminé, não se preocupe.

— Bem, nesse caso... tu vais a seguir ao Arthur — decidiu Mrs. Weasley. — Logo que entres no fogo, diz para onde queres ir.

— E fecha os cotovelos — preveniu Ron.

— E os olhos também — acrescentou Mrs. Weasley. — A fuligem...

— Não te enerves — disse Ron. — Senão, podes ir parar à lareira errada.

— Não entres em pânico e não queiras sair cedo de mais. Espera até veres o Fred e o George.

Fazendo um enorme esforço para reter toda aquela informação, Harry tirou uma pitada de pó de Floo e avançou para a beirinha do fogo. Respirou fundo, espalhou o pó nas chamas e entrou. O fogo parecia uma brisa quente. Abriu a boca e engoliu, de imediato, uma grande quantidade de cinzas quentes.

— D-dia-gon-al — tossiu.

Sentiu-se como se estivesse a ser sugado para um buraco gigantesco. Como se girasse muito depressa... o ruído era ensurdecedor. Tentou manter

os olhos abertos, mas o turbilhão de chamas verdes fê-lo enjoar... algo duro bateu-lhe no cotovelo e fechou-o de imediato.

Continuava a rodar, a rodar... sentia-se agora como se várias mãos frias o esbofeteassem... Semicerrando os olhos por trás dos óculos, viu uma torrente imprecisa de lareiras e captou lampejos das salas que estavam por detrás... as sanduíches de *bacon*, às voltas dentro do estômago... fechou os olhos, desejando que tudo aquilo parasse e, então, caiu, de cara no chão, na pedra fria, e sentiu os óculos estilhaçarem-se.

Desorientado e ferido, coberto de fuligem, pôs-se cautelosamente de pé, levando aos olhos os óculos partidos. Estava completamente só e não fazia a mais pequena ideia de onde se encontrava. Tudo o que podia dizer era que, a seu lado, via uma lareira que lhe parecia ser a de uma enorme e sombria loja de feitiçaria. Todavia, nenhum dos artigos que ali se encontravam tinham aspecto de fazer parte da lista da escola de Hogwarts.

Numa vitrina, podia ver-se uma mão atrofiada que repousava sobre uma almofada, um baralho de cartas ensanguentado e um olho de vidro que o olhava fixamente. Máscaras de expressão maldosa enchiam as paredes, olhando de esguelha, uma enorme quantidade de ossos humanos estendia-se sobre o balcão e, do tecto, pendiam instrumentos aguçados com picos enferrujados. O pior, porém, é que a rua estreita e escura que Harry conseguia avistar através da janela poeirenta da loja não era de modo algum Diagon-Al.

Quanto mais depressa saísse dali, melhor. Com o nariz ainda a doer-lhe no sítio onde batera no chão ao aterrar, Harry avançou rápida e silenciosamente em direcção à porta, mas antes de conseguir chegar a meio caminho, duas pessoas apareceram do lado de fora da montra, e uma delas era a última pessoa que Harry desejaria encontrar no momento em que se encontrava perdido, coberto de fuligem e com os óculos partidos: Draco Malfoy.

Harry olhou rapidamente em volta e, apercebendo-se da existência de um grande armário escuro à sua esquerda, saltou lá para dentro e fechou as portas, deixando uma gretazinha para poder espreitar. Segundos depois, uma campainha tocava e Malfoy entrava na loja.

O homem que o acompanhava só podia ser o pai. Tinha o mesmo rosto pálido de feições agudas e os mesmos olhos cinzentos de gelo. Mr. Malfoy atravessou a loja, olhando maquinalmente para os artigos expostos e tocou a campainha do balcão, antes de se voltar para o filho, dizendo: — Não mexas em nada, Draco.

Malfoy, que já estendera a mão para o olho de vidro, disse: — Pensei que ias oferecer-me um presente.

— Eu prometi que ia comprar-te uma vassoura de corrida — declarou o pai, tamborilando com os dedos sobre o balcão.

— Para que é que me serve, se não estou na equipa de Quidditch? — perguntou Malfoy, carrancudo e de mau humor. — O Harry Potter teve uma *Nimbus Dois Mil* o ano passado, com a autorização especial do Dumbledore para jogar nos Gryffindor. Ele nem é assim tão bom, é só por ser *famoso*... famoso por ter uma estúpida cicatriz na testa.

Malfoy baixou-se para observar uma prateleira cheia de crânios.

— Todos acham que ele é tão esperto, o Potter maravilha, com a sua cicatriz e a sua vassoura...

— Já me disseste isso pelo menos uma dúzia de vezes — comentou Mr. Malfoy, olhando autoritariamente para o filho. — E devo lembrar-te de que não é prudente parecer menos do que amigo de Harry Potter, quando a maior parte da nossa gente vê nele um herói que fez desaparecer o Senhor do Mal. Ah, Mr. Borgin.

Um homem curvado surgiu por detrás do balcão, puxando o cabelo gorduroso para trás.

— Mr. Malfoy, que prazer vê-lo de novo — disse Mr. Borgin, numa voz tão untuosa como o cabelo. — Encantado, e o nosso jovem Malfoy também, encantado. Em que posso servi-los? Tenho de vos mostrar o que chegou hoje, a um preço muito razoável...

— Hoje não venho comprar, Mr. Borgin, e sim vender — afirmou Mr. Malfoy.

— Vender? — O sorriso apagou-se lentamente no rosto de Mr. Borgin.

— Certamente ouviu dizer que o Ministério está a levar a cabo mais buscas — explicou Mr. Malfoy, retirando do bolso um rolo de pergaminho e desembrulhando-o para Mr. Borgin o ler. — Eu tenho alguns... ah, artigos em casa que poderiam criar-me problemas se o Ministério me batesse à porta.

Mr. Borgin colocou no nariz um par de *pince-nez* e olhou para a lista.

— O Ministério não se lembraria de o incomodar, certamente...

Mr. Malfoy arreganhou o lábio.

— Ainda não me fizeram nenhuma visita. O nome Malfoy ainda impõe um certo respeito, mas o Ministério está a ficar cada vez mais intrometido. Há boatos sobre um novo decreto de protecção dos Muggles... sem dúvida aquele miserável amigalhaço de Muggles, o Arthur Weasley, deve estar por detrás disso.

Harry sentiu crescer a raiva.

— E, como pode ver, alguns destes venenos podiam dar a ideia...

— Compreendo perfeitamente, claro — disse Mr. Borgin. — Deixe-me

ver...

— Posso ter aquilo? — interrompeu Draco, apontando para a mão raquítica que estava sobre a almofada.

— Ah, a Mão da Glória! — exclamou Mr. Borgin, abandonando a lista de Mr. Malfoy e apressando-se a ir ter com Draco. — Põe-se-lhe uma vela e ela só dá luz a quem a transporta! A melhor amiga dos gatunos e dos salteadores, o seu filho tem gosto, senhor.

— Espero que o meu filho venha a ser mais do que gatuno ou salteador, Borgin — retorquiu Mr. Malfoy friamente e Mr. Borgin respondeu logo:

— Sem ofensa, senhor, sem querer ofender.

— Embora, se as notas da escola não melhorarem — acrescentou Mr. Malfoy ainda mais friamente —, esse possa vir a ser o único caminho possível para ele.

— Não tenho culpa — retorquiu Draco. — Todos os professores têm os seus preferidos, aquela Hermione Granger...

— Eu, no teu lugar, teria vergonha que uma rapariga que nem sequer pertence a famílias de feiticeiros me passasse à frente em todos os exames — interrompeu Mr. Malfoy.

«Ah», fez Harry baixinho, radiante por ver Draco atrapalhado e furioso.

— É o mesmo em todo o lado — comentou Mr. Borgin na sua voz untuosa. — O sangue dos feiticeiros conta cada vez menos...

— Não para mim — afirmou Mr. Malfoy, com as longas narinas dilatadas.

— Não senhor, nem para mim — concordou Mr. Borgin, inclinando-se numa vénia.

— Nesse caso, talvez possamos voltar à minha lista — lembrou Mr. Malfoy secamente. — Estou com alguma pressa, Borgin, tenho ainda hoje assuntos importantes a tratar noutro lado.

Começaram a discutir os preços. Harry via nervosamente Draco aproximar-se do seu esconderijo, enquanto observava os objectos à venda. Parou para examinar um enorme rolo de corda de carrasco e para ver, com um sorriso afectado, o cartão preso a um magnífico colar de opalas onde podia ler-se: *Cautela, não tocar. Amaldiçoado — Já reclamou a vida de dezanove donos, todos eles Muggles.*

Draco voltou-se e viu o armário mesmo em frente. Avançou, estendeu a mão para o puxador...

— É tudo! — disse Mr. Malfoy, ao balcão. — Vamos, Draco.

Harry limpou a testa à manga quando Draco se afastou.

— Muito bom dia, Mr. Borgin. Espero por si amanhã na mansão para ir buscar a mercadoria.

No momento em que a porta se fechou, Mr. Borgin abandonou os seus modos subservientes.

— Bom dia para o senhor, Mr. Malfoy, e, se as histórias que contam são verdadeiras, não me vendeu nem metade do que tem escondido na sua mansão...

Murmurando rabugento, Mr. Borgin desapareceu numa sala das traseiras. Harry esperou um minuto não fosse ele voltar e, em seguida, o mais silenciosamente possível, escapou-se do armário, passou pelas vitrinas e saiu da loja.

Segurando os óculos partidos junto ao rosto, olhou em volta. Encontrava-se numa rua estreita e sombria que parecia composta exclusivamente de lojas dedicadas à magia negra. Aquela de onde acabava de sair, Borgin & Burkes, parecia ser a maior, mas em frente estava uma montra tétrica de cabeças encolhidas e, duas portas abaixo, podia ver-se uma enorme gaiola cheia de gigantescas aranhas pretas. Dois feiticeiros com aspecto desmazelado observavam-no à sombra de uma porta, murmurando entre si. Sentindo-se nervoso, Harry pôs-se a caminho, tentando agarrar bem os óculos e não desistindo da esperança de encontrar maneira de sair dali.

Por uma velha tabuleta de madeira pendurada à porta de uma loja que vendia velas envenenadas, ficou a saber que se encontrava na Rua Bativolta, mas isso não o ajudou, pois Harry nunca ouvira falar em tal lugar. Calculou que não tinha pronunciado bem as palavras com a boca cheia de cinzas na lareira dos Weasleys. Tentando manter a calma, perguntou a si mesmo o que havia de fazer.

— Não estás perdido, pois não, meu menino? — perguntou uma voz, mesmo junto do seu ouvido, que o fez dar um salto.

Uma velha feiticeira apareceu à sua frente, segurando um tabuleiro com uma coisa que se parecia horrivelmente com unhas humanas. A mulher olhou-o maldosamente, mostrando os dentes esverdeados. Harry recuou.

— Estou bem, obrigado — disse. — Estou só...

— HARRY! O qu' é que pensas que 'tás a fazer aqui?

O seu coração deu um salto, assim como a feiticeira. Um monte de unhas caiu-lhe sobre os pés e ela praguejou, enquanto o corpo enorme de Hagrid, o guarda dos campos de Hogwarts, se aproximava deles a passos largos com os olhos castanho-escuros a faiscarem por cima da longa barba eriçada.

— Hagrid! — gritou Harry, aliviado. — Perdi-me... o pó de Floo...

Hagrid agarrou Harry pela nuca e puxou-o para longe da feiticeira, arrancando-lhe o tabuleiro das mãos. Os seus guinchos agudos seguiram-



nos até ao fundo da ruela serpenteante que ia dar a um lugar onde brilhava o Sol. Harry avistou à distância um edifício de mármore branco como a neve que lhe era familiar: o banco de Gringotts. Hagrid conduziu-o até Diagon-Al.

— ‘Tás num péssimo estado! — disse Hagrid bruscamente, sacudindo-lhe a fuligem com tanta força que Harry quase caiu num barril de estrume de dragão que se encontrava à porta de um boticário. — A vaguear, na Rua Bativolta, não sei... é um sítio manhoso, Harry... não quero que ninguém te veja por aquelas bandas.

— Já percebi — retorquiu Harry, baixando-se quando Hagrid fez menção de o escovar melhor. — Já te disse que estava perdido. E tu? O que andavas lá a fazer?

— ‘Tou à procura d’um repelente para as lesmas que comem legumes — resmungou Hagrid. — ‘Tão a destruir as couves todas da escola. Tu não ‘tás sozinho?

— Estou em casa dos Weasleys, mas separámo-nos — explicou Harry. — Tenho de os encontrar.

Desceram juntos a rua.

— Por que é que nunca respondeste às minhas cartas? — perguntou Hagrid, enquanto Harry corria para o acompanhar (tinha de dar três passos por cada enorme passada de Hagrid). Explicou-lhe, então, tudo sobre Dobby e os Dursley.

— Malditos Muggles! — rugiu Hagrid. — S’eu tivesse sabido...

— Harry! Harry! Aqui!

Harry olhou para cima e viu Hermione Granger no topo da escadaria de Gringotts. A amiga desceu para vir ao encontro dele, o cabelo castanho aos caracóis, a esvoaçar atrás dela.

— O que aconteceu aos teus óculos? Olá, Hagrid... Oh, é maravilhoso ver-vos outra vez. Vens a Gringotts, Harry?

— Logo que encontre os Weasleys — respondeu ele.

— Não vais ter d’esperar muito — riu-se Hagrid.

Harry e Hermione olharam em volta. Subindo a rua, no meio da multidão, vinham Ron, Fred, George, Percy e Mr. Weasley.

— Harry — chamou Mr. Weasley, ofegante. — Tínhamos esperança de que só tivesses falhado por uma lareira... — passou um lenço na sua calva reluzente. — A Molly está nervosíssima, aí vem ela.

— Onde é que tu saíste? — perguntou Ron.

— Na Rua Bativolta — disse Hagrid, com um ar sério.

— Sensacional! — exclamaram Fred e George ao mesmo tempo.

— Nunca nos deram autorização para lá ir — queixou-se Ron com uma

pontinha de inveja.

— E fizeram muito bem — grunhiu Hagrid.

Mrs. Weasley chegou naquele momento a correr, a mala a balouçar numa das mãos e Ginny quase pendurada na outra.

— Oh Harry, oh, meu querido, podias ter ido parar a qualquer lugar...

Tentando recuperar o fôlego, tirou da mala uma grande escova e começou a retirar a fuligem que Hagrid não conseguira limpar. Mr. Weasley pegou nos óculos de Harry, deu-lhes um toque de varinha e entregou-lhos como novos.

— Bem, tenho de m'ir embora — disse Hagrid, cuja mão estava a ser esmagada por Mrs. Weasley («Na rua Bativolta! Se não o tivesses encontrado, Hagrid!»). — Vemo-nos em Hogwarts. — E afastou-se, os ombros e a cabeça acima da multidão que enchia completamente a rua.

— Adivinham quem eu vi no Borgin e Burkes? — perguntou Harry a Ron e a Hermione enquanto subiam as escadarias de Gringotts. — O Malfoy e o pai.

— O Lucius Malfoy comprou alguma coisa? — perguntou, interessado, Mr. Weasley, que estava atrás deles.

— Não, estava a vender.

— Então, está preocupado — comentou Mr. Weasley com visível satisfação. — Ah, eu adorava apanhar o Lucius Malfoy nalguma...

— Tem cuidado, Arthur — interrompeu Mrs. Weasley, enquanto o gnomo porteiro lhes dava reverentemente entrada no banco. — Aquela família só traz problemas. Não queiras ter mais olhos que barriga.

— Queres dizer com isso que achas que eu não chego para o Lucius Malfoy? — perguntou Mr. Weasley, indignado, mas esqueceu-se rapidamente daquilo ao avistar os pais de Hermione que estavam de pé, nervosamente encostados ao balcão que acompanhava a grande parede de mármore, à espera de que Hermione os apresentasse.

— Mas vocês são *Muggles*! — constatou Mr. Weasley, encantado. — Temos de tomar uma bebida. O que é isso aí? Ah, estão a trocar dinheiro Muggle. Molly, olha — apontou cheio de excitação para as notas de dez libras que Mr. Granger tinha na mão.

— Encontramo-nos aqui — disse Ron a Hermione, enquanto os Weasleys e Harry eram conduzidos aos seus cofres no subterrâneo de Gringotts.

Para chegar aos cofres, havia que tomar umas carretas conduzidas por gnomos que se deslocavam ao longo de carris de comboio em miniatura através dos túneis subterrâneos do banco. Harry gostou da viagem estonteante até ao cofre dos Weasleys, mas sentiu-se bastante mal, pior do

que na Rua Bativolta, quando o cofre foi aberto. Havia lá dentro um pequenino monte de leões de prata e apenas um galeão de ouro. Mrs. Weasley foi com a mão à procura nos cantos antes de, com um gesto rápido, varrer tudo para dentro do saco.

Harry sentiu-se ainda pior quando chegaram ao seu cofre. Tentou evitar que vissem o conteúdo, enquanto empurrava apressadamente mãos cheias de moedas para dentro de uma sacola de cabedal.

Lá fora, nas escadarias de mármore, separaram-se. Percy murmurou vagamente que precisava de uma nova pena de escrever. Fred e George tinham avistado um amigo de Hogwarts, Lee Jordan. Mrs. Weasley e Ginny iam a uma loja de mantos em segunda mão e Mr. Weasley continuava a insistir em levar os Granger ao Caldeirão Escoante para lhes pagar uma bebida.

— Encontramo-nos todos na Borrões e Floreados dentro de uma hora para comprar os vossos livros — disse Mrs. Weasley, afastando-se com Ginny. — E nem um passo em direcção à rua Bativolta — gritou aos gémeos, que se afastavam.

Harry, Ron e Hermione deambularam pela rua empedrada e sinuosa. O ouro, a prata e o bronze que tilintavam alegremente no saco que Harry tinha no bolso pareciam exigir ser gastos, por isso ele comprou três enormes gelados de morango e manteiga de amendoim que eles devoraram, felizes, enquanto vagueavam sem destino pela rua fora, observando as montras fantásticas das lojas.

Ron olhou, desejoso, para um conjunto completo de mantos dos Chudley Cannon, nas montras do «Equipamentos de Qualidade para Quidditch» até Hermione o arrastar dali para a porta a seguir para comprarem tinta e pergaminhos.

Na loja de Jogos de Feitiçaria Gambol e Japes encontraram Fred, George e Lee Jordan, que estavam a abastecer-se de foguetes do Dr. Filibuster. E numa pequenina loja de velharias cheia de varinhas partidas, balanças instáveis de latão e mantos velhos cobertos de nódoas de poções, encontraram Percy profundamente concentrado num livrinho, bastante chato, chamado *Prefeitos Que Conquistaram o Poder*.

— *Um Estudo sobre os Prefeitos de Hogwarts e as suas Posteriores Carreiras* — leu alto Ron na contracapa. — Deve ser fascinante...

— Desaparece! — gritou Percy.

— Claro, ele é muito ambicioso, já tem tudo planeado. Quer ser Ministro da Magia — disse Ron baixinho a Harry e a Hermione, enquanto deixavam Percy entregue ao livro.

Uma hora mais tarde, dirigiram-se à Borrões e Floreados. Não eram de

modo algum os únicos a encaminhar-se para a livraria. À medida que se aproximavam, viram, com grande surpresa, uma grande multidão à porta, tentando entrar na loja. O motivo de tal confusão estava anunciado num cartaz que se estendia ao longo da montra.

## GILDEROY LOCKHART

Assinará exemplares da sua autobiografia

EU, O MÁGICO

Hoje 12.30-16.30

— Vamos poder conhecê-lo! — gritou Hermione. — Quero dizer, ele escreveu quase todos os livros da nossa lista!

A multidão parecia ser maioritariamente composta por feiticeiras da idade de Mrs. Weasley. Um feiticeiro com um ar exausto estava de pé junto da porta, dizendo: — Calma, minhas senhoras, não empurrem, cuidado com os livros.

Harry, Ron e Hermione conseguiram furar e entrar. Uma longa fila serpenteava para as traseiras da loja, onde Gilderoy Lockhart estava a assinar os seus livros. Cada um deles pegou num exemplar de *Ensinos de Uma Fada Carpideira* e escaparam-se da fila indo ter ao lugar onde se encontravam os outros com Mr. e Mrs. Granger.

— Ah, aí estão vocês. Ótimo — disse Mrs. Weasley, que parecia estar com falta de ar e não parava de mexer no cabelo. — Vamos poder vê-lo dentro de um minuto.

Gilderoy Lockhart entrou lentamente no seu campo de visão, sentado a uma mesa, rodeado de grandes fotografias do próprio rosto, todo ele sorrisos, mostrando à multidão o brilho cintilante dos seus dentes. Usava uma túnica azul-escura que condizia às mil maravilhas com a cor dos olhos, o chapéu pontiagudo de feiticeiro colocado lateralmente sobre o cabelo ondulado.

Um homenzinho pequenino e irritante andava a dançar de um lado para o outro, tirando fotografias com uma grande máquina preta que lançava baforadas de fumo arroxeadas em cada *flash*.

— Sai do caminho, tu aí — ordenou rispidamente a Ron, mudando de lugar para ter um ângulo melhor. — Este é para *O Profeta Diário*.

— Grande coisa! — exclamou Ron, esfregando o pé que o fotógrafo pisara.

Gilderoy Lockhart ouviu-o. Olhou, viu Ron e em seguida Harry. Voltou a olhar, desta vez com mais atenção. Em seguida, pôs-se de pé e gritou: — Não pode ser, o Harry Potter?

A multidão dividiu-se entre murmúrios de excitação. Lockhart aproximou-se, agarrou Harry por um braço e levou-o para a frente. A multidão rebentou em aplausos. A cara de Harry ardia quando Lockhart lhe apertou a mão para o fotógrafo que disparava como um louco, lançando fumo espesso para cima dos Weasleys.

— Belo sorriso, Harry — disse Lockhart por entre os seus dentes cintilantes. — Tu e eu juntos merecemos a primeira página.

Quando por fim lhe largou a mão, Harry quase não sentia os dedos. Tentou recuar para junto dos Weasleys, mas Lockhart lançou-lhe um braço pelos ombros e prendeu-o ao seu lado.

— Minhas senhoras e meus senhores — disse bem alto, fazendo sinal para que se acalmassem. — Que momento extraordinário este! O momento perfeito para eu anunciar algo que tenho vindo a guardar comigo desde há algum tempo.

«Quando o jovem Harry entrou na Borrões e Floreados hoje, ele queria apenas comprar a minha autobiografia, que tenho agora o maior prazer em oferecer-lhe. — A multidão aplaudiu de novo. — Ele não tinha ideia — continuou Lockhart, dando a Harry um pequeno encontrão que fez com que os óculos lhe escorregassem para a ponta do nariz — de que ia conseguir em breve muito mais do que o meu livro *Eu, o mágico*. Ele e os seus colegas da escola vão receber, de facto, o verdadeiro Eu, o mágico. Sim, minhas senhoras e meus senhores, tenho o maior prazer em anunciar que no mês de Setembro assumirei o lugar de professor de Defesa Contra a Magia Negra na Escola de Magia e Feitiçaria de Hogwarts!»

A multidão aplaudiu e deu vivas e Harry deu consigo a ser presenteado com a obra completa de Gilderoy Lockhart. Cambaleando ligeiramente sob o peso dos livros, conseguiu abrir caminho para longe das atenções até à porta da sala onde estava Ginny com o seu novo caldeirão.

— Podes ficar com estes — murmurou Harry, enfiando os livros no caldeirão. — Eu vou comprar os meus.

— Aposto que adoraste aquilo, não adoraste, Potter? — disse uma voz que Harry não teve qualquer dificuldade em reconhecer. Endireitou-se e deu consigo frente a frente com Draco Malfoy, que exibia o seu habitual sorriso escarninho.

— O famoso Harry Potter! — acrescentou Malfoy. — Nem sequer pode entrar numa livraria sem se tornar primeira página.

— Deixa-o em paz, ele não queria nada disso — defendeu Ginny. Era a primeira vez que falava em frente de Harry. Olhava para Malfoy com um ar feroz.

— Potter, arranjaste uma namorada! — exclamou Malfoy com a sua voz

arrastada.

Ginny ficou vermelha como um pimentão, enquanto Ron e Hermione tentavam abrir caminho, ambos carregando montes de livros de Lockhart.

— Ah, és tu? — disse Ron, olhando para Malfoy como se ele fosse algo desagradável colado à sola do sapato. — Aposto que te surpreendeu ver o Harry aqui?

— Não tanto como a ti numa loja, Weasley — retorquiu Malfoy. — Imagino que os teus pais tenham de passar fome durante um mês para pagar isso tudo.

Ron ficou tão vermelho quanto Ginny. Enfiou também os livros no caldeirão e avançou para Malfoy, mas Harry e Hermione agarraram-no pelas costas do casaco.

— Ron — disse Mrs. Weasley, aproximando-se com Fred e George. — O que estás a fazer? Isto está uma loucura aqui dentro, vamos lá para fora.

— Olha quem ele é, o Arthur Weasley. — Era Mr. Malfoy. Estava de pé com a mão sobre o ombro de Draco, com o mesmo sorriso escarninho.

— Lucius — cumprimentou Mr. Weasley, acenando friamente.

— Muito trabalho no Ministério, segundo me consta — comentou Mr. Malfoy. — Todas essas buscas... espero que te estejam a pagar horas extraordinárias.

Meteu a mão no caldeirão de Ginny e tirou do meio dos livros de Lockhart um exemplar muito velho e muito gasto do *Guia de Transfiguração para Principiantes*.

— É claro que não — disse. — Que diabo, qual a vantagem de ser um miserável entre os feiticeiros, se nem sequer te pagam bem por isso?

Mr. Weasley corou mais ainda do que Ron ou Ginny.

— Nós temos uma opinião diferente sobre quem são os miseráveis entre os feiticeiros — redarguiu.

— Obviamente... — disse Mr. Malfoy, os olhos mortícios passando para Mr. e Mrs. Granger, que observavam a cena apreensivamente. — As companhias com quem tu andas... e eu que pensava que a tua família já não conseguia descer mais baixo...

Ouviu-se um tilintar de metal quando o caldeirão de Ginny foi pelos ares. Mr. Weasley lançara-se sobre Mr. Malfoy, atirando-o contra uma estante. Dezenas de livros de feitiços saltaram lá de cima, caindo-lhes sobre as cabeças. Houve um grito de: «Chega-lhe, pai!» de Fred e de George. Mrs. Weasley guinchava: — Não, Arthur, não.

A multidão recuava, deitando mais prateleiras ao chão.

— Meus senhores, por favor — gritava o encarregado, e então, mais alto do que todos: — Parem com isso, meus senhores, parem com isso.

Hagrid aproximava-se através de um mar de livros. Num segundo, separou Mr. Weasley e Mr. Malfoy. Mr. Weasley tinha um lábio cortado e Mr. Malfoy fora agredido num olho por uma *Enciclopédia de Cogumelos Venenosos*. Tinha ainda na mão o livro velho sobre Transfiguração da Ginny. Atirou-lho, com os olhos a brilhar de malvadez.

— Toma o teu livro, garota. É o melhor que o teu pai te pode oferecer.

Libertando-se de Hagrid, conduziu Draco para fora e abandonaram a livraria.

— Devias tê-lo ignorado, Arthur — disse Hagrid, quase a pegar em Mr. Weasley ao colo enquanto lhe endireitava o manto. — São podres até à raiz, todos eles. Tod’a gente sabe. Não vale a pena dar ouvidos aos Malfoy. Não prestam, ‘tá-lhes no sangue. Vá lá, vamos sair daqui.

O encarregado parecia querer impedi-los, mas, como mal chegava à cintura de Hagrid, pensou melhor.

Subiram a rua, os Granger a tremer de medo e Mrs. Weasley fora de si.

— Um *belo* exemplo para as crianças... andar à pancada em público. O que terá pensado Gilderoy Lockhart?

— Ele gostou — disse Fred. — Não o ouviram quando íamos a sair? Estava a perguntar àquele tipo d’*O Profeta Diário* se conseguia incluir a briga na reportagem, disse que era boa publicidade.

Mas foi um grupo deprimido que regressou à lareira do Caldeirão Escoante, de onde Harry, os Weasleys e todas as suas compras iriam viajar de volta até à «Toca», usando o pó de Floo.

Despediram-se dos Granger que iam sair do *pub* pela rua dos Muggles, do outro lado. Mr. Weasley começou a perguntar-lhes como funcionavam as paragens de autocarros, mas calou-se rapidamente ao ver a expressão de Mrs. Weasley.

Harry tirou os óculos e guardou-os cautelosamente no bolso antes de utilizar o pó de Floo. Definitivamente, não era a sua forma ideal de viajar.

## V

### O SALGUEIRO ZURZIDOR

Ofim das férias de Verão chegou demasiado depressa para o gosto de Harry. Desejara muito regressar a Hogwarts, mas aquele mês na «Toca» tinha sido o mais feliz de toda a sua vida. Era difícil não invejar Ron quando pensava nos Dursley e nas boas-vindas que ia receber da próxima vez que pusesse os pés em Privet Drive.

Na última noite, Mrs. Weasley preparou um jantar magnífico, que incluía os pratos favoritos de Harry e terminou com um pudim de melaço de fazer crescer água na boca. Fred e George alegraram a noite com uma exibição de fogo-de-artifício do Dr. Filibuster. Encheram a cozinha de estrelas vermelhas e azuis que saltavam do tecto para as paredes, durante pelo menos meia hora. Depois, foi a altura de tomarem uma caneca de chocolate quente e irem para a cama.

Na manhã seguinte, demoraram muito tempo a preparar-se. Levantaram-se com o cantar do galo, mas parecia-lhes que ainda tinham muito para fazer. Mrs. Weasley andava de um lado para o outro, mal-humorada, à procura de meias e penas, chocavam uns com os outros nas escadas, meio vestidos, meio despidos, com pedaços de torradas nas mãos, e Mr. Weasley quase partiu o pescoço quando tropeçou numa galinha ao atravessar o pátio, para meter no carro a mala de Ginny.

Harry não percebia lá muito bem como é que oito pessoas, seis malões, duas corujas e um rato, iam caber num pequeno *Ford Anglia*, isso, claro, antes das particularidades que Mr. Weasley acrescentara.

— Nem uma palavra à Molly — murmurou para Harry, enquanto abria a bagageira e lhe mostrava como ela se expandira para que as malas coubessem facilmente.

Quando, por fim, se acomodaram todos no carro, Mrs. Weasley olhou para o banco de trás, onde Harry, Ron, Fred, George e Percy estavam



confortavelmente sentados uns ao lado dos outros, e disse: — Os Muggles têm mais conhecimentos do que aqueles que nós lhes atribuímos, não achas? — Ela e Ginny entraram para o lugar da frente, que fora esticado e parecia um banco de jardim. — Quer dizer, de fora ninguém diria que este carro era espaçoso, não acham?

Mr. Weasley pôs o motor a funcionar e saíram do pátio. Harry voltou-se para trás para ver pela última vez a casa, mas mal teve tempo de se questionar se iria ali voltar alguma vez e já estavam de volta: George esquecera-se da caixa de fogo-de-artifício do Dr. Filibuster. Cinco minutos mais tarde, paravam de novo no pátio para Fred ir a correr buscar a vassoura. Iam quase a chegar à auto-estrada, quando Ginny guinchou que se esquecera do diário. Quando voltou a enfiar-se no carro, estavam já muito atrasados e os ânimos começavam a exaltar-se.

Mr. Weasley olhou para o relógio e, em seguida, para a mulher.

— Molly, querida...

— Não, Arthur.

— Ninguém ia ver. Este botãozinho é um Transformador de Invisibilidade que eu instalei, levava-nos pelo ar, subíamos acima das nuvens. Estaríamos lá em dez minutos e ninguém daria por nada...

— Eu disse que não, Arthur. Durante o dia, não.

Chegaram a King's Cross, faltava um quarto para as onze. Mr. Weasley precipitou-se em busca de um carrinho de transporte para as malas e correram todos para a estação.

Harry já apanhara o Expresso de Hogwarts no ano anterior. A parte mais difícil era entrar na plataforma nove e três quartos, que não era visível aos olhos dos Muggles. Era preciso avançar para a barreira sólida que dividia as plataformas nove e dez. Não doía nada, mas tinha de ser feito com cuidado para que nenhum dos Muggles desse pelo desaparecimento.

— O Percy em primeiro lugar — declarou Mrs. Weasley, olhando nervosamente para o relógio lá em cima, que mostrava que tinham apenas cinco minutos para passar a barreira.

Percy avançou a passos largos e desapareceu. Mr. Weasley foi a seguir e, depois dele, Fred e George.

— Eu levo a Ginny e vocês vêm atrás de nós — disse Mrs. Weasley a Harry e Ron, agarrando Ginny pela mão e seguindo em frente. Num abrir e fechar de olhos, tinham passado.

— Vamos passar juntos, só temos um minuto — propôs Ron.

Harry assegurou-se de que a gaiola de *Hedwig* estava bem fixa em cima da sua mala e empurrou o carrinho em direção à barreira. Estava perfeitamente confiante, aquilo era muito mais fácil do que usar o pó de

Floo. Puseram os dois as mãos no puxador dos carrinhos e avançaram para a barreira, ganhando velocidade. A um metro e pouco, começaram a correr e... PAAAM.

Os dois carros bateram na barreira e foram impelidos para trás. A mala de Ron caiu com um enorme estrépito. Harry desequilibrou-se e a gaiola de *Hedwig* foi parar ao chão cintilante, enquanto ela rolava guinchando, indignada. As pessoas em volta miravam-nos e um guarda, que estava ali perto, gritou: — Que diabo pensam vocês que estão a fazer?

— Perdemos o controlo do carrinho — respondeu Harry, respirando com dificuldade, agarrando-se às costelas, enquanto se punha de pé. Ron correu a agarrar *Hedwig*, que estava a fazer uma cena tal, que já se ouviam murmúrios na multidão sobre a crueldade para com os animais.

— Por que é que não conseguimos passar? — perguntou Harry ao Ron num sussurro.

— Não sei.

Ron olhou em volta, desorientado. Uma dúzia de curiosos estava ainda a observá-los.

— Vamos perder o comboio — murmurou Ron. — Não compreendo por que motivo a cancela se fechou.

Harry olhou para o relógio gigantesco com um sentimento de náusea na boca do estômago. Dez segundos, nove segundos...

Empurrou o carrinho para a frente com todo o cuidado até estar encostado à barreira, mas o metal manteve-se sólido.

Três segundos... dois segundos... um segundo...

— Partiu — afirmou Ron, aparvalhado. — O comboio foi-se embora. E se a mãe e o pai não conseguem voltar para aqui? Tens algum dinheiro de Muggles?

Harry deu uma gargalhada. — Os Dursleys não me dão um tostão há mais de seis anos!

Ron encostou o ouvido à barreira.

— Não se ouve nada — disse, bastante tenso. — O que vamos nós fazer? Não sei quanto tempo o pai e a mãe vão demorar.

Olharam em volta. As pessoas ainda estavam a observá-los, principalmente devido aos contínuos guinchos de *Hedwig*.

— Acho que o melhor é sairmos daqui e esperamos por eles junto do carro — sugeriu Harry. — Aqui estamos a atrair demasiado as aten...

— Harry — disse Ron, com os olhos a brilhar. — É isso, o carro.

— O que é que tem?

— Podemos voar nele até Hogwarts!

— Mas eu pensei...

— Estamos em apuros, certo? E temos de chegar à escola, ou não? E mesmo os feiticeiros menores de idade estão autorizados a usar magia numa emergência real, parágrafo dezanove, ou não sei quê, da Restrição de...

O sentimento de pânico de Harry transformou-se em entusiasmo.

— E tu sabes voar nele?

— Não há problema — assegurou Ron, virando o carrinho e dirigindo-se para a saída. — Anda daí. Se nos apressarmos, conseguiremos seguir o Expresso de Hogwarts.

E afastaram-se do grupo de Muggles curiosos, abandonando a estação e voltando à rua, onde o velho *Ford Anglia* se encontrava estacionado.

Ron abriu a bagageira com uma série de toques de varinha. Meteram lá dentro as malas, puseram *Hedwig* no banco de trás e entraram para a frente.

— Verifica se ninguém está a ver — disse Ron, ligando a ignição com outro toque de varinha. Harry pôs a cabeça fora da janela: o trânsito enchia a avenida principal, mas a rua deles estava vazia.

— Tudo bem — anunciou.

Ron carregou num pequeno botão prateado do painel. O carro desapareceu, assim como eles. Harry sentia o banco a vibrar debaixo de si, ouvia o motor, sentia as mãos sobre os joelhos e os óculos no nariz, mas, tanto quanto conseguia ver, tornara-se um par de olhos redondos flutuando um metro e pouco acima do chão numa rua suja, cheia de carros estacionados.

— Vamos — disse a voz de Ron, vinda do seu lado direito.

O chão e os prédios escuros de ambos os lados desapareceram do seu ângulo de visão, mal o carro se elevou. Em poucos segundos toda a cidade de Londres, enevoadada e resplandecente, estava por baixo deles.

Em seguida, ouviu-se um ruído que parecia o saltar de uma rolha e o carro, Harry e Ron, reapareceram.

— Oh, oh — disse Ron, batendo no Transformador de Invisibilidade. — Está avariado...

Começaram os dois a bater no botão. O carro desapareceu. Depois surgiu de forma intermitente.

— Aguenta aí — gritou Ron e carregou com o pé no acelerador. Saltaram direitinhos para o meio das nuvens mais baixas e tudo ficou indistinto e enevoadado.

— E agora? — exclamou Harry, piscando os olhos perante a sólida massa de nuvens que os comprimia de todos os lados.

— Precisamos de avistar o comboio para sabermos qual a direcção a tomar — explicou Ron.

— Desce rapidamente...

Desceram pelo meio das nuvens e voltaram-se nos lugares, espreitando.

— Estou a vê-lo — gritou Harry. — Mesmo em frente, ali.

O Expresso de Hogwarts deslocava-se a grande velocidade lá em baixo, como uma serpente vermelha.

— Para norte — disse Ron, verificando a bússola do painel. — Está bem, basta que verifiquemos de meia em meia hora. Aguenta aí... — e arrancaram pelo meio das nuvens. No minuto seguinte, emergiam sob a luz brilhante do Sol.

Era um mundo diferente. Os pneus do carro deslizavam sobre o mar de nuvens macias, o céu era de um azul infinito sob a luz, capaz de cegar, que irradiava do Sol.

— Agora só temos de nos preocupar com os aviões — disse Ron.

Olharam um para o outro e desataram a rir. Durante muito tempo não conseguiram parar.

Era como se tivessem mergulhado num sonho fabuloso.

Aquela, pensou Harry, era certamente a única maneira de viajar: passando por turbilhões e torres de nuvens cor de neve, num carro cheio de calor, o Sol radioso, com um grande pacote de rebuçados no porta-luvas e antegozando o ar de inveja de Fred e de George quando aterrasssem suavemente e de forma espectacular no relvado macio em frente do castelo de Hogwarts.

Espreitaram várias vezes o comboio enquanto voavam cada vez mais para norte. Cada descida entre as nuvens dava-lhes uma perspectiva diferente. Londres depressa ficou para trás, substituída por campos verdejantes que, por sua vez, deram lugar a grandes pântanos arroxeados, aldeias com pequenas igrejas que pareciam brinquedos e uma grande cidade, cheia de vida, com carros que pareciam formigas multicoloridas.

Várias horas mais tarde em que nada aconteceu, Harry teve de admitir que uma parte do entusiasmo se esgotara. Os rebuçados tinham-nos deixado cheios de sede e não havia nada para beber. Tinham tirado as camisolas, mas a *T-shirt* de Harry estava colada às costas do banco e os óculos não paravam de lhe escorregar para a ponta do nariz. Deixara de reparar nas fabulosas formas das nuvens e pensava com saudade no comboio, milhas abaixo deles, onde se podia comprar sumo de abóbora fresquinho num carrinho empurrado por uma feiticeira gordinha. Por que não teriam eles conseguido entrar na plataforma nove e três quartos?

— Não pode ser muito mais longe, pois não? — resmungou Ron, horas mais tarde, quando o Sol começava a esconder-se no seu chão de nuvens, pintando-as de um rosa profundo. — Estás pronto para outra espreitadela

ao comboio?

Ainda ia mesmo por baixo deles, abrindo caminho através de uma montanha com o cume coberto de neve. Estava muito mais escuro entre o dossel de nuvens.

Ron pôs o pé no acelerador e o carro levou-os de novo para cima, mas nesse momento o motor começou a chiar.

Harry e Ron trocaram entre si olhares nervosos.

— Deve estar só cansado — opinou Ron. — Nunca tinha vindo tão longe... — E fingiram ambos que não davam pelo gemido que se ia tornando maior à medida que o céu serenamente escurecia. As estrelas desabrochavam na escuridão, Harry voltou a enfiar a camisola de lã, tentando ignorar os limpa-pára-brisas que giravam debilmente como que a protestar.

— Não devemos estar longe — disse Ron, dirigindo-se mais ao carro do que ao amigo. — Já não devemos estar longe. — E deu umas palmadinhas nervosas no *tablier*.

Pouco depois, voando de novo no meio das nuvens, tiveram de perscrutar a escuridão, em busca de um ponto de referência que conhecessem.

— Ali — gritou Harry, fazendo Ron e *Hedwig* darem um salto. — Mesmo em frente.

Recortados no horizonte negro, sobre o rochedo do outro lado do lago, erguiam-se as torres e os torreões do castelo de Hogwarts.

Mas o carro tinha começado a estremecer e ia perdendo velocidade.

— Vá lá — disse Ron, dando ao volante um pequeno abanão encorajador. — Estamos quase a chegar, vá lá...

O motor gemeu e pequenos jactos de vapor de água brotaram do capô. Harry deu consigo agarrado com toda a força aos bordos do banco enquanto voavam direitos ao lago.

O carro deu um solavanco assustador. Espreitando pela janela, Harry viu a superfície negra, macia e espelhada da água cerca de dois quilómetros abaixo deles. Os dedos de Ron, agarrados ao volante, tinham as articulações brancas. O carro deu um novo esticão.

— Vá lá — murmurou Ron.

Sobrevoavam o lago... o castelo ficava mesmo em frente. Ron fez força com o pé.

Houve um ruído surdo, um silvo e o motor morreu por completo.

— Oh! oh! — gemeu Ron no silêncio.

O nariz do carro voltou-se para baixo. Estavam a cair, ganhando velocidade em direcção aos muros sólidos do castelo.

— Naaaaão! — gritou Ron, girando o volante. Escaparam à muralha de pedra negra por centímetros, quando o carro fez um grande arco, planando primeiro sobre as estufas, depois sobre a horta e, por fim, sobre os relvados, sempre a perder altura.

Ron largou completamente o volante e tirou a varinha do bolso de trás.

— PÁRA! PÁRA! — gritou, batendo no *tablier* e no pára-brisas, mas continuavam a mergulhar, com o chão a aproximar-se cada vez mais.

— CUIDADO COM ESSA ÁRVORE!!! — bramiu Harry, deitando a mão ao volante, mas... tarde de mais... PUUUM.

Com um ruído ensurdecedor de metal e madeira, bateram no tronco espesso da árvore e caíram no chão com um forte solavanco. Do capô amachucado saíam grandes nuvens de vapor. *Hedwig* tremia, apavorada. Na cabeça de Harry surgira um alto do tamanho de uma bola de golfe, quando ele batera no pára-brisas e, à sua direita, Ron soltou um gemido longo e desesperado.

— Estás bem? — perguntou Harry, aflito.

— A minha varinha — disse Ron numa voz trémula. — Olha para a minha varinha.

Tinha-se partido praticamente em duas e a ponta balouçava, presa por meia dúzia de lascas.

Harry abriu a boca para dizer que na escola com certeza conseguiriam consertá-la, mas nem chegou a começar a frase. Nesse preciso momento, algo bateu no seu lado do carro, com a força de um touro, projectando-o para cima de Ron, ao mesmo tempo que um golpe igualmente forte se sentiu no capô.

— O que está a acontec...

Ron arfou, olhando fixamente pelo pára-brisas e Harry olhou em volta, mesmo a tempo de ver uma ramada espessa como uma píton vir contra o vidro. A árvore em que tinham batido estava a atacá-los! O tronco dobrara-se quase a meio e os seus galhos rugosos açoitavam violentamente o carro.

— Ah! — exclamou Ron, quando outra pernada retorcida esmurrou a sua porta, amolgando-a. O pára-brisas tremia agora sob uma saraivada de golpes vindos de galhos que pareciam patas de animais e uma ramada espessa como um aríete esmagava furiosamente o capô, que parecia estar a ceder...

— Corre! — gritou Ron, lançando o seu peso contra a porta, mas, no momento seguinte, tinha sido atirado para trás, para o colo de Harry, por um soco maldoso, dado de baixo para cima, por outro ramo.

— Estamos feitos! — resmungou, enquanto o tecto descaía. Mas, de repente, o chão do carro começou a vibrar, o motor pegara.

— Marcha atrás — gritou Harry, e o carro deu um salto para trás. A árvore tentava ainda agredi-los, ouviam as raízes chiar, quase se partindo ao se esticarem para os alcançar, enquanto eles se afastavam a toda a velocidade.

— Escapámos por pouco! — exclamou Ron. — Muito bem, carro.

Mas o carro tinha atingido o limite das suas forças. Com dois estalidos, as portas abriram-se e Harry sentiu o seu assento inclinar-se para o lado. Quando deu por si, estava estatelado no chão húmido. Ruídos surdos avisaram-no de que o carro estava a ejectar as malas da bagageira. A gaiola de *Hedwig* voou pelos ares e abriu-se e ela saiu a voar com um pio furioso e dirigiu-se ao castelo, sem sequer olhar para trás. Em seguida, o carro, amolgado, riscado e a fumar, arrancou para a escuridão, com os faróis traseiros ardendo de fúria.

— Volta aqui! — gritou Ron, brandindo a varinha partida. — O meu pai mata-me.

Mas o carro desapareceu com um último estoiro do tubo de escape.

— Já viste bem o nosso azar?! — exclamou Ron, infelicíssimo, baixando-se para apanhar o rato *Scabbers*. — De todas as árvores em que podíamos ter batido, tínhamos de ir dar a uma que bate também.

Olhou por cima do ombro para a velha árvore, que ainda agitava os ramos ameaçadoramente.

— Vamos — disse Harry, fatigado. — É melhor irmos andando para a escola...

Não foi, de modo algum, a chegada triunfal que tinham imaginado. Doridos, cheios de frio e magoados, pegaram nos malões e começaram a arrastá-los pelo relvado acima, em direcção às grandes portadas de carvalho.

— Acho que o banquete já começou — comentou Ron, largando a mala nos degraus da entrada e atravessando devagarinho para espreitar por uma janela iluminada. — Harry, anda ver, é a Selecção.

Harry apressou-se e ambos espreitaram para o Salão Nobre.

Um número infindável de velas pairava no ar, sobre quatro mesas enormes cheias de gente, fazendo brilhar os pratos dourados e as taças. Em cima, o tecto encantado que espelhava o céu lá de fora, brilhava, cheio de estrelas.

Por entre a floresta de chapéus pretos pontiagudos, Harry viu uma longa fila de alunos do primeiro ano com olhares assustados que enchia o vestíbulo. Ginny estava entre eles, facilmente reconhecível devido ao seu flamejante cabelo. Entretanto, a professora McGonagall, uma feiticeira de óculos com cabelo castanho apanhado num carrapito, colocava o famoso

Chapéu Seleccionador num banco que se encontrava em frente dos novos alunos.

Todos os anos, aquele velho chapéu, remendado, puído e cheio de pó, seleccionava alunos para as quatro equipas de Hogwarts (Gryffindor, Hufflepuff, Ravenclaw e Slytherin). Harry lembrava-se bem de o ter colocado na cabeça, precisamente um ano antes, e de ter esperado, petrificado, pela sua decisão, enquanto ele lhe murmurava ao ouvido. Durante alguns horríveis segundos, receara que o chapéu o mandasse para os Slytherin, a equipa que produzia maior número de feiticeiros e feiticeiras de magia negra, mas acabara por ficar nos Gryffindor, juntamente com Ron e Hermione e os restantes Weasleys.

No último período, Harry e Ron tinham ajudado os Gryffindor a vencer o campeonato da equipa, batendo os Slytherin pela primeira vez em sete anos.

Um rapazito baixinho com cabelo cor de rato acabava de ser chamado para pôr o chapéu na cabeça. Os olhos de Harry saltavam dele para o lugar onde o professor Dumbledore, o director, estava sentado, observando a selecção da mesa dos professores, com a sua longa barba cor de prata e óculos de meia-lua que brilhavam à luz das velas. Alguns lugares à frente, Harry viu Gilderoy Lockhart com um manto verde-azulado. E, lá bem ao fundo, estava Hagrid, enorme e cabeludo, bebendo, satisfeito, da sua taça.

— Espera aí — murmurou para Ron. — Há um lugar vazio na mesa dos professores. Onde estará o Snape?

Severus Snape era o professor de quem Harry menos gostava. Harry era também o seu aluno menos querido. Cruel, sarcástico e detestado por todos com excepção dos alunos da sua própria equipa (Slytherin), Snape tinha a seu cargo a disciplina de Poções.

— Talvez esteja doente — sugeriu Ron, cheio de esperança.

— Talvez se tenha ido embora — lembrou Harry. — Por não lhe terem dado outra vez a Defesa Contra a Magia Negra.

— Ou talvez tenha sido corrido — adiantou Ron com entusiasmo. — Afinal, toda a gente o detesta...

— Ou talvez — disse uma voz gelada atrás deles — esteja à espera de que vocês lhe expliquem por que motivo não vieram no comboio da escola.

Harry deu uma volta. Na sua frente, com o manto negro a ondular na brisa fria, estava Severus Snape.

O professor era um homem magro, de pele descorada, nariz adunco e um cabelo preto oleoso que lhe caía sobre os ombros. E, naquele momento, sorria de um modo tal que Harry sentiu que tanto ele como Ron estavam em sérios apuros.



— Sigam-me — ordenou-lhes Snape.

Sem ousarem sequer olhar um para o outro, Harry e Ron seguiram Snape pelas escadas até ao amplo *Hall* de Entrada que estava iluminado pelas chamas dos archotes. Do Salão Nobre vinha um cheirinho delicioso a comida, mas Snape levou-os para longe da luz e do calor, em direcção a uma escada estreita de pedra que conduzia às masmorras.

— Entrem — ordenou, abrindo uma porta a meio do corredor e apontando.

Entraram a tremer no gabinete de Snape. As paredes sombrias estavam cobertas de prateleiras cheias de grandes frascos de vidro grosso onde fluuavam as coisas mais diversas e repugnantes, cujo nome Harry não queria, de momento, conhecer. A lareira estava escura e apagada. Snape fechou a porta e voltou-se para eles.

— Com que então — disse com falsa suavidade —, o comboio não serve para o famoso Harry Potter e o seu fiel companheiro Weasley. Queriam chegar em grande estilo, não era rapazes?

— Não, senhor, foi a barreira em King's Cross, ela...

— Silêncio — disse Snape friamente. — O que fizeram ao carro?

Ron engoliu em seco. Aquela não era a primeira vez que Snape dava a Harry a impressão de ser capaz de ler pensamentos. Mas, pouco depois, compreendeu tudo quando Snape desenrolou o exemplar d'*O Profeta Vespertino*.

— Vocês foram vistos — afirmou, mostrando-lhes o cabeçalho: *FORD ANGLIA VOADOR CONFUNDE MUGGLES*. Começou a ler alto a notícia:

— Dois Muggles em Londres convenceram-se de que tinham visto um carro velho a voar sobre a torre dos correios... à tardinha em Norfolk, Mrs. Hetty Bayliss, enquanto pendurava a roupa... Mr. Angus Fleet de Peebles informou a polícia... seis ou sete Muggles ao todo. Julgo que o teu pai trabalha no Departamento de Utilização Incorrecta de Artefactos dos Muggles? — indagou olhando para Ron e sorrindo de uma forma ainda mais sarcástica. — Que peninha, o próprio filho...

Harry sentiu-se como se tivesse levado um soco no estômago de uma das maiores pernadas da árvore louca. E se alguém descobrisse que Mr. Weasley tinha enfeitiçado o carro? Isso nem lhe passara pela cabeça.

— Reparei durante a minha busca pelo jardim que foi feito um estrago considerável num Salgueiro Zurzidor extremamente valioso — continuou Snape.

— Essa árvore fez-nos pior a nós do que nós... — deixou escapar Ron.

— Silêncio — interrompeu Snape, de novo. — Infelizmente, vocês não fazem parte da minha equipa e a decisão de vos expulsar não está nas

minhas mãos. Vou, por isso, buscar as pessoas que possuem essa feliz possibilidade. Esperem aqui.

Harry e Ron olharam, pálidos, um para o outro. Harry perdera a fome e sentia-se agora extremamente agoniado. Tentava não olhar para uma coisa viscosa, suspensa num líquido verde que estava numa prateleira por detrás da secretária de Snape. Se ele fora buscar a professora McGonagall, chefe da equipa dos Gryffindor, não estavam muito melhor. Ela era mais justa do que Snape, mas extremamente severa.

Dez minutos mais tarde, Snape voltou e era, de facto, a professora McGonagall quem o acompanhava. Harry vira a professora McGonagall zangada, mas, ou se tinha esquecido de como a boca dela ficava fina, ou nunca a vira tão zangada como naquele dia. Levantou a varinha no momento em que entrou.

Harry e Ron estremeceram, mas ela limitou-se a apontá-la para a lareira, onde as chamas se elevaram subitamente.

— Sentem-se — ordenou, e os dois recuaram para as cadeiras junto do lume.

— Expliquem-se — disse com os óculos a brilhar de uma forma ameaçadora.

Ron mergulhou na história, começando pela barreira da estação que se recusara a deixá-los passar.

— Por isso não tivemos escolha, professora, não pudemos apanhar o comboio.

— Por que não nos mandaram uma carta pela coruja? Julgo que tens uma coruja? — indagou friamente a professora McGonagall, dirigindo-se a Harry.

Harry olhou para ela sem saber o que dizer. Agora que a professora o sugerira, parecia-lhe que teria sido a decisão mais lógica.

— Eu... não pensei...

— Isso — retorquiu a professora McGonagall — é bastante óbvio.

Ouviu-se bater à porta do gabinete e Snape, que parecia agora mais feliz do que nunca, foi abrir. Era o director, o professor Dumbledore.

Harry ficou totalmente paralisado. Dumbledore tinha uma expressão grave. Olhou para eles de cima do seu nariz adunco e Harry desejou que ele e Ron estivessem ainda a levar uma sova do Salgueiro Zurzidor.

Fez-se um longo silêncio. Em seguida, Dumbledore disse-lhes:

— Por favor, expliquem-me por que fizeram isto.

Teria sido melhor se gritasse. Harry detestou sentir a decepção na sua voz. Inexplicavelmente, era incapaz de olhar Dumbledore nos olhos e falou em direcção aos seus joelhos. Contou-lhe tudo, excepto que o carro

enfeitiçado pertencia a Mr. Weasley, dando a ideia de que ele e Ron o tinham encontrado estacionado fora da estação. Sabia que Dumbledore perceberia imediatamente, mas o director não fez perguntas sobre o carro. Quando Harry terminou, continuou a olhar para ele através dos seus óculos.

— Nós vamos buscar as nossas coisas — disse Ron num tom de voz sem esperança.

— Que disparate é esse? — vociferou a professora McGonagall.

— Então, vão expulsar-nos, não vão? — interrogou Ron.

Harry olhou rapidamente para Dumbledore.

— Ainda não, Mr. Weasley — afirmou Dumbledore. — Mas vou assinalar a gravidade do que vocês fizeram. Hoje à noite escreverei às vossas famílias. Estão também prevenidos de que se voltarem a fazer uma coisa como esta, não terei outro remédio senão expulsar-vos.

A expressão de Snape era como se o Natal tivesse sido cancelado. Pigarreou e disse: — Professor Dumbledore, estes rapazes infringiram o Decreto de Restrição de Feitiçaria de Menores, causaram estragos consideráveis a uma árvore antiga e valiosa... sem dúvida, actos desta natureza...

— Cabe à professora McGonagall decidir sobre os castigos dos rapazes, Severus — afirmou Dumbledore com toda a calma. — Pertencem à equipa dela e são, portanto, da sua responsabilidade. — Voltou-se para a professora McGonagall. — Tenho de regressar ao banquete, Minerva, devo dar algumas informações. Venha Severus, há uma tarte de leite e ovos com um aspecto delicioso que quero provar.

Snape lançou um olhar de puro veneno a Harry e Ron enquanto se deixava levar do gabinete, deixando-os a sós com a professora McGonagall que ainda os olhava como uma águia em fúria.

— É melhor ires até à enfermaria, Weasley, estás a sangrar.

— Não é nada — disse Ron, limpando o corte do sobrolho com a manga.

— Professora, eu gostava de ver a minha irmã ser seleccionada.

— A cerimónia de selecção terminou — declarou a professora McGonagall. — A tua irmã está também nos Gryffindor.

— Ótimo! — exclamou Ron.

— E por falar nos Gryffindor... — começou, de forma cortante, a professora McGonagall, mas Harry interrompeu-a: — Professora, quando tirámos o carro, o ano escolar ainda não tinha começado, por isso os Gryffindor não deveriam perder pontos, pois não? — terminou, olhando-a ansiosamente.

A professora McGonagall lançou-lhe um olhar penetrante, mas ele era capaz de jurar que ela quase tinha sorrido. Pelo menos a boca não parecia

tão fina.

— Não vou tirar pontos aos Gryffindor — tranquilizou-o. E o coração de Harry ficou mais leve. — Mas vocês os dois vão ser castigados.

Foi melhor do que Harry imaginara. O facto de Dumbledore escrever aos Dursley não tinha a menor importância. Harry sabia perfeitamente que eles só lamentariam que o Salgueiro Zuzidoro não o tivesse esmigalhado.

A professora McGonagall ergueu de novo a varinha e apontou-a à secretária de Snape. Um grande prato de sanduíches, dois cálices de prata e um jarro com sumo de abóbora gelado apareceram em menos de um segundo.

— Vocês vão comer aqui e, em seguida, vão direitinhos para o vosso dormitório — sentenciou. — Eu também tenho de voltar para a festa.

Mal a porta se fechou atrás dela, Ron soltou baixinho um assobio.

— Pensei que estávamos tramados — confessou, agarrando uma sanduíche.

— Também eu — disse Harry, tirando também uma.

— Mas já viste bem a nossa pouca sorte? — insistiu Ron com a boca cheia de frango e fiambre. — O Fred e o George voaram naquele carro cinco ou seis vezes e nenhum Muggle os viu. — Engoliu outro pedaço enorme da sanduíche. — Por que foi que não conseguimos passar a barreira?

Harry encolheu os ombros. — Mas temos de ter muito cuidado a partir de agora — disse, bebendo um grande trago de sumo de abóbora. — Que pena não termos podido ir ao banquete.

— Ela não quis que nos exibíssemos — afirmou Ron com prudência. — Não vão as pessoas pensar que é uma boa ideia chegar aqui de carro voador.

Quando já tinham comido todas as sanduíches que queriam (o prato ia voltando a encher-se sozinho), levantaram-se e saíram do escritório, seguindo o caminho que lhes era familiar, para a Torre dos Gryffindor. O castelo estava em silêncio. Parecia que o banquete tinha acabado. Passaram por retratos que resmungavam e armaduras que gemiam e subiram os degraus estreitos de pedra até que, por fim, chegaram à passagem onde a entrada secreta para a Torre dos Gryffindor se encontrava oculta por detrás do quadro a óleo de uma dama gorda num vestido de seda cor-de-rosa.

— A senha? — perguntou ela mal os dois se aproximaram.

— Hã...

Eles ainda não tinham estado com o prefeito dos Gryffindor e, por isso, ainda não conheciam a senha para o novo ano, mas a ajuda não se fez esperar. Ouviram passos apressados atrás deles e, quando se voltaram,

viram Hermione, que se aproximava.

— Aí estão vocês. Onde é que se meteram? Correm os boatos mais ridículos, alguém disse que vocês tinham sido expulsos por espatifarem um carro voador.

— Bem, expulsos não fomos — tranquilizou-a Harry.

— Não estás a dizer-me que voaram mesmo até aqui? — perguntou Hermione num tom quase tão severo como a professora McGonagall.

— Poupa-me o sermão — interrompeu Ron impacientemente. — E diz-nos a nova senha de passagem.

— É crista de pássaro — disse Hermione, não contendo a impaciência.

— Mas o mais importante não é isso...

Contudo, as palavras dela foram interrompidas ao mesmo tempo que o retrato da dama gorda se abria e se ouvia uma tempestade de aplausos. Ao que parecia, a equipa dos Gryffindor estava ainda acordada, dentro da sala comum em forma de círculo, junto das mesas tortas e dos cadeirões desengonçados, à espera de que eles chegassem para, de braços estendidos através do buraco do retrato, puxarem Harry e Ron para dentro, deixando Hermione para o fim.

— Sensacional — gritou Lee Jordan. — Inspirador! Que entrada! Voar num carro e aterrar no Salgueiro Zurzidor. Toda a gente vai falar disto durante anos e anos.

— Muito bem — elogiou um aluno do quinto ano com quem Harry nunca tinha falado. Alguém dava-lhe palmadas nas costas como se ele acabasse de vencer a maratona. Fred e George abriram caminho por entre a multidão e disseram ao mesmo tempo: — Por que é que não nos chamaram, hein? — Ron estava vermelho como um pimentão, sorrindo envergonhado, mas Harry via perfeitamente uma pessoa que não estava nada contente. Percy elevava-se acima das cabeças dos excitados alunos do primeiro ano e parecia estar a tentar aproximar-se para os repreender. Harry deu uma cotovelada a Ron e apontou em direcção a Percy. Ron percebeu de imediato.

— Temos de ir para cima, estamos um pouco cansados — explicou, e os dois começaram a abrir caminho em direcção à porta que ficava do outro lado da sala e que dava para a escada em espiral e levava aos dormitórios.

— B'a noite — despediu-se Harry de Hermione, que tinha um ar tão carrancudo como Percy.

Conseguiram chegar ao outro lado da sala comum sempre a levarem palmadas nas costas e alcançaram o sossego das escadas. Apressaram-se a subir e, por fim, chegaram à porta do dormitório, que tinha agora um letreiro a dizer «Segundo Ano». Entraram no quarto circular, que

conheciam tão bem, com as suas cinco camas de dossel adornadas de veludo vermelho e as suas janelas altas e estreitas. As malas tinham sido trazidas para cima e colocadas aos pés das camas.

Ron fez um sorriso culpado.

— Sei que não devia ter gostado daquilo, mas...

A porta do dormitório abriu-se e os outros alunos do segundo ano dos Gryffindor entraram; eram eles Seamus Finnigan, Dean Thomas e Neville Longbottom.

— *Inacreditável* — aplaudiu Seamus.

— Fixe — aprovou Dean.

— Espantoso — exclamou Neville, aterrado.

Harry não pôde também evitar um sorriso.

## VI

### GILDEROY LOCKHART

No dia seguinte, contudo, Harry não conseguiu sorrir. As coisas começaram a correr mal logo no Salão durante o pequeno-almoço. Debaixo do tecto encantado (naquele dia triste e cinzento) estavam as quatro grandes mesas das equipas e, sobre elas, terrinas de papa de aveia, pratos de arenque defumado, montanhas de torradas e pratadas de ovos com *bacon*.

Harry e Ron sentaram-se à mesa dos Gryffindor, junto de Hermione, que tinha o seu exemplar de *Viagens com Vampiros* aberto, encostado a um jarro de leite.

Havia uma certa rigidez na maneira como lhes deu os bons-dias, mostrando a Harry que continuava a desaprovar o modo como tinham chegado à escola. Por seu turno, Neville Longbottom saudou-os entusiasticamente.

Neville era um rapazinho de cara redonda, muito dado a acidentes, com a pior memória que Harry tinha conhecido.

— A entrega de correio deve estar a chegar, acho que a minha avó me vai mandar umas quantas coisas de que me esqueci...

Harry tinha começado a comer as papas de aveia, quando se ouviu um ruído tumultuoso no ar e umas cem corujas entraram ao mesmo tempo, sobrevoando o salão e deixando cair cartas e pacotes no meio da multidão faladora. Um embrulho grande e rugoso caiu na cabeça de Neville e, um segundo depois, uma coisa grande e cinzenta caiu no jarro de Hermione, enchendo-os a todos de leite e penas.

— *Errol* — gritou Ron, puxando a coruja ensopada pelas patas. *Errol* caíra inconsciente sobre a mesa com as pernas para o ar e um sobrescrito vermelho e húmido no bico.

— Oh, não! — sobressaltou-se Ron.

— Ela está bem, ainda está viva — tranquilizou-o Hermione, tocando

suavemente na coruja com a ponta do dedo.

— Não é isso, é... *aquilo*.

Ron apontava para o sobrescrito vermelho. Parecera perfeitamente vulgar a Harry, mas Ron e Neville estavam ambos a observá-lo como se esperassem que explodisse.

— Qual é o problema? — perguntou Harry.

— Ela... ela mandou-me um Gritador — disse Ron, quase sem voz.

— É melhor abrires — aconselhou Neville num murmúrio tímido —, senão é pior. A minha avó uma vez mandou-me um que eu ignorei e... — engoliu em seco —... foi horrível.

Harry olhava, ora para as suas caras, ora para o sobrescrito vermelho.

— O que é um Gritador? — perguntou. — Mas toda a atenção de Ron estava fixa na carta que começara a fumar pelos cantos.

— Abre-a — intimou-o Neville. — Daqui a poucos minutos já passou tudo.

Ron estendeu uma mão trémula, retirou o sobrescrito do bico da *Errol* e começou a abri-lo. Neville pôs os dedos nos ouvidos. Após uma fracção de segundo, Harry compreendeu porquê. Pensou por momentos que, de facto, explodira. Um ruído ensurdecedor encheu o enorme salão, fazendo cair pó do tecto.

— ... ROUBAR O CARRO! NÃO ME SURPREENDIA NADA SE TE EXPULSASSEM. ESPERA SÓ ATÉ TE PÔR AS MÃOS EM CIMA. SERÁ QUE NÃO PARASTE PARA PENSAR NA NOSSA AFLIÇÃO QUANDO VIMOS QUE O CARRO TINHA DESAPARECIDO...

Os gritos de Mrs. Weasley, ampliados cem vezes em relação ao seu normal, fizeram os pratos e as colheres chocalhar na mesa e ecoaram de forma ensurdecadora nas paredes de pedra. Vinha gente de todos os lados espreitar quem tinha recebido o Gritador e Ron afundou-se tanto na cadeira que só se lhe via a testa carmesim.

— ... UMA CARTA DO DUMBLEDORE ONTEM À NOITE, O TEU PAI QUASE MORRIA DE VERGONHA. NÃO FOI ESTA A EDUCAÇÃO QUE TE DEMOS, TU E O HARRY PODIAM TER MORRIDO...

Harry estava a ver quando é que o seu nome viria à baila. Tentou o melhor que pôde agir como se não ouvisse a voz, mas aquilo estava a fazer com que os tímpanos lhe rebentassem.

— ... PROFUNDAMENTE DECEPCIONADA, O TEU PAI VAI TER DE SE CONFRONTAR COM UM INQUÉRITO NO TRABALHO, TUDO POR TUA CULPA E, SE PISAS MAIS UMA VEZ O RISCO, TRAGO-TE PARA CASA!

Seguiu-se um silêncio ressonante. O sobrescrito vermelho, que caíra das mãos de Ron, incendiou-se e desfez-se em cinzas. Harry e Ron estavam sentados de boca aberta, como se uma onda gigante lhes tivesse passado



por cima. Algumas pessoas riam e, aos poucos, o ruído das conversas recomeçou.

Hermione fechou o *Viagens com Vampiros* e olhou para o topo da cabeça de Ron.

— Bem, não sei o que esperavas, Ron, mas tu...

— Não me venhas dizer que mereci — interrompeu Ron.

Harry afastou as papas de aveia. O estômago ardia-lhe de culpa. Mr. Weasley tinha um inquérito no trabalho, depois de tudo o que Mr. e Mrs. Weasley tinham feito por ele durante o Verão...

Mas não teve muito tempo para se demorar naqueles pensamentos. A professora McGonagall circulava em volta da mesa dos Gryffindor, distribuindo horários. Harry pegou no seu e viu que começavam por ter Herbologia, juntamente com os Hufflepuff.

Harry, Ron e Hermione saíram juntos do castelo, atravessaram as hortas e dirigiram-se às estufas, onde estavam guardadas as plantas mágicas. O Gritador tivera pelo menos uma vantagem: Hermione parecia achar que já tinham sido suficientemente castigados e mostrava-se de novo calorosa.

Quando estavam a chegar às estufas, viram o resto da turma de pé, cá fora, à espera da professora Sprout. Harry, Ron e Hermione tinham acabado de se lhes juntar, quando a viram aproximar-se a passos largos pelo relvado, acompanhada de Gilderoy Lockhart. A professora Sprout carregava uma braçada de ligaduras e, com uma nova pontada de culpa, Harry avistou, ao longe, o Salgueiro Zurzidor. Alguns dos seus ramos tinham sido endireitados com talas.

A professora Sprout era uma feiticeira pequenina e atarracada que usava um chapéu aos remendos sobre o cabelo solto. As roupas que vestia estavam sempre cheias de terra e as suas unhas faziam a tia Petúnia desmaiar.

Gilderoy Lockhart, pelo contrário, tinha um ar imaculado, com as suas vestes azul-turquesa, o cabelo doirado a brilhar debaixo de um chapéu também azul-turquesa, com uma fita dourada, perfeitamente posicionado sobre a cabeça.

— Olá a todos! — saudou Lockhart, dirigindo-se ao grupo de estudantes. — Estive a mostrar à professora Sprout a maneira correcta de tratar um salgueiro. Mas não quero que fiquem com a ideia de que sou melhor do que ela em Herbologia. Acontece que encontrei várias destas plantas exóticas, durante as minhas viagens...

— Estufa número três hoje, meninos! — indicou a professora Sprout, que estava visivelmente descontente, bem diferente da sua habitual natureza bem-disposta.

Houve um murmúrio de interesse. Até então, só tinham trabalhado na estufa número um. A estufa três albergava plantas bem mais interessantes e perigosas. A professora Sprout tirou uma enorme chave do cinto e abriu a porta. Harry sentiu o bafo da terra húmida e adubo, misturado com o perfume forte de umas flores gigantescas, do tamanho de guarda-chuvas, que estavam suspensas no tecto. Ia seguir Ron e Hermione, quando a mão de Lockhart o travou.

— Harry! Tenho andado para ter uma palavrinha contigo. Não se importa se ele chegar uns minutos atrasado, pois não, professora Sprout?

A julgar pela expressão carregada da professora Sprout, importava-se sim, mas Lockhart decidiu: — Então até já — e fechou a porta da estufa na cara dela.

— Harry! — disse Lockhart, com os dentes brancos a brilharem ao sol, enquanto abanava a cabeça. — Harry, Harry, Harry!

Harry, totalmente perplexo, não disse uma palavra.

— Quando ouvi dizer, bem, é claro que eu tive muita culpa, deviam castigar-me também...

Harry não fazia ideia do que estava ele a falar e ia dizê-lo quando Lockhart prosseguiu: — Não me lembro, jamais, de ter ficado tão chocado. Fazer voar um automóvel até Hogwarts! Bem, é claro que eu percebi logo por que o fizeste. Foi um destaque em grande. Harry, Harry, Harry!

Era notável como ele conseguia mostrar todos aqueles dentes brilhantes, mesmo quando não estava a falar.

— Criei-te o gosto pela publicidade, não foi? — perguntou Lockhart. — Passei-te o *bichinho*. Apareceste comigo na primeira página e estavas ansioso por aparecer outra vez...

— Oh, não, professor, sabe, é que...

— Harry, Harry, Harry — prosseguiu Lockhart, aproximando-se e tocando-lhe no ombro. — *Eu compreendo*. É natural querer um pouco mais quando se lhe tomou o gosto, e eu culpo-me por te ter dado esse conhecimento, porque era natural que te subisses à cabeça, mas vê uma coisa, rapazinho, tu não podes começar a fazer voar carros para tentares ser notícia. Tens de acalmar, está bem? Tens muito tempo quando fores mais velho. Sim, sim, eu sei o que estás a pensar! É fácil para ele falar assim, já é um feiticeiro internacionalmente famoso! Mas quando eu tinha doze anos, era tão zé-ninguém como tu és hoje. Na verdade, era ainda mais. De ti, já meia dúzia de pessoas ouviram falar, não é? Toda aquela história com Aquele Cujo Nome Não Deve Ser Pronunciado. — Olhou para a cicatriz em forma de raio na testa de Harry. — Eu sei, eu sei, não é o mesmo que vencer o Prémio do Sorriso Mais Charmoso do *Semanário das Feiticeiras*

cinco vezes seguidas, como eu venci, mas é um começo, Harry, é um começo.

Lançou-lhe uma piscadela de olhos cordial e foi-se embora. Harry ficou atarantado durante alguns segundos. Depois, lembrando-se de que deveria estar na estufa, abriu a porta e esgueirou-se lá para dentro.

A professora Sprout estava de pé, por detrás de uma espécie de mesa no meio da estufa. Em cima da mesa estavam cerca de vinte pares de protectores de ouvidos de diferentes cores. Quando Harry estava já no seu lugar, entre Ron e Hermione, ela declarou: — Hoje vamos transplantar Mandrágoras. Muito bem, quem sabe dizer-me as propriedades da Mandrágora?

Não foi surpresa para ninguém que a mão da Hermione fosse a primeira no ar.

— A Mandrágora tem um efeito reparador muito poderoso — afirmou Hermione, com o ar mais normal deste mundo, como se tivesse engolido o livro de textos. — É usada para fazer voltar as pessoas, que foram transfiguradas ou amaldiçoadas, ao seu estado original.

— Excelente! Dez pontos para os Gryffindor! — exclamou a professora Sprout. — A Mandrágora é parte integrante da maior parte dos antídotos, mas também é perigosa. Quem sabe dizer-me porquê?

A mão de Hermione por pouco não bateu nos óculos de Harry, quando se ergueu de novo.

— O grito da Mandrágora é fatal para quem o ouve — respondeu prontamente.

— Precisamente. Dou-lhe mais dez pontos — disse a professora Sprout. — Agora vejamos, as Mandrágoras que aqui temos são ainda muito jovens.

Enquanto falava, apontou para uma fila de tabuleiros com uma certa profundidade e todos se chegaram à frente para ver melhor. Cerca de uma centena de plantinhas tufosas de um verde-arroxeadado cresciam em filas. Pareceram perfeitamente vulgares a Harry, que não fazia a menor ideia do que Hermione queria dizer com o *grito* da Mandrágora.

— Cada um de vocês pega num par de protectores de ouvidos — disse a professora Sprout.

Houve uma competição renhida porque ninguém queria os cor-de-rosa, cheios de penugem.

— Quando eu vos disser para os colocar, assegurem-se de que os vossos ouvidos ficam completamente tapados — disse a professora Sprout. — Logo que seja seguro retirá-los, eu faço-vos sinal. Certo, pôr os protectores de ouvidos.

Harry obedeceu imediatamente e verificou que isolavam completamente

o som. A professora Sprout colocou também um par de protectores cor-de-rosa com penugem, arregaçou as mangas do manto, agarrou uma das plantas tufosas e puxou com toda a força.

Harry soltou um grito de surpresa que ninguém ouviu.

Em vez de raízes, um bebé pequenino, enlameado e extremamente feio, saiu da terra. As folhas cresciam-lhe no alto da cabeça, tinha uma pele pintalgada de um esverdeado pálido e berrava nitidamente a plenos pulmões.

A professora Sprout tirou de debaixo da mesa um grande vaso e mergulhou lá dentro a Mandrágora, enterrando-a na terra escura e húmida, até que só as folhas ficassem visíveis. Em seguida, limpou a terra das mãos, levantou o polegar e todos eles retiraram os protectores dos ouvidos.

— Como as nossas Mandrágoras são muito novas, os seus gritos ainda não matam — explicou ela com grande calma, como se tivesse feito algo tão normal como regar uma begónia. — Contudo, podem deixar-vos inconscientes durante várias horas e, como com certeza nenhum de vocês quer perder o primeiro dia de aulas, vejam se os protectores estão bem colocados enquanto trabalham. Eu chamar-vos-ei a atenção quando for altura de arrumar as coisas.

«Quatro em cada tabuleiro, há aqui uma grande quantidade de vasos, a mistura de terra está nos sacos ali ao fundo e tenham cuidado com a *Venomous Tentacula*, estão a nascer-lhe os dentes.»

Enquanto falava, deu uma pancada seca a uma planta vermelho-escura cheia de pontas eriçadas, fazendo-a encolher as longas antenas que tinham estado a avançar lenta e dissimuladamente sobre o seu ombro.

Veio juntar-se-lhes um rapaz de cabelo encaracolado, dos Hufflepuff, que Harry conhecia de vista, mas com quem nunca tinha falado.

— Justin Finch-Fletchey — apresentou-se com vivacidade, apertando a mão de Harry. — Conheço-te, claro, o famoso Harry Potter... e tu és a Hermione Granger, sempre a primeira em tudo. — Hermione sorriu quando ele lhe apertou a mão. — E tu és o Ron Weasley. Não era teu o carro voador?

Ron não sorriu. Não lhe saía da cabeça o Gritador.

— Aquele Lockhart é o máximo, não acham? — disse Justin, satisfeito, enquanto começavam a encher os vasos com composto de adubo de dragão. — Terrivelmente corajoso. Leram os livros dele? Eu teria morrido de medo se um lobisomem me tivesse encurralado numa cabina telefónica, mas ele manteve-se calmo e... zap... fantástico! Eu estava inscrito em Eton, sabem, não imaginam como estou feliz por ter vindo antes para aqui. É claro que a mãe ficou um pouco desiludida, mas depois de lhe ter dado os livros do

Lockhart a ler, tenho a impressão de que ela começou a ver a utilidade de ter um feiticeiro bem treinado na família...

Depois disso, não tiveram grandes oportunidades para conversar. Voltaram a pôr os protectores de ouvidos e era preciso concentrarem-se nas Mandrágoras. A professora Sprout fizera as coisas parecerem extremamente simples, mas não eram. As Mandrágoras não gostavam de sair da terra, mas também não pareciam querer voltar para lá. Contorciam-se, davam pontapés, agitavam as mãozinhas aguçadas e rangiam os dentes. Harry levou dez minutos inteirinhos a tentar meter uma Mandrágora particularmente gorda dentro de um vaso.

No final da aula, como todos os outros, estava a suar, cheio de dores e coberto de terra. Regressaram ao castelo para um banho rápido e, em seguida, os Gryffindor apressaram-se para assistir à aula de Transfiguração.

As aulas da professora McGonagall eram sempre trabalhosas, mas a daquele dia foi particularmente difícil. Tudo o que Harry aprendera no ano anterior parecia ter-se-lhe apagado da memória durante o Verão. Deveria ser capaz de transformar um escaravelho num botão, mas tudo o que conseguiu foi fazer com que o escaravelho fizesse imenso exercício, enquanto corria apressadamente pelo tampo da secretária, fugindo à varinha.

Ron estava a debater-se com problemas bastante piores. Tinha colado a varinha com fita Magicola, mas parecia que não havia reparação possível. Não parava de crepitar e lançar faíscas nos momentos mais estranhos e, sempre que Ron tentava transfigurar o escaravelho, via-se envolvido num fumo cinzento espesso que cheirava a ovos podres. Incapaz de ver o que estava a fazer, Ron esmagou, por engano, o escaravelho com o cotovelo e teve de ir pedir que lhe dessem outro, o que deixou a professora McGonagall muito pouco satisfeita.

Harry ficou aliviado quando ouviu tocar a campainha para o almoço. Sentia a cabeça como uma esponja espremida. Todos os alunos saíram em fila da aula, excepto ele e Ron, que dava furiosas varadas na secretária.

— Que porcaria... não serve para nada.

— Escreve aos teus pais a pedir outra — sugeriu Harry, enquanto a varinha soltava uma série de estrondos, fazendo lembrar um foguete.

— Ah pois, e recebo outro Gritador na volta do correio — respondeu Ron, metendo a varinha, que já assobiava, dentro do saco. — *A culpa é toda tua se a varinha está estragada...*

Desceram para o almoço e aí a disposição de Ron não iria melhorar com Hermione a mostrar-lhe uma mão-cheia de botões de casaco, perfeitinhas, que produzira na aula de Transfiguração.

— O que temos esta tarde? — quis saber Harry, mudando rapidamente de assunto.

— Defesa Contra a Magia Negra — disse Hermione, sem perder tempo.

— Por que é que tu... — perguntou Ron, pegando no horário dela — ... desenhasste corações em volta das aulas do Lockhart?

Hermione arrancou-lhe o horário das mãos, corando, furiosa.

Acabaram de almoçar e foram para o pátio nublado. Hermione sentou-se num degrau de pedra e enfiou de novo o nariz nas *Viagens com Vampiros*. Harry e Ron ficaram a falar de Quidditch durante alguns minutos, antes de Harry se aperceber de que estava a ser observado de perto. Olhando para cima, avistou o rapazinho pequenino com cabelo cor de rato que ele vira experimentar o Chapéu Seleccionador na noite anterior, olhando para ele com uma expressão extasiada. Segurava o que parecia ser uma vulgar máquina fotográfica dos Muggles e, no momento em que Harry olhou para ele, ficou todo vermelho.

— Tudo bem, Harry? Eu sou o Colin Creevey — declarou, faltando-lhe o ar e prosseguindo com hesitação. — Também estou nos Gryffindor. Não te importas que eu te tire uma fotografia? — perguntou, levantando a máquina, cheio de expectativa.

— Uma fotografia? — repetiu Harry, inexpressivo.

— Para provar que te conheci — explicou Colin Creevey, cheio de ansiedade, aproximando-se: — Eu sei tudo a teu respeito. Toda a gente me tem contado como sobreviveste quando o Quem-Nós-Sabemos tentou matar-te, como ele desapareceu depois disso e como ficaste com a cicatriz em forma de raio na testa — os seus olhos procuraram a linha de cabelo de Harry e continuou: —, e um rapaz do meu dormitório disse que se eu revelasse o filme na poção certa, a fotografia mexia. — Colin respirou fundo, estremeando de excitação e prosseguiu: — Isto é fantástico, aqui, não achas? Eu não sabia que todas as coisas estranhas que fazia eram magia até ao dia em que recebi a carta de Hogwarts. O meu pai é leiteiro. Também ele não queria acreditar. Por isso estou a tirar montes de fotografias para lhe mandar e era mesmo bom se tivesse uma tua — parecia implorar. — Talvez o teu amigo pudesse tirá-la e assim eu ficava ao teu lado. E depois, podias assiná-la?

— Fotografias autografadas? Estás a dar fotografias autografadas, Potter?

Alta e mordaz, a voz de Draco Malfoy ecoou no pátio. Estava parado mesmo atrás de Colin, ladeado, como sempre andava em Hogwarts, pelos seus compinchas Crabbe e Goyle.

— Ei, malta, façam fila — gritou Malfoy à multidão. — o Harry Potter está a dar fotografias autografadas!

— Não estou coisa nenhuma — disse Harry, zangado, com os punhos no ar. — Cala a boca, Malfoy.

— Tu tens é inveja — começou a dizer Colin, cujo corpo tinha a espessura do pescoço de Crabbe.

— *Inveja?! — repetiu Malfoy que não precisava de gritar mais, pois metade do pátio estava a ouvi-lo. — De quê? Não preciso de uma cicatriz na cabeça, muito obrigado. Não acho que ter um corte na testa torne alguém especial.*

Crabbe e Goyle riram-se estupidamente.

— Vai pastar caracóis, Malfoy — disse Ron furioso. Crabbe parou de rir e começou a esfregar os enormes nós dos dedos de uma forma ameaçadora.

— Tem cuidado, Weasley — escarneceu Malfoy. — Com certeza não queres começar uma rixa ou a tua mãezinha tem de vir cá para te tirar da escola — e com uma voz aguda e penetrante: — *Se voltas a pisar o risco...*

Um grupo de alunos do quinto ano dos Slytherin, que estava ali perto, riu-se bastante alto.

— O Weasley gostaria de ter uma fotografia tua autografada, Potter — escarneceu de novo Malfoy. — Era capaz de valer mais do que a casa onde ele mora com a família.

Ron sacou da sua varinha amarrada com fita, mas Hermione fechou as *Viagens com Vampiros* com um estrondo e avisou: — Atenção!

— O que é que se passa, o que é que se passa? — Gilderoy Lockhart aproximava-se com o seu manto azul-turquesa girando em torvelinho atrás dele. — Quem está a dar fotografias autografadas?

Harry ia começar a explicar, mas foi interrompido quando Lockhart lhe pôs jovialmente o braço em cima dos ombros.

— Mas que pergunta a minha! Cá estamos nós de novo, Harry!

Preso ao lado de Lockhart e a arder de humilhação, Harry viu Malfoy deslizar com o seu sorriso desdenhoso pelo meio da multidão. — Vamos lá então, Mr. Creevey — disse Lockhart, dirigindo-se a Colin. — Uma fotografia dupla, já viu a sua sorte? E assinamo-la os dois para si.

Colin ajustou a máquina e tirou a fotografia no preciso momento em que a campainha tocava para as aulas da tarde.

— Está na hora, todos para dentro — gritou Lockhart à multidão e regressou ao castelo, levando ao seu lado Harry, que só lamentava não conhecer um feitiço que o fizesse desaparecer.

— Só uma palavrinha, Harry — disse Lockhart paternalmente, enquanto entravam no edifício por uma porta lateral. — Eu ajudei-te há bocado com o jovem Creevey, porque, se ele estivesse a fotografar-me também a mim, os teus colegas não reparariam tanto que estavas a exhibir-te...

Indiferente à gaguez de Harry, Lockhart arrastou-o para um corredor ladeado de alunos que os olhavam espantados e subiram uma escada.

— Deixa-me só dizer-te uma coisa: dar fotografias autografadas nesta fase da tua carreira, francamente, não é sensato, Harry, parece um pouco megalómano. Pode ser que um dia mais tarde, tal como eu, sejas obrigado a assinar para multidões onde quer que vás, mas — deu uma gargalhadinha — não me parece que seja o caso, por enquanto.

Tinham chegado à aula de Lockhart e ele largou finalmente Harry, que sacudiu o manto e foi sentar-se num lugar bem lá atrás, onde começou por empilhar os livros de Lockhart à sua frente para evitar olhar para a criatura.

O resto da turma entrou ruidosamente e Ron e Hermione foram sentar-se um de cada lado de Harry.

— Tu estavas vermelho como um pimentão — comentou Ron. — Reza para que o Creevey não se torne amigo da Ginny, senão bem podem criar o clube de fãs de Harry Potter.

— Cala a boca — interrompeu Harry. A última coisa que desejava era que Lockhart ouvisse a expressão «clube de fãs de Harry Potter».

Quando todos estavam nos seus lugares, Lockhart pigarreou alto e fez-se silêncio. Inclinou-se para a frente, pegou no exemplar de *Viagens com Trolls* de Neville Longbottom e levantou-o para mostrar a sua fotografia a piscar os olhos na capa.

— Eu — disse apontando para a fotografia e piscando também os olhos — Gilderoy Lockhart, Ordem de Merlim, terceira classe, Membro Honorário da Liga de Defesa Contra a Magia Negra e cinco vezes vencedor do Prémio do Sorriso Mais Charmoso do *Semanário das Feiticeiras*. Mas não vamos falar disso, não foi a sorrir que venci a Fada Carpideira de Bandon!

Esperou que eles se rissem. Alguns alunos sorriram timidamente.

— Já vi que todos vocês compraram a minha obra completa. Muito bem. Pensei começar hoje com um pequeno interrogatório escrito. Nada de complicado, só para perceber se leram bem os meus livros e o que apreenderam...

Depois de distribuir as folhas de teste, voltou-se para os alunos e disse:

— Têm trinta minutos. Comecem já.

Harry olhou para o papel e leu:

1. Qual é a cor preferida de Gilderoy Lockhart?
2. Qual é a ambição secreta de Gilderoy Lockhart?
3. Qual é, na sua opinião, a maior realização de Gilderoy Lockhart até ao momento?



E por aí adiante, ao longo de três páginas, terminando com:

*54. Qual é o dia de aniversário de Gilderoy Lockhart e qual seria o seu presente preferido?*

Meia hora mais tarde, Lockhart recolheu os testes e folheou-os rapidamente em frente dos alunos.

— Ora, ora, quase ninguém se lembrou de que a minha cor preferida é o lilás. Eu digo-o em *Um Ano com o Abominável Homem das Neves*. Alguns precisam de voltar a ler com mais cuidado *Vagueando com Lobisomens*. Eu afirmo claramente no décimo segundo capítulo que o meu presente de aniversário preferido seria a harmonia entre todos os seres, mágicos e não mágicos, embora não me importasse de receber uma garrafa grande de *whisky* velho da Ogden's.

Piscou-lhes o olho de novo. Ron olhava para Lockhart com uma expressão de incredulidade no rosto. Seamus Finnigan e Dean Thomas, que estavam sentados à frente, tremiam de tanto conter o riso. Hermione, contudo, ouvia Lockhart com extrema atenção e deu um salto quando ouviu o seu nome.

— Mas Miss Hermione Granger sabia que a minha ambição secreta era libertar o mundo do mal e pôr à venda a minha gama de poções de tratamento do cabelo. Muito bem. — Voltou o teste. — Nota máxima! Onde está Miss Hermione Granger?

Hermione ergueu uma mão trémula.

— Excelente! — bradou Lockhart, exultante. — Leva dez pontos para os Gryffindor. E vamos ao trabalho.

Baixou-se atrás da secretária e pegou numa grande gaiola coberta.

— Ficam desde já a saber, a minha função é preparar-vos contra as criaturas mais malignas que a feitiçaria conhece. Vocês podem ter de enfrentar os vossos maiores receios nesta sala. Saibam que nenhum mal vos sucederá comigo aqui. Só vos peço que se mantenham calmos.

Apesar da sua relutância, Harry espreitou por detrás da pilha de livros para ver melhor a gaiola. Lockhart colocou uma mão na tampa. Dean e Seamus tinham deixado de se rir. Neville estava agachado no seu lugar da fila da frente.

— Vou pedir-vos que não gritem — disse Lockhart em voz baixa. — Podem assustá-los.

Enquanto a aula inteira continha a respiração, Lockhart tirou a cobertura.

— Sim! — proclamou num tom teatral. — *Pixies da Cornualha recém-capturados*.

Seamus Finnigan não conseguiu controlar-se. Soltou uma gargalhada que nem Lockhart poderia confundir com um grito de terror.

— Sim? — sorriu a Seamus.

— Bem, eles não são... não são... *perigosos*, pois não? — perguntou a rir.

— Não tenhas tanta certeza disso — afirmou Lockhart, aborrecido, abanando um dedo, em direcção a Seamus. — Podem ser maçadores e muito traiçoeiros.

Os pixies eram de um azul-eléctrico e tinham cerca de vinte centímetros de altura, com feições angulosas e umas vozes tão estridentes que era como ouvir uma discussão entre araras. Logo que o pano foi retirado, começaram a fazer uma enorme algazarra, a andar de um lado para o outro, batendo nas grades e fazendo caretas aos alunos que estavam mais perto.

— Muito bem — disse Lockhart em voz alta. — Vamos então ver o que vocês conseguem fazer deles — e abriu a gaiola.

Foi um pandemónio. Os pixies dispararam em todas as direcções como foguetes. Dois deles agarraram Neville pelas orelhas e levantaram-no ao ar. Vários outros foram direitos à janela, fazendo chover vidros partidos até à fila de trás. Os restantes decidiram destruir a sala com maior eficácia do que um rinoceronte em fúria. Agarraram nos tinteiros e salpicaram tudo em volta, rasgaram aos bocados livros e papéis, arrancaram os quadros das paredes, viraram o caixote do lixo de pernas para o ar, agarraram livros e sacos e lançaram-nos pela janela de vidros estilhaçados. Em poucos minutos, metade da turma estava abrigada debaixo das secretárias e Neville pendurado no candelabro do tecto.

— Vamos lá, agarrem-nos, agarrem-nos, são apenas pixies... — gritava Lockhart.

Arregaçou as mangas, bramiu a varinha e pronunciou *Peskipiksi Pesternomi!*

As palavras não tiveram o menor efeito. Um dos pixies pegou na varinha de Lockhart e atirou-a também pela janela fora. Lockhart engoliu em seco e mergulhou debaixo da secretária, não sendo, por um triz, esmagado por Neville, que caiu um segundo depois, quando o candelabro cedeu.

A campainha tocou e todos se precipitaram para a saída. Na calma relativa que se seguiu, Lockhart endireitou-se, olhou para Harry, Ron e Hermione que estavam quase a chegar à porta, e disse: — Bem, vou pedir-vos aos três que prendam o resto dos pixies na gaiola. — Passou por eles e fechou rapidamente a porta atrás de si.

— Quem é que acredita nisto? — resmungou Ron, enquanto um dos pixies lhe mordida com toda a força uma das orelhas.

— Ele só quer dar-nos uma ajuda, permitindo-nos ganhar experiência — justificou Hermione, imobilizando dois pixies de uma vez com um Encantamento de Paralisação e metendo-os de novo na gaiola.

— Experiência? — disse Harry, tentando agarrar um pixie que dançava com a língua de fora. — Hermione, ele não sabia nada do que estava a fazer.

— Que disparate! — retorquiu Hermione. — Leste os livros dele. Vê só as coisas que ele já fez!

— Que diz que fez — contrariou-a Ron.

## VII

# SANGUES DE LAMA E MURMÚRIOS

Nos dias que se seguiram, Harry passou imenso tempo a esgueirar-se sempre que via Gilderoy Lockhart aproximar-se no corredor. Mais difícil de evitar era Colin Creevey, que, aparentemente, decorara o horário de Harry. Parecia que nada o emocionava mais do que dizer: — Tudo bem, Harry? — seis ou sete vezes por dia e ouvir: — Olá, Colin — por mais exasperado que Harry estivesse quando lhe respondia.

*Hedwig* ainda estava zangada com Harry por causa da desastrosa viagem de automóvel e a varinha de Ron continuava a não funcionar, tendo ultrapassado tudo na sexta-feira de manhã quando lhe saltou das mãos na aula de Encantamentos e foi agredir o velho e baixinho professor Flitwick mesmo entre os olhos, deixando uma enorme bolha verde e latejante no sítio onde tinha batido. Por tudo isso, Harry via chegar, com satisfação, o fim-de-semana. Planeava ir no sábado de manhã, com Ron e Hermione, visitar Hagrid, mas foi acordado várias horas mais cedo do que desejaria por Oliver Wood, treinador da equipa de Quidditch dos Gryffindor.

— O que é que se passa? — perguntou Harry, enrolando as palavras.

— Treino de Quidditch — disse Wood. — Vamos embora.

Harry lançou um olhar de esguelha à janela. Uma neblina fina pairava no céu rosa e dourado. Agora que estava acordado, não percebia como pudera dormir com a agazarra que os pássaros faziam.

— Oliver — resmungou Harry. — É de madrugada.

— Exacto — respondeu Wood. Era um rapaz alto e corpulento do sexto ano e, naquele momento, os olhos brilhavam-lhe loucamente de entusiasmo. — Faz parte do nosso novo programa de treinos. Anda lá, vai buscar a vassoura e vamos embora — insistiu Wood, empenhado. — Nenhuma das outras equipas começou ainda a treinar. Vamos ser os primeiros este ano...

A bocejar e a tremer um pouco, Harry saltou da cama e tentou encontrar o equipamento de Quidditch.

— Bem, encontramos-nos no campo, dentro de quinze minutos.

Depois de descobrir o seu equipamento escarlate e pôr o manto por cima para se aquecer, Harry escreveu a Ron um bilhete a explicar aonde tinha ido e desceu pela escada em espiral para a sala comum com a sua *Nimbus Dois Mil* ao ombro. Tinha acabado de chegar junto do buraco do retrato quando ouviu um barulho atrás de si e viu Colin Creevey descer a escada em espiral com a máquina fotográfica pendurada ao pescoço a balouçar como louca e qualquer coisa na mão.

— Ouvi alguém chamar o teu nome nas escadas, Harry, olha o que tenho aqui. Revelei-a e queria mostrar-te.

Harry olhou, assombrado, para a fotografia que Colin lhe espetava em frente do nariz.

Um Lockhart a preto e branco movia-se, puxando com toda a força um braço que Harry reconheceu como sendo o seu. Ficou satisfeito ao constatar que estava a resistir bastante bem, recusando-se a ser trazido para a vista de todos. Enquanto Harry observava, Lockhart desistiu e encostou-se, a arfar, na margem branca da fotografia.

— Assina-la? — pediu Colin, entusiasmado.

— Não — respondeu secamente Harry, olhando em volta para verificar se o caminho estava livre. — Desculpa, Colin, mas estou cheio de pressa, vou ter treino de Quidditch.

Passou pelo buraco do retrato.

— Oh Uau! Espera por mim. Eu nunca vi um jogo de Quidditch.

Colin trepou pelo buraco do retrato atrás dele.

— Vai ser uma chatice para ti — disse Harry rapidamente, mas Colin ignorou o comentário. O seu rosto brilhava de satisfação.

— Tu foste o jogador mais novo da equipa nos últimos cem anos, não foste Harry? Não foste? — perguntava Colin, quase correndo para o acompanhar. — Deve ser fantástico. Eu nunca voei. É fácil? Essa vassoura é a tua? É a melhor que há?

Harry não sabia como ver-se livre dele. Era como ter uma sombra que não se calava.

— Eu não percebo nada de Quidditch — dizia Colin, já sem fôlego. — É verdade que há quatro bolas? E que duas andam a voar, tentando fazer os jogadores caírem das vassouras?

— Sim — confirmou Harry lentamente, resignado com o facto de ter de lhe explicar as complicadas regras do Quidditch. — São as *bludgers*. Há dois *beaters* em cada equipa que têm bastões para bater nas *bludgers* e

lançá-las para o outro lado. O Fred e o George Weasley são os *beaters* dos Gryffindor.

— E para que servem as outras bolas? — perguntou Colin, saltando uma série de degraus porque ia a olhar para o Harry de boca aberta.

— Bem, a *quaffle*, que é a vermelha grandalhona, é a que marca os golos. Três *chasers* em cada equipa lançam a *quaffle* uns para os outros e tentam fazê-la entrar nas balizas que ficam no extremo do campo, onde há três grandes postes com aros nas pontas.

— E a quarta bola?

— É a *snitch* dourada — explicou Harry. — É muito pequenina e veloz e extremamente difícil de agarrar. Mas é isso que o *seeker* tem de fazer, porque o jogo de Quidditch só termina quando a *snitch* for agarrada. E o *seeker* que conseguir agarrá-la ganha para a sua equipa mais cento e cinquenta pontos.

— E tu és o *seeker* dos Gryffindor, não és? — perguntou Colin respeitosamente.

— Sim — confirmou Harry enquanto saíam do castelo e começavam a atravessar o relvado. — E há também o *keeper* que defende os postes. E pronto.

Mas Colin não parou de fazer perguntas desde os relvados até ao campo de Quidditch e Harry só se viu livre dele quando chegaram aos vestiários.

Colin gritou numa voz aguda: — Eu vou arranjar um lugar, Harry — e apressou-se em direcção às bancadas.

O resto da equipa dos Gryffindor já se encontrava nos vestiários. Wood era o único que tinha aspecto de estar bem acordado. Fred e George Weasley estavam sentados com olhos de sono e cabelos desgrehados junto de Alicia Spinnet, do quarto ano, que parecia cabecear de sono, encostada à parede atrás de si. As *chasers*, Katie Bell e Angelina Johnson, bocejavam em frente deles.

— Até que enfim, Harry, por que é que demoraste tanto? — perguntou Wood cheio de energia. — Eu queria ter uma pequena conversa convosco antes de entrarmos propriamente em campo, porque passei o Verão a conjecturar um novo programa de treinos que, acredito, vai marcar a diferença.

Wood pendurou um grande mapa de um campo de Quidditch, onde estavam desenhadas muitas linhas, setas e cruzeiros a tinta de várias cores. Pegou na varinha, bateu com ela no quadro e as setas começaram a mover-se no mapa como tractores. Enquanto Wood se lançava num discurso sobre as suas novas técnicas, a cabeça de Fred Weasley caiu sobre o ombro de Alicia Spinnet e ele começou a risonar.

O primeiro mapa levou quase vinte minutos a explicar, mas debaixo desse havia outro e ainda um terceiro. Harry caiu numa letargia, enquanto Wood continuava a falar indefinidamente.

— Então — disse por fim o treinador, arrancando Harry a uma fantasia sobre o que poderia estar a comer se se encontrasse naquele momento no castelo.

— Ficou tudo claro? Alguma pergunta?

— Eu tenho uma pergunta, Oliver — disse George, que acordou estremunhado. — Por que não nos explicaste tudo isso ontem, quando estávamos acordados?

Wood não ficou nada satisfeito.

— Ouçam bem, vocês todos — disse, voltando-se para eles mal-humorado. — Nós deveríamos ter ganho a taça de Quidditch o ano passado. Somos de longe a melhor equipa, mas, infelizmente, devido a circunstâncias que estão para além do nosso controlo...

Harry mudou de posição na cadeira sentindo-se culpado. Estivera inconsciente na enfermaria durante o jogo final do ano anterior, o que fez com que os Gryffindor, com um jogador a menos, tivessem sofrido a pior derrota dos últimos trezentos anos.

Wood levou um momento a controlar-se. Era evidente que a última derrota ainda o torturava.

— Portanto, este ano vamos fazer um treino mais duro, como nunca se fez. Bem, vamos lá pôr as teorias em prática — gritou, pegando na vassoura e conduzindo-os para fora do vestiário. Com as pernas trêpegas e ainda a bocejar, a equipa seguiu-o.

Tinham estado tanto tempo lá dentro que o Sol já tinha nascido e brilhava no céu, embora uma réstia de neblina pairasse ainda sobre o relvado do campo. Quando Harry entrou em campo, viu Ron e Hermione sentados nas bancadas.

— Ainda não acabaram? — perguntou Ron num tom incrédulo.

— Ainda nem começámos — explicou Harry, olhando cheio de inveja para a torrada com doce de laranja que Ron e Hermione tinham trazido do Salão.

— O Wood tem estado a ensinar-nos jogadas novas.

Subiu para a vassoura e deu um pontapé no chão, elevando-se no ar. O ar fresco da manhã bateu-lhe no rosto, fazendo-o acordar com mais eficácia do que o longo discurso de Wood. Era maravilhoso voltar a estar no campo de Quidditch. Voou em volta do estádio a toda a velocidade, competindo com Fred e George.

— Que barulhinho estranho é aquele? — perguntou Fred quando deram

a volta.

Harry olhou para as bancadas. Colin estava sentado num dos lugares mais altos com a máquina fotográfica no ar, tirando fotografia sobre fotografia, o som estranhamente ampliado no estádio deserto.

— Olha para aqui, Harry, para aqui — gritava de forma estridente.

— Quem é aquele? — perguntou Fred.

— Não faço ideia — mentiu Harry, disparando a toda a velocidade e distanciando-se o mais possível de Colin.

— O que se passa aí? — perguntou Wood, franzindo a testa enquanto corria pelos ares atrás deles. — Por que está aquele aluno do primeiro ano a tirar fotografias? Não me agrada. Pode ser um espião dos Slytherin a tentar descobrir o nosso novo programa de treinos.

— Ele é dos Gryffindor — disse Harry rapidamente.

— E os Slytherin não precisam de espiões, Oliver — completou George.

— Por que dizes isso? — perguntou Wood irritado.

— Porque estão aqui em peso — esclareceu George, apontando com o dedo.

Vários indivíduos vestidos de verde vinham naquele momento a entrar no campo de vassouras na mão.

— Não posso acreditar — reagiu Wood, sentindo-se ultrajado. — Eu reservei o estádio para hoje. Já vamos ver como é que isto fica!

Wood baixou direito ao chão sendo levado pela fúria a aterrar com mais força do que pretendia e a cambalear um pouco quando começou a andar seguido de Harry, Fred e George.

— Flint — bradou para o capitão dos Slytherin. — Este é o nosso período de treino. Levantámo-nos mais cedo de propósito. Vocês têm de sair daqui.

Marcus Flint era ainda mais corpulento do que Wood. Tinha no rosto uma expressão de duende travesso quando respondeu: — Há espaço para todos, Wood.

Angelina, Alicia e Katie tinham vindo também. Na equipa dos Slytherin não havia raparigas e os jogadores postaram-se lado a lado, enfrentando os Gryffindor com um sorriso desdenhoso.

— Mas eu reservei o estádio — repetiu Wood, cuspiendo de raiva. — Reservei-o.

— Ah! — exclamou Flint. — Mas eu tenho aqui uma licença especial assinada pelo professor Snape. *Eu, professor Snape, autorizo a equipa dos Slytherin a praticar hoje no campo de Quidditch devido à necessidade de treinar o seu novo seeker.*

— Têm um novo *seeker*? — perguntou Wood perturbado. — Onde?



E detrás das seis figuras corpulentas que tinham na frente, viram surgir uma sétima: um rapaz mais pequeno com um sorriso afectado espelhado no rosto pálido e anguloso. Era Draco Malfoy.

— Não és o filho do Lucius Malfoy? — perguntou Fred, olhando para ele com antipatia.

— Curioso que refiras o pai do Draco — disse Flint enquanto toda a equipa dos Slytherin sorria ainda mais abertamente. — Deixem-me mostrar-vos a generosa oferta que ele fez à equipa dos Slytherin.

Os sete exibiram as suas vassouras. Sete cabos novos, polidos, com inscrições em letras douradas das palavras *Nimbus Dois Mil e Um* brilharam ao sol da manhã, debaixo do nariz dos Gryffindor.

— São o último modelo. Só chegou no mês passado — disse Flint displicentemente, sacudindo um grão de poeira do cabo da sua vassoura. — Julgo que ultrapassam de longe a velha série *Dois Mil*. Quanto às *Demolidoras* — sorriu de forma mesquinha para Fred e George, que tinham ambos *Demolidoras n.º 5* —, essas já só servem para varrer.

Nenhum dos Gryffindor foi capaz de abrir a boca naquele momento. Malfoy sorria tanto que os seus olhos de gelo estavam reduzidos a duas rachas.

— Oh, vejam — disse Flint. — Uma invasão do campo.

Ron e Hermione atravessavam o relvado para ver o que se passava.

— O que é que se passa? — perguntou Ron a Harry. — Por que não estão a jogar e o que faz *ele* aqui?

Olhava para Malfoy, apercebendo-se do seu equipamento de Quidditch.

— Sou o novo *seeker* dos Slytherin, Weasley — esclareceu Malfoy com ar presumido. — Têm estado todos a admirar as vassouras que o meu pai comprou para a nossa equipa.

Ron olhou de boca aberta para as sete magníficas vassouras que tinha na frente.

— São boas, não são? — disse Malfoy untuosamente. — Mas talvez a equipa dos Gryffindor consiga arranjar algum ouro e comprar também vassouras novas. Vocês podiam levar essas *Demolidoras n.º 5* a leilão, talvez algum museu esteja interessado.

A equipa dos Slytherin riu-se a bandeiras despregadas.

— Pelo menos nos Gryffindor ninguém teve de comprar a sua admissão — observou secamente Hermione. — Entraram todos por mérito próprio.

O ar presumido de Malfoy desapareceu.

— Ninguém pediu a tua opinião, miserável Sangue de Lama — cuspiu Malfoy.

Harry apercebeu-se de imediato de que Malfoy dissera algo muito grave

porque houve uma tremenda algazarra no seguimento das suas palavras. Flint teve de se pôr à frente de Malfoy para evitar que Fred e George se atirassem a ele. Alicia bradou: — Como te atreves? — E Ron meteu a mão na sua roupa e sacou da varinha mágica, gritando:

— Vais pagar pelo que disseste, Malfoy! — e apontou-a, furioso, por debaixo do braço de Flint, ao rosto de Malfoy.

Um enorme estrondo ecoou no estádio e um jacto de luz verde saiu pela extremidade errada da varinha de Ron, atingindo-o no estômago e projectando-o para trás em direcção ao relvado.

— Ron! Ron! Estás bem? — gritou Hermione.

Ron abriu a boca para falar, mas não se ouviu qualquer palavra. Em vez disso, arrotou estrondosamente e várias lesmas saíram-lhe da boca, indo cair-lhe no colo.

A equipa dos Slytherin ficou paralisada de riso. Flint estava dobrado, agarrado à vassoura nova. Malfoy, de gatas, batia com o punho no chão. Os Gryffindor rodeavam Ron, que continuava a vomitar lesmas enormes e reluzentes. Ninguém queria tocar-lhe.

— É melhor levá-lo para casa do Hagrid. É o local que fica mais perto — disse Harry a Hermione, que acenou afirmativamente, e os dois arrastaram Ron pelos braços.

— O que aconteceu, Harry? O que aconteceu? Ele está doente? Mas tu podes curá-lo, não podes? — Colin descera a correr do lugar onde estava sentado e saracoteava-se em frente deles, enquanto abandonavam o campo. Ron teve um novo arremesso e mais lesmas saíram da sua boca.

— Oooh! — exclamou Colin fascinado, levantando a máquina fotográfica. — Podes mantê-lo quieto, Harry?

— Sai da minha frente, Colin — gritou Harry, zangado. Ele e Hermione conseguiram levar Ron para fora do estádio, atravessar os campos e chegar à beira da floresta.

— Está quase, Ron — disse Hermione, mal avistaram a cabana do guarda dos campos. — Vais ficar bem dentro de um minuto... está quase...

Estavam a sessenta metros da casa de Hagrid, quando a porta da frente se abriu. Mas não foi Hagrid quem saiu de lá, e sim Gilderoy Lockhart, numa túnica cor de malva.

— Rápido, vamos esconder-nos aqui — sussurrou Harry, arrastando Ron para trás de um arbusto que havia ali perto. Hermione acompanhou-o, embora um pouco relutante.

— É muito simples quando se sabe o que se está a fazer! — gritava Lockhart para Hagrid. — Se precisar de ajuda, sabe onde estou. Vou dar-lhe um exemplar do meu livro. Espanta-me que ainda não o tenha. Logo à

noite autografo-o e envio-lho. Bem, até à próxima! — e afastou-se em direcção ao castelo.

Harry esperou que Lockhart desaparecesse, antes de puxar Ron de trás do arbusto até à casa de Hagrid. Bateram ansiosamente.

Hagrid apareceu logo com um ar mal-humorado, que se dissipou quando viu quem era.

— Já me tinha perguntado quand'é que vocês vinham ver-me, entrem, entrem, pensei qu'era outra vez o professor Lockhart.

Harry e Hermione ajudaram Ron a subir o degrau que dava acesso à cabana de uma só divisão com uma cama enorme a um dos cantos e uma lareira a crepitar alegremente no outro. Hagrid não pareceu perturbado com o problema das lesmas de Ron, que Harry lhe explicou precipitadamente, logo que sentou o amigo numa cadeira.

— É melhor saírem do qu'entrarem — disse, num tom bem-disposto, colocando uma grande bacia de cobre em frente dele. — Deita-as todas fora, Ron.

— Acho que não há mais nada a fazer, a não ser esperar que isto pare — disse Hermione ansiosamente, vendo Ron inclinar-se para a bacia.

— É uma maldição normalmente difícil, mas com uma varinha partida...

Hagrid andava de um lado para o outro a preparar o chá, enquanto *Fang*, o seu cão, se babava em cima de Harry.

— O que é que o Lockhart queria de ti? — perguntou Harry, coçando as orelhas de *Fang*.

— Ensinar-me a tirar kelpies d'um poço — resmungou Hagrid, retirando da pequena mesa um galo meio depenado e colocando no seu lugar o bule. — Como s'eu não soubesse. E contar-me uma peta qualquer d'uma fada carpideira que ele venceu. Engulo essa chaleira, se uma palavra do que ele disse for verdade.

Não era hábito de Hagrid criticar os professores de Hogwarts e Harry olhou para ele com alguma surpresa. Mas Hermione disse numa voz mais aguda do que de costume:

— Acho que estás a ser injusto. O professor Dumbledore achou, obviamente, que era o melhor homem para o lugar...

— Era o único — explicou Hagrid, oferecendo-lhes um prato de bolinhos de melão, enquanto Ron tossia para a bacia. — E não havia mais ninguém. Não é fácil encontrar quem queira dar Defesa contra a Magia Negra. As pessoas não gostam dessa disciplina. Já se diz que está amaldiçoada, ninguém ficou muito tempo a dá-la. Mas digam-me lá — continuou Hagrid, inclinando a cabeça para Ron —, quem é qu'ele 'tava a tentar amaldiçoar?

— O Malfoy chamou qualquer coisa à Hermione que deve ter sido muito grave, porque ficaram todos fora de si.

— Foi grave, sim — confirmou Ron com voz rouca, emergindo sobre a superfície da mesa, pálido e transpirado. — O Malfoy chamou-lhe Sangue de Lama, Hagrid. — Ron desapareceu outra vez quando uma nova onda de lesmas fez o seu aparecimento. Hagrid estava indignado.

— Não posso crer! — exclamou, dirigindo-se a Hermione.

— Chamou sim — disse ela. — Mas eu não sei o que significa. Percebi que era má educação, claro...

— É talvez o maior insulto que ele poderia encontrar — explicou Ron novamente. — Sangue de Lama é o nome que se dá a alguém que nasceu entre os Muggles, sabes, filho de pais não mágicos. Há alguns feiticeiros, como a família do Malfoy, que acham que são melhores do que os outros porque têm aquilo a que as pessoas chamam sangue puro. — Teve um pequeno vômito e uma lesma isolada caiu-lhe na mão aberta. Atirou-a para a bacia e continuou. — É claro que todos nós sabemos que não há diferença nenhuma. Vejam, o Neville Longbottom é sangue puro e mal consegue manter um caldeirão direito.

— E 'inda não inventaram um encantamento qu'a nossa Hermione não consiga fazer — afirmou Hagrid, orgulhoso, fazendo Hermione corar violentamente.

— É a coisa mais nojenta que se pode chamar a alguém — disse Ron, limpando o suor da testa com a mão trémula. — Sangue sujo, sangue vulgar, é um disparate. A maior parte dos feiticeiros hoje em dia é meio-sangue. Se não tivéssemos casado com Muggles, tinha sido o nosso fim.

Fez um esforço para vomitar e baixou-se mais uma vez.

— Bem, não te posso culpar por teres tentado amaldiçoá-lo, Ron — disse Hagrid bem alto, enquanto montes de lesmas caíam na bacia. — Mas, se calhar, não foi mau de todo teres a varinha a trabalhar ao contrário. Acho que o Lucius Malfoy teria vindo logo a correr à escola se tivesse amaldiçoado o filho. Assim, pelo menos, não estás metido em nenhum sarilho.

Harry ia frisar que o problema não podia ser pior do que deitar lesmas pela boca fora, mas não pôde. Os bombons de melaço tinham-lhe colado os maxilares um ao outro.

— Harry — disse de repente Hagrid, como que movido por um pensamento súbito. — Tens de me explicar uma coisa. Ouvi dizer que tens andado a dar fotografias autografadas. Por que é qu'eu não tenho nenhuma?

A fúria de Harry foi tão grande que os maxilares se libertaram.

— Eu não tenho dado fotografias autografadas — retorquiu, furioso. —

Se o Lockhart andou a espalhar isso...

Mas nesse momento viu que Hagrid se estava a rir.

— ‘Tou a brincar — disse, dando-lhe uma palmada nas costas com tanta força que o atirou para cima da mesa. — Eu sabia que não tinhas. Disse ao Lockhart que não precisavas disso. És mais famoso que ele sem fazeres nada.

— Aposto que ele não gostou de ouvir isso — comentou Harry, sentando-se e esfregando o queixo.

— Acho que não gostou mesmo — prosseguiu Hagrid com os olhinhos a brilhar. — E disse-lhe também que eu nunca tinha lido nenhum dos livros dele e ele foi-se embora. Um bombom de melaço, Ron? — perguntou ao vê-lo reaparecer.

— Não, obrigado — disse Ron com uma voz fraca. — É melhor não arriscar.

— Venham ver o qu’eu tenho ’tado a criar — disse Hagrid quando Harry e Hermione acabaram de tomar o chá.

Na pequena horta atrás da casa, estava uma dúzia das maiores abóboras que Harry alguma vez vira. Pareciam enormes rochedos.

— ‘Tão a dar-se bem, não acham? — comentou Hagrid, feliz. — São para a festa do *Hallowe’en*. Devem ’tar bem grandes quando chegar a altura.

— O que é que lhes tens dado como alimento? — perguntou Harry.

Hagrid olhou por cima do ombro para confirmar se estavam sós.

— Bem, tenho ’tado a dar-lhes... uma pequena ajuda.

Harry reparou no guarda-chuva cor-de-rosa às florzinhas que estava encostado contra a parede da cabana. Tivera no ano anterior motivos para crer que aquele guarda-chuva não era o que parecia. De facto, acreditava que a antiga varinha escolar de Hagrid se encontrava oculta dentro do guarda-chuva. Hagrid não tinha autorização para usar magia. Fora expulso de Hogwarts no terceiro ano, embora Harry nunca tivesse descoberto o motivo. Qualquer referência a esta questão fazia Hagrid pigarrear bem alto e ficar misteriosamente surdo até mudarem de assunto.

— Um Encantamento de Ampliar, imagino? — comentou Hermione sem saber se devia desaprovar ou rir-se. — Bem, fizeste um bom trabalho.

— Foi o que disse a tua irmãzinha — respondeu Hagrid acenando em direcção a Ron. — Encontrei-a ontem. — Hagrid olhou de lado para Harry, a barba a contorcer-se. — Disse que andava só a ver os campos, mas eu acho qu’ela esperava encontrar alguém na minha casa. — Piscou o olho a Harry. — Se queres que te diga, acho qu’ela não recusaria uma fotografia autogr...

— Cala-te com isso — disse Harry. Ron desatou a rir e o chão ficou cheio de lesmas.

— Cuidado — bradou Hagrid, afastando Ron das suas preciosas abóboras.

Estava quase na hora do almoço e, como Harry só tinha comido uns bolinhos de melão desde manhã cedo, estava ansioso por chegar à escola para ir almoçar. Despediram-se de Hagrid e regressaram ao castelo. Ron vomitava de vez em quando, mas só duas pequenas lesmas saíram.

Mal tinham pisado o átrio quando ouviram uma voz.

— Aí estão vocês, Potter, Weasley. — A professora McGonagall vinha em direcção a eles com o seu ar severo. — Vão cumprir os vossos castigos hoje à noite.

— O que é que vamos fazer, professora? — perguntou, nervoso, Ron, disfarçando outro vômito.

— Tu vais limpar as pratas na sala dos troféus com Mr. Filch — disse a professora McGonagall. — E nada de magia, Weasley, trabalho com esforço.

Ron engoliu em seco. Argus Filch, o encarregado, era odiado por todos os alunos da escola.

— E tu, Potter, vais ajudar o professor Lockhart a responder às cartas das suas fãs — ordenou a professora McGonagall.

— Oh, não! Não posso ir também trabalhar na sala dos troféus? — pediu Harry em desespero de causa.

— Nem pensar nisso — respondeu a professora McGonagall, erguendo as sobrancelhas. — O professor Lockhart requisitou-te especialmente a ti. Às oito em ponto, os dois.

Harry e Ron entraram no Salão num estado de profundo desânimo seguidos de Hermione, ostentando uma expressão que dizia *bem-vocês-quebraram-as-regras-da-escola*. Harry não saboreou o empadão de carne como teria desejado. Tanto ele como Ron achavam que tinham tido o pior dos castigos.

— O Filch vai reter-me lá toda a noite — disse Ron, desanimado. — Sem magia! Deve haver umas cem taças naquela sala, eu não sei fazer limpeza à maneira dos Muggles.

— Eu trocava contigo de boa vontade — confessou Harry numa voz surda. — Tive montes de prática com os Dursleys. Responder ao correio de fãs do Lockhart, que pesadelo...

A tarde de sábado passou num ápice e pouco depois eram já cinco para as oito. Harry arrastou-se até ao corredor do segundo andar onde ficava o escritório de Lockhart e, rangendo os dentes, bateu à porta.

A porta abriu-se imediatamente e Lockhart recebeu-o com um grande sorriso.

— Ah, cá está o patifório! — exclamou. — Entra, Harry, entra.

Nas paredes, brilhando à luz de inúmeras velas, podia ver-se uma infinidade de fotografias de Lockhart, algumas até assinadas. Sobre a secretária estava outro monte enorme.

— Podes pôr as moradas nos sobrescritos — disse Lockhart a Harry, como se fosse uma grande coisa. — O primeiro é para Gladys Gudgeon, abençoada seja, uma grande fã minha.

Os minutos arrastavam-se. De vez em quando, Harry ouvia a voz de Lockhart dizendo: — Hum — e — certo — e — sim. — Por vezes apanhava uma frase como: — A fama é fugaz, amigo Harry — ou — Só é célebre quem faz por isso, nunca te esqueças.

As velas iam ficando cada vez mais pequenas, fazendo a luz dançar sobre as muitas caras de Lockhart que o olhavam. Harry movia a mão, já dorida, sobre o que devia ser o milésimo sobrescrito, escrevendo a morada de Veronica Smethley. «Deve estar quase na hora de me ir embora», pensou, sentindo-se profundamente infeliz, «por favor, faz com que esteja na hora...»

E, então, ouviu algo, algo totalmente diferente do crepitar das velas e dos ditos de Lockhart sobre as suas fãs.

Era uma voz, uma voz de arrepiar os ossos, de cortar a respiração, de puro veneno.

— *Vem... vem ter comigo... deixa-me rasgar-te... despedaçar-te... matar-te...*

Harry deu um salto e uma enorme mancha lilás surgiu na morada de Veronica Smethley.

— O quê? — disse ele em voz alta.

— Pois é! — exclamou Lockhart. — Seis meses inteirinhos no topo da lista de *bestsellers*, bati todos os recordes!

— Não — disse Harry, nervosíssimo — aquela voz!

— Como? — perguntou Lockhart, com um ar confuso. — Que voz?

— Aquela, aquela voz que disse... não ouviu?

Lockhart olhava para Harry com o maior espanto.

— De que é que estás a falar, Harry? Estás a ficar com sono? Com a brega, olha as horas, estamos aqui há quase quatro horas. Quem diria? O tempo passou a correr, não é verdade?

Harry não respondeu, estava a fazer um esforço para ouvir de novo a voz, mas o único som foi Lockhart a dizer-lhe que não esperasse um tratamento igual sempre que fosse castigado. Harry saiu, sentindo-se

atordoados.

Era tão tarde que a sala comum dos Gryffindor estava quase vazia e Harry foi directamente para o dormitório. Ron ainda não tinha voltado. Vestiu o pijama, meteu-se na cama e esperou. Meia hora mais tarde, chegou Ron agarrado ao braço direito e inundando o quarto escuro de um forte cheiro a limpa-pratas.

— Doem-me os músculos todos — resmungou, metendo-se na cama. — Ele fez-me polir catorze vezes aquela taça de Quidditch até estar satisfeito. E depois tive outro vômito em cima de um Troféu de Reconhecimento por Serviços Prestados à Escola. Demorei séculos a limpar o muco das lesmas. Como correram as coisas com o Lockhart?

Em voz baixa para não acordar Neville, Dean e Seamus, Harry contou-lhe, palavra por palavra, o que tinha ouvido.

— E o Lockhart disse que não ouviu nada? — perguntou Ron.

Harry viu-o franzir a testa, à luz do luar. — Achas que estava a mentir? Mas, não percebo, mesmo um ser invisível teria aberto a porta.

— Eu sei — disse Harry, encostando-se à cama e olhando para o dossel. — Também não compreendo.



## VIII

# A FESTA DO ANIVERSÁRIO DA MORTE DO NICK QUASE-SEM-CABEÇA

Outubro chegou, espalhando um frio húmido pelos campos e pelos cantos do castelo. Madame Pomfrey, a enfermeira-chefe, esteve bastante ocupada com uma onda de constipações que afectou professores e alunos. A sua Poção de Revigorar tinha efeitos imediatos apesar de deixar quem a tomava a fumegar pelos ouvidos durante várias horas. Percy convenceu Ginny, que andava com um ar adoentado, a tomar a poção. O fumo que saía por debaixo do seu cabelo ruivo dava a impressão de que tinha a cabeça a arder.

Gotas de chuva do tamanho de balas fustigaram as janelas do castelo durante dias a fio. A rosa do lago e os canteiros de flores escorriam lama e as abóboras de Hagrid incharam, ficando do tamanho de alpendres de jardim. Contudo, o entusiasmo de Oliver Wood pelas sessões de treino regulares não foi abalado, motivo pelo qual Harry iria regressar à Torre dos Gryffindor, num sábado à tarde de temporal, alguns dias antes do *Hallowe'en*, ensopado até aos ossos e todo enlameado.

Além da chuva e do vento, não fora um treino feliz. Fred e George, que tinham andado a espiar a equipa dos Slytherin, tinham visto com os seus próprios olhos a velocidade alucinante daquelas novas *Nimbus Dois Mil e Um* e comentaram que a equipa no ar parecia composta por sete manchas esverdeadas que disparavam a toda a velocidade como aviões a jacto.

Quando Harry caminhava, chapinhando, ao longo do corredor deserto, cruzou-se com alguém que parecia tão preocupado como ele: o Nick Quase-Sem-Cabeça, o fantasma da Torre dos Gryffindor, que olhava taciturno, pela janela, murmurando baixinho: — Não preenche os requisitos, um centímetro e meio se tanto...

— Olá, Nick — cumprimentou Harry.

— Olá, olá — disse o Nick Quase-Sem-Cabeça, assustando-se e olhando em volta. Usava um arrojado chapéu de plumas sobre a longa cabeleira encaracolada e uma túnica com gola de tufos que disfarçava o facto de ter o pescoço quase totalmente separado do corpo. Era pálido como o fumo e Harry podia ver através dele o céu negro e a chuva torrencial, lá fora.

— Pareces preocupado, jovem Potter — disse Nick, dobrando uma carta transparente, enquanto falava e escondendo-a dentro do seu gibão.

— E tu também — retorquiu Harry.

— Ah! — o Nick Quase-Sem-Cabeça acenou com a mão de forma elegante. — Uma questão sem importância. Não é que eu quisesse realmente participar, apesar de me ter inscrito, mas, ao que parece, não preencho os requisitos. — Apesar do tom jovial havia no seu rosto uma grande amargura. — Mas era de esperar, ou não era — declarou subitamente, tirando a carta do bolso —, que o facto de ter levado quarenta e cinco golpes no pescoço com um machado ferrugento me qualificaria para entrar no grupo Caçadores dos Sem-Cabeça?

— Sim, sim — respondeu Harry, que, obviamente, pensou que era a resposta que o outro esperava ouvir.

— Isto é, ninguém mais do que eu desejaria que tudo tivesse sido rápido e perfeito, e me tivessem cortado a cabeça decentemente. Poupava-me muitas dores e o ridículo. Mas...

O Nick Quase-Sem-Cabeça abriu, furioso, a carta e leu:

*Só podemos aceitar no grupo caçadores cuja cabeça tenha sido separada do corpo. Compreenderá que, de outro modo, seria impossível aos nossos membros participarem em actividades como Malabarismos com Cabeças a Cavalo e Pólo de Cabeça. Lamentamos profundamente informá-lo de que não preenche os requisitos.*

*Com os melhores cumprimentos,  
Sir Patrick Delaney-Podmore*

Furioso, o Nick Quase-Sem-Cabeça guardou bruscamente a carta.

— Um centímetro de pele e tendões a segurarem-me a cabeça, Harry! A maior parte das pessoas acharia que era mais do que o suficiente, mas não serve para o Senhor Podmore, o *Bem Decapitado*.

O Nick Quase-Sem-Cabeça respirou fundo várias vezes e, por fim, num tom bastante mais calmo, perguntou: — Então, o que é que te preocupa? Alguma coisa que eu possa fazer por ti?

— Não — respondeu Harry. — A não ser que saibas onde posso arranjar

sete *Nimbus Dois Mil e Um*, de graça, para o nosso jogo contra os Sly... — o resto da frase foi afogado por um miado agudo vindo de perto dos seus tornozelos. Olhou para baixo e deu consigo a fitar um par de olhos que pareciam duas lâmpadas amarelas. Era *Mrs. Norris*, a gata cinzenta e esquelética usada pelo encarregado Argus Filch como uma espécie de polícia na sua infundável guerra contra os estudantes.

— É melhor saíres daqui, Harry — preveniu Nick com toda a calma. — O Filch não está nada bem-disposto. Anda engripado e alguns alunos do terceiro ano, por acidente, encheram o tecto da masmorra número cinco com miolos de rã. Ele tem andado toda a manhã a limpar e se te vê a encher tudo de lama...

— Certo — disse Harry, recuando e afastando-se do olhar acusador de *Mrs. Norris*, mas... tarde de mais. Conduzido até ali pelo misterioso poder que parecia ligá-lo à gata, Argus Filch entrou subitamente por uma tapeçaria que se encontrava à direita de Harry, com a sua respiração asmática, olhando vivamente em volta em busca do infractor. Tinha um lenço grosso, de xadrez, enrolado na cabeça e o nariz invulgarmente arroxado.

— Imundície — gritou com os maxilares a tremer e os olhos a saltarem-lhe das órbitas, enquanto apontava para a poça de lama que pingara do manto de Quidditch de Harry. — Desarrumação e imundície por todo o lado. Estou farto disto! Segue-me, Potter.

Harry despediu-se do Nick Quase-Sem-Cabeça com um aceno sombrio e seguiu Filch até lá abaixo, duplicando o número de pegadas lamacentas no chão.

Nunca entrara no gabinete de Filch, pois era um lugar que a maior parte dos estudantes evitava. A divisão era sombria e sem janelas, iluminada por uma única lamparina de óleo que pendia do tecto. Sentia-se um vago cheiro a peixe frito. Encostados às paredes, havia arquivadores de madeira. Pelas etiquetas, Harry percebeu que continham os dados de todos os alunos que Filch tinha castigado. Fred e George Weasley tinham uma gaveta só para eles. Atrás da secretária, estava pendurada uma colecção bem polida de correntes e algemas. Todos sabiam que ele estava sempre a pedir a Dumbledore que o deixasse pendurar os alunos no tecto pelos tornozelos.

Filch pegou numa pena que estava sobre a secretária e começou às voltas a procurar o pergaminho.

— Bosta — murmurou, furioso. — Grandes bostas de dragão, ainda quentes, miolos de rã, intestinos de ratazana... estou farto... vai servir de exemplo... sim...

Tirou um enorme rolo de pergaminho da gaveta da secretária e estendeu-

o diante de si, molhando a longa pena no tinteiro.

— Nome: Harry Potter. Crime...

— Foi só um bocadinho de lama — disse Harry.

— É só um bocadinho de lama para ti, rapaz, mas para mim é mais de uma hora a esfregar — gritou Filch, com um pingo a tremer de modo desagradável na extremidade do nariz bolboso. — Crime: sujar o castelo. Pena proposta...

Limpando o nariz que continuava a pingar, Filch olhou com má cara para Harry, que esperava com a respiração entrecortada para ouvir o castigo.

Todavia, quando Filch pegou na pena, ouviu-se um estrondo enorme no tecto que fez a lamparina tremer.

— PEEVES — berrou Filch, pousando a pena, cheio de raiva. — Desta vez apanho-te. Apanho-te!

E, sem olhar para trás, saiu a correr desajeitadamente do gabinete, seguido da gata, *Mrs. Norris*.

Peeves era o *poltergeist* da escola, uma ameaça aérea, sempre a rir, que vivia para fazer estragos e semear o pânico. Harry não gostava lá muito dele, mas, desta vez, não podia deixar de lhe estar grato.

Na melhor das hipóteses, o acto de Peeves (e parecia que, desta vez, destruíra qualquer coisa em grande) distrairia Filch.

Pensando que o melhor seria esperar que ele voltasse, Harry deixou-se cair numa cadeira carcomida pelas traças que se encontrava junto da secretária. Havia só uma coisa sobre o tampo, para além do seu formulário, meio preenchido: um grande sobrescrito roxo e lustroso com letras prateadas na frente. Lançando um olhar rápido à porta para confirmar que Filch não tinha regressado, Harry pegou no sobrescrito e leu:

#### FEITIÇO RÁPIDO

Um curso por correspondência de iniciação à magia

Cheio de curiosidade, abriu o sobrescrito e retirou o maço de pergaminho. Uma letra curvilínea e prateada dizia:

Sente-se pouco à vontade no mundo da magia moderna? Dá consigo a arranjar desculpas para não fazer feitiços simples? Tem sido gozado pelo seu deplorável trabalho com a varinha?

*Eis a resposta!*

FEITIÇO RÁPIDO é um curso totalmente novo, infalível, de resultados imediatos e rápida aprendizagem. Centenas de feiticeiras e feiticeiros têm beneficiado do método FEITIÇO RÁPIDO!

Madame Z. Nettles de Topsham escreve-nos:

Eu não conseguia fixar os encantamentos e as minhas poções eram alvo de risota na família. Agora, depois do curso FEITIÇO RÁPIDO, tornei-me o centro das atenções em todas as festas e os meus amigos não param de pedir-me a receita da minha Solução Cintilante!

O mágico D. J. Prod, de Disbury, afirma: A minha mulher costumava rir-se dos meus fracos encantamentos, mas bastou um mês com o vosso fabuloso curso FEITIÇO RÁPIDO e consegui transformá-la num iaque. Obrigado, FEITIÇO RÁPIDO!

Fascinado, Harry folheou o resto do conteúdo do sobrescrito. Para que diabo queria o Filch um curso de feitiço rápido? Não seria ele um feiticeiro a sério? Harry estava a ler a lição número um: «Como pegar na varinha (algumas dicas úteis)», quando umas passadas arrastadas lá fora o preveniram de que Filch estava de volta. Metendo rapidamente o pergaminho dentro do sobrescrito, Harry lançou-o para cima da secretária no preciso momento em que a porta se abriu.

Filch ostentava um ar triunfante.

— Aquele armário de Desaparição era extremamente valioso — vinha ele a dizer à gata, *Mrs. Norris*. — Desta vez, vamos correr com o Peeves, minha linda.

Os seus olhos recaíram sobre Harry e, logo a seguir, sobre o sobrescrito do FEITIÇO RÁPIDO que, Harry apercebeu-se tarde de mais, estava meio metro distanciado do seu lugar inicial.

O rosto pálido de Filch tornou-se vermelho-escarlata e Harry preparou-se para uma nova onda de fúria. Filch coxeou até à secretária, arrebatou o sobrescrito e meteu-o numa gaveta.

— Chegaste a... lê-lo? — perguntou atabalhoadamente.

— Não — mentiu Harry, sem perder tempo.

O encarregado torcia as mãos nodosas.

— Se eu soubesse que leras a minha correspondência priv... não que seja minha... é para um amigo... mesmo assim...

Harry olhava para ele espantado. Nunca vira Filch tão desvairado. Os olhos pareciam querer saltar-lhe das órbitas, e tinha um tique numa das bochechas descarnadas e aquele lenço axadrezado que não ajudava nada...

— Muito bem, vai e não abras a boca sobre isto... não que... mesmo assim... se tu não leste... vai-te embora, tenho de escrever o relatório sobre o Peeves, vai.

Atordoado com a sua sorte, Harry saiu dali e largou a correr pelo

corredor fora e pelas escadas acima. Sair do gabinete do Filch sem um castigo devia ser um recorde na escola.

— Harry, Harry, deu resultado?

O Nick Quase-Sem-Cabeça saiu a deslizar de uma sala de aula. Atrás dele, Harry pôde ver os destroços de um grande armário preto e dourado que parecia ter sido atirado de uma grande altura.

— Convenci o Peeves a parti-lo mesmo em cima do gabinete do Filch — explicou Nick, entusiasmado. — Pensei que talvez o distraísse.

— Foste tu? — exclamou Harry, agradecido. — Deu resultado, sim. Ele nem me castigou. Obrigado, Nick.

Atravessaram o corredor juntos. O Nick Quase-Sem-Cabeça, reparou Harry, ainda tinha na mão a carta de rejeição de Sir Patrick.

— Gostaria de poder fazer qualquer coisa sobre os Caçadores Sem-Cabeça — disse Harry.

O Nick Quase-Sem-Cabeça parou de repente e Harry passou através dele. Antes não tivesse passado, foi como atravessar um duche gelado.

— Mas há uma coisa que tu podes fazer por mim — disse Nick muito agitado. — Harry, seria pedir-te de mais... mas não, tu não ias querer...

— O quê?

— Bem, este ano no *Hallowe'en* vai ser o quinto centenário da minha morte — disse o Nick Quase-Sem-Cabeça endireitando-se e adquirindo uma postura de grande dignidade.

— Oh — respondeu Harry, sem saber se deveria lamentar ou dar-lhe os parabéns. — Certo.

— Vou dar uma festa numa das masmorras mais amplas. Vêm amigos meus de todo o país. Seria uma honra muito grande se tu aparecesses. Mr. Weasley e Miss Granger seriam também muito bem-vindos, claro. Mas tu deves preferir o banquete da escola, não é verdade? — Olhou para Harry, aflito.

— Não — assegurou ele rapidamente. — Eu vou.

— Maravilhoso, o Harry Potter na festa de aniversário da minha morte... — hesitou, no meio de toda aquela excitação. — Achas que poderias referir a Sir Patrick como me achas assustador e como te impressiono?

— É claro que sim — assegurou Harry.

O Nick Quase-Sem-Cabeça iluminou-se num sorriso.

— Uma festa do aniversário da morte! — exclamou Hermione, entusiasmada, quando Harry, depois de mudar de roupa, se juntou a ela e a Ron na sala comum. — Aposto que não há muitas pessoas que possam gabar-se de ter estado numa festa dessas. Vai ser fantástico!

— Por que é que alguém se lembraria de festejar o dia em que morreu? — perguntou Ron, que estava a meio do seu trabalho de casa de Poções e bastante maldisposto. — Parece-me bastante mórbido.

A chuva continuava a fustigar as janelas, agora negras como breu, mas, lá dentro, era tudo claro e alegre. O fogo na lareira iluminava as inúmeras cadeiras de braços onde as pessoas estavam sentadas a ler, a conversar, a fazer os trabalhos de casa ou, no caso de Fred e George Weasley, a tentar descobrir o que aconteceria se alimentassem uma salamandra com fogo-de-artifício do Dr. Filibuster.

Fred tinha «resgatado» o lagarto cor-de-laranja brilhante, que habitava locais aquecidos, de uma aula de Cuidados com as Criaturas Mágicas e o bicho estava agora a arder em brasa sobre uma mesa, rodeado de um grupo de curiosos.

Harry ia começar a contar a Ron e a Hermione tudo sobre Filch e o curso de FEITIÇO RÁPIDO quando a salamandra disparou pelos ares, lançando faíscas e estoiros enquanto girava como louca pela sala. A visão de Percy a gritar com Fred e George até ficar rouco, a fantástica exibição de estrelas cor de tangerina que choviam da boca da salamandra e a sua fuga para o lume, acompanhada de explosões, fizeram com que Harry se esquecesse, naquele momento, de Filch e do curso de FEITIÇO RÁPIDO.

Quando chegou o *Hallowe'en*, Harry já lamentava a sua promessa imprudente de ir à Festa do Aniversário da Morte do Nick. Toda a escola ansiava, feliz, pela sua festa de *Hallowe'en*. O Salão Nobre fora enfeitado com os habituais morcegos, as enormes abóboras de Hagrid tinham sido esculpidas em forma de lanternas tão grandes que cabiam três homens dentro de cada uma, e havia boatos de que Dumbledore contratara um grupo de esqueletos bailarinos para animar a festa.

— Uma promessa é uma promessa — lembrou Hermione a Harry com o seu autoritarismo habitual. — Tu disseste que ias.

Portanto, às sete da tarde, Harry, Ron e Hermione saíram, passando pela porta do Salão Nobre, que brilhava de modo convidativo com pratos dourados e velas, e dirigiram os seus passos para as masmorras.

O corredor que conduzia à festa do Nick Quase-Sem-Cabeça tinha sido também ladeado de velas, embora o efeito estivesse longe de ser alegre: estas eram velas muito esguias e estreitas, negras de breu, ardendo num azul-brilhante e lançando uma luz indistinta e espectral também sobre as caras das pessoas vivas.

A temperatura diminuía a cada degrau que desciam. Harry tremia e cingia o manto ao corpo quando ouviu qualquer coisa que parecia uma

centena de unhas a rasparem um enorme quadro preto.

— Será que isto é a *música*? — murmurou Ron. Viraram uma esquina e viram o Nick Quase-Sem-Cabeça junto de uma porta, de onde pendiam cortinados de veludo negro.

— Meus queridos amigos — disse com ar de luto. — Bem-vindos, bem-vindos, ainda bem que puderam vir.

Num gesto largo, tirou o chapéu de plumas e fez-lhes sinal para que entrassem.

Era uma visão incrível. A masmorra estava repleta de centenas de pessoas de um branco pálido e translúcido, a maior parte das quais deslizava numa pista de dança atulhada, valsando ao som horrível e estridente de trinta serrotes musicais. A orquestra encontrava-se sobre um estrado enfeitado com panos negros.

No tecto, resplandecia um lustre de um azul-escuro com mais um milhar de velas negras. A respiração dos três subiu no ar como uma neblina. Parecia que tinham entrado num congelador.

— Vamos dar uma volta — sugeriu Harry, numa tentativa de aquecer os pés.

— Cuidado, não atravessem nenhum deles — avisou Ron nervosamente e começaram a andar em volta da pista de dança. Passaram por um sombrio grupo de freiras, por um homem esfarrapado e cheio de correntes e pelo Monge Gordo, o divertido fantasma dos Hufflepuff, que estava a conversar com um cavaleiro com uma seta cravada na testa. Harry não ficou nada surpreendido ao ver que o Barão Sangrento, o fantasma lúgubre e carrancudo dos Slytherin, coberto de nódoas de sangue prateado, estava a ser totalmente evitado pelos outros fantasmas.

— Oh! Não — exclamou Hermione, parando bruscamente. — Voltem-se, voltem-se, não quero ter de cumprimentar a Murta Queixosa.

— Quem? — perguntou Harry, enquanto davam rapidamente meia-volta.

— Ela assombra a casa de banho das raparigas do primeiro andar — explicou Hermione.

— Assombra uma casa de banho?

— Sim. Tem estado fora de serviço todo o ano, porque ela tem constantes acessos de choro e inunda tudo. Eu só lá fui quando não pude mesmo evitar. É horrível tentar ir à sanita com ela a gemer.

— Olhem, comida — disse Ron.

Do outro lado da masmorra estava uma mesa igualmente coberta de veludo negro. Iam para se aproximar entusiasmados, mas pararam com uma expressão de horror. O cheiro era nauseabundo.

Enormes peixes podres enchiam as bonitas travessas de prata, os bolos



estorricados como carvões amontoavam-se nas salvas, havia um enorme *haggis*<sup>1</sup> cheio de larvas, uma tábua de queijos cobertos de bolor e, no lugar de honra, um enorme bolo cinzento em forma de lápide com letras que pareciam alcatrão formando as palavras,

*Sir Nicholas de Mimsy-Porpington Morto a 31 de Outubro, 1492.*

Harry olhava, espantado, quando um fantasma de porte majestoso se aproximou da mesa inclinando-se e passando através dela com a boca aberta, enquanto atravessava um salmão malcheiroso.

— Consegue prová-lo passando através dele? — perguntou-lhe Harry.

— Quase — disse tristemente o fantasma antes de se afastar.

— Devem ter deixado apodrecer tudo isto para ter um sabor mais forte — comentou Hermione com ar de quem está bem informada, tapando o nariz e aproximando-se para ver melhor os pútridos miúdos de carneiro.

— Vamos sair daqui, estou a sentir-me agoniado — disse Ron.

Mas mal tinham dado meia-volta quando um homenzinho pequenino saiu inesperadamente de debaixo da mesa e fez uma paragem no ar em frente deles.

— Olá, Peeves — disse Harry cautelosamente.

Ao contrário dos fantasmas que os rodeavam, Peeves, o *poltergeist*, era o oposto de pálido e transparente. Usava um chapéu festivo cor-de-laranja, um laço rotativo ao pescoço e tinha um sorriso grosseiro de malvadez no rosto.

— Querem petiscar? — perguntou delicadamente, oferecendo-lhes uma taça de amendoins cobertos de fungos.

— Não, obrigada — agradeceu Hermione.

— Ouvi-te falar sobre a pobre Murta — disse Peeves, com os olhos a bailar. — Que insensível que tu foste para com a pobre Murta. — Respirou fundo e gritou: — Ei, Murta.

— Oh! Não, Peeves, não lhe contes o que eu disse, ela vai ficar muito aborrecida — murmurou Hermione, bastante nervosa. — Eu não queria dizer que... eu não me importo que ela... hã... olá, Murta.

O espectro atarracado de uma rapariga deslizara até eles. Tinha o rosto mais carrancudo que Harry alguma vez vira, meio escondido pelo cabelo liso e pelos óculos grossos cor de pérola.

— O que é? — perguntou, mal-humorada.

— Como estás, Murta? — perguntou Hermione, numa voz falsamente alegre. — É bom ver-te fora da casa de banho.

Murta fungou.

— Miss Granger estava justamente a falar de ti — disse-lhe Peeves baixinho ao ouvido.

— A dizer, a dizer... como estás bonita esta noite — terminou Hermione, olhando irritada para Peeves.

Murta olhou para Hermione, desconfiada.

— Estão a divertir-se à minha custa — disse, com lágrimas de prata a encherem-lhe rapidamente os olhos translúcidos.

— Não, a sério, eu não estava a dizer-vos como a Murta estava bonita esta noite? — disse Hermione, dando uma palmada nas costas de Harry e de Ron.

— Sim, sim.

— Foi...

— Não me venham com mentiras — protestou Murta, as lágrimas agora a descenderem-lhe pelo rosto, enquanto Peeves se ria baixinho por cima do ombro dela. — Julgam que eu não sei o que as pessoas me chamam nas minhas costas? A Murta gorda, a Murta feia, a Murta queixosa, a Murta deprimida!

— Esqueceste-te de «a Murta borbulhenta» — sussurrou-lhe Peeves ao ouvido.

A Murta Queixosa irrompeu em soluços de angústia e fugiu da masmorra. Peeves disparou atrás dela, lançando-lhe uma chuva de amendoins cheios de bolor e gritando: — Borbulhenta! Borbulhenta!

— Oh, coitada! — exclamou Hermione com tristeza.

O Nick Quase-Sem-Cabeça abria agora caminho entre a multidão para se aproximar deles.

— Estão a divertir-se?

— Sim, sim — mentiram.

— Uma afluência nada má — disse, orgulhoso, o Nick Quase-Sem-Cabeça. — A Viúva Choroza veio de Kent... está quase na hora do meu discurso. É melhor ir avisar a orquestra.

Mas a orquestra parou de tocar nesse preciso momento. Todos na masmorra ficaram em silêncio total, olhando em volta cheios de excitação quando se ouviu uma trompa de caça.

— Lá vêm eles — disse o Nick Quase-Sem-Cabeça, com alguma amargura na voz.

Pela parede da masmorra irrompeu uma dúzia de cavalos fantasmas, cada um montado por um cavaleiro sem cabeça. A assistência aplaudiu vivamente. Harry começou também a bater palmas, mas parou rapidamente quando viu a cara de Nick.

Os cavalos galoparam até ao meio da pista de dança e pararam,

empinaram-se e imobilizaram-se. Um fantasma grande na frente, cuja cabeça barbuda estava debaixo do braço, soprando a trompa, desmontou, levantou a cabeça bem no ar para poder ver toda a assistência (todos se riam) e dirigiu-se ao Nick Quase-Sem-Cabeça, enfiando a cabeça no pescoço. — Nick! — bradou. — Como estás? A cabeça ainda não caiu?

Lançou uma sonora gargalhada e deu uma palmada no ombro do Nick Quase-Sem-Cabeça.

— Bem-vindo, Patrick — cumprimentou Nick, mantendo a sua postura rígida.

— Gente viva! — exclamou Sir Patrick, avistando Harry, Ron e Hermione e dando um salto de falso espanto, de tal modo que a cabeça lhe caiu de novo (a multidão ria a bom rir).

— Muito engraçado — disse o Nick Quase-Sem-Cabeça com um ar soturno.

— Não lighes ao Nick — gritou a cabeça de Sir Patrick do chão. — Ainda está aborrecido por não o deixarmos juntar-se aos Caçadores. Mas olhem bem para ele...

— Eu acho — disse apressadamente Harry, em resposta a um olhar de Nick — que o Nick é muito assustador e... eu...

— Bah! — gritou a cabeça de Sir Patrick. — Aposto que ele te pediu que dissesse isso.

— Gostaria de ter a vossa atenção. Chegou a altura de fazer o meu discurso — declarou o Nick Quase-Sem-Cabeça bem alto, dirigindo-se ao pódio, subindo e parando, iluminado por uma luz azul.

— Os meus sentimentos, senhores e senhoras, é com profundo pesar...

Mas já ninguém estava a ouvi-lo. Sir Patrick e o resto do grupo dos Caçadores Sem-Cabeça tinham iniciado um jogo de Hóquei com Cabeças e a multidão voltara-se para os observar. O Nick Quase-Sem-Cabeça tentou em vão recuperar a audiência, mas acabou por desistir, quando a cabeça de Sir Patrick passou por ele a toda a velocidade, perante fortes vivas.

Harry estava cheio de frio para não falar da fome.

— Não aguento mais isto — murmurou Ron a bater o dente, enquanto a orquestra voltava a entrar em acção e os fantasmas enchiam de novo a pista de dança.

— Vamos embora — concordou Harry.

Recuaram até à porta, acenando e sorrindo a todos os que olhavam para eles e um minuto depois passavam apressadamente pela entrada cheia de velas negras.

— Talvez o pudim ainda não tenha acabado — disse Ron, cheio de esperança, abrindo caminho em direcção aos degraus do *Hall* de Entrada.

E foi então que Harry ouviu aquilo.

— ... *Arrancar... rasgar... matar...*

Era a mesma voz, a mesma voz fria e assassina que ouvira no gabinete de Lockhart.

Parou, agarrando-se à parede de pedra na expectativa de ouvir melhor, olhando em volta, espreitando para cima e para baixo da passagem mal iluminada.

— Harry que estás tu a...?

— É aquela voz outra vez, calem-se um bocadinho.

— ... *Tanta fome... há tanto tempo...*

— Ouçam — insistiu Harry, e Ron e Hermione ficaram estáticos a olhar para ele.

— *Matar... hora de matar...*

A voz ia ficando mais débil. Harry tinha a certeza de que ela estava a afastar-se, a subir. Um misto de medo e excitação tomou posse dele enquanto olhava para o tecto escuro. Como poderia a voz subir? Seria um fantasma para quem os tectos de pedra não contavam?

— Por aqui — gritou, começando a correr pelas escadas acima até ao *Hall* de Entrada. Não havia hipótese de ouvir fosse o que fosse ali, o barulho de vozes que vinha do banquete do *Hallowe'en* ecoava cá fora. Harry subiu a correr a escadaria de mármore até ao primeiro andar com Ron e Hermione seguindo-o ruidosamente.

— Harry, o que é que nós...?

— Schiu...

Harry apurou o ouvido. Ao longe, no andar de cima, e ainda a enfraquecer, mesmo assim ouviu a voz: — ...*Cheira-me a sangue...*  
*CHEIRA-ME A SANGUE!*

O estômago deu-lhe uma volta. — Ele vai matar alguém — gritou e, ignorando as caras perplexas de Ron e Hermione, correu, subindo mais um lance de escadas, a três e três, tentando ouvir através do ruído dos seus próprios passos.

Correu a toda a velocidade pelo segundo andar com Ron e Hermione atrás e só parou quando viraram uma esquina para o último corredor deserto.

— Harry, para que foi isto tudo? — perguntou Ron, limpando o suor do rosto. — Eu não ouvi nada...

Mas Hermione, num sobressalto, apontou para o fundo do corredor.

— Olhem!

Alguma coisa brilhava na parede em frente. Aproximaram-se devagarinho, tentando ver na escuridão. Alguém escrevera em letras

garrafais na parede entre duas janelas. As palavras brilhavam à chama fraca das tochas.

A CÂMARA DOS SEGREDOS FOI ABERTA. INIMIGOS DO HERDEIRO, CUIDADO.

— O que é aquilo pendurado por baixo das letras? — perguntou Ron com um tremor na voz.

Quando se aproximaram, Harry quase escorregou, pois havia uma grande poça de água no chão. Ron e Hermione agarraram-no e avançaram cautelosamente até à mensagem, os olhos fixos numa sombra escura, em baixo. Aperceberam-se os três de imediato do que se tratava e deram um salto para trás, salpicando tudo.

*Mrs. Norris*, a gata do encarregado, estava pendurada pela cauda no suporte da tocha. Tinha o corpo rígido como uma tábua e os olhos abertos.

Durante alguns segundos, ninguém se mexeu. Depois Ron disse: — Vamos cavar daqui.

— Não devíamos tentar ajudar? — propôs Harry, atrapalhado.

— Acredita — assegurou-lhe Ron. — É melhor que não nos encontrem aqui.

Mas era tarde de mais. Um ruído surdo e prolongado, como um trovejar distante, avisou-os de que o festim tinha terminado. De ambas as extremidades do corredor onde se encontravam, veio o som de centenas de pés a subirem a escadaria e as vozes alegres de gente bem alimentada. No momento seguinte, os alunos precipitaram-se para junto deles de ambos os lados.

O burburinho morreu subitamente mal as pessoas avistaram a gata pendurada. Harry, Ron e Hermione estavam de pé, sozinhos, no meio do corredor quando se fez silêncio na multidão de estudantes que se empurravam para observar aquele quadro macabro.

Então alguém gritou, quebrando o silêncio: — Inimigos do Herdeiro, cuidado. Vocês serão os próximos, Sangues de Lama!

Era Draco Malfoy. Estava à frente da multidão com os olhos frios a brilhar, a sua cara habitualmente pálida, agora afogueada, sorrindo à vista da gata pendurada e imóvel.

## IX

### O AVISO

— O que é se passa aqui? O que é que se passa?

Sem dúvida atraído pelo grito de Malfoy, Argus Filch apareceu, abrindo caminho por entre a multidão. Quando viu *Mrs. Norris*, recuou, agarrando o rosto com verdadeiro horror. — A minha gata! A minha gata! O que aconteceu a *Mrs. Norris*? — gritou. E os seus olhos esbugalhados caíram sobre Harry. — *Tu!* — guinchou ele. — Mataste a minha gata! Mataste-a, vou dar cabo de ti, eu...

— *Argus!*

Dumbledore tinha chegado, seguido de alguns professores. Em poucos segundos, tinha passado à frente de Harry, Ron e Hermione e desatado *Mrs. Norris* do suporte da tocha.

— Vem comigo, Argus — disse ele a Filch. — E Mr. Potter, Mr. Weasley e Miss Granger também.

Lockhart deu rapidamente um passo em frente.

— O meu gabinete é o que está mais perto, Senhor Director, é já aqui em cima, por favor, fiquem à vontade.

— Obrigado, Gilderoy — disse Dumbledore.

A multidão silenciosa dividiu-se para os deixar passar. Lockhart, sentindo-se excitado e importante, apressou-se a seguir Dumbledore assim como a professora McGonagall e o professor Snape.

Quando entraram no gabinete escuro, houve uma grande agitação nas paredes. Harry viu várias imagens de Lockhart a esconderem-se, cheias de rolos no cabelo. O Lockhart em pessoa acendeu as velas e chegou-se mais para trás. Dumbledore pôs *Mrs. Norris* na superfície polida da secretária e começou a examiná-la.

Harry, Ron e Hermione trocaram olhares tensos entre si e deixaram-se cair nas cadeiras que se encontravam longe da luz, a observar.

A ponta do nariz longo e adunco de Dumbledore estava a menos de dois centímetros do pêlo de *Mrs. Norris*. Olhava-a de perto através dos óculos de meia-lua, os dedos longos a palpar e tactear suavemente. A professora McGonagall estava quase tão perto como ele, com os olhos contraídos. Snape pairava mais atrás, meio na sombra, com uma expressão estranha no rosto, como se tentasse a toda a força sorrir. E Lockhart andava de um lado para o outro a dar sugestões:

— Foi sem dúvida uma maldição que a matou, provavelmente a Tortura da Metamorfose. Vi-a muitas vezes ser usada, mas infelizmente eu não estava lá quando isto aconteceu. Conheço o antídoto para essa maldição, que a teria salvo.

Os comentários de Lockhart eram acompanhados pelos soluços secos e violentos de Filch. Estava afundado numa cadeira junto da secretária, incapaz de olhar para *Mrs. Norris*, com o rosto nas mãos. Por mais que detestasse Filch, Harry não pôde deixar de sentir pena dele, embora não tanta quanto a que sentia de si próprio. Se Dumbledore acreditasse em Filch, ele seria certamente expulso.

O director estava agora a sussurrar umas palavras estranhas e batendo em *Mrs. Norris* com a varinha, mas não aconteceu nada, ela continuou com o mesmo aspecto, como se tivesse sido empalhada.

— ... Lembro-me de uma coisa semelhante que aconteceu em Ouagadougou — disse Lockhart. — Uma série de ataques. Conto essa história na minha autobiografia. Dei à gente da cidade vários amuletos que resolveram logo a situação...

As fotografias de Lockhart nas paredes iam acenando afirmativamente com a cabeça enquanto ele falava. Uma delas esquecera-se de tirar a rede do cabelo.

Por fim, Dumbledore endireitou-se.

— Ela não está morta, Argus — disse suavemente.

Lockhart interrompeu bruscamente a contagem dos crimes que conseguira evitar.

— Não está morta? — repetiu Filch num soluço, olhando através dos dedos para *Mrs. Norris*. — Mas, por que está ela rígida e gelada?

— Foi Petrificada — explicou Dumbledore (Ah! foi o que eu pensei! — comentou Lockhart) —, mas como, não posso afirmar.

— Pergunte-lhe — gritou Filch, voltando a cara cheia de furúnculos e lágrimas para Harry.

— Nenhum aluno do segundo ano poderia ter feito isto — afirmou Dumbledore. — Era preciso um grande conhecimento de Magia Negra.

— Foi ele, foi ele — insistiu encolerizado o encarregado, o rosto flácido

a ficar roxo. — O senhor viu o que ele escreveu na parede. Ele descobriu no meu gabinete, ele sabe que eu sou um... — O rosto de Filch estava horrível. — Ele sabe que eu sou um cepatorta — disse por fim.

— Eu não toquei na *Mrs. Norris* — gritou Harry, com todos os olhares a recaírem sobre ele, incluindo o de todos os Lockhart da parede. — E nem sei o que é um cepatorta.

— Mentira! — gritou Filch. — Ele viu a minha carta do FEITIÇO RÁPIDO.

— Se me permite que dê a minha opinião, Senhor Director — interveio Snape, saindo da sombra, fazendo com que a sensação de mau presságio de Harry aumentasse bastante. Certamente nada do que Snape tinha para dizer iria ajudá-lo. — O Potter e os amigos podiam estar simplesmente no lugar errado na altura errada — afirmou com um leve sorriso a torcer-lhe a boca como se tivesse as suas dúvidas. — Mas temos aqui um conjunto de circunstâncias curiosas. Por que razão estavam eles afinal no corredor? Por que não estiveram presentes na festa de *Hallowe'en*?

Harry, Ron e Hermione começaram uma longa explicação sobre a festa do Aniversário da Morte do Nick. — Estavam lá centenas de fantasmas, eles poderão confirmar que lá estivemos...

— Mas por que não foram a seguir ao banquete? — perguntou Snape com os olhos pretos a brilharem à luz das velas. — Porquê ir até àquele corredor?

Ron e Hermione olharam para Harry.

— Porque, porque... — balbuciou Harry, com o coração a querer saltar-lhe do peito, mas algo lhe disse que ia parecer muito rebuscado se lhes contasse que tinha sido levado até ali por uma voz sem corpo que só ele conseguia ouvir. — Porque estávamos cansados e queríamos ir para a cama — disse.

— Sem jantar? — inquiriu Snape com um sorriso triunfante a bailar-lhe no rosto lúgubre. — Não sabia que os fantasmas ofereciam nas suas festas comida para gente viva.

— Não estávamos com fome — disse Ron bem alto, enquanto o seu estômago se queixava de forma audível.

O sorriso mesquinho de Snape alargou-se. — Acho, Senhor Director, que o Potter não está a dizer toda a verdade — afirmou. — Talvez fosse boa ideia retirar-lhe alguns privilégios, até ele estar disposto a contar-nos a história toda. Pessoalmente, sugiro que seja retirado da equipa dos Gryffindor até decidir ser honesto.

— Francamente, Severus — exclamou a professora McGonagall com uma voz cortante. — Não vejo motivo para impedir o rapaz de jogar Quidditch. Esta gata não levou pauladas na cabeça dadas por nenhum cabo



de vassoura. E não há provas de que o Potter tenha feito algo de mal.

Dumbledore observava Harry com um olhar perscrutador. A voz tremeluzente dos seus olhos azuis fez Harry sentir que estava a ser passado a raios X.

— Inocente até se provar que é culpado, Severus — declarou com segurança.

Snape estava furioso, assim como Filch. — A minha gata foi Petrificada! — berrou, com os olhos a saltarem das órbitas. — Quero ver um *castigo*!

— Vamos poder curá-la, Argus — explicou pacientemente Dumbledore. — A professora Sprout conseguiu arranjar algumas Mandrágoras. Logo que tenham atingido o tamanho adulto, terei uma Poção de Mandrágoras que reanimará *Mrs. Norris*.

— Eu posso fazê-la — interrompeu Lockhart. — Devo ter feito isso uma centena de vezes. Preparo uma golada de Mandrágora Reconstituente de olhos fechados...

— Perdão — disse Snape friamente —, mas julgo que o professor de Poções desta escola ainda sou eu.

Houve um silêncio bastante incómodo.

— Vocês podem ir-se embora — indicou Dumbledore a Harry, Ron e Hermione.

Eles saíram o mais depressa que puderam, sem ir a correr. Quando chegaram ao andar acima do gabinete de Lockhart, entraram numa sala de aulas vazia e fecharam a porta devagarinho. Harry lançou um olhar de esguelha às expressões carregadas dos amigos.

— Açam que eu lhes devia ter falado da voz que ouvi?

— Não — respondeu Ron, sem a mínima hesitação. — Ouvir vozes que mais ninguém ouve não é bom sinal, nem no mundo dos feiticeiros.

Algo no tom de Ron levou Harry a fazer a pergunta: — Tu acreditas em mim, não acreditas?

— É claro que sim — respondeu Ron de imediato. — Mas tens de concordar que é esquisito...

— Eu sei que é esquisito — confirmou Harry. — É tudo esquisito. O que era aquilo escrito na parede? *A Câmara foi Aberta*, o que é que significa?

— Sabes, faz-me lembrar qualquer coisa — disse Ron lentamente. — Acho que alguém me contou uma história sobre uma câmara secreta em Hogwarts, talvez tenha sido o Bill...

— E que diabo é um cepatorta? — perguntou Harry.

Para sua surpresa, Ron abafou o riso. — Bem, na verdade não tem graça nenhuma, mas como é o Filch... — disse. — Um cepatorta é alguém que nasceu de uma família de feiticeiros, mas não tem poderes mágicos. É uma

espécie do oposto dos que vêm de famílias de Muggles, mas são feiticeiros. Os cepatorta são muito raros. Se o Filch está a tentar aprender magia num curso rápido, acho que ele deve ser mesmo um cepatorta. Isso explicaria tudo, por exemplo, por que detesta tanto os estudantes. — Ron sorriu satisfeito. — Tem inveja.

Um relógio deu as horas, algures.

— Meia-noite — observou Harry. — É melhor irmos deitar-nos, antes que o Snape apareça e tente acusar-nos de qualquer coisa.

Durante alguns dias não se falou de outra coisa na escola a não ser do ataque a *Mrs. Norris*. Filch manteve o sucedido bem fresco na memória de todos, andando de um lado para o outro no lugar onde ela fora atacada, como se esperasse pelo responsável. Harry vira-o esfregar a mensagem da parede com o «Lava-Tudo Mágico de Mrs. Skower», mas sem qualquer resultado. As palavras continuavam a brilhar tanto como antes sobre a pedra.

Quando Filch não estava a patrulhar a cena do crime, vagueava, de olhos avermelhados, pelos corredores, perseguindo alunos insuspeitos e tentando aplicar-lhes castigos por coisas como «respirar muito alto» ou «estar alegre».

Ginny Weasley parecia muito perturbada com o destino de *Mrs. Norris*. Segundo Ron, adorava gatos.

— Mas tu nem chegaste a conhecer bem *Mrs. Norris* — disse-lhe Ron para a animar. — Com toda a franqueza, estamos muito melhor sem ela. — O lábio de Ginny tremeu. — Não é costume acontecerem coisas destas em Hogwarts — tranquilizou-a. — Eles vão descobrir o patife que fez aquilo e põem-no daqui para fora em três tempos. Só espero que tenha tempo de Petrificar o Filch antes de ser expulso. Estou a brincar, claro — acrescentou Ron apressadamente ao ver Ginny empalidecer.

O ataque afectara também Hermione. Era costume dela passar muito tempo a ler, mas agora parecia não fazer mais nada. Nem respondia a Harry nem a Ron quando lhe perguntavam o que estava a fazer e só acabaram por descobrir na quarta-feira seguinte.

Harry tivera de ficar até mais tarde na sala de Poções onde Snape o mandara raspar restos de larvas das secretárias.

Depois de um almoço comido à pressa, foi lá acima encontrar-se com Ron na biblioteca e viu Justin Finch-Fletchley, o rapaz dos Hufflepuff da aula de Herbologia que vinha em direcção a ele. Tinha acabado de abrir a boca para dizer um «Olá», quando Justin o viu, se voltou bruscamente e mudou de direcção.

Harry foi encontrar Ron ao fundo da biblioteca, a medir o trabalho de casa de História da Magia. O professor Binns pedira uma composição sobre a Assembleia Medieval de Feiticeiros Europeus com 90 cm de extensão.

— Não posso crer que ainda me faltem 16 cm — constatou Ron, furioso, largando o pergaminho que se enrolou em forma de tubo — e que a Hermione tenha feito um metro e trinta naquela letra pequenina e apertadinha.

— Onde está ela? — perguntou Harry, agarrando na fita métrica e desembrulhando o seu trabalho de casa.

— Algures por aí — disse Ron, apontando para as estantes. — À procura de outro livro. Acho que ela está a tentar ler a biblioteca toda antes do Natal.

Harry contou a Ron que Justin Finch-Fletchley tinha evitado falar-lhe.

— Não sei por que te preocupas com isso. Eu achei-o um idiota — disse Ron, escrevinhando e fazendo a letra o maior possível. — Todo aquele disparate sobre o Lockhart ser tão grande...

Hermione surgiu do meio das estantes. Parecia irritada e disposta, por fim, a falar com eles.

— *Todos* os exemplares de *Hogwarts: Uma História* foram requisitados — disse, sentando-se ao lado de Harry e Ron. — E há uma lista de espera de duas semanas. Quem me dera não ter deixado o meu exemplar em casa, mas não consegui que coubesse na mala com todos os livros do Lockhart.

— Para que o queres? — perguntou Harry.

— Pelo mesmo motivo que toda a gente o quer — disse Hermione. — Para ler a lenda da Câmara dos Segredos.

— O que é isso?

— Precisamente, não me lembro — confessou Hermione, mordendo o lábio. — E não encontro a história em lugar nenhum.

— Hermione, deixa-me ler o teu trabalho — pediu Ron, desesperado, olhando para o relógio.

— Não, não deixo — respondeu Hermione com um ar severo. — Tiveste dez dias para o fazer.

— Só preciso de mais quatro centímetros, vá lá...

A campainha tocou. Ron e Hermione encaminharam-se para a sala de História da Magia, discutindo.

Esta disciplina era a mais chata do programa. O professor Binns, que a leccionava, era o único professor fantasma e a coisa mais excitante que aconteceu nas suas aulas foi o dia em que ele entrou pelo quadro preto. Já velho e enrugado, muita gente afirmava a seu respeito que ele não dera por que tinha morrido. Pura e simplesmente, levantara-se um dia para ir dar

aulas, deixando o corpo atrás, num cadeirão em frente da lareira da sala dos professores. Desde esse dia, a sua rotina mantivera-se igual.

Aquela aula foi tão chata como de costume. Abriu o seu bloco de notas e começou a ler num tom monocórdico, como um velho aspirador até quase todos os alunos estarem num estado de profunda dormência, acordando de vez em quando, para tomar nota de um nome ou de uma data, e voltando a adormecer.

Estava a falar havia meia hora quando aconteceu algo que nunca tinha acontecido. Hermione pôs o braço no ar.

O professor Binns olhou de relance, no meio da chatíssima aula sobre a Convenção Internacional de Feiticeiros de 1289, verdadeiramente espantado.

— Miss... hã...?

— Granger, professor. Poderia dizer-nos alguma coisa sobre a Câmara dos Segredos? — perguntou Hermione numa voz bem audível.

Dean Thomas, que tinha estado sentado de boca aberta, olhando para fora da janela, saiu do seu transe com um salto. A cabeça de Lavender Brown saltou dos braços e o cotovelo de Neville Longbottom escorregou para fora da secretária.

O professor Binns piscou os olhos.

— A minha disciplina é História da Magia — disse, na sua voz seca e asmática. — Eu trato de factos, Miss Granger, não de mitos e lendas — pigarreou, produzindo um ruído que parecia o giz a partir-se e continuou: — Em Setembro desse ano, uma subcomissão de feiticeiros da Sardenha...

Parou de repente. A mão de Hermione estava de novo no ar.

— Sim, Miss Granger?

— Por favor, professor, as lendas não têm sempre um facto como base?

O professor Binns olhava para ela com tal espanto que Harry teve a certeza de que ele nunca, em tempo algum, fora interrompido por um aluno.

— Bem — disse lentamente o professor Binns. — Sim, é uma afirmação que se pode fazer. — Contemplou Hermione como se fosse a primeira vez que olhava a sério para um estudante. — Contudo, a lenda de que me fala é tão extraordinária, mesmo grotesca...

Mas a turma inteira estava agora atenta às palavras do professor, que olhou indistintamente para todos eles. Harry poderia assegurar que ele estava absolutamente abismado por uma tão grande demonstração de interesse.

— Muito bem — disse lentamente. — Ora vejamos... a Câmara dos Segredos. Todos vocês sabem com certeza que Hogwarts foi fundada há

mais de um milhar de anos, não se conhece ao certo a data, pelos quatro maiores feiticeiros e feiticeiras da época: Godric Gryffindor, Helga Hufflepuff, Rowena Ravenclaw e Salazar Slytherin. Construíram juntos este castelo, longe dos olhares curiosos dos Muggles, porque naquele tempo a magia era temida pelas pessoas comuns e as feiticeiras e os feiticeiros sofriam terríveis perseguições.

Fez uma pausa, olhou indeciso em volta e prosseguiu: — Durante alguns anos, os fundadores trabalharam juntos em harmonia procurando outros mais novos que mostrassem sinais de possuir dotes mágicos e trazendo-os para o castelo para aqui serem ensinados. Mas os desentendimentos surgiram entre eles. Começou a notar-se uma divisão entre Slytherin e os outros. Salazar Slytherin queria ser mais selectivo em relação aos alunos a serem admitidos em Hogwarts. Achava que os ensinamentos de magia deviam ficar dentro das famílias de feiticeiros. Não lhe agradava a entrada na escola de alunos de famílias Muggles, porque os achava pouco dignos de confiança. Algum tempo depois, houve uma séria discussão sobre esse assunto entre Slytherin e Gryffindor, e Slytherin abandonou a escola.

O professor Binns fez uma nova pausa, esticando os lábios, o que o fazia parecer uma tartaruga enrugada.

— Fontes fidedignas referem-nos isto — afirmou. — Mas estes factos foram obscurecidos pela fantasiosa lenda da Câmara dos Segredos. Conta a história que Slytherin construíra uma câmara oculta dentro do castelo, cuja existência os outros fundadores ignoravam. De acordo com a lenda, Slytherin selou a Câmara dos Segredos para que ninguém pudesse abri-la até o seu verdadeiro herdeiro chegar à escola. O herdeiro, e apenas ele, poderia abrir a Câmara dos Segredos, libertar o horror que lá se encontrava e utilizá-lo para expurgar a escola de todos aqueles que eram indignos de aprender magia.

Fez-se um silêncio quando ele se calou que não era o habitual silêncio sonolento das aulas do professor Binns. Havia um desassossego no ar, enquanto todos continuavam a olhá-lo à espera de mais. O professor Binns estava ligeiramente aborrecido.

— Toda esta história é um disparate, claro — disse ele. — A escola foi revistada por várias vezes em busca de provas da existência dessa Câmara pelos feiticeiros e feiticeiras mais conhecedores. Não existe nada. Uma lenda que serviu apenas para assustar os ingênuos.

A mão de Hermione estava novamente no ar.

— Professor, o que quer dizer, ao certo, com «o horror que estava dentro da Câmara»?

— Acredita-se que seja uma espécie de monstro que só o herdeiro de

Slytherin pode controlar — explicou o professor Binns na sua voz seca e débil.

A turma trocou entre si olhares inquietos.

— Como vos digo, essa coisa não existe — afirmou o professor Binns, desordenando as suas notas. — Não há Câmara e não há monstro.

— Mas, professor — insistiu Seamus Finnigan —, se a Câmara só podia ser aberta pelo herdeiro de Slytherin, ninguém mais poderia encontrá-la. Não é?

— Um disparate pegado, O’Flaherty — disse o professor Binns, num tom de voz exasperado. — Se uma longa sucessão de directores e directoras de Hogwarts não a encontraram...

— Mas, professor — começou a dizer Parvati Patil —, se calhar é preciso usar Magia Negra para a abrir...

— Lá porque um feiticeiro não usa Magia Negra não quer dizer que não possa, Miss Pennyfeather — interrompeu o professor Binns. — Repito, se pessoas como o Dumbledore...

— Mas talvez seja preciso fazer parte dos Slytherin, por isso o professor Dumbledore não podia... — começou Dean Thomas, mas o professor Binns já estava farto.

— Já chega — disse, de modo cortante. — É um mito. Não existe. Não há uma única prova de que Slytherin tenha construído nem mesmo uma despensa para vassouras secreta. Lamento ter-vos contado esta história tola. Vamos voltar, se fazem o favor, à História, aos factos sólidos, verificáveis, credíveis.

E em menos de cinco minutos toda a classe mergulhara na sua sonolência habitual.

— Eu sempre ouvi dizer que Salazar Slytherin era um velho retorcido e meio pateta — disse Ron a Harry e Hermione, enquanto abriam caminho pelos corredores cheios, no final da aula, para ir arrumar os sacos antes do jantar. — Mas não sabia que ele tinha começado esta coisa do sangue puro. Eu não ia para os Slytherin nem que me pagassem. Se o Chapéu Seleccionador me tivesse posto lá, metia-me no comboio e ia para casa...

Hermione acenou vivamente, mas Harry não abriu a boca. O estômago parecia ter dado uma volta.

Harry nunca contara a Ron e a Hermione que o Chapéu Seleccionador tinha considerado seriamente a possibilidade de o colocar nos Slytherin. Lembrava-se, como se tivesse sido na véspera, do que a vizinha lhe dissera ao ouvido quando pusera o Chapéu na cabeça, um ano antes.

*Podias vir a ser grande, sabes? Está tudo aqui na tua cabeça e os*

*Slytherin ajudar-te-iam no caminho para a grandeza, sem a menor dúvida...*

Mas Harry, que já ouvira falar da fama dos Slytherin de formar magos negros, pensara desesperadamente. — Nos Slytherin, não! — E o chapéu tinha dito: — *Bem, se tens assim tanta certeza... será melhor os Gryffindor.*

Enquanto eram empurrados pela multidão, Colin Creevey passou por eles.

— Olá, Harry!

— Olá, Colin — cumprimentou Harry automaticamente.

— Harry, Harry, um rapaz da minha turma tem andado a dizer que tu és...

Mas Colin era tão baixinho que não conseguiu lutar contra a maré de gente que o arrastou até ao *Hall*. Ouviram-no despedir-se: — Adeus, Harry — e desaparecer.

— O que é que o rapaz da turma dele disse de ti? — quis saber Hermione.

— Que eu sou o herdeiro de Slytherin, imagino — disse Harry, com o estômago ainda às voltas, lembrando-se de repente de Justin Finch-Fletchley a fugir para não lhe falar, à hora do almoço.

— As pessoas aqui acreditam em tudo — disse Ron com desdém.

A multidão diminuiu e conseguiram subir as escadas sem dificuldade.

— Achas mesmo que existe uma Câmara dos Segredos? — perguntou Ron a Hermione.

— Não sei — respondeu ela, franzindo a testa. — O Dumbledore não conseguiu curar *Mrs. Norris* e isso leva-me a pensar que o que a atacou pode não ser... humano.

Enquanto falava, viraram uma esquina e encontraram-se no fim daquele mesmo corredor onde o ataque tinha ocorrido. Pararam para olhar. Estava tudo igual àquela outra noite, com excepção da gata pendurada do apoio da tocha e havia uma cadeira vazia encostada à parede, onde podia ler-se a mensagem «A CÂMARA FOI ABERTA».

— Foi aqui que o Filch montou a guarda — murmurou Ron.

Olharam uns para os outros. O corredor estava deserto.

— Não deve fazer mal dar uma olhadela — disse Harry, deixando cair o saco e baixando-se para poder gatinhar em busca de pistas.

— Marcas de queimadura — constatou — aqui e aqui...

— Venham ver isto! — chamou Hermione. — Que estranho...

Harry levantou-se e foi até à janela que ficava junto da mensagem. Hermione apontava para o vidro mais alto, onde cerca de uma vintena de aranhas se debatiam numa aparente luta para atravessar por uma pequena

brecha no vidro. Um longo fio prateado balouçava como uma corda, como se todas tivessem trepado, na ânsia de chegar lá fora.

— Alguma vez viram aranhas agir assim? — perguntou Hermione, curiosa.

— Não — respondeu Harry. — E tu, Ron? Ron?

Olhou por cima do ombro. Ron estava de costas, bem lá atrás e parecia lutar contra o impulso de se virar.

— O que é que se passa? — perguntou Harry.

— Eu não gosto de aranhas — confessou Ron, de modo tenso.

— Nunca me tinhas dito — comentou Hermione, olhando para ele com surpresa. — Estás farto de usar aranhas nas poções...

— Não me importo quando estão mortas — explicou Ron, que olhava cautelosamente para todos os lados, menos para a janela. — Não gosto da maneira como se mexem.

Hermione riu-se baixinho.

— Não tem graça nenhuma — disse Ron, furioso. — Se queres saber, quando eu tinha três anos, o Fred transformou o meu ursinho de pelúcia numa enorme aranha nojenta, por eu lhe ter partido a vassoura de brinquedo. Tu também não gostarias de aranhas, se estivesse agarrada ao teu ursinho e, de repente, ele tivesse uma data de pernas e...

Começou a tremer... Hermione ainda estava a tentar conter o riso. Sentindo que era melhor mudarem de assunto, Harry perguntou: — Lembram-se da água que havia aqui no chão? De onde terá vindo? Alguém a limpou.

— Era por aqui — disse Ron, já recuperado, avançando alguns passos em direcção à cadeira de Filch e apontando. — Junto desta porta.

Estendeu a mão para o puxador da porta, mas retirou-a de imediato, como se se tivesse queimado.

— O que foi? — perguntou Harry.

— Não posso entrar aí — disse Ron bruscamente. — É a casa de banho das raparigas.

— Oh, Ron, não está aí ninguém — sossegou-o Hermione enquanto se aproximava. — É o lugar da Murta Queixosa. Anda, vamos dar uma espreitadela.

E, ignorando o grande letreiro que dizia «Fora de serviço», Hermione abriu a porta.

Era a casa de banho mais sombria e deprimente em que Harry tinha posto os pés durante toda a sua vida. Debaixo de um grande espelho partido e sujo podia ver-se uma fila de lavatórios de pedra, rachados. O chão estava húmido e reflectia a luz fraca dos pavios de algumas velas que ardiam



baixinho nos suportes. As portas de madeira dos cubículos estavam todas lascadas e riscadas e uma delas balouçava fora das dobradiças.

Hermione levou os dedos aos lábios e foi até ao último cubículo. Quando lá chegou disse: — Olá, Murta, como estás?

Harry e Ron foram ver. A Murta Queixosa flutuava no autoclismo da casa de banho, tirando um ponto negro do queixo.

— Esta é a casa de banho das raparigas — disse, ao ver Ron e Harry. — Eles não são raparigas.

— Não — concordou Hermione. — Eu só queria mostrar-lhes como esta casa de banho é... hã... simpática.

Fez um aceno vago ao velho espelho sujo e ao chão húmido.

— Pergunta-lhe se viu alguma coisa — sussurrou Ron a Hermione.

— Por que estão a dizer segredinhos? — perguntou Murta, fitando-o.

— Não é nada — disse Harry rapidamente. — Queríamos perguntar...

— Gostava que as pessoas parassem de falar nas minhas costas! — desabafou Murta numa voz abafada pelas lágrimas. — Eu tenho sentimentos, sabem, apesar de estar morta.

— Murta, ninguém quis aborrecer-te — explicou Hermione. — O Harry só...

— Ninguém quis aborrecer-me! Essa é boa! — uivou a Murta. — A minha vida foi uma infelicidade neste lugar e agora as pessoas vêm estragar a minha morte.

— Nós queríamos perguntar-te se tinhas visto alguma coisa estranha ultimamente — disse Hermione sem perder tempo. — É que foi atacada uma gata mesmo aqui à frente da tua porta na noite do *Hallowe'en*.

— Viste alguém aqui perto nessa noite? — insistiu Harry.

— Não prestei atenção — disse Murta com ar dramático. — O Peeves aborreceu-me tanto que vim aqui para tentar matar-me. Só então me lembrei de que estou... de que estou...

— Já morta — ajudou Ron.

Murta soltou um soluço trágico, elevou-se no ar, voltou-se e mergulhou de cabeça na sanita, espalhando água por cima de todos eles e desaparecendo. Pelo som dos seus soluços abafados, fora certamente descansar algures no sifão.

Harry e Ron ficaram de boca aberta, mas Hermione encolheu os ombros de cansaço e disse: — Se querem saber, para a Murta isto até foi alegre... vá, vamos embora.

Harry tinha acabado de fechar a porta, deixando atrás os soluços gorgolejantes de Murta, quando uma voz forte o fez dar um salto.

— RON!

Percy Weasley estava parado no cimo das escadas com o seu distintivo de prefeito a brilhar e uma expressão chocadíssima no rosto.

— Isso é a casa de banho das raparigas... o que é que vocês...?

— Estávamos só a dar uma vista de olhos! — exclamou Ron. — À procura de pistas...

Percy engoliu em seco, de uma maneira que fez Harry lembrar-se de Mrs. Weasley.

— Saiam imediatamente daqui — disse, aproximando-se deles a passos largos e gesticulando agitadamente. — Não se preocupam com as aparências? Voltar aqui enquanto toda a gente está a jantar...

— Por que não havíamos de estar aqui? — perguntou, cheio de vivacidade, Ron, parando de repente e olhando Percy nos olhos. — Ouve lá, nós não tocámos naquela gata.

— Isso foi o que eu tentei explicar à Ginny — respondeu Percy, furioso —, mas ela parece continuar a pensar que vocês vão ser expulsos. Nunca a vi tão aflita. Não pára de chorar. Devas pensar nela. Todos os alunos do primeiro ano andam superexcitados com esta história.

— Tu não estás nada preocupado com a Ginny — disse Ron já com as orelhas vermelhas. — O que te assusta é que eu possa estragar as tuas possibilidades de ser Delegado dos Alunos.

— Cinco pontos a menos para os Gryffindor! — bradou Percy, afagando o distintivo de prefeito. — E espero que te sirva de lição. Acabou-se o trabalho de detective ou escrevo à mãe a contar-lhe.

E voltou-lhes as costas, a nuca tão vermelha como as orelhas de Ron.

Nessa noite, Harry, Ron e Hermione sentaram-se na sala comum o mais longe possível de Percy. Ron estava ainda muito maldisposto e não parava de esborratar o trabalho de casa para a aula de Encantamentos. Quando pegou distraidamente na varinha para tirar as manchas, incendiou o pergaminho. A deitar quase tanto fumo como o seu trabalho de casa, fechou bruscamente o *Livro Padrão de Feitiços — Nível 2*. Para grande surpresa de Harry, Hermione fez o mesmo.

— Mas quem poderia ser? — perguntou ela baixinho como se continuasse uma conversa interrompida. — Quem quereria todos os cepatortas e filhos de Muggles fora de Hogwarts?

— Vamos pensar — disse Ron na brincadeira, fingindo estar confuso. — Quem poderemos nós conhecer que ache que os familiares de Muggles são escumalha?

Olhou para Hermione, que lhe devolveu o olhar, pouco convencida.

— Se estás a pensar no Malfoy...

— É claro que estou — disse Ron. — Tu ouviste-o dizer: — Vocês serão os próximos, Sangues de Lama! — Aliás, basta olhar para aquela cara de renegado para saber que ele é...

— Malfoy, o herdeiro de Slytherin? — repetiu Hermione cepticamente.

— Olha para a família dele — disse Harry, fechando também os livros. — Todos eles estiveram nos Slytherin. O Draco está sempre a vangloriar-se disso. Podiam bem ser descendentes do Slytherin. O pai dele é suficientemente mau.

— Podiam perfeitamente ter tido a chave da Câmara dos Segredos durante séculos — disse Ron —, fazendo-a passar de pai para filho...

— Bem — acedeu Hermione cautelosamente —, seria possível...

— Mas como prová-lo? — perguntou Harry tristemente.

— Talvez haja um meio — sugeriu Hermione lentamente, baixando ainda mais a voz e lançando um olhar, através da sala, a Percy. — É claro que não é fácil. E é perigoso, muito perigoso. Suponho que iríamos infringir cerca de cinquenta regras da escola.

— Se daqui a um mês ou dois te decidires a explicar, avisa, está bem? — disse Ron, que começava a ficar irritado.

— Está bem — concordou Hermione friamente. — O que precisávamos era de entrar na sala comum dos Slytherin e fazer algumas perguntas ao Malfoy, sem ele perceber que éramos nós.

— Mas isso é impossível — declarou Harry, enquanto Ron se ria.

— Não, não é — continuou Hermione. — Só precisamos de um pouco de poção Polissuco.

— O que é isso? — perguntaram ao mesmo tempo Ron e Harry.

— O Snape mencionou-a numa aula, há poucas semanas.

— Achas que não temos mais que fazer do que ouvir o Snape? — murmurou o Ron.

— Transforma-nos noutra pessoa. Pensem nisso: podíamos transformar-nos em três dos Slytherin. Ninguém saberia que éramos nós. É provável que o Malfoy nos contasse alguma coisa. Aposto que ele está a gabar-se, neste momento, na sala dos Slytherin, se ao menos pudéssemos ouvi-lo.

— Essa coisa do Polissuco cheira-me um bocado mal — disse Ron, franzindo as sobrancelhas. — E se ficarmos com a forma dos três Slytherin para sempre?

— Desaparece ao fim de algum tempo — disse Hermione, gesticulando impacientemente com a mão —, mas conseguir a receita é muito difícil. O Snape disse que vinha num livro chamado *As Poções Mais Potentes* e está com certeza na Secção Restrita da Biblioteca.

Só havia uma maneira de obter o livro dessa secção: com uma

autorização assinada por um professor.

— Não estou a ver por que quereríamos o livro — disse Ron —, se não para tentar fabricar uma das poções.

— Eu acho — sugeriu Hermione — que se fizéssemos parecer que o nosso interesse era apenas teórico, talvez conseguíssemos...

— Estás a sonhar, nenhum professor ia cair nessa — afirmou Ron. — Só se fosse muito burro.

## X

### UMA *BLUDGER* PERIGOSA

Depois do desastroso incidente dos pixies, o professor Lockhart não voltou a levar seres vivos para as aulas. Em vez disso, lia aos alunos passagens dos seus livros e, por vezes, reconstituía alguns dos episódios mais teatrais.

Costumava chamar Harry para o ajudar nessas reconstituições. Até ali, Harry fora obrigado a desempenhar o papel de um camponês da Transilvânia que Lockhart curara de uma maldição de gaguez, o abominável homem das neves com dores de cabeça e um vampiro que, depois de Lockhart lhe ter tratado da saúde, tinha ficado incapaz de comer outra coisa que não fosse alfaces.

Harry foi arrastado para a frente da turma durante a aula de Defesa Contra a Magia Negra que se seguiu, desta vez para desempenhar o papel de um lobisomem. Se não tivesse um bom motivo para querer ver o Lockhart bem-disposto, ter-se-ia recusado.

— Um uivo bem alto... excelente, Harry, isso mesmo. E foi então que, acreditem ou não, eu o ataquei de repente... assim... Atirei-o ao chão... segurei-o com uma mão e com a outra consegui meter-lhe a varinha na garganta. Então, com a força que me restava, pus em prática o complicadíssimo encantamento *Homorphus*.

O vampiro soltou um uivo tristíssimo. — Vá lá, Harry, mais alto. Ótimo... o pêlo desapareceu, os dentes diminuíram de tamanho e ele transformou-se num homem. Simples, mas eficaz e mais uma aldeia ficará a lembrar-se de mim para sempre como o herói que os libertou dos ataques mensais do lobisomem.

A campainha tocou e Lockhart pôs-se de pé.

— Trabalho para casa: escrever um poema acerca da minha vitória sobre o lobisomem Wagga Wagga. Há um exemplar autografado de *Eu, o Mágico* para o autor do melhor poema.

Os alunos começaram a sair. Harry voltou para trás e foi juntar-se a Ron e a Hermione, que estavam à espera dele.

— Prontos? — perguntou.

— Espera até saírem todos — disse Hermione bastante nervosa. — Pronto...

Aproximou-se da secretária de Lockhart, apertando na mão uma folha de papel, seguida de Ron e Harry.

— Hã... professor Lockhart — gaguejou Hermione. — Eu queria requisitar este livro na biblioteca, como leitura de apoio. — Entregou-lhe o papel, com a mão ligeiramente trémula. — Só que faz parte da Secção Restrita, por isso preciso da assinatura de um professor. Acho que o livro me vai ajudar a compreender o que o senhor diz em *Viagens com Vampiros* acerca dos venenos de acção lenta...

— Ah, *Viagens com Vampiros* — disse Lockhart, pegando na folha de papel de Hermione e sorrindo-lhe abertamente. — É provavelmente o meu livro preferido. Gostou?

— Oh, muito — disse Hermione vivamente. — Tão inteligente o modo como apanhou o último com o passador do chá.

— Bem, tenho a certeza de que ninguém se importará que eu dê uma ajudazinha suplementar à melhor aluna do segundo ano — disse Lockhart calorosamente, sacando de uma enorme pena de pavão. — É bonita, não é? — comentou, não compreendendo a expressão de repulsa na cara de Ron. — Costumo guardá-la para as minhas assinaturas de autógrafos.

Rabiscou uma enorme assinatura cheia de floreados e entregou-a a Hermione.

— Então, Harry — prosseguiu Lockhart, enquanto Hermione dobrava a folha e a guardava no saco —, amanhã é a primeira partida de Quidditch deste ano, não é? Gryffindor contra Slytherin. Ouvi dizer que és um jogador indispensável. Eu também fui *seeker*. Convidaram-me, inclusivamente, para fazer parte da Equipa Nacional, mas eu preferi dedicar a minha vida à erradicação das forças do mal. Mesmo assim, se alguma vez precisares de um treino particular, não hesites em falar comigo, estou sempre disponível para partilhar a minha perícia com os jogadores menos dotados do que eu.

Harry fez um som abafado e saiu atrás de Ron e Hermione.

— Não acredito — disse, quando os três examinavam a assinatura de Lockhart. — Ele nem viu que livro nós queríamos.

— É porque é um idiota sem miolos — explicou Ron. — Mas, porquê ralarmo-nos? Temos o que queríamos!

— Ele não é um idiota sem miolos — gritou Hermione com voz esgançada, enquanto se aproximavam quase a correr da biblioteca.

— Só porque ele disse que eras a melhor aluna do segundo ano...

Baixaram as vozes ao entrar na quietude abafada da biblioteca.

Madame Prince, a bibliotecária, era uma mulher magra e irritável que parecia um abutre mal nutrido.

— *As Poções Mais Potentes?* — repetiu intrigada, tentando ficar com a folha de papel que Hermione se recusava a entregar-lhe.

— Gostava de a guardar para mim — disse sem fôlego.

— Vá lá — interveio Ron, arrancando-lha das mãos e entregando-a a Madame Prince. — Nós arranjamos-te outro autógrafo. O Lockhart assina tudo o que ficar imóvel o tempo suficiente.

Madame Prince pegou no papel e voltou-o na direcção da luz, decidida a descobrir uma falsificação, mas a assinatura passou no teste. Desapareceu entre as estantes e voltou alguns minutos mais tarde, transportando um livro grande e de aspecto antiquado. Hermione meteu-o com todo o cuidado no saco e saíram, tentando não andar depressa de mais nem aparentar um ar culpado.

Cinco minutos depois, estavam de novo barricados na casa de banho fora de serviço da Murta Queixosa. Hermione vencera as objecções de Ron, argumentando que aquele era o último lugar onde alguém no seu juízo perfeito se lembraria de ir e que poderia assegurar-lhes alguma privacidade. A Murta Queixosa chorava ruidosamente no seu cubículo, mas eles conseguiram ignorá-la assim como ela a eles.

Hermione abriu o exemplar de *As Poções Mais Potentes* com todo o cuidado e os três inclinaram-se sobre as páginas manchadas de humidade. Era fácil de perceber, logo à primeira vista de olhos, por que pertencia à Secção Restrita. Algumas das poções tinham efeitos quase impensáveis de tão macabros e havia ilustrações bastante desagradáveis, como, por exemplo, aquela em que um homem parecia ter sido virado do avesso e a da feiticeira com vários pares de braços suplementares a nascerem-lhe na cabeça.

— Aqui está — disse Hermione, excitadíssima, ao encontrar a página intitulada «A Poção Polissuco». Estava ilustrada com imagens de pessoas a meio do processo de se transformarem noutras pessoas e Harry desejou ardentemente que a expressão de dor intensa que se lhes espelhava no rosto fosse apenas produto da imaginação do ilustrador.

— Esta é a poção mais complicada que vi até hoje — disse Hermione enquanto examinava a receita.

— Moscas asas de renda, sanguessugas, fluxo de cizânias e verdezelha — murmurou, acompanhando com o dedo a lista de ingredientes. — Bem, esses são relativamente simples, há-os na despensa de material dos

estudantes, podemos tirar à nossa vontade. Oh! Vê só, pó de chifre de bicórneo... não sei onde vamos arranjar isto... tiras de pele de Guelracho. Isso também é complicado... e, é claro, um pedacinho da pessoa em quem queremos transformar-nos.

— Como? — perguntou Ron de forma cortante. — O que é que queres dizer com um pedacinho da pessoa em quem queremos transformar-nos? Eu não bebo nada que tenha lá dentro as unhas dos pés do Crabbe...

Hermione continuou como se não o tivesse ouvido.

— Mas não temos de nos preocupar com isso por enquanto. Fica para o fim.

Ron voltou-se sem palavras para Harry, que tinha uma preocupação de outro tipo.

— Já viste bem tudo o que vamos ter que roubar, Hermione? A pele de Guelracho não está de certeza na despensa de material dos alunos. O que é que vamos fazer, arrombar os armários pessoais do Snape? Não sei se será uma boa ideia...

Hermione fechou o livro com estrondo.

— Bem, se vocês os dois se vão acobardar, então está lindo — disse ela. Tinha as faces rosadas e os olhos mais brilhantes do que era habitual. — Eu não gosto de quebrar regras, vocês sabem, mas acho que ameaçar os filhos dos Muggles é muito pior do que fazer uma poção difícil. Mas se vocês não querem descobrir se é o Malfoy, eu posso voltar já à biblioteca e entregar o livro a Madame Prince...

— Nunca pensei que chegaria o dia em que serias tu a convencer-nos a quebrar regras — disse Ron. — Está bem, vamos nessa, mas sem unhas dos pés, estás a ouvir?

— Quanto tempo isso vai demorar a fazer, afinal? — perguntou Harry quando Hermione, já com um ar mais satisfeito, voltou a abrir o livro.

— Bem, como o fluxo de cizânias tem de ser recolhido durante a lua cheia e as asas de renda têm de ser estufadas durante vinte e um dias... eu diria que, se conseguirmos arranjar todos os ingredientes, estará pronta dentro de um mês.

— Um mês? — exclamou Ron. — Nessa altura já o Malfoy terá atacado metade dos filhos de Muggles! — Os olhos de Hermione contraíram-se de novo assustadoramente e ele acrescentou rapidamente: — Mas é o melhor plano que temos, por isso é melhor não olharmos para trás.

Contudo, enquanto Hermione verificava se não havia ninguém nos corredores e podiam sair da casa de banho, Ron murmurou a Harry: — Seria muito mais simples se conseguisses, amanhã, atirar o Malfoy da vassoura abaixo.



No sábado de manhã, Harry acordou cedo e ficou um bocado a pensar na partida de Quidditch que vinha a seguir. Estava nervoso, principalmente pelo que Wood diria se os Gryffindor perdessem, mas também com a ideia de enfrentar uma equipa apetrechada com as vassouras mais velozes que existiam. Nunca desejara tanto vencer os Slytherin como naquele dia. Depois de meia hora deitado com a barriga a dar horas, resolveu levantar-se, vestir-se e descer para tomar o pequeno-almoço. Lá em baixo, encontrou o resto da equipa dos Gryffindor amontoada na mesa comprida e vazia, todos eles com ar preocupado e sem vontade de conversar.

Ao aproximarem-se as onze horas, todos os alunos da escola começaram a dirigir-se para o estádio de Quidditch. O dia estava quente e húmido, com uma ameaça de trovoadas no ar. Ron e Hermione vieram apressadamente desejar a Harry boa sorte mal ele entrou nos vestiários.

A equipa dos Gryffindor vestiu o equipamento vermelho e sentou-se para ouvir o discurso que Wood lhes fazia sempre antes do jogo.

— Os Slytherin têm vassouras melhores do que as nossas — começou. — Não há como negá-lo. Mas nós temos gente melhor em cima das vassouras. Treinámos mais do que eles, voámos com todas as condições climáticas (É bem verdade — murmurou George Weasley —, desde Agosto que não sei o que é estar seco). — E vamos fazê-los engolir o dia em que deixaram aquele nojento do Malfoy comprar a admissão na equipa deles.

Com o peito agitado pela comoção, Wood voltou-se para Harry.

— Cabe-te a ti, Harry, mostrar-lhes que um *seeker* tem de ter mais do que um pai rico. Agarra a *snitch* antes do Malfoy ou morre a tentar agarrá-la porque temos absolutamente de vencer, hoje, Harry, temos de vencer.

— Sem ansiedade, Harry — disse Fred, piscando-lhe o olho.

Quando saíram em direcção ao campo, foram saudados por uma grande ovação, principalmente da parte dos Ravenclaw e dos Hufflepuff, que estavam ansiosos por ver os Slytherin serem derrotados, mas os Slytherin, que estavam entre a multidão, também fizeram ouvir as suas vaías e pateadas.

Madame Hooch, a professora de Quidditch, pediu a Flint e a Wood que apertassem as mãos, o que eles fizeram, lançando um ao outro olhares ameaçadores, cada um apertando a mão do outro com mais força do que aquela que seria necessário.

— Atenção ao apito — disse Madame Hooch. — Três, dois, um...

Com um bramido da multidão para que subissem rapidamente, os catorze jogadores elevaram-se no céu cor de chumbo. Harry, mais acima do que

qualquer dos outros, olhava para todos os lados em busca da *snitch*.

— Tudo bem, Cicatriz? — gritou Malfoy, disparando por baixo dele para lhe mostrar a velocidade da sua vassoura.

Harry não teve tempo de responder. Nesse preciso momento, uma *bludger* preta e bem pesada veio direitinha a ele. Evitou-a mesmo por um triz, mas ainda sentiu nos cabelos o ar que ela deslocara.

— Foi por pouco, Harry! — exclamou George, passando com grande rapidez, de bastão na mão, pronto para lançar a *bludger* contra um Slytherin. Harry viu-o dar à *bludger* uma fortíssima pancada em direcção a Adrian Pucey, mas a bola mudou de rumo no meio do ar e dirigiu-se de novo a Harry.

Este desceu rapidamente para se esquivar e George conseguiu lançá-la contra Malfoy. Mais uma vez, a *bludger* actuou como um *boomerang* e apontou à cabeça de Harry, que ganhou velocidade e disparou contra o outro extremo do campo. Ouvia o assobio da *bludger* que o perseguia. O que era aquilo? As *bludgers* nunca se concentravam assim num único jogador, a sua função era tentar desmontar o maior número possível de intervenientes.

Fred Weasley esperava pela *bludger* no extremo oposto. Harry baixou-se quando o viu balançar-se em frente dela com toda a garra. A *bludger* foi lançada para fora de campo.

— Pronto, já está tudo resolvido — gritou Fred, satisfeito, mas estava bastante enganado. Como se fosse magneticamente atraída para Harry, a *bludger* lançou-se de novo contra ele e Harry teve de voar a toda a velocidade.

Começara a chover. Harry sentia as gotas pesadas caírem-lhe no rosto, turvando-lhe as lentes dos óculos. Não fazia ideia do que se passava no resto do jogo, até ouvir Lee Jordan, que fazia o comentário, dizer: — Os Slytherin vão à frente com sessenta contra zero.

As vassouras de qualidade superior dos Slytherin estavam obviamente a cumprir a sua função e, entretanto, a *bludger* louca fazia todos os possíveis para deitar abaixo Harry. Fred e George voavam agora tão perto dele, um de cada lado, que Harry não via senão os seus braços a balouçar e não conseguia ver a *snitch*, muito menos agarrá-la.

— Alguém enfeitiçou esta *bludger* — resmungou Fred, balançando o bastão com toda a força quando ela se lançava de novo contra Harry.

— Precisamos de tempo — disse George, tentando fazer sinal a Wood, enquanto evitava que a bola partisse o nariz de Harry.

Wood captou obviamente a mensagem. O apito de Madame Hooch fez-se ouvir e Harry, Fred e George desceram, tentando ainda evitar a *bludger*

enlouquecida.

— O que é que se passa? — perguntou Wood, enquanto a equipa dos Gryffindor se amontoava desordenadamente e os Slytherin, no meio da multidão, lançavam piadas. — Estamos a ser esmagados. Fred, George, onde estavam vocês quando aquela *bludger* impediu a Angelina de marcar?

— Estávamos seis metros acima, evitando que a outra *bludger* matasse o Harry, Oliver — gritou George, furioso. — Alguém preparou isto, a bola não deixa o Harry em paz, ainda não perseguiu mais ninguém desde que o jogo começou. Os Slytherin fizeram aqui qualquer coisa.

— Mas as *bludgers* têm estado fechadas no escritório da Madame Hooch desde o último treino, e nessa altura estava tudo bem... — disse Wood ansiosamente.

Madame Hooch aproximava-se. Por cima do ombro dela, Harry pôde ver a equipa dos Slytherin a escarnecer e apontar na sua direcção.

— Ouçam — disse Harry, enquanto ela se aproximava. — Com vocês os dois a voarem sempre colados a mim, só vou apanhar a *snitch* se se enfiar pela minha manga. Juntem-se ao resto da equipa e deixem a malvada comigo.

— Não sejas bronco — disse o Fred. — Ela arranca-te a cabeça.

O olhar de Wood saltava de Harry para os Weasleys.

— Oliver, isto é uma loucura — disse Alicia Spinnet, zangada. — Não podes deixar o Harry sozinho entregue àquela coisa. Vamos pedir uma investigação.

— Se pararmos agora, teremos de dar a partida como perdida e não vamos deixar os Slytherin ganhar, só por causa de uma *bludger* maluca. Vá lá, Oliver, diz-lhes que me deixem sozinho.

— A culpa é toda tua. *Agarra a snitch ou morre a tentar agarrá-la*, se isso é lá coisa que se diga.

Madame Hooch tinha-se-lhes juntado. — Prontos para retomar a partida? — perguntou a Wood.

Wood olhou para o ar determinado de Harry. — Deixem-no sozinho, ele é capaz de lidar com a *bludger*.

A chuva era agora mais pesada. Ao apito de Madame Hooch, Harry elevou-se nos ares e ouviu o barulhinho da *bludger* atrás de si. Subiu cada vez mais alto. Fez acrobacias em espiral, descidas rápidas, ziguezagueou e rolou. Apesar de ligeiramente estonteado, não deixou nunca de ter os olhos bem abertos. A chuva salpicava-lhe os óculos e entrou-lhe pelas narinas, quando ele se voltou de cabeça para baixo, evitando outra forte investida da *bludger*. Ouviu os risos da multidão. Sabia que devia parecer ridículo, mas a *bludger* louca era pesada e não podia mudar de direcção tão rapidamente

quanto ele. Iniciou uma corrida que parecia de feira de diversões em volta dos extremos do estádio, olhando de soslaio, através dos lençóis prateados de chuva, para os postes dos Gryffindor, onde Adrian Pucey tentava passar por Wood.

Um assobio junto dos ouvidos disse a Harry que a *bludger* falhara uma vez mais. Voltou-se e voou rapidamente na direção oposta.

— Estás a ensaiar *ballet*, Potter — gritou Malfoy quando Harry foi obrigado a fazer uma reviravolta estúpida no ar para se esquivar mais uma vez da *bludger*.

Lá foi ele, com a *bludger* atrás a alguns metros de distância. E foi então que, olhando furioso para Malfoy, a viu, a *snitch* de ouro. Flutuava alguns centímetros acima da orelha esquerda de Malfoy, que, de tão preocupado a escarnecer de Harry, nem dera por ela.

Durante um momento angustiante, Harry ficou quieto no ar, não ousando dirigir-se a Malfoy, não fosse ele olhar para cima e ver a *snitch*.

PUM!

Tinha ficado parado tempo de mais. A *bludger* batera-lhe, por fim, apanhando-lhe o cotovelo e Harry sentiu o braço a partir-se. Debilmente, desorientado pela dor cauterizante no braço, deslizou para um dos lados na sua vassoura encharcada, um joelho ainda dobrado, o braço direito a balouçar, inútil, ao seu lado. A *bludger* investiu de novo, preparada para mais um ataque, desta vez apontada ao seu rosto. Harry desviou-se com uma intenção: chegar a Malfoy.

Através de uma nuvem de chuva e dor desceu até ao rosto tremeluzente e trocista e viu os olhos dele dilatarem-se de medo: Malfoy pensou que Harry ia atacá-lo.

— Que diabo... — arfou, afastando-se do caminho.

Harry tirou a outra mão da vassoura e fez uma tentativa desesperada. Sentiu os dedos fecharem-se em volta da *snitch* dourada, mas conduzia agora a vassoura apenas com as pernas e ouviu-se um grito da multidão cá em baixo, enquanto mergulhava em direção ao solo, tentando não desmaiar.

Com um ruído seco caiu na terra enlameada e rolou para fora da vassoura. O braço tinha um ângulo um pouco estranho. Torcendo-se com dores, ouviu à distância os assobios e os gritos. Concentrou-se na *snitch* que tinha fechada na outra mão.

— Aha! — disse vagamente. — Ganhámos o jogo.

E desmaiou.

Voltou a si com a chuva a cair-lhe no rosto, ainda deitado no campo, com alguém inclinado sobre ele. Viu um brilho de dentes brancos.

— Oh, não, o senhor, não — gemeu.

— Não sabe o que diz — afirmou Lockhart bem alto à ansiosa multidão de Gryffindor que o comprimia. — Não te preocupes, Harry, eu vou tratar do teu braço.

— Não — gritou Harry. — Eu fico com ele assim, obrigado.

Tentou sentar-se, mas a dor era enorme. Ouviu um «clique» familiar. — Não quero fotografias disto, Colin — disse em voz alta.

— Deita-te para trás, Harry — insistiu Lockhart com toda a calma. — É um feitiço muito simples que eu fiz imensas vezes.

— Por que não me levam só para a enfermaria? — perguntou Harry entredentes.

— Seria o melhor, professor — disse a voz rouca de Wood, que não conseguia deixar de sorrir, apesar de o seu *seeker* estar ferido. — Grande captura, Harry, verdadeiramente espectacular, a tua melhor jogada, na minha opinião.

No meio da floresta de pernas que o rodeava, Harry avistou Fred e George Weasley, metendo a *bludger* perigosa numa caixa. Continuava a dar uma luta enorme.

— Para trás — ordenou Lockhart, que tinha arregaçado as mangas verde-jade.

— Não, eu não... — protestou debilmente Harry, mas Lockhart tinha a varinha na mão e, um segundo depois, apontava-a para o braço de Harry.

Uma sensação estranha e desagradável começou no ombro e espalhou-se, chegando às pontas dos dedos. Parecia que o braço inteiro tinha sido esvaziado. Não foi capaz de olhar para o que estava a suceder. Tinha fechado os olhos, voltado o rosto para o outro lado, mas os seus maiores receios concretizaram-se, quando as pessoas lá em cima se sobressaltaram e Colin Creevey começou a tirar fotografias como um louco. O braço deixara de lhe doer, mas parecia tudo menos um braço.

— Ah! — disse Lockhart. — Sim, bem isto às vezes acontece. Mas o importante é que os ossos já não estão partidos. Isso é o mais importante. Portanto, Harry, vai até à enfermaria... ah! Mr. Weasley, Miss Granger, poderiam levá-lo lá? E Madame Pomfrey poderá... hã... arranjar um pouco disso.

Quando Harry se pôs de pé, sentiu-se estranhamente desequilibrado. Depois de respirar fundo, olhou para o lado direito e o que viu quase o fez desmaiar de novo.

Pendurado na extremidade do seu equipamento estava o que parecia ser uma espessa luva de borracha cor de carne. Tentou mexer os dedos, mas... em vão.

Lockhart não consertara os ossos de Harry. Retirara-os. Madame Pomfrey não ficou nada satisfeita.

— Devias ter vindo logo ter comigo — ralhou, segurando os restos tristes e moles daquilo que antes fora um braço activo. — Eu conserto ossos num segundo, mas fazê-los crescer de novo...

— Vai conseguir, não vai? — perguntou Harry, desesperado.

— Sim, com certeza, mas vai ser doloroso — disse Madame Pomfrey de modo severo, entregando-lhe um pijama. — Vais ter que ficar cá esta noite...

Hermione esperou do lado de fora da cortina que rodeava a cama de Harry enquanto Ron ajudava a vesti-lo. Levou algum tempo a enfiar o braço que parecia borracha dentro da manga.

— Como é que podes continuar a defender o Lockhart depois disto, Hermione? — perguntou Ron através das cortinas, enquanto puxava os dedos moles de Harry pelo punho. — Se o Harry quisesse ser desossado, teria pedido.

— Todos podem enganar-se — disse Hermione. — E deixou de doer, não deixou, Harry?

— Sim — disse ele —, mas também ficou incapaz de fazer seja o que for.

Quando se meteu na cama, o braço balançou, inútil.

Hermione e Madame Pomfrey entraram. Madame Pomfrey segurava uma grande garrafa com o rótulo *Skele-Gro*.

— Vais ter uma noite difícil — preveniu, enchendo um pequeno copo fumegante e dando-lhe a beber. — Fazer crescer ossos é uma tarefa árdua.

Tomar o *Skele-Gro* também. Queimou a boca e a garganta de Harry ao descer, fazendo-o tossir e cuspir.

Resmungando sobre os desportos perigosos e professores incapazes, Madame Pomfrey retirou-se, deixando Ron e Hermione a ajudar Harry a engolir um pouco de água.

— Mas ganhámos o jogo — disse Ron com um sorriso no rosto. — A tua jogada foi em grande. A cara do Malfoy... parecia que queria matar alguém.

— Eu vou descobrir como é que enfeitiçaram aquela *bludger* — disse Hermione com ar sombrio.

— Podemos juntar essa pergunta à lista de todas as que queremos fazer ao Malfoy quando tomarmos a poção Polissuco — disse Harry, afundando-se de novo nas almofadas. — Espero que tenha um sabor melhor do que esta coisa...

— Com bocadinhos dos Slytherin lá dentro, deves estar a brincar —

disse Ron.

A porta da enfermaria abriu-se nesse momento e, completamente encharcados, entraram os restantes membros da equipa dos Gryffindor, para ver Harry.

— Um voo inacreditável — disse George. — Acabei de ver o Marcus Flint a gritar com o Malfoy. Qualquer coisa sobre ter a *snitch* mesmo em cima da cabeça e não ter dado por nada. O Malfoy não parecia nada satisfeito.

Tinham trazido bolos, rebuçados e garrafas de sumo de abóbora. Juntaram-se em volta da cama de Harry e estavam a dar início ao que prometia ser uma grande festa, quando Madame Pomfrey entrou a vociferar: — Este rapaz precisa de repouso. Tem trinta e três ossos a crescer. Fora daqui. FORA!

E Harry ficou sozinho, sem nada que o distraísse das dores agudas no seu braço mole.

Muitas horas mais tarde, Harry acordou subitamente na escuridão total e soltou um pequeno grito de dor: sentia agora o braço cheio de estilhaços. Durante alguns segundos pensou que tinha sido a dor a acordá-lo. Depois, com um arrepio de horror, apercebeu-se de que alguém estava a passar-lhe uma esponja na testa.

— Sai daqui — gritou, e em seguida: — Dobby!

Os olhos do tamanho de bolas de ténis do elfo doméstico estavam a olhá-lo no escuro, uma lágrima grossa rolava pelo seu nariz afilado.

— Harry Potter voltar à escola — murmurou, infeliz. — Dobby avisar e voltar a avisar Harry Potter. Ah! senhor, por que não dar ouvidos a Dobby? Por que não voltar Harry Potter para casa quando perder o comboio?

Harry ergueu-se um pouco, encostando-se às almofadas e afastou a esponja do elfo.

— O que estás a fazer aqui? — perguntou. — E como sabes que eu perdi o comboio?

O lábio de Dobby tremeu e Harry foi assaltado por uma dúvida.

— Foste *tu*. Tu impediste que a barreira nos deixasse passar.

— Na verdade ser eu, senhor — disse Dobby, acenando com a cabeça e com as orelhas a abanar. — Dobby esconder-se, esperar por Harry Potter e selar a barreira. A seguir, Dobby ter de pôr as mãos no ferro de engomar — mostrou a Harry dez dedos longos embrulhados em ligaduras. — Mas Dobby não se importar, senhor, porque pensar que Harry Potter estar a salvo e nunca Dobby sonhar que mesmo assim ele viria para a escola!

Balançava-se para a frente e para trás, sacudindo a cabeça feia.

— Dobby ficar tão chocado quando saber que Harry Potter ter voltado à escola que deixar queimar o jantar dos seus donos. Dobby nunca tivera um castigo tão grande, senhor.

Harry afundou-se de novo nas almofadas.

— Quase conseguiste que nos expulsassem, a mim e ao Ron — disse, furioso. — É melhor desapareceres daqui antes que os meus ossos voltem a ficar bons, Dobby, ou ainda te estrangulo.

O elfo sorriu.

— Dobby estar habituado a ameaças de morte, senhor. Dobby recebe-as cinco vezes por dia na casa onde mora.

Encostou o nariz a um canto da fronha que usava, ficando tão ridículo que Harry sentiu a raiva desvanecer-se, apesar de tudo.

— Por que usas essa coisa, Dobby? — perguntou com curiosidade.

— Isto, senhor? — disse Dobby apontando para a fronha. — É a prova de escravatura do elfo doméstico, senhor. Dobby só poder ser libertado se os donos lhe derem roupa, senhor. A família ter o cuidado de não dar ao Dobby nem uma peúga, senhor, porque ele poderia ficar livre e deixar a casa para sempre.

Dobby limpou os olhos protuberantes e disse subitamente: — Harry Potter deve ir para casa. Dobby achar que a sua *bludger* seria o suficiente para o fazer...

— A tua *bludger*? — retorquiu Harry com a raiva a crescer novamente dentro dele. — Que queres tu dizer com a tua *bludger*? Foste tu quem fez com que aquela bola tentasse matar-me?

— Matar não, senhor. Matar, nunca! — disse o elfo, chocado. — Dobby querer salvar a vida de Harry Potter. Ser melhor ir para casa ferido do que ficar aqui, senhor. Dobby só querer Harry Potter suficientemente ferido para voltar para casa.

— Só isso? — disse Harry, furioso. — Imagino que não vais dizer-me por que querias mandar-me para casa aos bocados?

— Ah! se Harry Potter soubesse! — gemeu Dobby, com mais lágrimas a escorrerem-lhe pela fronha esfarrapada. — Se pudesse saber o que significas para nós, para os humildes, os escravizados, nós, a escória social do mundo mágico! Dobby lembrar-se de como eram as coisas quando Aquele Cujo Nome Não Deve Ser Pronunciado estava no auge do poder, senhor! Nós, os elfos domésticos, ser tratados como animais, senhor! É claro que Dobby ainda ser tratado assim — admitiu, secando o rosto na fronha de almofada. — Mas, na maior parte, a vida ter melhorado bastante para os da minha espécie desde que Harry Potter triunfar sobre Aquele Cujo Nome Não Deve Ser Pronunciado. Harry Potter ter sobrevivido e o



poder do Senhor do Mal ter sido quebrado, e ter vindo uma nova alvorada, senhor, e Harry Potter brilhar como um farol de esperança para aqueles de entre nós que já pensavam que a longa noite nunca mais teria fim, senhor... e agora em Hogwarts ir acontecer coisas terríveis, talvez já esteja a acontecer e Dobby não poder deixar Harry Potter ficar aqui, agora que a história ir repetir-se, agora que a Câmara dos Segredos estar de novo aberta.

Dobby calou-se, horrorizado. Em seguida agarrou no jarro da água que Harry tinha à cabeceira e bateu com ele na própria cabeça, deixando-se cair. Um segundo mais tarde voltou até junto da cama, repetindo: — Mau, Dobby, muito mau, Dobby.

— Quer dizer, então, que existe mesmo a Câmara dos Segredos? — murmurou Harry. — E dizes tu que já antes foi aberta? Conta-me, Dobby.

Agarrou o pulso ossudo do elfo quando a mão dele se estendia para o jarro da água. — Mas eu não sou filho de Muggles. Como posso estar em perigo por causa da Câmara dos Segredos?

— Ah! senhor, não perguntar ao pobre Dobby — lamentou-se o elfo com os olhos enormes a brilharem no escuro. — As forças das trevas estar projectadas neste lugar, mas Harry Potter não dever estar aqui quando as coisas acontecerem. Ir para casa, Harry Potter, ir para casa. Harry Potter não dever envolver-se nisto, senhor, ser demasiado perigoso...

— Quem é, Dobby? — perguntou Harry, continuando a agarrar-lhe o pulso com força, impedindo que batesse de novo em si próprio com o jarro. — Quem abriu a Câmara? Quem a abriu da última vez?

— Dobby não poder, senhor. Dobby não poder. Dobby não dever dizer — guinchou o elfo. — Ir embora, Harry Potter, ir embora!

— Eu não vou para lugar nenhum — disse Harry, furioso. — Uma das minhas melhores amigas é filha de Muggles, está em perigo se a Câmara foi, de facto, aberta...

— Harry Potter arriscar a própria vida pelos amigos — gemeu Dobby numa espécie de êxtase infeliz. — Tão nobre, tão corajoso, mas dever salvar-se, Harry Potter não dever...

Dobby calou-se de repente com as orelhas de morcego a estremecerem. Harry também ouviu passos lá fora, a avançarem ao longo do corredor.

— Dobby ter de ir — balbuciou o elfo, apavorado.

Ouviu-se um estalido e o pulso de Harry ficou subitamente fechado no ar. Meteu-se de novo para baixo, na cama, com os olhos fixos na porta escura que dava acesso à enfermaria, enquanto os passos se aproximavam.

No momento seguinte, Dumbledore entrou, de costas, no dormitório, vestindo uma longa camisa de lã e um barrete de dormir. Segurava um

extremo daquilo que parecia ser uma estátua. A professora McGonagall surgiu um segundo mais tarde, pegando-lhe nos pés. Os dois colocaram-na numa cama.

— Chame a Madame Pomfrey — murmurou Dumbledore e a professora McGonagall passou pela cama de Harry, apressadamente, e desapareceu. Harry deixou-se ficar muito quieto como se estivesse a dormir. Ouviu vozes ansiosas e, por fim, a professora McGonagall apareceu de novo, seguida de Madame Pomfrey, que vestia um casaco curto de lã sobre a camisa de dormir. Ouviu uma inspiração aguda.

— O que aconteceu? — murmurou Madame Pomfrey a Dumbledore, inclinando-se sobre a estátua deitada na cama.

— Outro ataque — disse Dumbledore. — A Minerva encontrou-o nas escadas. Havia um cacho de uvas junto dele. Acho que estava a tentar esgueirar-se até aqui para vir visitar o Potter.

O estômago de Harry deu uma reviravolta. Lenta e cuidadosamente, ergueu-se alguns centímetros para poder ver a estátua que estava sobre a cama. Um raio de luar iluminou-lhe o rosto estático.

Era Colin Creevey. Tinha os olhos abertos, e as mãos, em frente da cara, seguravam a máquina fotográfica.

— Petrificado? — murmurou Madame Pomfrey.

— Sim — disse a professora McGonagall. — Mas estou tentada a acreditar que... se o Albus não tivesse vindo cá abaixo tomar um chocolate quente... quem sabe o que teria...

Os três olharam para Colin. Dumbledore inclinou-se e retirou-lhe a máquina das mãos rígidas.

— Será que ele conseguiu tirar a fotografia do agressor? — perguntou, ansiosa, a professora McGonagall.

Dumbledore não respondeu. Abriu a parte de trás da máquina.

— Cruzes canhoto! — exclamou Madame Pomfrey.

Um jacto de vapor tinha feito ferver a máquina. Harry, a três metros de distância, sentiu o cheiro tóxico do plástico queimado.

— Derretido! — exclamou Madame Pomfrey com grande espanto. — Tudo derretido.

— O que significa isto, Albus? — perguntou cada vez mais nervosa a professora McGonagall.

— Significa — disse Dumbledore — que a Câmara dos Segredos está mesmo aberta outra vez.

Madame Pomfrey levou uma mão à boca. A professora McGonagall olhou assustada para Dumbledore.

— Mas, Albus... com certeza... quem?

— A questão não é quem — disse Dumbledore com os olhos fixos em Colin. — A questão é como...

E pelo que Harry conseguiu ver do rosto indistinto da professora McGonagall, ela não compreendia muito mais do que ele.

## XI

### O CLUBE DE ESGRIMA

Quando Harry acordou, no domingo de manhã, a enfermaria estava iluminada por um resplandecente sol de Inverno e o seu braço tinha de novo todos os ossos, apesar de o sentir muito rígido. Sentou-se rapidamente e olhou para a cama de Colin, mas ela fora isolada com as cortinas atrás das quais se despira na véspera. Vendo que ele tinha acordado, Madame Pomfrey apareceu com um tabuleiro com o pequeno-almoço e a seguir começou a apalpar-lhe o braço e os dedos.

— Tudo em ordem — disse, enquanto ele, com a mão esquerda, comia avidamente as papas de aveia. — Quando acabares de comer, podes ir-te embora.

Harry vestiu-se o mais depressa que pôde e dirigiu-se à pressa para a Torre dos Gryffindor, ansioso por contar a Ron e a Hermione tudo sobre Colin e Dobby, mas não os encontrou lá.

Foi à procura deles, perguntando a si próprio aonde teriam ido e sentindo-se um pouco magoado pelo pouco interesse que demonstravam em saber se ele tinha recuperado os ossos.

Quando passou pela biblioteca, Percy Weasley vinha a sair com bastante melhor cara do que da última vez que se tinham encontrado.

— Olá, olá, Harry — cumprimentou-o. — Excelente voo o de ontem, verdadeiramente sensacional. Os Gryffindor estão à frente na classificação. Ganhaste cinquenta pontos.

— Não viste o Ron e a Hermione por aí? — perguntou Harry.

— Não, não vi — disse Percy com o sorriso a desaparecer. — Espero que o Ron não esteja outra vez na casa de banho das raparigas...

Harry forçou um sorriso, viu Percy desaparecer e a seguir foi direitinho até à casa de banho da Murta Queixosa. Não via lá muito bem por que motivo Ron e Hermione lá estariam de novo, mas, depois de se assegurar

de que nem Filch nem nenhum dos prefeitos estavam por perto, abriu a porta e ouviu as vozes deles que vinham de um cubículo fechado.

— Sou eu — anunciou, fechando a porta atrás de si. Ouviu-se dentro do cubículo um estrondo, um chapinhar e um sobressalto e ele viu o olho de Hermione a espreitar pelo buraco da fechadura.

— Harry! — exclamou ela. — Pregaste-nos um susto de morte. Entra. Como está o teu braço?

— Ótimo — respondeu, encolhendo-se para entrar no cubículo. Em cima da sanita estava encarrapitado um velho caldeirão com água, e estalidos vindos de debaixo da superfície fizeram Harry pensar que tinham acendido uma fogueira no fundo do caldeirão. Atear fogueiras portáteis à prova de água era uma das especialidades de Herminone.

— Íamos visitar-te, mas resolvemos começar a preparar a poção Polissuco — explicou Ron, enquanto Harry fechava outra vez a porta do cubículo com alguma dificuldade. — Achámos que este era o lugar mais seguro para a esconder.

Harry começou a contar-lhes do Colin, mas Hermione interrompeu-o. — Nós já sabemos, ouvimos a professora McGonagall contar ao professor Flitwick hoje de manhã. Por isso resolvemos começar a...

— Quanto mais depressa arrancarmos uma confissão ao Malfoy, melhor — disse Ron rispidamente. — Sabem o que eu penso? Ele estava tão mal-humorado depois do jogo de Quidditch que se vingou no Colin.

— Há outra coisa — disse Harry, vendo Hermione cortar molhos de verdezelha e lançá-los dentro da poção. — O Dobby foi visitar-me a meio da noite.

Ron e Hermione olharam-no espantados. Harry contou-lhes tudo o que Dobby lhe dissera... ou não dissera. Ron e Hermione ouviram-no de boca aberta.

— A Câmara dos Segredos já tinha sido aberta antes? — repetiu Hermione.

— Encaixa perfeitamente — disse Ron, numa voz triunfante. — O Lucius Malfoy deve ter aberto a Câmara dos Segredos quando andava na escola e agora ensinou ao querido filhinho Draco como abri-la. É óbvio, que pena o Dobby não te ter dito que tipo de monstro lá se encontra. Gostava de saber como é que ninguém o viu andar por aí na escola.

— Talvez tenha a capacidade de se tornar invisível — sugeriu Hermione, picando sanguessugas para dentro do caldeirão. — Ou talvez se disfarce, passando por uma armadura ou outra coisa do género. Eu li umas coisas sobre vampiros camaleões...

— Tu lêes de mais, Hermione — disse Ron, deitando moscas asas de

renda mortas por cima das sanguessugas. Amarrotou o saco vazio das asas de renda e olhou para Harry.

— Então foi o Dobby quem nos impediu de apanhar o comboio e te partiu o braço... — abanou a cabeça. — Sabes o que eu acho? Se ele não parar de tentar salvar-te a vida, ainda acaba por te matar.

A notícia de que Colin Creevey tinha sido atacado e estava agora na enfermaria, como morto, espalhou-se por toda a escola na segunda-feira de manhã.

O ar ficou pesado e cheio de boatos e suspeitas. Os alunos do primeiro ano começavam a andar pela escola em pequenos grupos, receando ser atacados se se aventurassem a andar sozinhos pelos corredores.

Ginny Weasley, que era colega de carteira de Colin em Encantamentos, estava perturbadíssima, mas Harry achou que Fred e George estavam a tentar animá-la da maneira errada.

Revezavam-se e, cobertos de pêlo ou furúnculos, apareciam-lhe subitamente por detrás das estátuas. Só pararam quando Percy, apoplético de raiva, lhes disse que ia escrever a Mrs. Weasley a contar-lhe que Ginny andava a ter pesadelos.

Entretanto, às escondidas dos professores, uma panóplia de talismãs, amuletos e outros objectos de protecção ia enchendo a escola. Neville Longbottom comprou uma enorme cebola verde que cheirava mal, um cristal pontiagudo cor de púrpura e uma cauda de tritão apodrecida antes de os outros rapazes dos Gryffindor lhe explicarem que ele não corria perigo: era um sangue puro e, portanto, muito pouco susceptível de ser atacado.

— Eles foram ao Filch em primeiro lugar — disse Neville com o medo estampado na cara redonda. — E toda a gente sabe que eu sou quase um cepatorta.

Na segunda semana de Dezembro, a professora McGonagall veio, como de costume, recolher os nomes dos alunos que ficavam na escola durante o Natal. Harry, Ron e Hermione assinaram a lista. Tinham ouvido dizer que Malfoy ficava, o que lhes parecera muito suspeito. As férias seriam a altura ideal para usar a poção Polissuco e tentar arrancar-lhe uma confissão.

Infelizmente a poção estava a meio. Precisavam ainda do chifre de bicórneo e da pele de Guelracho e o único lugar onde podiam arranjá-los era nas reservas privadas de Snape.

Harry, pessoalmente, preferia enfrentar o lendário monstro dos Slytherin do que ser apanhado por Snape a assaltar-lhe o gabinete.

— O que precisamos — disse Hermione cheia de vivacidade quando se

aproximava a aula conjunta de Poções de quinta-feira à tarde —, para podermos entrar à vontade no escritório do Snape, é de uma manobra de diversão.

Harry e Ron olharam para ela, nervosos.

— Acho que o melhor é ser eu a praticar o roubo — prosseguiu ela, num tom perfeitamente casual. — Vocês os dois podem ser expulsos se forem apanhados e eu tenho uma folha limpa. Portanto, a única coisa que têm de fazer é distrair o Snape durante cerca de cinco minutos.

Harry esboçou um sorriso meio amarelo. Provocar deliberadamente um estrago na aula de Poções de Snape era tão seguro como ferir num olho um dragão adormecido.

As aulas de Poções tinham lugar numa das masmorras maiores. A de quinta-feira à tarde não foi diferente das outras. Vinte caldeirões fumegavam entre as secretárias de madeira, sobre as quais podia ver-se balanças de latão e frascos com ingredientes. Snape deambulava pelo meio dos fumos, fazendo reparos petulantes ao trabalho dos Gryffindor, enquanto os Slytherin riam à socapa.

Draco Malfoy, que era o aluno preferido de Snape, não parava de lançar olhos de carneiro mal morto a Ron e a Harry, que sabiam que, se retaliassem, teriam um castigo, antes de poderem abrir a boca para dizer: — É injusto!

A Solução de Inchar de Harry estava demasiado líquida, mas ele estava preocupado com coisas mais importantes. Esperava pelo sinal de Hermione e mal prestou atenção quando Snape parou e criticou a sua poção aguada. Quando o professor se voltou e foi implicar com Neville, Hermione trocou um olhar com Harry e fez um aceno.

Harry baixou-se discretamente por detrás do seu caldeirão, tirou do bolso de trás um dos paus de fogo-de-artifício do Dr. Filibuster e deu-lhe um toque de varinha. O fogo-de-artifício começou a sibilar e a crepitar. Sabendo que tinha apenas alguns segundos, Harry endireitou-se, ganhou coragem e lançou-o ao ar. Aterrou certo no caldeirão de Goyle, cuja poção explodiu, salpicando toda a aula. As pessoas gritavam, à medida que eram vítimas dos salpicos. Malfoy foi apanhado na cara e o nariz começou a inchar como um balão. Goyle tropeçava às cegas, com as mãos nos olhos, que tinham ficado do tamanho de pratos de sopa, enquanto Snape tentava repor a calma e perceber o que sucedera. No meio da confusão, Harry viu Hermione esgueirar-se à socapa pela porta.

— Silêncio! SILÊNCIO! — vociferou Snape. — Todos os que foram salpicados cheguem aqui para uma purga. Quando eu descobrir quem fez isto...

Harry fez um enorme esforço para não se rir ao ver Malfoy chegar apressadamente lá à frente, a cabeça a tombar com o peso do nariz, que parecia um pequeno melão. Quando metade da turma se amontoava junto da secretária de Snape, alguns alunos vergados pelo peso dos braços que pareciam mocas, outros incapazes de falar devido ao gigantesco inchaço dos lábios, Harry viu Hermione reentrar na masmorra, escondendo algo volumoso sob o manto.

Quando todos os alunos tinham já tomado um gole do antídoto e os vários inchaços tinham desaparecido, Snape precipitou-se para o caldeirão de Goyle e pescou os restos retorcidos do fogo-de-artifício. Houve um súbito silêncio.

— Se eu descobro quem lançou isto — murmurou Snape — garanto que é expulsão pela certa.

Harry compôs uma expressão de espanto. Snape olhava directamente para ele, e a campainha, que tocou dez minutos mais tarde, não podia ser mais bem-vinda.

— Ele soube que fui eu — disse Harry a Ron e a Hermione, enquanto se dirigiam apressadamente para a casa de banho da Murta Queixosa. — Tenho a certeza.

Hermione lançou o novo ingrediente no caldeirão e começou a mexer furiosamente.

— Isto vai estar pronto dentro de quinze dias — afirmou, satisfeita.

— O Snape não pode provar que foste tu — assegurou Ron, tranquilizando Harry. — O que pode ele fazer?

— Conhecendo o Snape, qualquer coisa louca — respondeu Harry, enquanto a poção borbulhava e espumava.

Uma semana mais tarde, Harry, Ron e Hermione passavam pelo *Hall* de Entrada, quando viram um pequeno grupo de pessoas reunidas em volta do jornal de parede a lerem um pedaço de pergaminho que tinha acabado de ser afixado. Seamus Finnigan e Dean Thomas acenaram-lhes, entusiasmados.

— Vão lançar um clube de esgrima! — exclamou Seamus. — Hoje à noite é a primeira reunião. Eu não me importaria nada de ter aulas de esgrima, podem vir a ser úteis um dia destes...

— Porquê? Achas que o monstro dos Slytherin sabe esgrimir? — perguntou Ron, mas, também ele, leu a notícia com interesse.

— Pode ser útil — disse a Harry e a Hermione, quando foram jantar. — Vamos lá?

Harry e Hermione acharam óptimo, por isso, às oito da noite voltaram ao



Salão. As longas mesas de refeição tinham desaparecido e um estrado dourado surgira, encostado à parede. Por cima flutuavam milhares de velas. O tecto era, mais uma vez, de veludo negro e parecia que quase todos os alunos da escola se encontravam ali, com as suas varinhas na mão e com um ar entusiasmado.

— Quem será que nos vai ensinar? — perguntou Hermione, enquanto se misturavam na multidão barulhenta. — Ouvi dizer que o Flitwick foi campeão de esgrima na juventude, talvez seja ele.

— Desde que não seja... — começou Harry, mas terminou num gemido: Gilderoy Lockhart estava a subir ao estrado, resplandecente nas suas vestes cor de ameixa, acompanhado, nem mais nem menos, de Snape, que trajava, como sempre, de negro.

Lockhart levantou um braço, pedindo silêncio, bradando:

— Aproximem-se, aproximem-se, conseguem todos ver-me e ouvir-me? Excelente! O professor Dumbledore deu-me autorização para iniciar este pequeno curso de esgrima para vos treinar a todos, caso algum dia precisem de se defender, como eu tenho feito em inúmeras ocasiões; para mais detalhes, leiam os livros que tenho publicados.

«Permitam que vos apresente o meu assistente, o professor Snape — continuou Lockhart, abrindo um sorriso de orelha a orelha. — Ele diz-me que sabe alguma coisa de esgrima e aceitou desportivamente ajudar-me numa exibição de demonstração, antes de começarmos. Atenção, não quero que os mais novos fiquem preocupados, vão continuar a ter o vosso professor de Poções depois de eu o vencer. Não tenham medo.»

— Não era óptimo se se liquidassem um ao outro? — murmurou Ron ao ouvido de Harry.

Snape torcia o lábio inferior e Harry interrogou-se sobre o motivo por que Lockhart continuava a sorrir. Se Snape olhasse daquela maneira para ele, Harry fugiria a toda a velocidade para o mais longe possível.

Lockhart e Snape voltaram-se um para o outro e fizeram uma vénia, pelo menos Lockhart fê-la com muitos meneios, enquanto Snape acenava, irritado, com a cabeça. Em seguida, ergueram as varinhas, como se fossem espadas.

— Como podem ver, estamos a pegar nas varinhas na posição de aceitação de combate — explicou Lockhart à multidão silenciosa. — Quando contarmos até três, lançaremos os primeiros feitiços. Nenhum de nós tentará matar o outro, claro.

— Eu não poria as mãos no fogo — murmurou Harry, observando como Snape arreganhava os dentes.

— Um, dois, três...

Os dois agitaram as varinhas, elevando-as acima dos ombros. Snape gritou: *Expelliarmus!* Houve um clarão ofuscante de luz escarlate e Lockhart voou para trás, caindo do estrado e batendo contra a parede, escorregando e indo estatelar-se no chão.

Malfoy e alguns dos outros Slytherin aplaudiram. Hermione estava em bicos dos pés. — Açam que ele está bem? — gritou entredentes.

— Não te rales — disseram ao mesmo tempo Ron e Harry.

Lockhart estava a levantar-se, vacilante. O chapéu caíra-lhe e o cabelo ondulado estava num desalinho.

— Bem, cá está! — disse, cambaleando até ao estrado. — Este foi um encantamento para desarmar. Como podem ver, perdi a minha varinha. Ah, obrigado Miss Brown. Sim, foi uma excelente ideia mostrar-lhes isto, professor Snape, mas, se me permite que lhe diga, foi muito óbvio o que ia fazer. Se eu tivesse querido impedi-lo, tê-lo-ia feito com a maior das facilidades. Mas achei que seria educativo deixá-los ver...

Snape tinha um ar assassino. Provavelmente Lockhart deu por isso, porque declarou: — Chega de demonstrações. Eu vou passar agora pelo meio de vocês e criar pares. Professor Snape, se quiser ajudar-me...

Avançaram pelo meio da multidão, agrupando alunos. Lockhart pôs Neville com Justin Finch-Fletchley, mas Snape chegou primeiro junto de Harry e de Ron.

— Tempo de separar a dupla ideal, parece-me — disse ríspidamente. — Weasley, tu podes ficar com o Finnigan. Potter...

Harry voltou-se automaticamente para Hermione.

— Não me parece — disse Snape com o seu sorriso frio. — Mr. Malfoy, venha até aqui. Vamos ver o que faz com o famoso Potter. E a menina, Miss Granger, pode emparceirar com Miss Bulstrode.

Malfoy aproximou-se com o seu passo empertigado e o seu sorriso escarninho. Atrás dele vinha uma rapariga dos Slytherin, que lembrou a Harry uma imagem que tinha visto em *Férias com Bruxas*. Era corpulenta e atarracada e tinha um queixo proeminente e agressivo. Hermione esboçou um sorriso débil, que ela não retribuiu.

— Voltem-se para os vossos parceiros — gritou Lockhart — e façam a vénia.

Harry e Malfoy mal inclinaram as cabeças, não afastando os olhos um do outro.

— Varinhas a postos! — gritou Lockhart. — Quando eu disser três, lancem os feitiços para desarmar o vosso adversário. Um... dois... três...

Harry levantou a varinha acima do ombro, mas Malfoy começara logo no «dois»: o seu feitiço apanhou Harry com tanta força que ele se sentiu

como se tivesse levado com uma frigideira na cabeça. Tropeçou, mas ainda não estava fora de combate e, sem perder tempo, apontou a varinha a Malfoy e gritou: — *Rictusempra!*

Um jacto de luz prateada atingiu Malfoy no estômago, obrigando-o a dobrar-se, arfando.

— *Eu disse desarmar!* — gritava Lockhart sobre as cabeças da multidão em luta, enquanto Malfoy caía de joelhos. Harry atingira-o com o Feitiço das Cócegas e ele mal conseguia mexer-se de tanto rir. Harry hesitou com o vago sentimento de que seria pouco desportivo enfeitiçar Malfoy enquanto ele estava caído no chão, mas... foi um erro. Tentando respirar, Malfoy apontou a varinha aos joelhos de Harry, balbuciando: *Tarantallegra!* e, um segundo depois, as pernas de Harry começaram a mexer-se, sem que ele pudesse controlá-las, executando uma espécie de dança frenética.

— Parem, parem — gritava Lockhart, quando Snape resolveu tomar controlo da situação.

— *Finite Incantatem!* — bradou. Os pés de Harry pararam de dançar, Malfoy parou de rir e puderam olhar para cima.

Uma onda de fumo esverdeado pairava sobre todos eles. Neville e Justin jaziam no chão, a arfar. Ron amparava Seamus, cujo rosto estava cor de cinza, pedindo-lhe mil desculpas pelo que a sua varinha partida eventualmente tivesse feito. Mas Hermione e Millicent Bulstrode ainda não tinham acabado. Millicent tinha-lhe imobilizado a cabeça e Hermione gemia de dor. As duas varinhas jaziam, esquecidas, no chão. Harry deu um salto em frente e afastou Millicent. Não foi fácil, ela era bastante maior do que ele.

— Bem, bem! — exclamava Lockhart, saltitando pelo meio da multidão e olhando as consequências dos duelos. — Vamos pôr de pé, Macmillan... cuidado, Miss Fawcett... belisque com força que pára logo de sangrar...

— Acho que o melhor é ensinar-vos como bloquear feitiços pouco amigáveis — afirmou Lockhart, que estava nervosíssimo no meio do Salão. Olhou para Snape, cujos olhos pretos brilhavam e desviou rapidamente o olhar. — Vamos arranjar um par de voluntários. Longbottom e Finch-Fletchley, que tal serem vocês?

— Uma má ideia, professor Lockhart — disse Snape, deslizando como um morcego enorme e cruel. — Longbottom provoca o caos com o feitiço mais simples. Ainda temos de mandar o que restar do Finch-Fletchley para a enfermaria dentro de uma caixa de fósforos. — A cara redonda e rosada de Neville ficou ainda mais rosada. — Que tal o Malfoy e o Potter? — sugeriu Snape com um sorriso retorcido.

— Excelente ideia — disse Lockhart, fazendo sinal aos dois para que se

aproximassem do meio do Salão, enquanto a multidão recuava para lhes dar passagem.

— Ouve bem, Harry — disse Lockhart. — Quando o Draco te apontar a varinha, tu fazes assim.

Levantou a sua varinha, tentou executar um gesto complexo e deixou-a cair. Snape sorriu pretensiosamente, enquanto Lockhart apanhava a varinha do chão, dizendo: — Oh, a minha varinha está demasiado excitada.

Snape aproximou-se de Malfoy, inclinou-se e disse-lhe qualquer coisa ao ouvido. Malfoy sorriu também de forma afectada. Harry olhou, nervoso, para Lockhart e pediu: — Professor, podia mostrar-me outra vez aquela coisa para bloquear?

— Estás com medo? — murmurou Malfoy baixinho, para que Lockhart não pudesse ouvir.

— Querias! — exclamou Harry pelo canto da boca.

Lockhart deu um soco no ombro de Harry, na brincadeira. — Basta que faças como eu fiz!

— O quê, deixar cair a varinha?

Mas Lockhart não estava a ouvir

— Três, dois, um! — gritou.

Malfoy levantou rapidamente a varinha ao ar e gritou: — *Serpensortia!*

A extremidade da varinha explodiu. Harry viu, horrorizado, uma enorme serpente negra sair dela, cair pesadamente no chão entre os dois e erguer-se, disposta a atacar. Ouviram-se gritos, enquanto a multidão se afastava, abrindo uma clareira.

— Não te mexas, Potter — disse Snape vagarosamente, claramente divertido a ver Harry, imóvel, a olhar nos olhos a serpente. — Eu trato dela...

— Permita-me — gritou Lockhart. Brandiu a varinha em direcção à serpente e ouviu-se um estoiro. A cobra, em vez de desaparecer, voou três metros acima deles e voltou a cair no chão com um estrondo enorme. Enraivecida, a sibilar de fúria, rastejou em direcção a Finch-Fletchley e pôs-se de pé com os dentes à mostra, pronta a atacar.

Harry não soube ao certo o que o levou a fazer aquilo. Não se lembrava sequer de ter tomado aquela decisão. Só soube que as pernas o fizeram avançar como se tivesse rodas e que gritou à serpente: — Larga-o! — E, milagrosa e inexplicavelmente, a serpente voltou ao chão, dócil como uma grande mangueira de jardim, preta e grossa, os olhos agora fixos em Harry, que sentiu o medo desvanecer-se. Sabia que a cobra não atacaria mais ninguém, embora não pudesse explicar como sabia isso.

Olhou para Justin a sorrir, esperando vê-lo aliviado, espantado, ou

mesmo agradecido, mas nunca zangado ou assustado.

— Que brincadeira é essa? — gritou o outro e, antes que Harry tivesse tempo de dizer fosse o que fosse, voltou as costas e saiu do Salão.

Snape deu um passo em frente, fez um gesto com a varinha e a serpente desapareceu numa onda de fumo preto. Também ele, Snape, olhava para Harry de uma forma inesperada. Era um olhar arguto e calculista, de que Harry não gostou. Apercebeu-se também vagamente de um murmúrio ameaçador que vinha das paredes em volta. Depois, sentiu um puxão no manto.

— Vamos — disse a voz de Ron no seu ouvido. — Mexe-te, vá lá...

Ron arrastou-o para fora do Salão. Hermione acompanhava-os com passada rápida. Quando cruzaram a porta, as pessoas que a rodeavam afastaram-se, como se tivessem medo de ser contagiadas.

Harry não fazia a mais pequena ideia do que se estava a passar e nem Ron, nem Hermione lhe deram qualquer explicação, antes de o terem levado até à sala comum dos Gryffindor, que se encontrava vazia. Aí, Ron empurrou Harry para uma cadeira de braços e disse: — Tu és um serpentês. Por que não nos disseste?

— Eu sou um quê? — perguntou Harry.

— Um serpentês! — exclamou o Ron. — Falas com cobras.

— Bem sei — declarou Harry. — Quer dizer, esta foi a segunda vez que o fiz. A outra foi há muito tempo no jardim zoológico, quando soltei uma jibóia ao meu primo Dudley. É uma longa história, mas ela estava a dizer-me que nunca tinha estado no Brasil e eu acho que a libertei sem querer. Foi antes de saber que era feiticeiro...

— Uma jibóia disse-te que nunca tinha estado no Brasil? — repetiu Ron, quase sem voz.

— E então? — disse Harry. — Aposto que montes de pessoas aqui fazem o mesmo.

— Não fazem, não — afirmou Ron. — Não é um dom muito frequente. Harry, isso é mau.

— O que é que é mau? — perguntou Harry, que começava a ficar chateado. — O que é que se passa com os outros? Ouve bem, se eu não tivesse dito àquela cobra para não atacar o Justin...

— Ah, foi isso que tu disseste?

— Que queres dizer? Tu estavas lá, ouviste perfeitamente o que eu disse.

— Eu ouvi-te falar em serpentês — esclareceu Ron. — Língua de cobra. Podias estar a dizer-lhe não importa o quê. Não admira que o Justin tivesse entrado em pânico. Parecia que estavas a incitar a serpente. Foi assustador, sabes?

Harry olhou para ele, espantado.

— Eu falei uma língua diferente? Mas... não me apercebi..., como posso falar uma língua, sem saber que a conheço?

Ron abanou a cabeça. Tanto ele como Hermione tinham um ar fúnebre. Harry não percebia o que havia naquilo de tão trágico.

— Será que me querem explicar o que há de mal em ter impedido que uma serpente enorme arrancasse a cabeça ao Justin? — perguntou. — Por que é tão importante o modo como o fiz, se evitei que o Justin fosse juntar-se aos Caçadores Sem-Cabeça?

— Porque é — disse por fim Hermione, numa voz abafada. — Porque falar com serpentes foi a arte pela qual Salazar Slytherin ficou famoso. Por isso, o símbolo dos Slytherin é uma serpente.

Harry ficou de boca aberta.

— Exacto — disse Ron. — E agora todos na escola vão pensar que tu és descendente dele.

— Mas não sou — contrapôs Harry, com um pânico que não conseguia explicar.

— Não vai ser fácil prová-lo — disse Hermione. — Ele viveu há quase mil anos. Pelo que vimos, podias ser.

Nessa noite, Harry ficou acordado durante horas. Por uma fresta dos cortinados da cama de dossel, olhou para a neve que começava a cair do lado de fora da janela da torre e perguntou-se se poderia ser descendente de Salazar Slytherin. Afinal, não sabia nada da família do pai, os Dursleys tinham sempre proibido qualquer pergunta sobre os seus familiares feiticeiros.

Calmamente, tentou dizer qualquer coisa em serpentês, mas as palavras não saíam. Parecia que era necessário estar frente a frente com uma cobra para poder fazê-lo.

Mas eu sou um Gryffindor, pensou Harry, o Chapéu Seleccionador não me poria aqui se eu tivesse sangue de Slytherin...

«Ah!», disse uma vozinha dentro do seu cérebro. «Mas o Chapéu Seleccionador queria pôr-te nos Slytherin, não te lembras?»

Harry deu voltas e voltas à cabeça. No dia seguinte, quando visse Justin na aula de Herbologia, explicar-lhe-ia que estava a afastar a serpente, não a atirá-la, o que, aliás, pensou zangado, dando vários socos na almofada, qualquer idiota teria percebido.

Contudo, na manhã seguinte, a neve que começara a cair durante a noite, transformara-se numa tempestade tão espessa que a última aula de

Herbologia do período foi cancelada: a professora Sprout queria tapar as mandrágoras com peúgas e cachecóis, uma operação arriscada que ela não confiava a ninguém, agora que era tão importante que as mandrágoras crescessem depressa e reanimassem *Mrs. Norris* e Colin Creevey.

Junto da lareira da sala comum dos Gryffindor, Harry matutava sobre o que se passara, enquanto Ron e Hermione aproveitavam aquela pausa para jogar xadrez mágico.

— Com os diabos, Harry — disse Hermione, exasperada, quando um bispo derrubou um dos cavaleiros do cavalo, arrastando-o para fora do tabuleiro. — Vai falar com o Justin, se isso é assim tão importante para ti.

Harry levantou-se e saiu pelo buraco do retrato, perguntando a si próprio onde poderia estar Justin.

O castelo estava mais escuro do que era habitual durante o dia por causa da neve espessa e cinzenta que cobria as janelas. A tremer, Harry passou pelas salas onde estavam a decorrer aulas, captando lampejos do que sucedia lá dentro. A professora McGonagall gritava com alguém que, segundo lhe parecia pelo som, transformara o parceiro num texugo. Resistindo à tentação de dar uma espreitadela, Harry afastou-se, pensando que Justin poderia estar a utilizar o furo para acabar algum trabalho e resolveu, por isso, ir até à biblioteca.

Um grupo de alunos dos Hufflepuff, que deveriam ter estado em Herbologia, encontrava-se, de facto, sentado ao fundo da biblioteca, mas não parecia estar a trabalhar. Entre as fileiras das estantes altas, Harry pôde ver as suas cabeças muito juntas naquilo que deveria ser uma conversa absorvente. Não conseguia perceber se Justin estaria no meio deles. Ia para se aproximar, quando apanhou no ar uma frase e parou para ouvir melhor, escondido na Secção de Invisibilidade.

— Portanto — dizia um rapaz corpulento —, eu disse ao Justin para se esconder no nosso dormitório. Isto é, se o Potter o escolheu como próxima vítima, é melhor que ele seja discreto durante algum tempo. É claro que o Justin já estava à espera de que alguma coisa do género acontecesse desde que lhe escapou numa conversa com o Potter que era filho de Muggles. O Justin disse-lhe, inclusivamente, que tinha estado inscrito em Eton. Não é o tipo de coisa que se ande a dizer com o herdeiro de Slytherin à solta por aí.

— Achas mesmo que é o Potter, Ernie? — perguntou uma rapariga de tranças loiras, ansiosamente.

— Hannah — disse com solenidade o rapaz corpulento —, ele é um serpentês. Todos sabem que essa é a marca de um feiticeiro negro. Alguma vez ouviste falar de um feiticeiro decente que falasse com cobras? O Slytherin era conhecido por «Língua de Serpente».

Houve alguns murmúrios antes de Ernie prosseguir: — Lembra-se do que estava escrito na parede? *Inimigos do herdeiro, cuidado!* O Potter teve de ir ao gabinete do Filch. E o que é que acontece a seguir? A gata do Filch é atacada. O aluno do primeiro ano, o Creevey, estava a aborrecê-lo na partida de Quidditch, a tirar-lhe fotografias quando ele estava caído na lama. E o que é que acontece a seguir? O Creevey é atacado.

— Mas ele parece sempre ser tão simpático — disse Hannah, cheia de dúvidas. — E, bem, foi ele quem fez com que o Quem-Nós-Sabemos desaparecesse. Não pode ser assim tão mau, pois não?

Ernie baixou misteriosamente a voz. Os Hufflepuff inclinaram-se mais uns para os outros e Harry aproximou-se para conseguir apanhar as palavras de Ernie.

— Ninguém sabe como ele sobreviveu àquele ataque do Quem-Nós-Sabemos e, afinal, ainda era um bebé quando aquilo aconteceu. Era para ter explodido feito em estilhaços. Só um feiticeiro negro verdadeiramente poderoso teria sobrevivido a uma maldição daquelas. — Baixou ainda mais a voz até esta ficar reduzida a um leve murmúrio e disse: — Talvez fosse por isso que o Quem-Nós-Sabemos o queria matar, para não ter outro feiticeiro negro a competir com ele. Gostava de saber que outros poderes ocultos terá o Potter.

Harry não aguentou mais. Pigarreou alto e saiu de detrás das estantes. Se não estivesse tão zangado, teria conseguido ver o lado cómico da situação: cada um dos Hufflepuff olhava para ele como se tivesse sido petrificado, e a cor desaparecera da cara de Ernie.

— Olá — disse Harry. — Estou à procura do Justin Finch-Fletchley.

Os piores receios dos Hufflepuff tinham-se concretizado. Olharam apavorados para Ernie.

— O que queres dele? — perguntou Ernie numa voz sumida.

— Explicar-lhe o que aconteceu com aquela cobra no clube de esgrima — disse Harry.

Ernie mordeu os lábios lívidos e, em seguida, respirando fundo, respondeu: — Estávamos lá todos. Vimos o que aconteceu.

— Então viram que depois de eu falar a serpente recuou — disse Harry.

— O que eu vi — insistiu teimosamente Ernie, apesar de tremer a cada palavra que proferia — foi tu a falares serpentês e a atiçares a cobra conta o Justin.

— Eu não a aticei — gritou Harry, enraivecido. — Ela nem lhe tocou.

— Falhou por pouco — disse Ernie. — E, para o caso de estares com ideias — acrescentou com má cara —, posso dizer-te que a minha família provém de nove gerações de feiticeiras e feiticeiros e que o meu sangue é



tão puro como o de qualquer feiticeiro, portanto...

— Quero lá saber do teu sangue — disse Harry, furioso. — Por que iria eu atacar os filhos dos Muggles?

— Ouvi dizer que detestas os Muggles com quem vives — disse Ernie rapidamente.

— Não é possível viver com os Dursleys sem os detestar — explicou Harry. — Gostava de te ver lá em casa.

Girou sobre os calcanhares e saiu furioso da biblioteca sob o olhar reprovador de Madame Prince, que limpava a capa dourada de um enorme livro de Encantamentos.

Harry avançou às cegas pelos corredores, quase sem ver por onde ia de tão furioso que estava. O resultado foi chocar com algo enorme e sólido que o fez recuar e cair ao chão.

— Ah! Olá, Hagrid — disse, olhando para cima.

Hagrid tinha o rosto completamente tapado com uma balaclava de lã coberta de neve, mas não podia ser mais ninguém, enchendo assim o corredor dentro do seu sobretudo de pele de toupeira. De uma das enormes mãos enluvadas, pendia um galo morto.

— Tudo bem, Harry? — perguntou, afastando a balaclava para poder falar. — Por que não estás na aula?

— Foi cancelada — disse Harry, pondo-se de pé. — O que estás a fazer aqui?

Hagrid mostrou-lhe o galo inerte.

— É o segundo qu'aparece morto este período — explicou. — Ou são raposas ou um vampiro chato e eu preciso d'autorização do director p'ra fazer um feitiço em volta da capoeira.

Aproximou-se e olhou mais de perto para Harry, por debaixo das suas sobrancelhas espessas e cheias de neve. — Tens a certeza de que estás bem? Pareces irritado e chateado.

Harry não foi capaz de repetir o que Ernie e os outros Hufflepuff lhe tinham dito.

— Não é nada, tenho de ir, Hagrid. A próxima aula é Transfiguração e preciso de ir buscar os meus livros.

Afastou-se, a cabeça cheia com tudo o que Ernie dissera a seu respeito.

*«O Justin já estava à espera de que uma coisa do género acontecesse desde que deixou escapar, falando com o Potter, que era filho de Muggles...»*

Harry subiu as escadas a correr e entrou por um corredor que estava particularmente escuro. As tochas tinham sido apagadas por uma ventania gelada que entrava por uma janela com o fecho estragado. Estava a meio do

corredor quando tropeçou numa coisa que se encontrava no chão.

Olhou para ver o que era e sentiu como se o estômago se tivesse dissolvido.

Justin Finch-Fletchley estava no chão, rígido e frio com uma expressão de horror no rosto e os olhos abertos voltados para o tecto. E não era tudo. Junto dele estava mais alguém, a visão mais estranha que Harry tivera em toda a sua vida.

Era o Nick Quase-Sem-Cabeça, que não estava cor de pérola nem transparente e sim escuro como fumo. Flutuava imóvel, na horizontal, um palmo acima do chão, a cabeça meio tombada e no rosto uma expressão de choque idêntica à de Justin.

Harry pôs-se de pé com a respiração acelerada e o coração a bater como um tambor contra as costelas. Olhou desvairado para ambos os lados do corredor deserto e viu uma fila de aranhas que corriam a toda a velocidade na direcção oposta à dos corpos. Os únicos sons eram as vozes abafadas dos professores nas aulas que decorriam de ambos os lados.

Podia fugir e ninguém saberia que ali tinha estado, mas não era capaz de os abandonar assim. Tinha de ir procurar ajuda. Será que alguém acreditaria que ele não tivera nada a ver com aquilo?

Enquanto ali estava, em pânico, uma porta ao seu lado abriu-se com grande estrondo. Peeves, o *poltergeist*, saiu aos gritos.

— Oh! É o Potter pirado — alardeou Peeves, lançando pelo ar os óculos de Harry quando passou por ele. — O que está o Potter a fazer? Por que está o Potter escondido?

Peeves parou no ar a meio de uma cambalhota e, de cabeça para baixo, viu Justin e o Nick Quase-Sem-Cabeça. Com um movimento súbito endireitou-se, encheu os pulmões de ar e, antes que Harry pudesse impedi-lo, gritou: — ATAQUE! ATAQUE! OUTRO ATAQUE! NENHUM MORTAL OU FANTASMA ESTÁ EM SEGURANÇA. CORRAM, FUJAM, ATAAQUE!

Crac, Crac, Crac. Uma atrás da outra, foram-se abrindo todas as portas ao longo do corredor e as pessoas saíram das salas de aula. Durante alguns longos minutos houve uma tal confusão que Justin esteve em perigo de ser esmagado e as pessoas não paravam de pisar o Nick Quase-Sem-Cabeça.

Harry deu por si colado à parede, enquanto os professores exigiam aos gritos que se fizesse silêncio. A professora McGonagall veio a correr, seguida por todos os alunos, um dos quais ainda trazia o cabelo às riscas pretas e brancas. Usou a varinha para produzir um ruído que repôs o silêncio e mandou os alunos todos para dentro das salas de aula. Mal o lugar ficou desimpedido, surgiu Ernie, o jovem Hufflepuff, ofegante.

— *Apanhado em flagrante!* — gritou, com o rosto totalmente branco,

apontando, num gesto teatral, o dedo para Harry.

— Basta, Macmillan — disse, de forma cortante, a professora McGonagall.

Peeves flutuava acima deles, observando a cena com um sorriso maldoso. Sempre adorara o caos. Quando os professores se inclinaram sobre Justin e sobre o Nick Quase-Sem-Cabeça para os examinar, iniciou uma cantilena:

*Oh! Potter, que fizeste, seu grande bandido  
Tu matas os estudantes porque achas divertido.*

— Basta, Peeves — disse com voz ríspida a professora McGonagall e Peeves afastou-se, deitando a língua de fora a Harry.

Justin foi levado para a enfermaria pelo professor Flitwick e pelo professor Sinistra do Departamento de Astronomia, mas ninguém parecia saber o que fazer em relação ao Nick Quase-Sem-Cabeça. Por fim, a professora McGonagall fez aparecer um enorme leque que entregou a Ernie com o encargo de fazer planar o Nick Quase-Sem-Cabeça escadas acima. Ernie assim fez, abanando Nick como se fosse um *hovercraft* e deixando, deste modo, Harry e a professora McGonagall a sós.

— Por aqui, Potter — disse ela.

— Professora, eu juro que não...

— Isso não é comigo, Potter — afirmou a professora McGonagall sinteticamente.

Caminharam em silêncio até uma esquina e ela parou perante uma grande gárgula de pedra extremamente feia.

— Refresco de limão — disse.

Era obviamente uma senha, porque a gárgula animou-se subitamente e saltou para o lado, enquanto a parede se dividia em duas partes. Apesar de estar apavorado com o que ia acontecer a seguir, Harry não conseguiu evitar um sentimento de fascínio. Por detrás da parede viam-se degraus em espiral que se moviam lentamente para cima como uma escada rolante. E quando ele e a professora McGonagall puseram os pés no primeiro degrau, Harry ouviu a parede fechar-se atrás deles. Subiram em círculos, cada vez mais alto até que, por fim, um pouco tonto, Harry pôde ver uma porta de carvalho reluzente com um puxador de bronze em forma de grifo.

Harry calculava para onde estava a ser levado. Devia ser ali que vivia Dumbledore.

## XII

### A POÇÃO POLISSUCO

No cimo, saíram da escada de pedra e a professora McGonagall bateu à porta, que se abriu silenciosamente, dando-lhes entrada. A professora disse-lhe que esperasse e deixou-o sozinho.

Harry olhou em volta. Uma coisa era certa: de todos os gabinetes de professores que conhecia, o de Dumbledore era, de longe, o mais interessante. Se não estivesse com um medo de morte de ser expulso, teria adorado explorá-lo.

Era uma sala grande e bonita em forma de círculo, cheia de barulhinhos estranhos. Sobre várias mesas de pernas finas via-se um grande número de instrumentos prateados que zumbiam, emitindo pequenas baforadas de fumo. As paredes estavam cobertas de fotografias de antigos directores e directoras, todos eles a dormir tranquilamente nas suas molduras. Havia ainda uma enorme secretária com pés de garra e, sobre uma prateleira atrás dela, um chapéu de feiticeiro andrajoso e puído: o Chapéu Seleccionador.

Harry hesitou. Lançou um olhar cauteloso às feiticeiras e feiticeiros adormecidos ao longo das paredes. Com certeza não fazia mal se lhe pegasse e o experimentasse só para ver... só para ter a certeza de que ele o pusera na equipa certa.

Deu a volta à secretária, retirou o chapéu da prateleira e baixou-o lentamente sobre a cabeça. Era demasiado grande e escorregou-lhe para os olhos como da outra vez que o tinha posto. Harry olhou para o forro preto, enquanto esperava. Por fim, uma vozinha disse-lhe ao ouvido: — Estás com macaquinhos no sótão, Harry Potter?

— Hã... sim — balbuciou Harry. — Hã... desculpa incomodar-te, queria saber...

— Querias saber se te pus na equipa certa — disse prontamente o chapéu. — Sim... tu és particularmente difícil de seleccionar, mas eu

mantenho o que disse antes. — O coração de Harry deu um salto. — Terias ficado bem nos Slytherin.

Harry sentiu o estômago contorcer-se. Agarrou o chapéu pela aba e tirou-o da cabeça. O Chapéu Seleccionador ficou pendurado na mão dele, inerte, desbotado e sujo. Harry voltou a pô-lo na prateleira, sentindo-se enjoado.

— Estás enganado! — disse em voz alta ao chapéu imóvel e silencioso, mas ele não se mexeu. Harry recuou para o observar melhor e foi então que ouviu um estranho grasnado atrás de si que o fez dar uma volta.

Não estava só, afinal de contas. Num poleiro dourado atrás da porta, estava um pássaro de aspecto decrepito que parecia um peru meio depenado. Harry olhou para ele, espantado, e o pássaro olhou-o também, grasnando de novo. Harry achou que ele devia estar muito doente, porque tinha os olhos parados e, enquanto olhava para ele, caíram-lhe mais algumas penas da cauda.

Estava justamente a pensar que a única coisa que lhe faltava era que o pássaro de estimação de Dumbledore morresse com ele ali sozinho no gabinete, quando a ave se incendiou.

Harry gritou, em estado de choque, e recuou até à secretária. Olhou nervosamente em volta, em busca de um jarro de água, mas não viu nenhum. O pássaro, entretanto, transformara-se numa bola de fogo, dera um guincho e, em seguida, desaparecera, deixando apenas um monte de cinzas no chão.

A porta do gabinete abriu-se e Dumbledore entrou com ar taciturno.

— Professor — gaguejou Harry. — O seu pássaro... eu não pude fazer nada... ele incendiou-se.

Para seu grande espanto, Dumbledore sorriu.

— Já não era sem tempo. Estava com um aspecto horrível nos últimos dias. Fartei-me de lhe dizer que se despachasse.

Riu-se entredentes com a expressão que o rosto de Harry deixava transparecer.

— *A Fawkes* é uma fénix, Harry. As fénix ardem quando é altura de morrer e renascem das cinzas, repara...

Harry olhou mesmo a tempo de ver um passarinho recém-nascido, todo enrugado, espetar a cabeça fora das cinzas. Era quase tão feio como o anterior.

— É uma pena que a tenhas conhecido em dia de arder — disse Dumbledore, passando para trás da secretária. — Normalmente é muito bonita, com uma plumagem vermelha e dourada. São criaturas fascinantes, as fénix. Podem transportar cargas pesadíssimas, as suas lágrimas têm

propriedades curativas e são animais de estimação extremamente fiéis.

Com o choque de ver a fénix a pegar fogo, Harry esquecera-se do motivo por que ali estava, mas tudo voltou rapidamente quando Dumbledore se instalou na cadeira de espaldar alto e o fixou com os seus olhos azuis e penetrantes.

Contudo, antes que ele tivesse tido tempo de falar, a porta do escritório abriu-se de par em par com um enorme estrondo e Hagrid entrou com um olhar tresloucado, a balaclava empoleirada no topo da cabeça hirsuta e o galo morto ainda pendurado na mão.

— Não foi o Harry, professor Dumbledore — disse, aflito. — Estive a falar com ele poucos segundos antes de o rapazinho ser encontrado, ele não teve tempo, professor...

Dumbledore tentou dizer qualquer coisa, mas Hagrid continuou, abanando o galo no meio da sua agitação e espalhando penas por todo o lado.

— Não pode ter sido ele. Eu juro na frente do Ministro da Magia, se for preciso...

— Hagrid, eu...

— Tem o rapaz errado, professor. Eu sei qu'ó Harry nunca...

— Hagrid — disse Dumbledore, elevando a voz. — Eu não penso que o Harry tenha atacado aquelas pessoas.

— Oh! — disse Hagrid, com o galo pendendo inerte ao seu lado. — Certo, 'tão eu espero lá fora, Director.

E saiu com ar envergonhado.

— O senhor não acha que tenha sido eu? — repetiu Harry cheio de esperança, enquanto Dumbledore sacudia penas de galo de cima da secretária.

— Não, Harry, não acho — afirmou Dumbledore, apesar de a sua expressão ser de novo sombria. — Mas mesmo assim quero falar contigo.

Harry esperou ansiosamente enquanto o director o observava com as pontas dos longos dedos unidas.

— Tenho de saber uma coisa. Harry, há alguma pergunta que queiras fazer-me, qualquer que ela seja?

Harry não soube o que dizer. Lembrou-se de Malfoy a gritar *Vocês serão os próximos, Sangues de Lama* e da poção Polissuco na casa de banho da Murta Queixosa. Depois pensou na voz sem corpo que ouvira duas vezes e no que Ron dissera *Ouvir vozes que ninguém mais ouve não é bom sinal, nem mesmo no mundo da feitiçaria*. Pensou também no que toda a gente dizia dele e no receio cada vez maior de ter uma relação qualquer com Salazar Slytherin...

— Não — disse por fim. — Não há nada, professor.

O ataque duplo a Justin e ao Nick Quase-Sem-Cabeça transformou o que até então era nervosismo em verdadeiro pânico. Curiosamente, fora o destino do Nick Quase-Sem-Cabeça o que mais preocupara as pessoas. Quem poderia ter feito aquilo a um fantasma? — perguntavam uns aos outros. — Que poder terrível era aquele, capaz de afectar alguém que já tinha morrido? Houve uma precipitação enorme na marcação dos bilhetes no Expresso de Hogwarts, pois todos os alunos queriam ir passar o Natal a casa.

— Por este caminho, vamos ser os únicos a ficar — disse Ron a Harry e a Hermione. — Nós, o Malfoy, o Goyle e o Crabbe, que lindas férias que vão ser!

Crabbe e Goyle, que faziam sempre o que Malfoy fazia, tinham-se inscrito para ficar também durante as férias. Mas Harry estava contente por a maior parte dos alunos se ir embora. Estava farto de ver gente a afastar-se nos corredores como se lhe fossem crescer presas ou cuspir veneno. Estava cansado de tantos segredinhos, de os ver apontar e segredar quando passava.

Fred e George, esses achavam muito divertido. Vinham, de propósito, pôr-se à frente dele e atravessavam os corredores a gritar: — Abram alas para o herdeiro de Slytherin, vai passar um feiticeiro verdadeiramente cruel.

Percy discordava totalmente deste comportamento.

— Não é um assunto para se brincar — dizia com frieza.

— Sai mas é do caminho, Percy — dizia Fred. — O Harry está com pressa.

— Sim, ele vai dar um saltinho à Câmara dos Segredos e tomar uma chávena de chá com o seu criado com presas de serpente — completava Fred com uma gargalhada.

Ginny também não lhes achava graça.

— Cala-te — gritava ela sempre que Fred perguntava em voz alta a Harry quem estava a pensar atacar a seguir, ou quando George fingia afastá-lo com um enorme dente de alho.

Harry não se importava. Fazia-o sentir-se melhor o facto de constatar que, pelo menos para Fred e para George, a ideia de ele ser o herdeiro de Slytherin era absolutamente ridícula. Mas as palhaçadas deles pareciam ofender Draco Malfoy, que, de cada vez que os via, ficava mais irritado.

— É porque está ansioso por dizer que é mesmo ele — disse Ron com ar conhecedor. — Sabes como ele detesta que alguém o ultrapasse e tu estás a

receber todo o crédito pelo seu trabalho sujo.

— Não vai ser por muito tempo — disse Hermione com uma voz satisfeita. — A poção Polissuco está quase pronta. Um destes dias arrancamos-lhe a verdade.

Finalmente, o período chegou ao seu termo e um silêncio profundo como a neve desceu sobre o castelo. Harry adorou a tranquilidade e apreciou o facto de ele, Hermione e os Weasleys terem a Torre dos Gryffindor por sua conta e poderem jogar às Explosões bem alto, sem incomodar ninguém e praticar esgrima entre si.

Fred, George e Ginny tinham preferido ficar na escola a ir com Mr. e Mrs. Weasley ao Egipto visitar Bill.

Percy, que reprovava e considerava infantil a conduta deles, não passava muito tempo na sala comum dos Gryffindor. Já lhes dissera pomposamente que só ficara ali no Natal por ser sua obrigação como prefeito apoiar os professores naquela época agitada.

A manhã do dia de Natal clareou branca e fria. Harry e Ron, os únicos que estavam no dormitório, foram acordados muito cedo por Hermione, que entrou, toda vestida, transportando presentes para ambos.

— Acordem — disse em voz alta, abrindo os cortinados.

— Hermione, tu não devias estar aqui — exclamou Ron, protegendo os olhos da luz.

— Feliz Natal para ti também — desejou-lhe Hermione, atirando-lhe o presente que tinha para ele. — Estou acordada há quase uma hora, a acrescentar mais asas de renda à poção. Está pronta.

Harry sentou-se, subitamente acordado.

— Tens a certeza?

— Absoluta — disse ela, afastando o rato *Scabbers* para se sentar aos pés da cama de dossel. — Se vamos mesmo tomá-la, acho que devia ser logo à noite.

Nesse momento, *Hedwig* entrou no quarto, transportando no bico um embrulho pequenino.

— Olá — disse Harry, feliz, ao vê-la aterrar na sua cama. — Já me falas outra vez?

Ela mordiscou-lhe a orelha de uma forma afectuosa que foi, de longe, um presente melhor do que aquele que transportava e que era afinal dos Dursleys. Tinham mandado a Harry um palito para os dentes com um cartão pedindo-lhe que se informasse se não poderia ficar, também no Verão, em Hogwarts.

Os outros presentes que Harry recebeu foram bastante melhores. Hagrid



mandara-lhe uma lata grande de bombons de melaço que ele decidiu amolecer ao lume antes de comer, Ron deu-lhe um livro chamado *Voando com os Cannons*, que narrava factos interessantes sobre a sua equipa favorita de Quidditch, e Hermione trouxera-lhe uma luxuosa pena de águia. Harry abriu o último presente onde vinha uma camisola novinha, feita à mão por Mrs. Weasley e um grande bolo de ameixas. Pegou no cartão com uma nova sensação de culpa, pensando no carro de Mr. Weasley que não voltara a ser visto desde que chocara contra o Salgueiro Zurzidor e na quantidade de infracções que ele e Ron tinham em mente.

Ninguém, nem mesmo os que estavam cheios de medo por terem de tomar a poção Polissuco a seguir, deixou de adorar o jantar de Natal em Hogwarts.

O Salão Nobre estava magnífico. Não só havia uma dúzia de árvores de Natal, cobertas de geada e espessas serpentinas de azevinho e visco bravo cruzando-se junto do tecto, como caía uma neve encantada, quente e seca. Dumbledore conduziu-os em algumas das suas canções de Natal preferidas, enquanto Hagrid se agitava, falando cada vez mais alto, a cada cálice de *eggnog*<sup>2</sup> que tomava. Percy, que não dera por que Fred enfeitiçara o seu distintivo de prefeito, onde agora podia ler-se «Cabeça de Alfinete», continuava a perguntar a todos para onde estavam a olhar. Harry nem sequer se importou com os comentários que Draco Malfoy fazia, bem alto, da mesa dos Slytherin acerca da sua camisola nova. Com alguma sorte, Malfoy iria ser desmascarado dentro de algumas horas.

Harry e Ron mal tinham acabado a terceira dose de *Christmas pudding*<sup>3</sup> quando Hermione os fez sair do Salão à pressa para acabarem de tratar dos planos para essa noite.

— Ainda precisamos de um bocadinho da pessoa em quem queremos transformar-nos — disse com o ar mais natural deste mundo como se estivesse a mandá-los ao supermercado comprar detergente. — E, é claro que o ideal será conseguirmos alguma coisa do Crabbe e do Goyle, são os melhores amigos do Malfoy, ele conta-lhes tudo. E precisamos também de ter a certeza de que eles não vão entrar na sala quando vocês estiverem a interrogar o Malfoy. — Eu tenho tudo pensado — prosseguiu ela, ignorando a expressão estupefacta de Harry e Ron. Pegou em dois apetitosos bolos de chocolate. — Pus-lhes um Encantamento de Sono. Vocês só têm de fazer com que o Crabbe e o Goyle os encontrem. Sabem como eles são gulosos, vão logo comê-los. Quando estiverem a dormir, tirem-lhes alguns cabelos e escondam-nos num armário de vassouras.

Harry e Ron olharam, incrédulos, um para o outro.

— Hermione, creio que não...

— Isto pode correr muito mal...

Mas Hermione tinha um brilho inflexível nos olhos que não era muito diferente do que eles costumavam ver no olhar da professora McGonagall.

— A poção não nos serve de nada sem os cabelos do Crabbe e do Goyle — disse com firmeza. — Vocês querem mesmo descobrir coisas sobre o Malfoy, não querem?

— Pronto, está bem — acedeu Harry. — Mas, e tu, vais arranjar cabelos de quem?

— Eu já tenho esse assunto resolvido — disse Hermione, sorridente, tirando um frasquinho do bolso e mostrando-lhes um cabelo que lá estava dentro. — Lembram-se da Millicent Bulstrode que lutou comigo no clube de esgrima? Ela deixou isto no meu manto quando tentava estrangular-me. E foi passar o Natal a casa, portanto, basta-me dizer aos Slytherins que decidi voltar.

Quando Hermione saiu para verificar de novo a poção Polissuco, Ron voltou-se para Harry com uma expressão lúgubre.

— Alguma vez viste um plano onde tantas coisas pudessem correr mal?

Mas para grande espanto de Harry e Ron, a primeira fase da operação decorreu tão naturalmente como Hermione previra. Eles esconderam-se no *Hall* de Entrada, depois da ceia de Natal, à espera de Crabbe e de Goyle, que tinham ficado sozinhos à mesa dos Slytherin, deitando abaixo a quarta dose de *trifle*<sup>4</sup>. Harry colocou os bolos de chocolate no fim do corrimão. Quando avistaram Crabbe e Goyle a sair do Salão, Harry e Ron esconderam-se rapidamente atrás de uma armadura que estava junto da porta de entrada.

— Como se pode ser tão estúpido? — murmurou Ron, extasiado, enquanto Crabbe apontava, satisfeitíssimo, mostrando a Goyle os bolos e agarrando-os. Com um riso estúpido, enfiaram-nos inteiros nas bocas enormes. Durante um momento, ambos mastigaram avidamente com olhares vitoriosos no rosto. Depois, sem que a expressão se alterasse, caíram para trás e estatelaram-se no chão.

Mais difícil foi transportá-los para o armário do outro lado do *Hall*. Uma vez instalados no meio dos baldes e esfregões, Harry arrancou alguns dos pêlos que cobriam a testa de Goyle e Ron tirou alguns cabelos a Crabbe. Roubaram-lhes também os sapatos, porque os deles eram demasiado pequenos para os enormes pés de Crabbe e de Goyle. Em seguida, ainda atordoados com o que tinham acabado de fazer, correram até à casa de banho da Murta Queixosa.

Mal conseguiam ver com o fumo preto e espesso que saía do cubículo onde Hermione mexia o caldeirão. Tapando o rosto com os mantos, Harry e Ron bateram ao de leve na porta.

— Hermione?

Ouviram o ruído do trinco e Hermione apareceu com a cara lustrosa e um ar ansioso. Por trás dela, ouviam o «glup glup» da poção espessa e gorgolejante. No banco da casa de banho estavam três copos de vidro.

— Conseguiram? — perguntou Hermione quase sem fôlego.

Harry mostrou-lhe o cabelo de Goyle.

— Ótimo. Eu tirei estes mantos suplementares da lavandaria — disse ela, pegando numa pequena saca. — Vocês vão precisar de tamanhos maiores se vão ser o Crabbe e o Goyle.

Olharam os três para o caldeirão. Vista de perto, a poção parecia uma lama espessa e escura a borbulhar indolentemente.

— Tenho a certeza de que fiz tudo certo — disse Hermione, nervosa, relendo a página manchada de *As Poções Mais Potentes*. — Tem o aspecto que o livro diz que deveria ter... depois de a tomar, temos precisamente uma hora antes de nos transformarmos de novo nas pessoas que somos.

— E agora? — murmurou o Ron.

— Vamos vertê-la para três copos e adicionamos os cabelos.

Hermione encheu cada um dos copos com uma concha de sopa. Em seguida, retirou com a mão a tremer o cabelo de Millicent Bulstrode de dentro do frasquinho e pô-lo no primeiro copo.

A poção chiou fortemente como uma chaleira a ferver e espumou como louca. Um segundo depois ganhara um tom amarelado e doentio.

— Que nojo! Essência de Millicent Bulstrode — disse Ron, olhando com repugnância. — Aposto que o sabor é nojento.

— Deitem os vossos — disse Hermione.

Harry deixou cair o cabelo de Goyle no copo do meio e Ron lançou o de Crabbe no último. Ambos chiaram e espumaram: o de Goyle ficou de um tom caqui, o de Crabbe de um castanho-escuro pardo.

— Esperem — pediu Harry quando Ron e Hermione pegaram nos copos. — Será melhor não os tomarmos aqui todos juntos num cubículo; quando nos transformarmos, não vamos cá caber e Millicent Bulstrode não é nenhum pixie.

— Bem pensado — admitiu Ron, abrindo a porta. — Cada um em seu cubículo.

Com todo o cuidado, para não entornar nem uma gota da poção Polissuco, Harry esgueirou-se para o cubículo do meio.

— Prontos? — perguntou.

— Prontos — responderam as vozes de Ron e de Hermione.

— Um, dois, três.

Tapando o nariz, Harry bebeu a poção em dois grandes tragos. Tinha o sabor de couve demasiado cozida.

As suas entranhas começaram imediatamente a contorcer-se como se tivesse engolido serpentes vivas. Dobrado, Harry perguntava a si próprio se iria vomitar. Depois, uma sensação de ardor espalhou-se rapidamente do estômago até às pontas dos dedos das mãos e dos pés. Em seguida, fazendo-o sobressaltar-se, sobreveio o sentimento horrível de estar a derreter, enquanto a pele de todo o seu corpo borbulhava como cera quente e, perante os seus olhos, as mãos começaram a crescer, os dedos a engrossar, as unhas a alargar e as articulações a tornarem-se protuberantes como ferrolhos. Os ombros retesaram-se dolorosamente e uma comichão na testa preveniu-o de que o cabelo estava a alastrar em direcção às sobrancelhas. O manto rasgou-se enquanto o tórax se expandia como um barril, rebentando com os seus aros. Os pés, dentro de sapatos quatro números abaixo, doíam-lhe intensamente.

Tão depressa como começara, tudo parou. Harry estava caído no chão de pedra fria, ouvindo a Murta Queixosa gorgolejando, taciturna, no cubículo do fundo. Com alguma dificuldade, tirou os sapatos e levantou-se. Era então assim que o Goyle se sentia! Com a mão enorme a tremer, despiu o manto que lhe ficava dois palmos acima dos tornozelos, vestiu o suplementar e apertou os atacadores dos sapatos abotinados de Goyle. Quis escovar o cabelo para o afastar um pouco dos olhos e deu apenas com os pêlos hirsutos que lhe cresciam na testa. Apercebeu-se então de que os óculos lhe toldavam a visão, porque Goyle, obviamente, não precisava deles. Tirou-os e bradou:

— Vocês estão bem? — Da sua boca saiu a voz baixa e grossa de Goyle.

— Sim — respondeu-lhe o grunhido de Crabbe, à sua direita.

Harry abriu a porta do cubículo e dirigiu-se ao espelho partido. Goyle olhava-o do outro lado com os seus olhos parados. Harry coçou a orelha e Goyle fez o mesmo.

A porta de Ron abriu-se. Olharam um para o outro. Harry estava pálido e chocado. O amigo não se distinguia de Crabbe, desde o corte de cabelo em forma de tigela até aos longos braços de gorila.

— É inacreditável — disse Ron, aproximando-se do espelho e beliscando o nariz achatado de Crabbe. — *Inacreditável!*

— É melhor irmos indo — lembrou Harry, alargando a pulseira do relógio que lhe cortava o pulso. — Ainda temos de descobrir onde fica a sala comum dos Slytherin. Só espero que encontremos alguém que vá para

lá e que nós possamos seguir.

Ron, que tinha estado a olhar espantado para ele, comentou: — Não imaginas como é bizarro ver o Goyle a pensar — bateu na porta de Hermione. — Vamos, temos de ir...

Respondeu-lhe uma voz aguda: — Eu... eu acho que afinal não vou. Vão vocês sem mim.

— Hermione, nós sabemos que a Millicent Bulstrode é feia, ninguém vai pensar que és tu.

— Não, a sério, acho que não vou. Despachem-se vocês os dois, estão a perder tempo.

Harry olhou para Ron, baralhado.

— Aquilo parece mais do Goyle, é como ele fica sempre que algum professor lhe faz uma pergunta.

— Estás bem, Hermione? — perguntou Harry, através da porta.

— Ótima, estou ótima, vão-se embora.

Harry olhou para o relógio. Cinco preciosos minutos tinham já passado.

— Encontramo-nos aqui, está bem? — disse.

Os dois abriram a porta da casa de banho com todo o cuidado, viram se o caminho estava livre e saíram.

— Não balances assim os braços — disse Harry a Ron.

— Hein?

— O Crabbe anda sempre com eles esticados.

— Assim?

— Isso, assim está melhor.

Desceram a escadaria de mármore. Só precisavam agora de um Slytherin que pudessem seguir até à sala comum, mas não havia ninguém por perto.

— Tens alguma ideia? — perguntou Harry num murmúrio.

— Os Slytherin vêm sempre dali para o pequeno-almoço — disse Ron, apontando para a entrada das masmorras. Mal tinha pronunciado estas palavras quando uma rapariga de cabelo comprido aos caracóis apareceu.

— Desculpa — disse Ron, sem perder tempo. — Esquecemo-nos do caminho para a nossa sala comum.

— Como? — disse a rapariga com a maior frieza. — A *nossa* sala comum? Eu sou uma Ravenclaw.

Afastou-se, olhando para eles, desconfiada.

Harry e Ron desceram apressadamente os degraus de pedra até à escuridão. Os passos ecoavam no silêncio, à medida que os pés enormes de Crabbe e Goyle batiam no chão, fazendo-os sentir que as coisas não iam ser tão fáceis como eles desejavam.

Os corredores labirínticos estavam desertos. Andaram e tornaram a andar

pelos subterrâneos, olhando constantemente para os relógios para ver quanto tempo ainda lhes restava. Depois de um quarto de hora, quando começavam a ficar desesperados, ouviram um movimento súbito.

— Olha — disse Ron, agitado. — Agora é um deles.

O vulto saía de uma sala, mas quando se aproximaram o coração de ambos esmoreceu. Não era um Slytherin, era Percy.

— O que estás a fazer aqui em baixo? — perguntou Ron, surpreso.

— Isso — disse ele friamente — não é da tua conta. És o Crabbe, não és?

— Hã... sim, sim — respondeu Ron.

— Então vão para o vosso dormitório — ordenou Percy com firmeza. — Não é seguro andar a passear pelos corredores escuros nos dias que correm.

— Tu andas — fez notar Ron.

— Eu — disse Percy endireitando-se — sou um prefeito. Nada me vai atacar.

Ouviu-se, de repente, uma voz por detrás de Harry e Ron. Era Draco Malfoy e, pela primeira vez na vida, Harry ficou satisfeito ao vê-lo.

— Aí estão vocês! — exclamou na sua voz arrastada, olhando para eles.

— Têm estado a chafurdar no Salão este tempo todo? Tenho andado à vossa procura, quero mostrar-vos uma coisa muito divertida.

Malfoy olhou misteriosamente para Percy.

— E o que fazes tu aqui, Weasley? — perguntou com ar de desprezo.

Percy mirou-o, sentindo-se ultrajado.

— Faz o favor de mostrar um pouco mais de respeito por um prefeito da escola — disse. — Não gosto do teu ar.

Malfoy riu-se e fez sinal a Harry e a Ron para que o seguissem. Harry quase ia pedindo desculpa a Percy, mas deu-se conta a tempo. Apressaram-se a seguir Malfoy, que disse, mal viraram no corredor seguinte: — Aquele Peter Weasley...

— Percy — corrigiu Ron automaticamente.

— Ou isso — continuou Malfoy. — Ultimamente tenho-o visto muitas vezes a andar por aí sorrateiramente e aposto que sei o que ele quer. Pensa que vai apanhar o herdeiro de Slytherin sozinho.

Deu uma pequena gargalhada irónica e Harry e Ron trocaram olhares nervosos.

Malfoy parou junto de uma parede de pedra húmida.

— Diz lá outra vez a senha nova — ordenou a Harry.

— Hã...

— Ah! sim, *sangue puro!* — disse Malfoy sem prestar atenção e uma porta de pedra, oculta na parede, abriu-se. Malfoy entrou e Harry e Ron

seguiram-no.

A sala comum dos Slytherin era uma ampla divisão subterrânea com espessas paredes de pedra e um tecto no qual estavam pendurados, em correntes, vários candeeiros redondos que davam uma luz esverdeada.

O fogo crepitava numa lareira elaboradamente esculpida em frente da qual se viam as silhuetas de vários Slytherin sentados em cadeiras igualmente esculpidas.

— Esperem aí — disse Malfoy a Harry e a Ron, encaminhando-os para um par de cadeiras vazias, longe do lume. — Eu vou buscar o que o meu pai acaba de me mandar.

Sem saber o que Malfoy iria mostrar-lhes, Harry e Ron sentaram-se, fazendo todos os possíveis por parecer à vontade.

Malfoy voltou um minuto depois, trazendo na mão o que parecia ser um recorte de jornal. Pô-lo debaixo do nariz de Ron.

— Vais-te rir — disse.

Harry viu os olhos de Ron abrirem-se como se estivesse em estado de choque. Viu-o ler o recorte rapidamente, dar uma gargalhada forçada e estender-lho em seguida.

Tinha sido retirado d’*O Profeta Diário* e dizia:

### INQUÉRITO NO MINISTÉRIO DA MAGIA

*Arthur Weasley, chefe da Divisão de Utilização Incorrecta de Artefactos dos Muggles, foi hoje multado em cinquenta galeões por ter enfeitiçado um carro dos Muggles.*

*O senhor Lucius Malfoy, Membro do Conselho Directivo da Escola de Magia e Feitiçaria de Hogwarts, onde o carro enfeitiçado foi chocar no princípio deste ano, exigiu hoje a demissão de Mr. Weasley.*

*«O Weasley trouxe o descrédito ao Ministério» — declarou Mr. Malfoy ao nosso repórter. — «É claramente incompetente para elaborar leis e a sua ridícula Lei de Protecção dos Muggles deveria ser imediatamente anulada.»*

*Mr. Weasley recusou-se a fazer comentários, mas a sua mulher disse aos repórteres que desaparecessem dali ou lançaria contra eles o vampiro da família.*

— Então? — disse Malfoy, impaciente, quando Harry voltou a entregarlhe o recorte. — Não achas o máximo?

— Ah, ah — fez Harry friamente.

— O Arthur Weasley gosta tanto dos Muggles que devia partir a sua

varinha ao meio e juntar-se a eles — continuou Malfoy com desprezo. — Ninguém diria que os Weasley eram sangue puro a avaliar pelo modo como se comportam.

A cara de Ron, ou melhor, de Crabbe, contorceu-se de raiva.

— O que é que se passa? — perguntou Malfoy.

— Dores de estômago — gemeu Ron.

— Então, vai à enfermaria e dá a todos aqueles Sangues de Lama um pontapé da minha parte — disse Malfoy com o seu riso escarninho. — Sabes que estou espantado por *O Profeta Diário* ainda não se ter referido a todos estes ataques — continuou pensativamente. — Calculo que o Dumbledore deve estar a tentar abafar as coisas. Ele ainda é posto na rua se isto não acaba depressa. O meu pai sempre disse que o Dumbledore foi a pior coisa que aqui veio parar. Ele adora os filhos dos Muggles, um director decente nunca deixaria um lodo como o Creevey entrar nesta escola.

Malfoy começou a fingir que tirava fotografias com uma máquina imaginária e fez uma imitação maldosa, mas bastante fiel de Colin: — Potter, posso tirar-te a fotografia? Dás-me um autógrafo? Posso lambe-te os sapatos, por favor, Potter?

Baixou as mãos e olhou para Harry e Ron.

— O que é que se passa com vocês os dois?

Um pouco atrasados, Harry e Ron forçaram o riso e Malfoy pareceu satisfeito. Talvez Crabbe e Goyle fossem sempre de reacção lenta.

— O santo Potter, amigo dos Sangues de Lama — esgarçou Malfoy. — É outro que não tem os sentimentos de um verdadeiro feiticeiro ou não andaria por aí com aquela empertigada Sangue de Lama, aquela Granger. E as pessoas a pensarem que ele é o herdeiro de Slytherin.

Harry e Ron esperaram com a respiração entrecortada: Malfoy ia certamente dizer-lhes, dentro de segundos, que era ele, mas então...

— Quem me dera saber quem ele é — confessou Malfoy, de forma petulante. — Podia ajudá-lo.

Ron escancarou de tal forma a boca que a cara de Crabbe ficou ainda mais estúpida do que era habitual. Felizmente, Malfoy não deu por nada e Harry, num pensamento rápido, disse: — Deves ter alguma ideia de quem está por detrás de tudo...

— Sabes perfeitamente que não tenho, Goyle, quantas vezes é preciso dizer-te? — cortou Malfoy. — E o meu pai também não me diz nada sobre a última vez que a Câmara foi aberta. É claro que foi há cinquenta anos, antes de ele cá andar, mas o pai sabe tudo a esse respeito e diz que as coisas foram mantidas em grande segredo e que pareceria suspeito se eu soubesse demasiado. Mas há uma coisa que eu sei: da última vez que a Câmara foi



aberta, morreu um Sangue de Lama. Por isso, aposto que é uma questão de tempo até que um deles seja morto. Só espero que seja a Granger — rematou, satisfeito.

Ron fechara os punhos gigantescos de Crabbe. Sentindo que deitaria tudo a perder se ele desse um soco ao Malfoy, Harry lançou-lhe um olhar de aviso e disse: — Sabes se a pessoa que abriu a Câmara da última vez foi apanhada?

— Ah! sim, essa pessoa foi expulsa — respondeu Malfoy. — Ainda deve estar em Azkaban.

— Em Azkaban? — repetiu Harry, confuso.

— Sim, em Azkaban, a prisão dos feiticeiros, Goyle — disse Malfoy, olhando para ele incrédulo. — Francamente, se fosses mais lento andavas para trás.

Mexeu-se, intranquilo, na cadeira e prosseguiu: — O meu pai diz-me para agir discretamente e deixar que o herdeiro de Slytherin faça o seu trabalho. Acha que a escola precisa de se livrar da escória dos Sangues de Lama, mas não quer que eu me envolva em nada. Está claro que ele agora tem muito com que se preocupar. Sabes que o Ministério da Magia fez uma busca à nossa mansão na semana passada?

Harry tentou forçar a cara de bronco do Goyle a uma expressão preocupada.

— Sim — continuou Malfoy. — É claro que não encontraram grande coisa. O pai tem uns materiais de Magia Negra muito valiosos, mas, felizmente, temos a nossa câmara secreta debaixo do soalho da sala de visitas...

— Ah! — exclamou Ron.

Malfoy olhou para ele. Harry também. Ron corou e até o cabelo começou a ficar vermelho. O nariz estava também a diminuir lentamente... a hora tinha acabado. Ron estava a voltar à sua forma habitual e pelo olhar de horror que lançou a Harry certamente ele também estava.

Puseram-se rapidamente de pé.

— Tenho de tomar o remédio para o estômago — resmungou Ron e sem mais explicações saíram ambos a correr da sala comum dos Slytherin, precipitaram-se para a parede de pedra e galgaram a passagem, pedindo a todos os santos que Malfoy não tivesse dado por nada.

Harry sentia os pés a nadarem nos sapatos enormes de Goyle e tinha de levantar o manto visto que diminuía de tamanho. Subiram os degraus a correr até ao *Hall* escuro onde se ouvia um som abafado que vinha do armário em que tinham fechado Crabbe e Goyle. Deixando os sapatorros dos dois do lado de fora, subiram já com os respectivos sapatos a escadaria

de mármore até à casa de banho da Murta Queixosa.

— Bem, não foi uma total perda de tempo — disse Ron, ofegante, fechando atrás de si a porta da casa de banho. — É certo que ainda não descobrimos de quem vêm os ataques, mas vou escrever ao meu pai amanhã a dizer-lhe que procure debaixo do soalho da sala de visitas do Malfoy.

Harry olhou para o espelho partido. Tinha voltado ao normal. Pôs os óculos, enquanto Ron batia na porta do cubículo de Hermione.

— Hermione, sai daí, temos um monte de coisas para te contar...

— Vão-se embora — guinchou Hermione.

Harry e Ron olharam um para o outro.

— O que é que se passa? — perguntou o Ron. — Tu já deves ter voltado ao normal como nós...

Mas a Murta Queixosa saiu subitamente através da porta do cubículo com um ar divertido como nunca a tinham visto.

— Oh! Esperem até ver — disse ela. — É horrível!

Ouviram o trinco da porta a abrir-se e Hermione apareceu a soluçar, o manto levantado a cobrir-lhe o rosto.

— O que foi? — perguntou Ron, inseguro. — Ainda tens o nariz da Millicent ou alguma coisa assim?

Hermione deixou cair a roupa e Ron recuou até ao lavatório.

O rosto dela estava coberto de pêlo preto, os olhos tinham adquirido uma cor amarela e as orelhas eram pontiagudas, saindo espetadas para fora dos cabelos.

— Era um pêlo de g-gato — disse a chorar. — A Millicent Bulstrode d-deve ter um gato e a poção não está preparada para transformação em animais.

— Oh-oh — disse o Ron.

— Vão-te gozar horivelmente — disse a Murta, felicíssima.

— Não te preocupes, Hermione — tranquilizou-a rapidamente Harry. — Vamos levar-te para a enfermaria, a Madame Pomfrey nunca faz muitas perguntas...

Não foi fácil convencer Hermione a sair da casa de banho. A Murta Queixosa despediu-se com uma gargalhada vigorosa e grosseira.

— Espera até todos descobrirem que tens uma *cauda*!

## XIII

### UM DIÁRIO MUITO SECRETO

Hermione ficou na enfermaria durante várias semanas. Houve uma onda de boatos sobre o seu desaparecimento quando os alunos regressaram das férias de Natal, porque, é claro, todos pensaram que ela tinha sido atacada. Foram tantos os estudantes a rondar a enfermaria para espreitar e ver se a viam que Madame Pomfrey desceu de novo as cortinas da cama dela para a poupar à vergonha de ser vista com a cara toda peluda.

Harry e Ron iam visitá-la todas as tardes. Quando o segundo período começou, passaram a levar-lhe diariamente os trabalhos de casa.

— Se me tivessem nascido bigodes, fazia uma folga do trabalho — disse uma tarde Ron, enquanto colocava uma pilha de livros à cabeceira da cama de Hermione.

— Não sejas parvo, Ron, tenho de me manter a par da matéria — protestou Hermione com vivacidade. O humor dela melhorara bastante com o facto de lhe ter desaparecido todo o pêlo do rosto e de os olhos estarem lentamente a retomar a cor castanha. — Calculo que não tenham novas pistas? — disse num murmúrio para evitar que Madame Pomfrey os ouvisse.

— Nada — disse Harry tristemente.

— Eu tinha tanta certeza de que era o Malfoy — repetiu Ron pela centésima vez.

— O que é isso? — perguntou Harry, apontando para uma coisa com brilho dourado que estava debaixo da almofada de Hermione.

— É só um cartão a desejar as melhoras — disse ela precipitadamente, tentando escondê-lo, mas Ron foi mais rápido. Pegou no cartão, abriu-o e leu em voz alta:

*Para Miss Granger, desejando-lhe uma rápida recuperação, com o*

*interesse e a estima do professor Gilderoy Lockhart, Ordem de Merlim, Terceiro grau, Membro Honorário da Liga de Defesa contra a Magia Negra e vencedor por cinco vezes do prêmio O sorriso Mais Charmoso da Semana do Semanário das Feiticeiras.*

Ron olhou desconsolado para Hermione.

— Tu dormes com isto debaixo da almofada?

Mas Hermione foi poupada a uma resposta graças à entrada de Madame Pomfrey, que lhe trazia a dose de medicamento da tarde.

— Achas que o Lockhart é o tipo mais esperto que conheceste? — perguntou Ron a Harry quando saíram da enfermaria e começavam a subir as escadas para a torre dos Gryffindor. O Snape tinha-lhes passado tanto trabalho para casa que Harry pensou que ia chegar ao sexto ano antes de o concluir. Ron vinha a dizer que devia ter perguntado à Hermione quantas caudas de ratazana deveria juntar-se à Poção Assustadora quando um grito de raiva vindo do andar de cima lhes chegou aos ouvidos.

— É o Filch — murmurou Harry enquanto subiam apressadamente as escadas, parando depois para ouvir melhor.

— Terá mais alguém sido atacado? — perguntou Ron, nervoso.

Ficaram parados com as cabeças inclinadas para a voz de Filch que parecia quase histérica.

— ... *Ainda mais trabalho para mim. Toda a noite a esfregar como se não tivesse já trabalho de sobra. Não, isto foi a gota de água que fez transbordar o copo, vou falar com o Dumbledore...*

Os passos afastaram-se e ouviram uma porta fechar-se com grande estrondo.

Espreitaram pela esquina. Filch tinha obviamente estado a patrulhar o seu habitual posto de vigia: estavam novamente no lugar onde *Mrs. Norris* fora atacada. Perceberam imediatamente qual o motivo dos gritos. Uma enorme poça de água enchia metade do corredor e parecia escorrer da porta da casa de banho da Murta Queixosa. Agora que Filch se calara, podiam ouvir os uivos da Murta que faziam eco nas paredes da casa de banho.

— Mas o que se passará com ela? — indagou Ron.

— Vamos lá ver — sugeriu Harry e, arregaçando a roupa até aos tornozelos, entraram, atravessando a enorme poça de água, na casa de banho que tinha o letreiro a dizer «Fora de serviço» e que eles, como sempre, ignoraram.

A Murta Queixosa chorava, se possível, mais alto do que nunca. Parecia estar escondida na sanita do costume. A casa de banho estava escura, pois as velas tinham-se apagado com a enchente de água que deixara as paredes

e o chão ensopados.

— O que se passa, Murta? — quis saber Harry.

— Quem é? — perguntou ela, infelicíssima. — Vieste atirar-me mais alguma coisa para cima?

Harry chapinhou até ao cubículo dela e disse: — Por que te faríamos nós uma coisa dessas?

— Não me perguntem — gritou Murta, emergindo numa onda de água que molhou ainda mais o chão já ensopado. — Aqui estou eu metida com os meus botões e alguém acha muito engraçado atirar-me com um livro para cima...

— Mas, se alguém te atirar alguma coisa, não te pode magoar — disse Harry, tentando ser prático. — Isto é, seja o que for, passa através de ti, não é assim?

Tinha dito a frase errada.

Murta encheu o peito de ar e gritou a plenos pulmões: — Vamos todos atirar livros à Murta, já que ela não sente nada! Dez pontos se lhe acertarem no estômago, cinquenta se lhe atravessarem a cabeça! Ah, ah, ah, que jogo lindo, não acham?

— Afinal, quem foi? — perguntou Harry.

— Não sei... eu estava sentada no sifão a pensar na morte e caiu-me em cima da cabeça — disse Murta, olhando para eles. — Está ali, ficou todo molhado.

Harry e Ron olharam para o sítio que a Murta lhes apontava debaixo do lavatório. Um livro pequenino e fino estava caído no chão. Tinha uma capa preta muito gasta e estava encharcado, como tudo naquela casa de banho. Harry deu um passo em frente para o apanhar, mas Ron estendeu subitamente o braço para o impedir.

— O que foi? — perguntou Harry.

— Estás doido? — disse ele. — Pode ser perigoso.

— *Perigoso?* — riu-se Harry. — Essa agora, Ron, como é que pode ser perigoso?

— Ficarias surpreendido... — explicou ele, olhando com ar apreensivo para o livro. — Entre os livros que o Ministério confiscou, contou-me o meu pai, havia um que queimava os olhos às pessoas. E todos os que leram os *Sonetos de Um Feiticeiro* ficaram a falar em verso para o resto da vida. Havia também uma feiticeira em Bath que tinha um livro que quem o lesse nunca mais conseguia parar, tinha de andar por aí com o nariz enfiado nas folhas, a fazer todas as coisas só com uma mão e...

— Já chega, já chega, já percebi a tua ideia — disse Harry.

O livrinho continuava caído e ensopado.

— Bem, nunca saberemos a não ser que tenhamos a coragem de dar uma vista de olhos — disse e baixou-se, apanhando-o do chão.

Harry viu imediatamente que se tratava de um diário e a data meio apagada, na capa, disse-lhe que tinha cinquenta anos de idade. Abriu-o ansiosamente. Na primeira página, podia ler-se apenas o nome T. M. Riddle em tinta esborratada.

— Espera aí — disse Ron, que se aproximara prudentemente e olhava por cima do ombro de Harry. — Eu conheço esse nome... T. M. Riddle recebeu um prémio por serviços especiais prestados à escola há cinquenta anos.

— Como diabo sabes tu isso? — perguntou Harry com grande espanto.

— Porque o Filch me mandou limpar a taça dele umas cinquenta vezes quando estive de castigo — explicou Ron, ressentido. — Foi a taça em cima da qual vomitei lesmas. Se tivesses tido que limpar o muco de um nome durante uma hora, também te lembrarias.

Harry separou umas das outras as páginas molhadas. Estavam completamente em branco. Não havia o mais leve sinal de escrita em nenhuma, nem coisas como «Aniversário da tia Mabel» ou «Dentista às três e meia».

— Ele nunca escreveu nada aqui — concluiu Harry, desapontado.

— Por que quereria alguém atirá-lo fora? — interrogou-se o Ron com curiosidade.

Harry voltou o livrinho e viu, inscrito na contracapa, o nome de uma tabacaria em Vauxhall Road, Londres.

— Devia ser filho de Muggle — disse Harry pensativo — para ter comprado um diário em Vauxhall Road...

— Bem, não te serve de muito — Ron baixou a voz. — Cinquenta pontos se acertaes no nariz da Murta.

Harry, mesmo assim, guardou o diário.

Hermione saiu da enfermaria *desbigodada*, sem cauda e sem pêlo nos primeiros dias de Fevereiro. Na primeira noite na Torre dos Gryffindor, Harry mostrou-lhe o diário de T. M. Riddle e contou-lhe como o tinham encontrado.

— Ooooh! Deve ter poderes ocultos — disse ela entusiasticamente, pegando no diário e examinando-o de perto.

— Se tem, esconde-os muito bem — disse Ron. — Talvez fosse tímido. Não sei por que não deitas isso fora, Harry.

— Gostava de perceber por que motivo alguém se quis livrar dele — explicou Harry. — E também não me importava de saber como foi que o Riddle obteve esse prémio de serviços especiais prestados a Hogwarts.

— Pode ter sido qualquer coisa — lançou Ron. — Talvez tenha feito 30 NPFs ou salvo um professor da lula gigante. Se calhar assassinou a Murta, isso teria sido um favor prestado a todos...

Mas Harry quase podia jurar, pelo olhar estampado na cara de Hermione, que ela pensava o mesmo que ele.

— O que foi? — perguntou Ron, olhando para um e para o outro.

— Bem, a Câmara dos Segredos foi aberta há cinquenta anos, não foi isso que disse o Malfoy?

— Sim — respondeu Ron, lentamente.

— E *este diário* tem cinquenta anos — completou Hermione, dando-lhe palmadinhas nervosas.

— E daí?

— Oh, Ron, acorda — insistiu Hermione. — Sabemos que a pessoa que abriu a Câmara da outra vez foi expulsa há cinquenta anos. Sabemos que o T. M. Riddle recebeu o prêmio por serviços especiais à escola *há cinquenta anos*. E se o Riddle o tivesse recebido por *apanhar o herdeiro de Slytherin*? O seu diário dir-nos-ia provavelmente tudo: onde é a Câmara dos Segredos, como abri-la e que tipo de criatura vive lá. Achas que a pessoa que está por trás dos ataques desta vez quereria o diário por aí?

— É uma teoria interessante, Hermione — disse Ron. — Apenas com uma pequenina falha: *o diário não tem nada escrito*.

Mas Hermione já estava a tirar a varinha do saco.

— Pode ser tinta invisível — murmurou.

Bateu três vezes no diário e repetiu *Aparecium!*

Nada aconteceu. Intrépida, Hermione meteu a mão de novo no saco e tirou o que parecia ser uma borracha vermelha e brilhante.

— É um Revelador, comprei-o na Diagon-Al — explicou.

Apagou com força em 1 de Janeiro. Não sucedeu nada.

— Já vos disse, não há nada aí — repetiu Ron. — O Riddle deve ter recebido um diário como prenda de Natal e nem se deu ao trabalho de escrever fosse o que fosse.

Harry não conseguia explicar, nem a si próprio, por que motivo não deitara fora o diário de Riddle. A verdade é que, mesmo depois de saber que ele estava em branco, continuou distraidamente a pegar nele e a virar as páginas como se quisesse chegar ao fim de uma história. E, apesar de saber que nunca tinha ouvido o nome T. M. Riddle, continuava a ter a sensação de que lhe dizia alguma coisa, como se Riddle fosse um amigo que ele tinha tido quando era muito pequeno e que estivesse meio esquecido. Mas era um absurdo. Nunca tivera amigos antes de Hogwarts,

Dudley tivera esse cuidado.

Ainda assim, Harry estava decidido a descobrir mais sobre Riddle e, por isso, no dia seguinte foi até à sala dos troféus durante o intervalo para examinar a taça, acompanhado de Hermione, que estava interessadíssima, e de Ron. Este mostrava-se profundamente incrédulo, dizendo que tinha ficado farto daquela sala até ao fim da vida.

A taça dourada de Riddle estava arrecadada num armário de canto. Não fornecia detalhes sobre o motivo por que lhe fora dada (felizmente, pois seria maior e ainda hoje estaria a limpá-la, disse Ron). Mas encontraram o nome de Riddle numa antiga medalha de Mérito Mágico e numa lista de antigos Delegados dos Alunos.

— Parece o Percy — comentou Ron, torcendo o nariz com aversão. — Prefeito, Delegado, provavelmente o melhor em todas as disciplinas.

— Dizes isso como se fosse uma coisa má — fez-lhe notar Hermione, num tom de voz ressentido.

Um sol fraco brilhava de novo em Hogwarts. Dentro do castelo, o ambiente estava bastante melhor. Não tinha havido novos ataques desde Justin e do Nick Quase-Sem-Cabeça, e Madame Pomfrey teve a satisfação de informar que as Mandrágoras começavam a ficar mal-humoradas e reticentes, sinal de que estavam a abandonar rapidamente a infância.

— Logo que o acne desapareça, estarão prontas para novo transplante — ouviu-a Harry dizer amavelmente a Filch. — E depois disso, não demorará muito até podermos cortá-las e estufá-las. — Vai ter *Mrs. Norris* de volta, muito em breve.

Talvez o herdeiro ou herdeira de Slytherin tenha perdido a coragem, pensou Harry. Deve ser cada vez mais arriscado abrir a Câmara dos Segredos com a escola tão alerta e desconfiada. Talvez o monstro, qualquer que fosse, estivesse a preparar-se para hibernar durante outros cinquenta anos.

Ernie Macmillan, dos Hufflepuff, não aceitou esta visão optimista. Continuava convencido de que Harry era o culpado, que se tinha «denunciado» no Clube de Esgrima. Peeves não ajudava nada: continuava a cantar pelos corredores *Potter é pirado...* agora acompanhado de passos de dança.

Gilderoy Lockhart parecia pensar que fora ele quem pusera fim aos ataques. Harry fartou-se de o ouvir dizer isso à professora McGonagall, enquanto os Gryffindor formavam bicha para a aula de Transfiguração.

— Não creio que volte a haver problemas, Minerva — disse, tocando no nariz com ar conhecedor e piscando o olho. — Acho que desta vez a



Câmara foi definitivamente selada. O culpado deve ter sabido que era uma questão de tempo até eu o apanhar e que era mais sensato parar agora antes que eu lhe tratasse da saúde. Sabe, a escola está a precisar de algo que nos levante o moral para apagar as lembranças do último período. Não vou dizer-lhe mais nada, por enquanto, mas julgo que sei o que...

Voltou a tocar no nariz e afastou-se a passos largos.

A ideia de Lockhart de como alegrar as coisas tornou-se bastante clara no dia 14 de Fevereiro, ao pequeno-almoço. Harry não dormira grande coisa devido ao treino de Quidditch na noite anterior e chegou ao Salão um pouco atrasado. Pensou, por momentos, que se tinha enganado na porta.

As paredes estavam todas cobertas com enormes e medonhas flores cor-de-rosa. Pior ainda, confeitos em forma de corações caíam do tecto azul-pálido. Harry dirigiu-se à mesa dos Gryffindor onde Ron estava sentado com um ar enjoado junto de Hermione, que parecia particularmente risonha.

— O que se passa? — perguntou-lhes, sentando-se e sacudindo os confeitos do seu *bacon*.

Ron apontou para a mesa dos professores, com um ar demasiado repugnado para falar. Lockhart, nas suas vestes rosa-vivo, a condizer com a decoração do Salão, fazia sinal para que se calassem. Os professores que o ladeavam tinham um ar estupefacto. Do seu lugar, Harry podia ver um músculo mover-se nas bochechas da professora McGonagall. Snape estava com ar de quem tomara uma dose grande de xarope *skele-gro*.

— Feliz dia de S. Valentim — gritou Lockhart. — E permitam-me que agradeça às quarenta e seis pessoas que até agora me enviaram cartões. Sim, fui eu quem tomou a liberdade de vos fazer esta pequena surpresa, e ela não acaba aqui!

Lockhart bateu as palmas e pelas portas do átrio entraram a marchar cerca de uma dúzia de anões de aspecto carrancudo. Não eram uns anões quaisquer, diga-se de passagem. Lockhart fizera-os usar asas douradas e transportar harpas.

— Os meus amigos cupidos, portadores dos cartões! — anunciou Lockhart. — Eles vão andar pela escola durante o dia de hoje, entregando os vossos cartões de S. Valentim. E o divertimento não acaba aqui. Tenho a certeza de que os meus colegas vão querer participar neste espírito de festa. Por que não pedir ao professor Snape que vos mostre como preparar rapidamente uma Poção do Amor? E, enquanto ele a prepara, está aqui o professor Flitwick, que é de todos os feiticeiros que conheci aquele que mais sabe de Encantamentos de Sedução, o grande malvado!

O professor Flitwick enterrou o rosto nas mãos. Snape olhava como se

quisesse dar veneno à primeira pessoa que fosse pedir-lhe a Poção do Amor.

— Por favor, Hermione, diz-me que não foste uma das quarenta e seis — pediu Ron, quando saíram do Salão para a primeira aula, mas Hermione ficou subitamente muito interessada em procurar o horário dentro da mala e não lhe respondeu.

Durante todo o dia, os anões não pararam de se intrometer nas aulas para entregar cartões, para grande aborrecimento dos professores e, ao fim da tarde, quando os Gryffindor subiam as escadas para a aula de Encantamentos, um deles avistou Harry.

— Eh, tu, Harry Potter! — gritou um anão de aspecto particularmente lúgubre, dando cotoveladas a toda a gente para se aproximar de Harry.

Coradíssimo com a ideia de receber um cartão de S. Valentim diante de uma fila de alunos do primeiro ano que, por acaso, incluía Ginny Weasley, Harry tentou escapar-se. Mas o anão cortou-lhe o caminho através da multidão, dando pontapés em várias canelas, e agarrou-o em três tempos.

— Tenho uma mensagem musical para entregar a Harry Potter em pessoa — anunciou, tangendo a harpa de forma ameaçadora.

— *Aqui não* — pediu baixinho Harry, tentando escapar.

— Fica *quieto* — grunhiu o anão, agarrando o saco de Harry e puxando com força.

— Larga-me — disse ele rispidamente, dando um puxão.

Com um ruído de tecido a rasgar-se, o saco rompeu-se ao meio e livros, varinha, pergaminhos e pena espalharam-se pelo chão, enquanto o tinteiro se partia em cima daquilo tudo.

Harry pôs-se de gatas, tentando apanhar tudo antes que o anão começasse a cantar, provocando um engarrafamento no corredor.

— O que se passa aqui? — perguntou a voz fria e afectada de Draco Malfoy.

Harry, nervosíssimo, começou a guardar tudo dentro do saco rasgado, desesperado para sair dali antes que Malfoy pudesse ouvir o seu S. Valentim musical.

— Que confusão é esta? — perguntou outra voz familiar. Percy Weasley tinha chegado.

De cabeça perdida, Harry tentou fugir, mas o anão agarrou-o pelos joelhos e fê-lo cair ao chão.

— Certo — disse, sentando-se nos tornozelos de Harry. — Eis o teu cartão musical:

*Os olhos dele são verdes como o sapo do quintal*

*O seu cabelo é escuro como um temporal  
É um desatino, oh! ele é divino!  
O herói que venceu o Senhor do Mal.*

Naquele momento, Harry teria dado todo o ouro de Gringotts para se evaporar. Tentando corajosamente rir-se com todos os outros, levantou-se. Sentia os pés dormentes do peso do anão.

Entretanto, Percy Weasley fazia todos os possíveis por dispersar a multidão, onde havia gente que chorava de riso.

— Vamos embora, vamos embora, a campainha tocou há cinco minutos para as aulas — dizia, enxotando alguns dos alunos mais novos. — Tu também, Malfoy.

Harry olhou e viu Malfoy inclinar-se, apanhar qualquer coisa e, com um olhar maldoso, mostrá-la a Crabbe e Goyle. Percebeu que era o diário de Riddle.

— Dá cá isso — exigiu com toda a calma.

— O que será que o Potter escreveu aqui? — disse Malfoy, que obviamente não reparara na data e pensou que tinha nas mãos o diário de Harry. Houve uma agitação entre os alunos presentes. Ginny olhava apavorada para o diário e para Harry.

— Dá-lhe isso, Malfoy — disse Percy com firmeza.

— Depois de dar uma vista de olhos — retorquiu Malfoy, acenando a Harry com o diário de forma provocatória.

Percy disse: — Como Prefeito da escola... — mas Harry perdera a paciência. Pegou na varinha e gritou *Expelliarmus* e assim como Snape desarmara Lockhart, Malfoy viu o diário saltar-lhe das mãos e elevar-se no ar, enquanto Ron o apanhava, sorridente.

— Harry — disse Percy levantando a voz. — É proibido magia nos corredores. Vou ter de participar isto, sabes perfeitamente.

Mas Harry não se importou. Tinha ganho uma vez a Malfoy e isso valia bem cinco pontos a menos para os Gryffindor. Malfoy estava furioso e quando Ginny passou por ele a caminho da sala de aula, gritou-lhe com desprezo: — Não creio que o Potter tenha gostado lá muito do teu cartão de S. Valentim.

Ginny tapou a cara e correu para a aula. Aborrecido, Ron pegou também na varinha, mas Harry afastou-o. Era melhor que ele não passasse a aula de Encantamentos a vomitar lesmas.

Só quando entraram na sala de aula do professor Flitwick é que Harry reparou numa coisa bastante estranha no diário de Riddle. Todos os outros livros estavam cheios de tinta vermelha, mas o diário mantinha-se tão

limpo como antes do tinteiro se ter entornado em cima dele. Tentou chamar a atenção de Ron para este facto, mas ele estava novamente a ter um problema com a varinha: da extremidade saíam grandes bolhas roxas e ele não parecia interessado em mais nada.

\*

Nessa noite, Harry foi deitar-se antes dos outros companheiros de dormitório, em parte porque já não conseguia suportar Fred e George a cantarem *Os seus olhos são verdes como o sapo do quintal* e, em parte, porque queria voltar a examinar o diário de Riddle e sabia que, na opinião de Ron, era uma pura perda de tempo.

Sentou-se na cama de dossel e folheou as páginas em branco nas quais não se via uma única mancha de tinta escarlate. Tirou, então, outro tinteiro do armário ao lado da cama, molhou a pena e deixou cair um borrão na primeira página do diário.

A tinta brilhou no papel durante um segundo e, em seguida, como se a página a tivesse sugado, desapareceu sem deixar rasto. Excitado, Harry molhou novamente a pena e escreveu: «Chamo-me Harry Potter.» As palavras brilharam por instantes e depois também desapareceram. Depois, finalmente, algo aconteceu.

Deslizando sobre a página na cor da sua tinta, surgiram palavras que Harry não escrevera.

— *Olá, Harry Potter. O meu nome é Tom Riddle. Como é que encontrei o meu diário?*

Também estas palavras desapareceram, mas não sem que Harry tivesse respondido:

— Alguém tentou lançá-lo numa sanita.

Esperou ansiosamente pela resposta de Riddle.

— *Felizmente guardei as minhas memórias de uma forma mais duradoura do que a tinta. Mas sempre soube que haveria quem não iria querer que o diário fosse lido.*

— O que queres dizer com isso? — escreveu Harry, borrando a página com o nervosismo.

— *Quero dizer que este diário contém memórias de coisas terríveis. Coisas que foram abafadas. Coisas que aconteceram na Escola de Magia e Feitiçaria de Hogwarts.*

— É onde eu estou agora — escreveu Harry rapidamente. — Estou em Hogwarts e estão a acontecer coisas horríveis. Sabes alguma coisa sobre a Câmara dos Segredos?

O coração parecia querer saltar-lhe do peito. A resposta de Riddle não se fez esperar, a letra tornara-se mais desordenada como se tivesse pressa em contar-lhe tudo o que sabia.

— *É claro que sei da Câmara dos Segredos. No meu tempo diziam-nos que era uma lenda, que não existia, mas era mentira. Quando eu estava no quinto ano, a Câmara dos Segredos foi aberta e o monstro atacou vários estudantes, acabando por matar um. Eu apanhei a pessoa que abriu a Câmara e essa pessoa foi expulsa. Mas o director, o professor Dippet, envergonhado por uma coisa daquelas ter acontecido em Hogwarts, proibiu-me de contar a verdade. Foi divulgada uma história, dizendo que a rapariga morrera num acidente esquisito. Deram-me um troféu brilhante com o meu nome gravado e avisaram-me para ficar calado. Mas eu sabia que ia voltar a acontecer. O monstro sobreviveu e aquele que tinha o poder para o libertar não foi para a prisão.*

Harry quase entornou o tinteiro na pressa de responder.

— Está a acontecer outra vez. Houve três ataques e ninguém parece saber quem está por detrás de tudo isto. Quem foi da última vez?

— *Posso mostrar-te, se quiseres* — foi a resposta do Riddle. — *Não tens de acreditar só na minha palavra. Posso levar-te ao fundo da minha memória da noite em que o apanhei.*

Harry hesitou com a pena no ar sobre o diário. O que queria ele dizer? Como poderia entrar na memória de outra pessoa? Olhou inquieto para a porta do dormitório que começava a ficar escuro. Quando pôs de novo os olhos no diário viu as palavras que se formavam.

— *Deixa-me mostrar-te.*

Harry parou durante uma fracção de segundo e depois escreveu: Está bem.

As páginas do diário começaram a esvoaçar como se tivessem sido apanhadas por uma ventania, parando a meio do mês de Junho. Boquiaberto, Harry viu que o quadradinho de 13 de Junho se transformara num pequeno ecrã de televisão. Com as mãos ligeiramente trémulas, levantou o livro para encostar os olhos à janelinha e, antes de perceber o que estava a passar-se, deu consigo inclinado para a frente com a janela a abrir-se. O seu corpo abandonava a cama e era lançado de cabeça, pela abertura da página, num turbilhão de cor e sombras.

Sentiu os pés tocarem em terra firme e pôs-se de pé a tremer, enquanto as formas desfocadas se tornavam subitamente nítidas.

Soube imediatamente onde estava. Aquela sala circular com os retratos adormecidos era o gabinete de Dumbledore, mas não era Dumbledore quem estava atrás da secretária. Um feiticeiro mirrado, de aspecto débil e

quase careca lia uma carta à luz das velas. Harry nunca vira aquele homem.

— Desculpe — disse com a voz a tremer. — Eu não queria intrometer-me...

Mas o feiticeiro não olhou. Continuou a ler, franzindo levemente as sobrancelhas. Harry aproximou-se da secretária e gaguejou: — Hã... eu vou-me embora, está bem?

E o feiticeiro continuou a ignorá-lo. Parecia nem sequer ter ouvido. Pensando que talvez ele fosse surdo, Harry falou mais alto.

— Desculpe tê-lo incomodado — disse quase a gritar.

O feiticeiro dobrou a carta com um suspiro. Pôs-se de pé, passou por Harry sem olhar para ele e foi abrir os cortinados da janela.

O céu, lá fora, estava vermelho-rubi. Devia ser o pôr-do-sol. O feiticeiro voltou para a secretária, sentou-se e girou os polegares, olhando para a porta.

Harry olhou em volta. Não viu *Fawkes*, a fénix, nem as engenhocas prateadas que sibilavam. Aquela Hogwarts era a que Riddle conhecera e, portanto, aquele feiticeiro desconhecido era o director de então, não Dumbledore, e ele, Harry, era pouco mais que um fantasma, totalmente invisível às pessoas de há cinquenta anos.

Alguém bateu à porta.

— Entre — disse o velho feiticeiro, numa voz fraca.

Um rapazinho de dezasseis anos entrou, tirando o chapéu pontiagudo. No seu peito brilhava um distintivo prateado de prefeito. Era muito mais alto do que Harry, mas tinha, tal como ele, cabelo preto.

— Ah! Riddle — disse o director.

— Queria falar comigo, professor Dippet? — perguntou ele com ar nervoso.

— Senta-te — disse Dippet. — Tenho estado a ler a carta que me mandaste.

— Oh! — exclamou Riddle, sentando-se e apertando as mãos uma contra a outra.

— Meu rapaz — disse Dippet amavelmente. — Eu não te posso deixar ficar na escola durante o Verão. Com certeza queres ir para casa nas férias?

— Não — respondeu Riddle, sem perder tempo. — Prefiro mil vezes ficar em Hogwarts a ter de voltar àquela... àquela...

— Tu vives num orfanato de Muggles durante as férias, não é assim? — perguntou Dippet com curiosidade.

— Sim, senhor — disse Riddle, corando um pouco.

— És filho de Muggles?

— Meio sangue, professor — explicou Riddle. — Pai Muggle, mãe

feiticeira.

— E o teu pai e a tua mãe...

— A minha mãe morreu pouco depois de eu nascer, professor, contaram-me no orfanato que só teve tempo de me dar o nome: Tom, como o meu pai, Marvolo como o meu avô.

Dippet estalou a língua num gesto de solidariedade.

— O que acontece, Tom — suspirou —, é que... podia ter-se arranjado uma situação especial para ti, mas nas circunstâncias actuais...

— Refere-se aos ataques, professor? — perguntou Riddle, e o coração de Harry deu um salto. Aproximou-se com medo de perder alguma coisa.

— Precisamente — disse o director. — Meu rapaz, compreendes que seria uma imprudência da minha parte deixar-te ficar no castelo quando o período acabar, principalmente à luz da recente tragédia... a morte daquela pobre moça... estarás sem dúvida em maior segurança no orfanato. Na verdade, o Ministério da Magia até fala em fechar a escola. Não estamos nada perto de localizar... hã... a fonte de toda esta história desagradável.

Os olhos de Riddle tinham-se aberto mais.

— Professor, se essa pessoa fosse apanhada... se tudo acabasse...

— Que queres dizer com isso? — perguntou Dippet com voz aguda, endireitando-se na cadeira. — Riddle, tu sabes alguma coisa sobre estes ataques?

— Não, senhor — respondeu ele de imediato.

Mas Harry sabia que era o mesmo tipo de «não» que ele dissera a Dumbledore.

Dippet afundou-se de novo com um ar de profundo desapontamento.

— Podes ir, Tom.

Riddle esgueirou-se da cadeira e saiu da sala. Harry seguiu-o.

Desceram pela escada rolante em espiral, saindo junto da gárgula no corredor que escurecia. Riddle parou e Harry fez o mesmo, olhando para ele. Quase podia apostar que ele pensava seriamente nalguma coisa. Mordia o lábio e tinha as sobrançelas franzidas.

A certa altura, como se tivesse acabado de tomar uma decisão, começou a andar mais depressa, com Harry a segui-lo silenciosamente.

Não viram mais ninguém, a não ser quando chegaram ao *Hall* de Entrada, onde um feiticeiro alto de longos cabelos castanhos e barba chamou Riddle da escadaria de mármore.

— O que andas a fazer por aqui tão tarde, Tom?

Harry olhou para o feiticeiro. Não era outro senão Dumbledore com cinquenta anos a menos.

— Tive de ir falar com o director — justificou-se Riddle.

— Bem, agora vai depressa para a cama — disse Dumbledore, olhando Riddle com aquele olhar penetrante que Harry conhecia tão bem. — É melhor não andar a passear pelos corredores nos dias que correm, pelo menos até...

Suspirou profundamente, deu as boas-noites a Riddle e foi-se embora. Riddle viu-o desaparecer e, sem perder tempo, desceu os degraus de pedra até às masmorras com Harry na peugada.

Mas, para seu grande desconsolo, Riddle não o conduziu a nenhum corredor ou túnel secreto e sim à masmorra onde ele costumava ter aulas de Poções com Snape. As tochas não tinham sido acesas e quando Riddle empurrou a porta quase fechada, Harry só conseguiu vê-lo a ele, de pé, imóvel junto da porta, observando o corredor.

Pareceu a Harry que ficaram ali quase uma hora. Tudo o que via era o vulto de Riddle junto da porta, olhando fixamente através da greja, à espera, como se fosse uma estátua. E quando Harry tinha abandonado todas as expectativas e começava a desejar voltar ao presente, ouviu alguma coisa que se movia atrás da porta.

Alguém avançava dissimuladamente pelo corredor. Ouviu a pessoa, quem quer que fosse, passar pela masmorra onde ele e Riddle estavam escondidos. Riddle, silencioso como uma sombra, esgueirou-se pela porta e seguiu-o, com Harry em bicos dos pés atrás dele, esquecido de que podia fazer barulho à vontade porque ninguém o ouvia.

Durante cerca de cinco minutos, seguiram-lhe os passos até que Riddle parou repentinamente com a cabeça inclinada na direcção de novos ruídos. Harry ouviu uma porta a abrir-se e em seguida alguém falou num murmúrio rouco.

— Vá lá, temos de sair daqui... vá lá para dentro da caixa...

Havia algo de familiar naquela voz.

Riddle transpôs a esquina de um pulo e Harry seguiu-o. Podia ver a silhueta escura de um rapaz enorme que estava inclinado em frente da porta aberta, com uma grande caixa ao lado.

— Boa noite, Rubeus — disse Riddle secamente.

O rapaz fechou a porta e pôs-se de pé.

— O que estás a fazer aqui, Tom?

Riddle aproximou-se.

— Acabou-se — disse. — Vou ter de entregar-te, Rubeus. Falam em fechar Hogwarts se os ataques não terminarem.

— O qu' é que tu...?

— Eu acho que tu não quiseste matar ninguém, mas os monstros não são os melhores animais de estimação. Tu só quiseste deixá-lo sair para andar



um pouco e...

— Ele não matou ninguém — disse o rapaz grande, recuando contra a porta fechada. Lá de dentro vinham uns estranhos roncões e rugidos.

— Vamos, Rubeus — disse Riddle, aproximando-se mais ainda. — Os pais da rapariga que morreu estarão aqui amanhã. O mínimo que Hogwarts pode fazer é assegurar-lhes que aquilo que matou a filha deles foi abatido...

— Não foi ele — gemeu o rapaz, cuja voz ecoou no corredor escuro. — Ele não faria isso... ele nunca...

— Afasta-te — disse Riddle, pegando na varinha.

O feitiço iluminou o corredor com uma luz brilhante. A porta atrás do rapaz grande abriu-se de par em par com tanta força que o atirou contra a parede. E de lá de dentro saiu uma coisa que fez Harry soltar um grito estridente que ninguém mais ouviu a não ser ele próprio.

Tinha um corpo imenso, magro e peludo e um emaranhado de pernas pretas, a cintilação de muitos olhos e um par de tenazes afiadas. Riddle levantou de novo a varinha, mas era tarde de mais. A coisa derrubara-o e fugia apressadamente, precipitando-se pelo corredor e desaparecendo. Riddle pôs-se de pé, olhou à procura do monstro, levantou a varinha, mas o rapaz grande saltou sobre ele, tirou-lhe a varinha das mãos e lançou-o ao chão, gritando:

— Naaaaaaão!

A cena rodopiou. A escuridão tornou-se total. Harry sentiu-se a cair e, com um embate, estatelou-se na sua cama de dossel, no dormitório dos Gryffindor, o diário de Riddle aberto sobre o estômago.

Antes de ter tido tempo de normalizar a respiração, a porta do dormitório abriu-se e Ron entrou.

— Aí estás tu — disse.

Harry sentou-se. Transpirava e tremia.

— O que se passa? — perguntou Ron, olhando aflito para ele.

— Foi o Hagrid, Ron. O Hagrid abriu a Câmara dos Segredos há cinquenta anos.

## XIV

### CORNELIUS FUDGE

Harry, Ron e Hermione sabiam há muito tempo que Hagrid tinha uma triste predilecção por criaturas grandes e monstruosas. No primeiro ano que passaram em Hogwarts, ele tentara criar um dragão na sua pequena cabana de madeira, e seria preciso muito tempo para esquecer o gigantesco cão de três cabeças que ele baptizara de «Fofinho». E se, em rapaz, Hagrid tivesse ouvido dizer que havia um monstro escondido no castelo, Harry tinha a certeza de que ele teria feito os impossíveis por descobri-lo. Provavelmente achou que era uma injustiça o monstro estar fechado tanto tempo e pensou que ele merecia a oportunidade de esticar as suas inúmeras pernas. Harry imaginava perfeitamente Hagrid aos treze anos a tentar pôr uma coleira e uma trela ao monstro, mas tinha igualmente a certeza de que ele nunca teria a intenção de matar ninguém.

De certo modo, Harry desejava não ter descoberto como utilizar o diário de Riddle. Ron e Hermione fizeram-no contar repetidas vezes o que vira até ele ficar farto de repetir o mesmo e farto da conversa sem saída que se seguia.

— O Riddle pode ter apanhado a pessoa errada — disse, dessa vez, Hermione. — O monstro que atacava as pessoas podia ser outro...

— Quantos monstros achas tu que pode haver neste lugar? — perguntou Ron, aborrecido.

— Sempre soubemos que o Hagrid tinha sido expulso — disse Harry tristemente. — E os ataques devem ter terminado quando ele foi expulso. Se não fosse assim, o Riddle não teria recebido um prémio.

Ron tentou uma abordagem diferente.

— O Riddle parece o Percy, afinal quem lhe pediu que denunciasses o Hagrid?

— Mas o monstro tinha morto uma pessoa, Ron — insistiu Hermione.

— E o Riddle ia ter de voltar para um orfanato Muggle se Hogwarts fosse fechada — lembrou Harry. — Não posso culpá-lo por querer ficar aqui...

Ron mordeu o lábio e a seguir sugeriu: — Tu encontraste o Hagrid na rua Bativolta, não foi?

— Ele estava a comprar repelente para lesmas — disse Harry rapidamente.

Ficaram os três em silêncio. Depois de uma longa pausa, Hermione, numa voz hesitante, formulou a pergunta mais complicada de todas: — Não acham que devíamos ir ter com ele e perguntar-lhe?

— Que linda visita! — exclamou Ron. — Olá, Hagrid, diz-nos uma coisa, por acaso tens andado a soltar um monstro louco e peludo no castelo nestes últimos tempos?

Por fim, decidiram não dizer nada a Hagrid a não ser que houvesse outro ataque e, à medida que o tempo ia passando sem se ouvirem murmúrios da voz sem corpo, começaram a acreditar, esperançosos, que nunca teriam de falar com ele sobre o motivo por que fora expulso. Tinham passado já cerca de quatro meses desde o dia em que Justin e o Nick Quase-Sem-Cabeça tinham sido Petrificados e quase toda a gente parecia pensar que o atacante, quem quer que ele fosse, se retirara para sempre. Peeves fartara-se da sua canção *O Potter é pirado*, Ernie Macmillan pediu educadamente a Harry, na aula de Herbologia, que lhe passasse um balde de cogumelos saltitantes e, em Março, várias mandrágoras deram uma festa ruidosa na estufa número três. A professora Sprout estava muito satisfeita.

— Mal elas comecem a tentar passar para os vasos umas das outras, saberemos que estão maduras — explicou a Harry. — Nessa altura, poderemos reanimar aquelas pobres criaturas que estão na enfermaria.

Os alunos do segundo ano tinham agora uma coisa nova em que pensar durante as férias da Páscoa. Chegara a altura de escolherem as disciplinas do terceiro ano, um assunto que Hermione, pelo menos, tomou muito a sério.

— Pode afectar todo o nosso futuro — disse a Harry e a Ron, enquanto liam cuidadosamente as listas das novas disciplinas e assinalavam as que lhes interessavam.

— Eu só quero ver-me livre de Poções — declarou Harry.

— Não podemos — explicou Ron tristemente. — Mantemos todas as disciplinas antigas, senão eu ter-me-ia livrado da Defesa Contra a Magia Negra.

— Mas é muito importante — observou Hermione, chocada.

— Não da maneira como Lockhart a dá — insistiu Ron. — Não aprendi nada até agora a não ser nunca mais libertar pixies.

Neville Longbottom recebera cartas de todas as feiticeiras e feitiçeiros da família, cada um dando um conselho diferente sobre o que ele deveria escolher. Confuso e preocupado, sentou-se a ler a lista de disciplinas, com a língua de fora e perguntando às pessoas se achavam que a Aritmancia seria mais difícil do que Runas Antigas. Dean Thomas, que, tal como Harry, fora criado com Muggles, acabou por fechar os olhos e apontar a varinha à lista, escolhendo as disciplinas que ela indicava. Hermione não pediu conselho a ninguém e inscreveu-se em todas.

Harry sorriu de si para consigo, imaginando como seria uma conversa com o tio Vernon e com a tia Petúnia sobre a sua carreira em feitiçaria. Não que não tivesse tido orientação: Percy Weasley estava ansioso por partilhar a sua experiência.

— Tudo depende do lugar para onde queres ir, Harry — disse ele. — Nunca é cedo de mais para pensar no futuro, por isso eu aconselho-te a Adivinhação. As pessoas dizem que os estudos de Muggles são uma opção leve, mas eu, pessoalmente, acho que os feitiçeiros deveriam ter uma compreensão profunda da comunidade não mágica, muito especialmente se pensarem em trabalhar em íntimo contacto com eles. Vê o meu pai, que tem de lidar com assuntos dos Muggles a toda a hora. O meu irmão Charles sempre gostou mais do ar livre, por isso escolheu Cuidados com as Criaturas Mágicas. Baseia-te naquilo em que és melhor, Harry.

Mas a única coisa em que Harry sentia que era mesmo bom era o Quidditch. Por fim, acabou por escolher as mesmas disciplinas que Ron escolhera, pensando que se fosse péssimo pelo menos tinha alguém amigo para o ajudar.

O próximo jogo de Quidditch dos Gryffindor era contra os Hufflepuff. Wood insistia em treinos de equipa todas as noites depois de jantar, por isso Harry não tinha tempo para mais nada a não ser para o Quidditch e para os trabalhos de casa. Mas as sessões de treino estavam a melhorar ou pelo menos estavam mais secas e, na véspera do jogo de sábado, foi ao dormitório guardar a vassoura, sentindo que as hipóteses dos Gryffindor ganharem a Taça de Quidditch nunca tinham sido tão boas.

Todavia, a sua boa disposição não durou muito. No cimo das escadas que levavam ao dormitório encontrou Neville Longbottom, nervosíssimo.

— Harry, não sei quem fez aquilo, acabei de encontrar...

Olhando receoso para Harry, Neville empurrou a porta.

O conteúdo do malão de Harry fora espalhado por toda a divisão. O seu

manto estava no chão, rasgado. Os lençóis tinham sido arrancados da cama de dossel e a gaveta do armário que se encontrava à cabeceira da cama fora escancarada, estando o seu conteúdo espalhado sobre o colchão.

Harry aproximou-se da cama boquiaberto, pisando algumas páginas soltas de *Viagens com Trolls*.

Quando ele e Neville estavam a puxar os cobertores para cima, entraram Ron e Dean Seamus. Dean praguejou alto.

— O que é isto, Harry?

— Não faço ideia — disse ele. Mas Ron pôs-se a examinar as roupas de Harry e todos os bolsos estavam do avesso.

— Alguém andou à procura de qualquer coisa — disse Ron. — Dás por falta de alguma coisa?

Harry começou a apanhar o que estava caído, lançando tudo dentro da mala. Só quando atirou o último livro de Lockhart é que se apercebeu do que faltava.

— O diário do Riddle desapareceu — disse em voz baixa a Ron.

— O quê?

Harry fez-lhe sinal em direcção à porta do dormitório e apressaram-se a chegar à sala comum dos Gryffindor, que estava quase vazia e onde foram encontrar Hermione sozinha a ler *As Runas Antigas ao Alcance de Todos*.

Hermione ficou aterrada com as notícias.

— Mas... só um Gryffindor podia tê-lo roubado... ninguém mais conhece a nossa senha...

— Exactamente — confirmou Harry.

Acordaram no dia seguinte com um sol brilhante e uma brisa agradável.

— Condições ideais para o Quidditch! — exclamou Wood, cheio de entusiasmo, à mesa dos Gryffindor, enchendo os pratos dos elementos da sua equipa de ovos mexidos. — Harry, despacha-te, precisas de um pequeno-almoço decente.

Harry tinha estado a olhar para a mesa cheia de alunos dos Gryffindor, perguntando a si próprio se o novo dono do diário de Riddle estaria ali mesmo em frente dos seus olhos. Hermione insistira para que ele participasse o roubo, mas ele não gostou da ideia. Teria de contar a um professor tudo sobre o diário, e quantas pessoas saberiam o motivo por que Hagrid fora expulso há cinquenta anos? Não queria ser ele a fazer com que relembrassem tudo aquilo.

Quando saiu do Salão com Ron e Hermione para ir buscar o equipamento de Quidditch, outra preocupação viera juntar-se à sua lista cada vez maior de preocupações já existentes. Tinha acabado de pisar os

degraus da escadaria de mármore quando ouviu de novo a voz: — *Matar desta vez... deixem-me rasgar... romper...*

Deu um grito, e Ron e Hermione saltaram, alarmados.

— A voz — disse Harry, olhando por cima dos ombros deles. — Acabo de ouvir de novo, vocês não ouviram nada?

Ron abanou a cabeça de olhos muito abertos, mas Hermione bateu com a mão na testa.

— Harry, acho que percebi uma coisa. Tenho de ir à biblioteca.

E disparou a correr pelas escadas acima.

— O que é que ela percebeu? — disse Harry distraidamente, ainda a olhar em volta, tentando determinar de onde vinha a voz.

— Muito mais que eu — afirmou Ron, abanando a cabeça.

— Mas por que teve ela de ir à biblioteca?

— Porque a Hermione é assim — disse Ron, encolhendo os ombros. — Quando tem uma dúvida, vai à biblioteca.

Harry esperou hesitante, tentando captar novamente a voz, mas as pessoas começavam a sair do Salão, falando alto, passando pela porta principal e encaminhando-se para o estádio de Quidditch.

— É melhor ires indo — aconselhou Ron. — São quase onze horas, olha o jogo.

Harry deu uma corrida até à Torre dos Gryffindor, pegou na sua *Nimbus Dois Mil* e juntou-se à imensa multidão que enchia os campos, mas o seu pensamento estava ainda no castelo, naquela voz sem corpo e, quando, no vestiário, pôs o equipamento vermelho, o seu único conforto foi pensar que estavam todos lá fora para assistir ao jogo.

As equipas entraram em campo ao som de um tumulto de aplausos. Oliver Wood fez um voo de aquecimento em volta dos postes e Madame Hooch soltou as bolas. Os Hufflepuff, que tinham fatos amarelo-canário, estavam reunidos em grupo numa discussão de última hora sobre as táticas.

Harry subia para a vassoura, quando a professora McGonagall atravessou o campo, meio a andar, meio a correr, transportando um enorme megafone roxo.

O coração de Harry caiu-lhe aos pés.

— Este jogo foi cancelado — gritou pelo megafone a professora McGonagall, dirigindo-se ao estádio apinhado. Ouviram-se Uuuus e assobios. Oliver Wood, com um ar infelicíssimo, aterrou e correu para a professora McGonagall sem sair da vassoura.

— Mas, professora — gritou —, temos de jogar... a Taça... os Gryffindor...

A professora McGonagall ignorou-o e continuou a gritar pelo megafone.

— Pede-se aos estudantes que regressem às salas comuns das suas equipas, onde os respectivos chefes lhes darão mais informações. O mais depressa possível, se fazem favor!

Em seguida, baixou o megafone e fez sinal a Harry para que se aproximasse.

— Potter, é melhor vires comigo...

Perguntando a si próprio que suspeita poderia ela ter contra ele desta vez, Harry viu Ron afastar-se da multidão descontente e vir a correr juntar-se-lhes, enquanto se dirigiam para o castelo. Para sua grande surpresa, a professora McGonagall não pôs qualquer objecção.

— Sim, talvez seja melhor vires também, Weasley.

Alguns dos estudantes que os rodeavam reclamavam por o jogo ter sido cancelado, outros tinham um ar preocupado. Harry e Ron seguiram a professora McGonagall até à escola e subiram a escadaria de pedra, mas desta vez não foram levados a nenhum gabinete.

— Vão ficar um pouco chocados — disse a professora McGonagall num tom de voz surpreendentemente suave, quando estavam a aproximar-se da enfermaria. — Houve outro ataque... outro ataque duplo.

As entranhas de Harry contorceram-se violentamente. A professora McGonagall abriu a porta, e ele e Ron entraram.

Madame Pomfrey estava inclinada sobre uma rapariga do sexto ano de cabelos longos aos caracóis que Harry reconheceu como sendo a colega dos Ravenclaw a quem, por engano, tinham perguntado o caminho para a sala comum dos Slytherin. E, na cama ao lado dela, estava...

— Hermione! — gemeu Ron.

Hermione jazia totalmente imóvel, os olhos abertos e vítreos.

— Foram encontradas perto da biblioteca — disse a professora McGonagall. — Calculo que nenhum de vocês possa explicar isto? Estava no chão, junto dela.

A professora tinha nas mãos um pequeno espelho redondo.

Harry e Ron acenaram negativamente com a cabeça, ambos com os olhos fixos em Hermione.

— Eu acompanho-vos à Torre dos Gryffindor — disse a professora McGonagall com um ar grave. — De qualquer modo, tenho de falar aos alunos.

— Os alunos regressarão às salas comuns das respectivas equipas, todos os dias, às seis horas da tarde. Nenhum aluno deverá sair dos dormitórios depois disso. Serão escoltados até às aulas por um professor. Nenhum

aluno deverá ir à casa de banho sem um professor a acompanhá-lo. Todos os treinos e jogos de Quidditch estão suspensos a partir de agora. Não haverá mais actividades nocturnas.

Os Gryffindor, que enchiam a sala comum, ouviram em silêncio a professora McGonagall. Ela enrolou o pergaminho que acabara de ler e disse numa voz embargada: — Não é preciso acrescentar que nunca me senti tão desolada. É provável que a escola seja encerrada se não for apanhado o culpado de todos estes ataques. Quero pedir que, se algum de vocês achar que sabe alguma coisa sobre os ataques, venha imediatamente ter comigo.

Mal ela subiu, de forma um pouco desastrada, pelo buraco do retrato, os Gryffindor começaram logo a falar.

— São dois Gryffindor a menos, sem contar com o nosso fantasma, um Ravenclaw e um Hufflepuff — disse o amigo dos gémeos Weasley, Lee Jordan, contando pelos dedos. — Não terá nenhum dos professores reparado que os Slytherin estão a salvo? Será que não é *óbvio* que tudo isto vem deles? O *herdeiro* de Slytherin, o *monstro* de Slytherin, por que não expulsam todos os Slytherin? — vociferou, recebendo acenos e aplausos de todos os lados.

Percy Weasley estava sentado numa cadeira atrás de Lee, mas por uma vez não pareceu querer expor os seus pontos de vista. Estava pálido e aturdido.

— O Percy está em estado de choque — disse George baixinho a Harry. — Aquela rapariga dos Ravenclaw, a Penelope Clearwater, é prefeita. Acho que ele nunca tinha pensado que o monstro se atrevesse a atacar um prefeito.

Mas Harry não estava a ouvi-lo com atenção. Não conseguia esquecer a imagem de Hermione deitada na cama do hospital, como se estivesse esculpida em pedra. E se o culpado não fosse apanhado rapidamente, teria pela frente uma vida inteira com os Dursleys. Tom Riddle denunciara Hagrid porque fora confrontado com a possibilidade de voltar para um orfanato Muggle, se a escola fechasse. Harry sabia exactamente o que ele sentira.

— Que vamos nós fazer? — disse-lhe Ron baixinho ao ouvido. — Achas que eles suspeitam do Hagrid?

— Temos de falar com ele — disse Harry, tomando uma decisão. — Não acredito que tenha culpa desta vez, mas se ele libertou o monstro há cinquenta anos, sabe com certeza como entrar na Câmara dos Segredos, o que já é um princípio.

— Mas a McGonagall disse que temos de ficar na torre a não ser que



estejamos nas aulas...

— Eu acho — disse Harry, ainda mais baixo — que chegou a altura de tirar outra vez da mala o Manto do meu pai.

Harry herdara apenas uma coisa do pai: um Manto da Invisibilidade, longo e prateado. Era a única maneira de poderem esgueirar-se da escola para fazer uma visita ao Hagrid, sem que ninguém desse por isso. Deitaram-se à hora do costume e esperaram que Neville, Dean e Seamus acabassem de falar sobre a Câmara dos Segredos e adormecessem, para se levantarem, vestirem-se de novo e taparem-se com o Manto.

O percurso pelos corredores do castelo escuro e deserto não foi nada agradável. Harry, que vagueara por ali muitas vezes durante a noite, nunca vira tanta gente depois do pôr-do-sol. Professores, prefeitos e fantasmas andavam pelos corredores aos pares, olhando em volta, em busca de qualquer actividade fora do habitual. O Manto da Invisibilidade não impedia que fizessem barulho e houve um momento particularmente tenso quando Ron tropeçou a menos de um metro do lugar onde Snape se encontrava. Felizmente, Snape espirrou no preciso momento em que Ron praguejava. Foi com grande alívio que chegaram às portas de carvalho da entrada principal.

Estava uma noite clara e cheia de estrelas. Dirigiram-se apressadamente para as janelas iluminadas da casa de Hagrid e só tiraram o manto mesmo em frente da porta.

Poucos segundos depois de terem batido, a porta abriu-se. Ficaram frente a frente com Hagrid, que lhes apontou uma besta enquanto *Fang*, o cão caçador de javalis, ladrava furiosamente atrás dele.

— Oh! — disse, baixando a arma quando viu que eram eles. — O que estão vocês a fazer aqui?

— Para que é isso? — perguntou Harry, apontando para a besta, enquanto entrava.

— Nada, não é nada — murmurou Hagrid. — Tenho 'tado à espera... não tem importância, sentem-se qu'eu vou fazer um chá.

Dava a impressão de não saber o que fazia. Quase apagou a lareira, vertendo a água da chaleira no lume e em seguida estilhaçou o bule com um gesto brusco da sua enorme mão.

— Estás bem, Hagrid? — perguntou Harry. — Soubeste da Hermione?

— Soube, sim — disse ele com um leve tremor na voz.

Continuava a olhar nervosamente para as janelas. Deu-lhes duas grandes canecas de água a ferver (esquecera-se de juntar o chá) e estava a acabar de pôr num prato uma fatia grossa de bolo de frutas quando alguém bateu

energicamente à porta.

Hagrid deixou cair o bolo. Harry e Ron trocaram entre si olhares de pânico e, em seguida, cobriram-se com o Manto da Invisibilidade e esconderam-se num canto. Hagrid assegurou-se de que eles estavam bem escondidos, pegou na besta e abriu, mais uma vez, a porta.

— Boa noite, Hagrid.

Era Dumbledore. Entrou com um ar muito sério, seguido de um homem de aspecto bizarro.

O estranho era um homenzinho pequenino, de porte majestoso com cabelos grisalhos desalinhados e uma expressão de ansiedade no rosto. Usava uma inesperada mistura de roupas: um fato às riscas, uma gravata vermelha, um longo manto negro e umas botas roxas pontiagudas. Debaixo do braço trazia um chapéu de coco verde-lima.

— É o patrão do meu pai — murmurou Ron. — Cornelius Fudge, o Ministro da Magia!

Harry deu-lhe uma valente cotovelada para o fazer calar-se.

Hagrid tinha ficado suado e pálido. Deixou-se cair numa das cadeiras e olhava de Dumbledore para Cornelius Fudge.

— Más notícias, Hagrid — disse Fudge num tom bastante grave. — Muito más notícias. Tive de vir. Quatro ataques a filhos de Muggles, as coisas foram longe de mais. O Ministério tem que tomar uma atitude.

— Eu nunca... — disse Hagrid, parecendo implorar a Dumbledore. — O senhor sabe que eu nunca... professor Dumbledore, o senhor...

— Quero que fique claro, Cornelius, que Hagrid tem a minha total confiança — afirmou Dumbledore, franzindo as sobrancelhas.

— Olha, Albus — disse Fudge pouco à vontade —, a ficha do Hagrid depõe contra ele. O Ministério tem de fazer alguma coisa, o Conselho Directivo da escola tem-se reunido...

— Mesmo assim, Cornelius, devo dizer-te mais uma vez que levar o Hagrid daqui não vai ajudar em nada — afirmou Dumbledore com os olhos azuis com um fogo que Harry nunca vira.

— Tenta compreender o meu ponto de vista — insistiu Fudge, sem parar de mexer no chapéu. — Estou a ser tremendamente pressionado, tenho de mostrar que faço alguma coisa. Se se provar que não foi o Hagrid, ele voltará e não se fala mais no assunto. Mas tenho de levá-lo, tem de ser, não estaria a cumprir a minha obrigação se...

— Levar-me? — perguntou Hagrid, a tremer. — Levar-me pra onde?

— É por pouco tempo — disse Fudge, sem o olhar nos olhos. — Não é um castigo, Hagrid, chamemos-lhe antes uma precaução. Se mais alguém for apanhado, tu saís com todas as nossas desculpas.

— Não é pra Azkaban? — balbuciou Hagrid.

Mas antes que Fudge tivesse tido tempo de responder, ouviu-se bater mais uma vez à porta.

Dumbledore abriu. Foi a vez de Harry levar uma cotovelada nas costas: soltara um gemido audível.

Mr. Lucius Malfoy entrou na cabana de Hagrid embrulhado numa longa capa preta de viagem, com um sorriso frio de satisfação. *Fang* começou a rosnar.

— Já cá está, Fudge? — disse de forma aprovadora. — Muito bem, muito bem...

— O que está a fazer aqui? — perguntou Hagrid, furioso. — Saia imediatamente da minha casa.

— Meu bom homem, acredite que não tenho prazer nenhum em entrar na sua... hã... chamou-lhe casa? — disse Lucius Malfoy, sorrindo sarcasticamente, enquanto observava a pequena divisão. — Eu limitei-me a ir à escola e disseram-me que o director estava aqui.

— E o que queres de mim, Lucius? — perguntou Dumbledore. O seu tom de voz era educado, mas nos olhos azuis brilhava ainda o mesmo fogo.

— Tenho uma notícia horrível, Dumbledore — declarou Mr. Malfoy de forma arrastada, pegando num grande rolo de pergaminho. — Mas os membros do conselho pensam que é altura de tu saíres. Isto é uma ordem de suspensão, tens aí doze assinaturas. Lamento muito, mas na nossa opinião, estás a perder a firmeza. Quantos ataques houve até agora? Mais dois hoje à tarde, não foi? A este ritmo vão acabar todos os filhos de Muggles em Hogwarts e todos sabemos que seria uma terrível perda para a escola.

— O que é isso, Lucius? — protestou Fudge com ar alarmado. — O Dumbledore suspenso, não... não, seria a última coisa que desejaríamos neste momento...

— A nomeação ou suspensão do director é da competência dos membros do Conselho Directivo, Fudge — lembrou suavemente Mr. Malfoy. — E como o Dumbledore não foi capaz de pôr cobro a estes ataques...

— Oh! Lucius, se o Dumbledore não conseguiu — disse Fudge com o lábio superior a suar —, quem irá conseguir?

— Isso está para se ver — disse Mr. Malfoy com um sorriso mesquinho. — Mas como os doze votámos...

Hagrid pôs-se de pé num salto, o cabelo preto hirsuto a roçar no tecto.

— E com quantos teve de fazer chantagem p'ra concordarem consigo, Malfoy?

— Meu caro Hagrid, sabe que esse seu temperamento ainda acaba por

lhe criar problemas um dia destes — disse Mr. Malfoy. — Não o aconselho a gritar assim com os guardas de Azkaban. Eles não iriam gostar nada.

— Não pode levar o Dumbledore — gritou Hagrid, fazendo *Fang*, o cão caçador de javalis, agachar-se e ganir no seu cesto. — Sem ele, os filhos dos Muggles não têm qualquer hipótese. A seguir haverá mortes.

— Acalma-te, Hagrid — aconselhou Dumbledore de forma cortante, olhando para Lucius Malfoy. — Se os membros do conselho querem substituir-me, eu sairei, claro.

— Mas... — gaguejou Fudge.

— *Não!* — rosnou Hagrid.

Dumbledore não tirara os seus olhos azuis brilhantes dos olhos cinzentos e frios de Lucius Malfoy.

— Contudo — disse, pronunciando cada palavra lenta e claramente para que nenhum deles perdesse o seu sentido —, verás que só terei deixado verdadeiramente esta escola quando ninguém aqui me for leal. Descobrirás também que, em Hogwarts, será sempre dada ajuda a quem a pedir.

Por um segundo, Harry teve quase a certeza de que os olhos de Dumbledore tremeluziram em direcção ao canto onde ele e Ron estavam escondidos.

— Que sentimentos admiráveis! — proferiu Malfoy, fazendo uma vénia. — Todos nós vamos sentir a falta da tua... forma muito pessoal de fazer as coisas, Albus. Só espero que o teu sucessor consiga evitar um... crime.

Dirigiu-se à porta da cabana, abriu-a e fez sinal a Dumbledore para que passasse à sua frente. Fudge, mexendo nervosamente no chapéu de coco, esperou que Hagrid fizesse o mesmo, mas ele ficou quieto, respirou fundo e disse com toda a cautela: — Se alguém quiser descobrir alguma coisa, o que tem a fazer é seguir as aranhas. Elas indicarão o caminho, é tudo o que vos digo.

Fudge olhou para ele espantado.

— 'Tá bem, eu vou — disse Hagrid, pegando no seu sobretudo de pêlo de toupeira. Mas quando ia seguir Fudge lá para fora, parou e disse em voz alta: — E alguém tem de dar de comer ao *Fang* enquanto eu não 'tiver cá.

A porta fechou-se ruidosamente e Ron tirou o Manto da Invisibilidade.

— Estamos outra vez numa alhada — constatou com voz rouca. — Sem o Dumbledore, mais vale fechar a escola já esta noite. Sem ele, vai haver um ataque por dia.

*Fang* começou a ganir, arranhando a porta fechada.

## XV

### ARAGOG

O Verão insinuava-se nos campos em volta do castelo. O céu e o lago tinham-se tornado de um azul-pervinca e as flores, grandes como couves, começavam a florir nas estufas. Mas sem a presença de Hagrid, que ele costumava avistar do castelo, atravessando os campos seguido por *Fang*, parecia a Harry que a paisagem não estava completa. Não era melhor dentro do castelo, onde tudo corria horivelmente mal.

Harry e Ron tinham tentado visitar Hermione, mas as visitas ao hospital estavam proibidas.

— Não vamos correr mais riscos — disse-lhes Madame Pomfrey com ar severo, através de uma fresta da porta da enfermaria. — Não, lamento, há muitas hipóteses de o atacante voltar para acabar de vez com estas pessoas...

Com Dumbledore longe, o medo espalhara-se como nunca acontecera, de tal modo que o sol que aquecia as paredes do castelo por fora parecia parar junto das janelas de pinázios. Não se via um único rosto na escola que não andasse tenso e preocupado, e qualquer gargalhada, nos corredores, se tornava incómoda e antinatural e era rapidamente abafada.

Harry repetia constantemente de si para consigo as últimas palavras que ouvira a Dumbledore: — *Só terei verdadeiramente deixado esta escola quando ninguém me for leal... em Hogwarts, será sempre dada ajuda, a quem a pedir.*

Mas para que serviam aquelas palavras? A quem deveria pedir ajuda, quando todos estavam tão confusos e assustados como ele?

A alusão de Hagrid às aranhas era bastante mais fácil de entender. O problema era que parecia não ter restado uma única aranha no castelo para eles a poderem seguir. Harry procurou por todo o lado com a ajuda relutante de Ron. As coisas estavam dificultadas pelo facto de não poderem

andar sozinhos e terem de se deslocar em grupo dentro do castelo, juntamente com outros Gryffindor.

A maior parte dos alunos gostava de ser conduzida como carneiros de uma aula para a outra pelos professores, mas Harry achava isso horrível.

Havia, contudo, uma pessoa que parecia apreciar aquela atmosfera de terror e suspeitas. Draco Malfoy passeava empertigado pela escola como se tivesse sido nomeado para Delegado dos Alunos. Harry só compreendeu o motivo de toda aquela boa disposição cerca de quinze dias depois de Dumbledore e Hagrid se terem ido embora quando, numa aula de Poções, o ouviu gabar-se a Crabbe e o Goyle.

— Sempre achei que seria o meu pai quem conseguiria livrar-nos do Dumbledore — disse sem a menor preocupação em baixar a voz. — Já vos disse, segundo ele, o Dumbledore foi o pior director que a escola alguma vez teve. Talvez agora venha um director decente que não queira a Câmara dos Segredos fechada. A McGonagall não vai durar muito, está só a...

Snape passou por Harry, sem fazer comentários ao caldeirão e à cadeira vazia de Hermione.

— Professor — disse Malfoy em voz alta. — Professor, por que não se candidata ao lugar de director?

— Ora, ora, Malfoy — respondeu Snape, sem conseguir esconder um meio sorriso. — O professor Dumbledore foi apenas suspenso pelos membros do Conselho Directivo, certamente vai voltar um dia destes.

— Sim, claro — disse Malfoy com o seu sorriso escarninho. — Acho que, se o professor quisesse candidatar-se ao lugar, teria o voto do meu pai. Eu vou dizer-lhe que o acho o melhor professor da escola.

Snape fez o seu sorriso desdenhoso enquanto passeava de um lado para o outro na masmorra, não tendo, felizmente, visto Seamus Finnigan, que fingia vomitar para dentro do caldeirão.

— Estou espantado por ver que, até agora, os Sangues de Lama ainda não fizeram as malas e não desapareceram — prosseguiu Malfoy. — Aposto cinco galeões em como o próximo morre. Pena que não tenha sido a Granger...

A campanha tocou nesse momento, o que foi uma sorte porque, ao ouvir as últimas palavras de Malfoy, Ron deu um salto, mas, na barafunda de guardar os livros nos sacos, a sua tentativa de agarrar Malfoy passou despercebida.

— Deixem-me — gritava Ron, enquanto Harry e Dean lhe agarravam os braços. — Não preciso de varinha, vou dar cabo dele com as mãos...

— Despachem-se, tenho de conduzir-vos à aula de Herbologia — praguejava Snape acima das cabeças dos alunos. E lá foram como

cordeirinhos com Harry, Ron e Dean na retaguarda, Ron ainda a tentar libertar-se. Só acharam seguro largá-lo quando Snape os deixou fora do castelo e iniciaram o percurso pelo meio da horta em direcção às estufas.

A turma de Herbologia mostrava-se muito apática. Tinha agora dois alunos a menos: Justin e Hermione.

A professora Sprout pô-los a trabalhar, podando as figueiras-da-abissínia. Harry foi despejar uma braçada de hastes secas num monte de adubo e deu consigo cara a cara com Ernie Macmillan. Ernie respirou fundo. — Só quero dizer-te, Harry, que lamento ter suspeitado de ti. Sei que nunca atacarias a Hermione Granger e peço-te desculpa por todas as coisas que disse. Estamos todos no mesmo barco, agora e, bem...

Estendeu-lhe uma mão rechonchuda que Harry apertou.

Ernie e a sua amiga Hannah foram trabalhar na mesma figueira com Harry e Ron.

— Aquele tipo, o Draco Malfoy — disse Ernie, partindo pequenos galhos —, parece muito satisfeito com isto tudo, não acham? É bem possível que seja ele o herdeiro de Slytherin.

— Uma observação inteligente da tua parte — disse Ron, que parecia não ter desculpado Ernie tão facilmente como Harry.

— Acham que é ele? — perguntou Ernie.

— Não — respondeu Harry com tanta firmeza que Ernie e Hannah ficaram a olhar espantados.

Um segundo depois, Harry avistou qualquer coisa que o levou a chamar a atenção de Ron, batendo-lhe na mão com a tesoura de podar.

— Ai... o que é que tu...?

Harry apontava para o chão, a poucos centímetros de distância. Várias aranhas grandes corriam precipitadamente pela terra fora.

— Ah! sim — disse Ron, tentando, sem conseguir, mostrar-se entusiasmado. — Mas não podemos segui-las agora...

Ernie e Hannah ouviam-nos com curiosidade.

Harry viu as aranhas desaparecerem.

— Parecem ir na direcção da Floresta Proibida...

Ron ficou ainda mais infeliz ao ouvir aquilo.

No final da aula, a professora Sprout acompanhou os alunos à Defesa Contra a Magia Negra. Harry e Ron deixaram-se ficar para trás para poderem conversar sem serem ouvidos.

— Temos de usar outra vez o Manto da Invisibilidade — disse Harry a Ron. — Podemos levar connosco o *Fang*, ele está habituado a ir à floresta com o Hagrid, pode ser uma boa ajuda.

— Certo — disse Ron, que fazia girar nervosamente a varinha nos

dedos. — Hã... não costuma haver... não costuma haver lobisomens na floresta? — acrescentou, enquanto ocupavam os lugares do costume na aula do Lockhart.

Preferindo não responder à pergunta, Harry disse: — Também há lá coisas boas. Os centauros são fixes e os unicórnios também.

Ron nunca estivera na Floresta Proibida, Harry fora lá só uma vez e desejara não ter de lá voltar.

Lockhart entrou na sala de aula com um passo vivo e os alunos ficaram espantados a olhar para ele. Todos os outros professores andavam mais tristes do que o habitual, mas Lockhart parecia sentir-se nas nuvens.

— Então, então — exclamou, olhando em volta. — Por que estão tão deprimidos?

Lançaram-lhe olhares exasperados, mas ninguém respondeu.

— Não compreendem — disse, falando devagar como se fossem todos um pouco estúpidos — que o perigo já passou? O culpado foi-se embora.

— Quem disse? — retorquiu Dean Thomas em voz alta.

— Meu caro jovem, o Ministro da Magia não teria levado o Hagrid se não estivesse cem por cento certo de que ele era o culpado — disse Lockhart, como quem explica que um e um são dois.

— Teria, sim — ripostou Ron, num tom de voz ainda mais alto do que o de Dean.

— Eu julgo saber um pouco mais sobre a prisão do Hagrid do que o senhor, Mr. Weasley — disse Lockhart num tom convencido.

Ron começou a dizer que discordava, mas foi interrompido por Harry, que lhe deu um forte pontapé por debaixo da mesa.

— Nós não estávamos lá, lembra-te? — murmurou.

Mas a alegria revoltante de Lockhart, as insinuações de que sempre tinha achado que Hagrid não prestava, a sua certeza de que tudo aquilo estava a chegar ao fim, irritou Harry de tal maneira que teve vontade de lhe atirar as *Viagens com Vampiros* e de lhe acertar naquela cara estúpida. Mas, em vez disso, limitou-se a escrever um bilhete para Ron: *Vamos lá hoje à noite*.

Ron leu a mensagem, engoliu em seco e olhou para o lugar onde Hermione costumava sentar-se. A cadeira vazia pareceu ajudá-lo a decidir-se e acenou afirmativamente.

A sala comum dos Gryffindor estava agora sempre cheia, porque, depois das seis da tarde, os Gryffindor não tinham outro lugar para onde ir. Por outro lado, tinham imenso para conversar; por isso a sala comum mantinha-se cheia de gente até depois da meia-noite.

Logo a seguir ao jantar, Harry foi buscar o Manto da Invisibilidade à



mala onde estava guardado e passou todo o serão sentado em cima dele, à espera que a sala esvaziasse. Fred e George desafiaram-no para alguns jogos de Explosões e Ginny sentou-se, muito abatida, a observá-los, na cadeira habitual de Hermione.

Harry e Ron fartaram-se de perder de propósito numa tentativa de pôr rapidamente fim aos jogos, mas, mesmo assim, já passava bastante da meia-noite quando Fred, George e Ginny se foram, finalmente, deitar.

Harry e Ron esperaram até ouvir as portas dos dois dormitórios fecharem-se. Em seguida, pegaram no Manto, lançaram-no sobre ambos e passaram pelo buraco do retrato.

Era mais uma difícil travessia do castelo, tendo de fingir todos os professores. Finalmente, chegaram ao *Hall* de Entrada, fizeram girar o fecho das portas de carvalho, esgueiraram-se, tentando não fazer barulho e aventuraram-se nos campos iluminados pelo luar.

— É claro que — disse bruscamente Ron, enquanto atravessavam os relvados negros — podemos perfeitamente chegar à floresta e descobrir que não há nada para seguir. As aranhas podem não ter ido para lá. É certo que parecia que tomavam essa direcção, mas...

Felizmente a lengalenga não durou muito. Chegaram à casa de Hagrid, que tinha um ar triste com as suas janelas escuras. Logo que Harry empurrou a porta e a abriu, *Fang* saltou, louco de alegria por os ver. Preocupados, não fosse ele acordar toda a gente no castelo com o seu ladrar forte e agitado, deram-lhe rapidamente a comer bombons de melaço que estavam numa lata sobre a lareira e que lhe colaram os dentes de cima aos de baixo.

Harry pousou o Manto da Invisibilidade sobre a mesa de Hagrid. Não iriam precisar dele na floresta escura como breu.

— Anda, *Fang*, vamos dar um passeio — disse Harry, afagando-o e *Fang* saiu feliz, aos saltos, atrás deles. Precipitou-se até à orla da floresta e levantou a perna contra uma enorme figueira-do-egipto.

Harry pegou na varinha, murmurou *Lumus!* e uma pequenina luz surgiu na ponta da varinha, suficiente para lhes mostrar o caminho e ajudá-los a descobrir a pista das aranhas.

— Bem pensado — disse Ron. — Eu acendia também a minha, mas, como ela está, ainda estoirava ou qualquer coisa assim...

Harry tocou no ombro de Ron, apontando para as ervas. Duas aranhas solitárias fugiam da luz da varinha, aproximando-se da sombra das árvores.

— Muito bem — disse Ron, resignando-se com o pior. — Estou pronto, vamos.

Então, com *Fang* a correr atrás deles, cheirando as raízes das árvores e as

folhas, entraram na floresta. Orientados pela luz da varinha de Harry, seguiram a fila disciplinada de aranhas que se movia ao longo do caminho. Andaram durante cerca de vinte minutos, sem falar, atentos a todos os ruídos que não fossem os dos ramos caídos e das folhas secas. Então, quando as copas das árvores se tinham tornado mais cerradas do que nunca, de tal modo que as estrelas no céu já não eram visíveis e a varinha de Harry brilhava isolada num mar de escuridão, viram as aranhas que eles seguiam abandonar o caminho.

Harry parou, tentando ver para onde iam, mas tudo o que ficava longe da sua pequenina luz era negro de breu. Nunca fora tão longe na floresta. Lembrava-se muito bem de Hagrid lhe ter dito, da última vez que ali tinham estado, que nunca saísse do caminho. Mas Hagrid agora estava a muitos quilómetros de distância e ele também lhes dissera que seguissem as aranhas.

Uma coisa húmida tocou na mão de Harry e ele deu um salto para trás, pisando o pé de Ron, mas afinal era apenas o focinho de *Fang*.

— O que é que tu achas? — perguntou a Ron, cujos olhos conseguia vislumbrar, reflectindo a luz da varinha.

— Já que viemos até aqui — disse ele.

Seguiram, portanto, as sombras velozes das aranhas em direcção às árvores. Não podiam agora andar muito depressa. Tinham na frente raízes de árvores e troncos cortados que mal se viam naquela escuridão. Harry sentia o bafo quente de *Fang* na mão. Por mais de uma vez, tiveram de parar para Harry se baixar e descobrir as aranhas à luz da varinha.

Andaram durante o que lhes pareceu ter sido pelo menos meia hora, com as capas a prenderem-se nos ramos mais baixos e nas silvas. Ao fim de algum tempo, repararam que o chão parecia descer, embora as árvores continuassem cerradas.

Foi então que *Fang* soltou um latido que ecoou em volta, fazendo Harry e Ron darem um salto, ambos com os cabelos em pé.

— O que foi? — gritou Ron, olhando em volta para a escuridão e agarrando Harry com força pelo cotovelo.

— Há qualquer coisa ali a mexer-se — murmurou Harry. — Ouve... parece ser grande.

Ficaram a ouvir. Um pouco para a direita, algo de grandes dimensões partia os ramos enquanto abria caminho através das árvores.

— Oh! não — disse Ron. — Oh! não, não...

— Cala-te — insistiu Harry, nervoso. — Seja o que for, vai acabar por te ouvir.

— Ouvir-me, a mim? — disse Ron, numa voz muito esganiçada. — Já

ouviu o *Fang*!

A escuridão parecia avançar sobre eles enquanto ali ficaram apavorados, à espera. Houve um estranho ruído, surdo e prolongado, e em seguida o silêncio.

— O que estará a fazer? — perguntou Harry.

— Talvez esteja a preparar-se para atacar — disse Ron.

Esperaram, a tremer, sem ousarem mexer-se.

— Achas que se foi embora? — murmurou Harry.

— Não sei.

Nesse momento, do lado direito veio um clarão de luz tão forte no meio do escuro que os dois levaram as mãos à cara para proteger os olhos. *Fang* ganiu e tentou fugir, mas viu-se envolvido num emaranhado de espinhos e ganiu ainda mais alto.

— Harry — gritou Ron com grande alívio na voz. — Harry, é o nosso carro.

— O quê?

— Anda ver.

Harry avançou aos tropeções atrás de Ron, em direcção à luz e deram consigo numa clareira.

O carro de Mr. Weasley ali estava, vazio, no meio de um círculo de árvores grossas, sob um tecto de ramos densos, os faróis da frente acesos. Quando Ron se aproximou de boca aberta, moveu-se lentamente em direcção a ele como se fosse um grande cão azul-turquesa, cumprimentando o dono.

— Tem estado sempre aqui — disse Ron satisfeitíssimo, aproximando-se do carro. — Olha para ele, a floresta tornou-o selvagem...

O guarda-lamas estava riscado e cheio de lodo. Parecia que tinha andado a passear sozinho pela floresta. *Fang* não gostou lá muito dele. Manteve-se ao lado de Harry, que podia senti-lo a tremer. Com a respiração normalizada, Harry guardou a varinha na capa.

— E nós a pensarmos que ele nos ia atacar — disse Ron, encostando-se ao carro e dando-lhe duas palmadinhas — As voltas que eu dei à cabeça a pensar para onde teria ido!

Harry olhava para todos os lados, no chão iluminado, em busca de mais aranhas, mas todas elas tinham fugido do brilho das luzes.

— Perdemo-las de vista — disse ele. — Anda, vamos procurá-las.

Ron não disse nada. Não se moveu. Tinha os olhos fixos num ponto, três metros acima do chão da floresta, mesmo atrás de Harry. O seu rosto estava lívido de terror.

Harry nem teve tempo de se voltar. Ouviu-se um ruído seco e sentiu uma

coisa longa e peluda agarrá-lo pela cintura e elevá-lo no ar com o rosto voltado para baixo. Debatendo-se, apavorado, ouviu outro estalido e viu as pernas de Ron serem também levantadas do chão. Ouviu *Fang* gemer e ganir e, no momento seguinte, era levado para o meio das árvores escuras.

Com a cabeça a balouçar, Harry viu que a coisa que o transportava tinha seis enormes patas peludas e que as duas da frente o agarravam com força sob um par de tenazes pretas e brilhantes. Atrás de si, podia ouvir outra daquelas criaturas que, sem dúvida, transportava Ron. Encaminhavam-se para o coração da floresta. Harry ouvia *Fang* a ladrar, tentando libertar-se de um terceiro monstro, mas Harry não podia gritar mesmo que quisesse, parecia que tinha deixado a voz na clareira, junto com o carro.

Não soube quanto tempo esteve preso nas patas da criatura, só se apercebeu de que a escuridão se atenuara um pouco, permitindo-lhe ver que o chão coberto de folhas estava agora repleto de aranhas. Voltando a cabeça para o lado, deu-se conta de que tinham chegado à base de uma enorme cova, uma cova que fora limpa de árvores de modo que as estrelas iluminavam com o seu brilho a cena mais pavorosa que os seus olhos alguma vez tinham visto.

Aranhas! Não eram aranhas pequeninas como aquelas que corriam sobre as folhas. Eram aranhas do tamanho de enormes cavalos, com oito olhos, oito pernas pretas, peludas, gigantescas. O espécimen que transportava Harry desceu o terreno íngreme até uma teia brumosa em forma de cúpula que ficava mesmo no meio da cova, enquanto as companheiras se juntavam em volta, batendo excitadíssimas com as tenazes e olhando para a carga que acabara de chegar.

Harry caiu de costas no chão quando a aranha o libertou. Ron e *Fang* foram cair perto dele. *Fang* já não gania. Estava agachado e muito quieto. Ron e Harry partilhavam o mesmo sentimento. Ron tinha a boca aberta numa espécie de grito silencioso e os olhos a saltarem-lhe das órbitas.

Harry percebeu de repente que a aranha que o deitara ao chão estava a dizer qualquer coisa. Era difícil entender, porque, entre cada duas palavras, batia com as tenazes.

— *Aragog!* — chamava. — *Aragog!*

E do meio da teia brumosa em forma de cúpula saiu muito lentamente uma aranha do tamanho de um pequeno elefante. As costas e as pernas estavam cobertas de pêlo cinzento e, na cabeça feia, munida de tenazes, viam-se vários olhos, todos eles de um branco leitoso. Era cega.

— O que foi? — disse, batendo rapidamente com as tenazes uma na outra.

— Homens — respondeu a aranha que trouxera Harry.

— É o Hagrid? — perguntou *Aragog*, aproximando-se mais com os seus oito olhos leitosos a vaguear.

— Estranhos — respondeu a aranha que trouxera Ron.

— Matem-nos — ordenou *Aragog*, irritado. — Eu estava a dormir...

— Nós somos amigos do Hagrid — gritou Harry. Parecia que o coração lhe saltava pela boca.

Clic, clic, clic fizeram as tenazes das aranhas, em volta da cova. *Aragog* parou.

— O Hagrid nunca mandou homens à nossa cova — disse lentamente.

— O Hagrid está em perigo — explicou Harry, respirando muito depressa. — Foi por isso que eu vim.

— Em perigo? — repetiu a velha aranha e pareceu a Harry sentir preocupação por baixo do som das tenazes. — Mas por que vos mandou ele cá?

Harry pensou pôr-se de pé, mas achou melhor não arriscar. As pernas provavelmente não teriam força para o sustentar. Falou, portanto, do chão, o mais calmamente que foi capaz.

— Eles lá na escola pensam que o Hagrid soltou qualquer coisa contra os estudantes. Mandaram-no para Azkaban.

*Aragog* bateu furiosamente com as tenazes e, em toda a cova, o eco foi reproduzido por uma multidão de aranhas. Era uma espécie de aplauso com uma única diferença: os aplausos não costumavam fazer Harry quase morrer de medo.

— Mas isso foi há muitos anos — disse *Aragog*, maldisposto. — Há anos e anos. Lembro-me muito bem. Foi por isso que o expulsaram da escola. Eles pensaram que eu era o monstro que vive naquilo a que eles chamam a Câmara dos Segredos. Pensaram que o Hagrid a tinha aberto para me libertar.

— E tu... não vieste da Câmara dos Segredos? — perguntou Harry, que sentia a testa cheia de suores frios.

— Eu!? — disse *Aragog*, batendo irritado com as tenazes. — Eu não nasci no castelo. Venho de uma terra distante. Um viajante ofereceu-me ao Hagrid quando eu era ainda um ovo. O Hagrid era ainda um rapazinho, mas tratou de mim, escondeu-me num armário dentro do castelo e alimentava-me com as migalhas que ficavam nas mesas. O Hagrid é um bom amigo e um bom homem. Quando me encontraram e me culparam pela morte de uma rapariga, ele protegeu-me. Desde então, tenho vivido aqui na floresta, onde o Hagrid ainda vem visitar-me. Ele até me arranjou uma esposa, Mosag, e estão a ver como a família cresceu, tudo graças à bondade do Hagrid...

Harry reuniu a coragem que lhe restava.

— Então, tu nunca atacaste ninguém?

— Nunca — resmungou a velha aranha. — Era esse o meu instinto, mas, por respeito ao Hagrid, nunca fiz mal a nenhum humano. O corpo da rapariga morta foi encontrado numa casa de banho, ora eu nunca conheci mais do que o armário do castelo onde cresci. Nós gostamos do escuro e do silêncio.

— Mas então... sabes o que matou essa rapariga? — perguntou Harry.

— Porque seja o que for, está a atacar as pessoas outra vez...

As suas palavras foram abafadas por uma audível explosão de tenazes a bater e pelo ruje-ruje de muitas pernas longas, deslocando-se, iradas. Em volta de Harry começaram a mover-se sombras escuras.

— O que vive no castelo — disse *Aragog* — é uma antiga criatura que nós, aranhas, tememos acima de qualquer outra. Lembro-me bem de como insisti com o Hagrid para que me deixasse sair dali quando senti a criatura a andar pela escola.

— O que é? — perguntou Harry, cheio de curiosidade.

Mais tenazes a bater, mais pernas a moverem-se. As aranhas pareciam estar a aproximar-se.

— Nós não falamos disso — exclamou *Aragog* furioso. — Não pronunciamos o seu nome. Eu nunca disse ao Hagrid o nome dessa horrível criatura, apesar de ele me ter perguntado vezes sem conta.

Harry não quis insistir, principalmente com todas aquelas aranhas a aproximarem-se de todos os lados. *Aragog* parecia ter-se cansado de falar. Recuava lentamente para a teia em forma de cúpula, mas as companheiras continuavam a aproximar-se ameaçadoramente de Harry e Ron.

— Vamos embora, então — gritou Harry desesperadamente a *Aragog*, enquanto ouvia as folhas secas a estalarem atrás de si.

— Embora? — disse *Aragog* lentamente. — Não me parece...

— Mas... mas...

— Os meus filhos e filhas não fazem mal ao Hagrid por ordem minha. Mas não posso negar-lhes carne fresca quando ela veio por vontade própria ter connosco. Adeus, amigo do Hagrid.

Harry deu meia-volta. Poucos centímetros acima dele, uma sólida parede de aranhas batia com as tenazes, os seus inúmeros olhos a brilharem nas horríveis cabeças pretas.

Mesmo que se servisse da varinha, Harry sabia que não ia valer de nada. As aranhas eram demasiadas, mas quando tentou erguer-se pronto para morrer a lutar, ouviu-se um prolongado apito e um clarão de luz iluminou a cova.

O carro de Mr. Weasley ribombava, descendo o declive, com os faróis acesos, a buzina a guinchar, derrubando as aranhas. Muitas delas ficaram voltadas ao contrário com as imensas pernas a agitar-se no ar. O carro estacou em frente de Harry e Ron e as portas abriram-se.

— Agarra o *Fang* — gritou Harry, ajeitando-se no lugar da frente. Ron agarrou o cão caçador de javalis e lançou-o, a ganir, para o banco de trás. As portas fecharam-se com estrondo. Ron não tocou no acelerador, mas também não foi preciso. O motor rugiu e o carro arrancou, derrubando mais aranhas. Subiram o declive, saindo da cova e pouco depois atravessavam a floresta, os ramos a baterem nos vidros, enquanto o carro passava habilmente através dos intervalos maiores, por um caminho que obviamente já conhecia.

Harry olhou para Ron de soslaio. O amigo tinha ainda a boca aberta no mesmo grito silencioso, mas os olhos já não estavam esbugalhados.

— Estás bem?

Ron olhava em frente, incapaz de responder.

Foram abrindo caminho, esmagando a vegetação, com *Fang* a saltar enormes ganidos no banco de trás e Harry viu o espelho retrovisor partir-se quando passaram rente a um enorme carvalho. Após dez minutos bastante ruidosos, as árvores começaram a diminuir e Harry pôde ver de novo pedaços do céu.

O carro parou tão bruscamente que quase foram projectados pelo vidro da frente. Tinham chegado à orla da floresta. *Fang* atirou-se contra a janela, ansioso por sair e quando Harry abriu a porta, disparou a correr através das árvores até à casa de Hagrid, de cauda entre as pernas. Harry saiu também e, um minuto depois, Ron pareceu recuperar a força nos membros e seguiu-o, ainda tenso e de olhar parado. Harry deu uma palmadinha de agradecimento ao carro antes de ele dar a volta e desaparecer em direcção à floresta.

Harry voltou à cabana de Hagrid para ir buscar o Manto da Invisibilidade. *Fang* tremia no seu cesto, envolto por um cobertor. Quando saiu de novo, viu Ron a vomitar junto das abóboras.

— Sigam as aranhas! — disse ele debilmente, limpando a boca à manga.

— Nunca perdoarei ao Hagrid. É uma sorte ainda estarmos vivos.

— Aposto que ele pensou que o *Aragog* nunca faria mal aos seus amigos — justificou Harry.

— Esse é justamente o problema do Hagrid — interrompeu Ron, dando um soco na parede da cabana. — Ele acha sempre que os monstros não são tão maus como os pintam e vê aonde isso o levou, a uma cela em Azkaban. — Tremia agora descontroladamente. — Qual foi a ideia dele ao mandar-

nos ali? Gostava de saber o que é que descobrimos.

— Que o Hagrid nunca abriu a Câmara dos Segredos — concluiu Harry, lançando o Manto sobre Ron e tocando-lhe no braço para o encorajar a andar. — Ele estava inocente.

Ron resmungou em voz alta. Para ele, chocar *Aragog* num armário não era propriamente estar inocente.

Quando se aproximaram do castelo, Harry esticou o Manto para garantir que os pés de ambos ficavam cobertos. Em seguida, empurrou as portas da frente, que rangeram. Atravessaram com todo o cuidado o *Hall* de Entrada e subiram a escadaria de mármore, contendo a respiração nos corredores, guardados por sentinelas atentos. Por fim, chegaram à segurança da sala dos Gryffindor, onde o lume ardera até se transformar em brasas brilhantes. Tiraram o Manto e subiram a escada serpenteante que os levava ao dormitório.

Ron caiu na cama sem sequer se despir, mas Harry, apesar de tudo, não tinha sono. Sentou-se na beirinha da cama, pensando em todas as coisas que *Aragog* dissera.

A criatura que andava pelo castelo, pensou, era uma espécie de Voldemort tão monstruoso que nem os outros monstros queriam pronunciar o seu nome. Mas ele e Ron não estavam agora mais perto de descobrir o que era nem como Petrificava as suas vítimas. Se nem Hagrid chegara a saber o que estava na Câmara dos Segredos...

Harry balançou as pernas e atirou-se para cima da cama. Encostado às almofadas, contemplou a Lua, que brilhava através da janela da torre.

Não sabia que mais poderiam fazer. Só tinham encontrado becos sem saída. Riddle apanhara a pessoa errada. O herdeiro de Slytherin escapara e ninguém sabia se era a mesma pessoa ou uma outra que abrira, desta vez, a Câmara dos Segredos. Não havia mais ninguém a quem fazer perguntas. Harry deitou-se ainda a pensar nas palavras de *Aragog*.

Estava a começar a cair no sono quando aquilo que parecia ser uma última esperança lhe ocorreu, fazendo-o sentar-se muito direito na cama.

— Ron — sussurrou no escuro. — Ron.

Ron acordou com um ganido como os de *Fang*. Olhou muito assustado em volta e viu Harry.

— Ron, a rapariga que morreu. O *Aragog* contou-nos que ela foi encontrada numa casa de banho — disse, ignorando os roncoss de Neville no outro canto do quarto. — E se ela nunca tivesse saído da casa de banho? E se ainda lá estiver?

Ron esfregou os olhos, franzindo as sobrancelhas sob o luar. E só então compreendeu.



— Não estás a pensar que é... a *Murta Queixosa*?

## XVI

### A CÂMARA DOS SEGREDOS

— E estivemos nós tantas vezes naquela casa de banho com ela apenas a três cubículos de distância — disse Ron amargamente no dia seguinte, à mesa do pequeno-almoço. — Podíamos ter-lhe perguntado e agora...

Já fora bastante difícil procurar as aranhas. Escapar aos professores o tempo suficiente para ir até à casa de banho das raparigas, que ficava mesmo em frente do lugar onde ocorrera o primeiro ataque, ia ser quase impossível.

Mas aconteceu uma coisa na aula de Transfiguração que fez com que se esquecessem da Câmara dos Segredos pela primeira vez em várias semanas. A professora McGonagall comunicou-lhes que os exames começariam a 1 de Junho, uma semana depois.

— Exames? — gritou Seamus Finnigan.

— Nós mesmo assim vamos ter exames?

OuvIU-se um estrondo atrás de Harry, quando Neville Longbottom deixou escapar a varinha da mão, fazendo desaparecer uma das pernas da secretária. A professora McGonagall repô-la com a sua varinha e voltou-se com má cara para Seamus.

— Se temos a escola aberta numa altura destas é para vocês receberem instrução — afirmou com dureza. — Os exames terão lugar, portanto, como é costume e espero que todos vocês façam revisões da matéria até lá.

Revisões! Não passara pela cabeça de Harry que houvesse exames com o castelo naquele estado. Houve uma série de murmúrios revoltados, o que fez com que a professora McGonagall ficasse ainda mais mal-humorada.

— As instruções do professor Dumbledore foram para manter a escola a funcionar o mais normalmente possível — disse. — E isso, não preciso de vos dizer, passa por uma avaliação do que vocês aprenderam ao longo deste ano.

Harry olhou para baixo, para o casal de coelhos brancos que ele deveria transformar em pantufas. O que tinha ele aprendido durante o ano? Não era capaz de se lembrar de nada que fosse útil num exame.

Ron estava como se tivessem acabado de lhe dizer que a partir daquele momento tinha de ir viver para a Floresta Proibida.

— Estás a ver-me a ter exames com isto tudo? — perguntou a Harry, enquanto pegava na varinha, que tinha começado a assobiar estridentemente.

Três dias antes do primeiro exame, à hora do pequeno-almoço, a professora McGonagall fez outra comunicação.

— Tenho boas notícias — disse, e o Salão em vez de se calar, explodiu de contentamento.

— O Dumbledore vai regressar! — gritaram várias pessoas cheias de alegria.

— Apanharam o herdeiro de Slytherin — arriscou uma rapariga na mesa dos Ravenclaw.

— Podemos de novo jogar Quidditch — bradou Wood, excitadíssimo.

Quando a agitação passou, McGonagall disse: — A professora Sprout informou-me que as mandrágoras estão finalmente prontas para serem cortadas. Hoje à noite vamos poder reanimar as pessoas que foram Petrificadas. Escusado será dizer que certamente uma delas poderá revelar-nos quem ou o que a atacou. Eu tenho esperança de que este ano pavoroso acabe com a prisão do culpado.

Houve uma explosão de aplausos. Harry olhou para a mesa dos Slytherin e não ficou nada surpreendido ao ver que Draco Malfoy não aplaudia. Ron, por outro lado, estava satisfeito como ninguém o via havia dias.

— Não faz mal não termos perguntado à Murta. A Hermione vai, com certeza, ter todas as respostas quando a acordarem. Vai também ficar fula quando souber que temos exames dentro de três dias. Ela não pôde fazer revisões da matéria. Seria melhor deixarem-na estar onde está até ao final dos exames.

Nessa altura, Ginny Weasley veio sentar-se junto de Ron. Parecia nervosa e tensa e Harry reparou que torcia as mãos no colo.

— O que se passa? — perguntou Ron, servindo-se de mais papa de aveia.

Ginny não disse nada, mas olhou para um lado e para o outro da mesa dos Gryffindor, com um olhar assustado que lembrou a Harry alguém que não sabia bem quem era.

— Vá lá, vomita — disse Ron, olhando para ela.

Harry percebeu subitamente quem era que Ginny lhe lembrara. Ela balançava-se ligeiramente para a frente e para trás na cadeira, exactamente como Dobby fazia quando estava hesitante, à beira de revelar uma informação proibida.

— Tenho de te dizer uma coisa — balbuciou Ginny receosa, sem olhar para Harry.

— O que é? — perguntou ele.

Ginny parecia incapaz de encontrar as palavras certas.

— O que é? — insistiu Ron.

Ginny abriu a boca, mas não saiu nenhum som. Harry inclinou-se para a frente e falou devagar para que só ela e Ron pudessem ouvi-lo.

— É alguma coisa relacionada com a Câmara dos Segredos? Viste alguma coisa ou alguém a agir de forma estranha?

Ginny respirou fundo e, nesse preciso momento, apareceu Percy Weasley com um ar pálido e cansado.

— Se já acabaste de comer, eu fico com esse lugar, Ginny. Estou cheio de fome. Acabei agora o meu trabalho de patrulhamento.

Ginny deu um salto como se a cadeira tivesse acabado de ser electrificada, lançou a Percy um olhar assustado e saiu apressadamente. Percy sentou-se e tirou uma caneca do meio da mesa.

— Percy — disse Ron, aborrecido. — Ela ia agora mesmo contar-nos uma coisa importante.

A meio de um gole de chá, Percy estremeceu.

— Que coisa? — perguntou, tossindo.

— Eu quis saber se ela tinha visto alguma coisa estranha e ela ia dizer...

— Ah! isso... não tem nada a ver com a Câmara dos Segredos — disse Percy de imediato.

— Como sabes? — indagou Ron, erguendo as sobrancelhas.

— Bem... hã... já que perguntam, a Ginny... hã... passou por mim noutra dia quando eu... hã... não foi nada, o importante é que ela viu-me fazer uma coisa e eu... hã... pedi-lhe para não comentar com ninguém. Não pensei que ela cumprisse a palavra, verdade se diga. Não é nada importante, eu só...

Harry nunca vira Percy tão pouco à vontade.

— O que estavas a fazer, Percy? — riu-se Ron. — Vá lá, conta que nós não nos rimos.

Percy permaneceu sério.

— Passa-me esses pãozinhos, Harry, estou cheio de fome.

Harry sabia que todo o mistério poderia ser desvendado no dia seguinte

sem a ajuda deles, mas não ia deixar de falar com a Murta Queixosa, se a oportunidade surgisse. E, para sua grande satisfação, ela surgiu a meio da manhã quando eram conduzidos à aula de História da Magia por Gilderoy Lockhart.

Lockhart, que tantas vezes lhes assegurara que o perigo tinha passado, estava agora totalmente convencido de que acompanhar os alunos nos corredores era um trabalho inútil. O seu cabelo não estava tão sedoso como de costume. Parecia ter passado toda a noite acordado a vigiar o quarto andar.

— Podem escrever o que eu digo — afirmou, acompanhando-os até uma esquina. — As primeiras palavras que vão sair da boca daquelas pobres pessoas Petrificadas serão: — *Foi o Hagrid*. Francamente, estou espantado por a professora McGonagall considerar ainda necessárias estas medidas de segurança.

— Concorde, professor — disse Harry, fazendo com que Ron, surpreso, deixasse cair os livros ao chão.

— Obrigado, Harry — disse Lockhart amavelmente, enquanto deixavam passar uma grande fila de Hufflepuffs. — A verdade é que os professores já têm bastante que fazer para andarem também a acompanhar os alunos às aulas e a guardar os corredores à noite...

— É verdade — disse Ron, percebendo a ideia. — Por que não nos deixa aqui, professor, só falta mais um corredor.

— Sabes, Weasley, sou mesmo capaz de fazer isso — disse Lockhart. — Preciso de preparar a minha próxima aula.

E apressou-se a seguir o seu caminho.

— Preparar a aula! — zombou Ron. — Vai encaracolar o cabelo, é o mais certo.

Deixaram os restantes Gryffindor passar-lhes à frente e por fim cortaram caminho num corredor lateral e dirigiram-se à casa de banho da Murta Queixosa, mas quando estavam a congratular-se pelo seu esquema brilhante...

— Potter, Weasley! O que estão vocês a fazer aqui?

Era a professora McGonagall e a boca dela estava mais fina do que nunca.

— Nós estávamos... estávamos — gaguejou Ron. — Nós íamos ver... íamos ver...

— A Hermione — completou Harry.

A professora McGonagall e Ron olharam para ele.

— Não a vemos há séculos, professora — prosseguiu Harry, pisando o pé de Ron. — E pensámos ir espreitá-la à enfermaria e dizer-lhe que as

mandrágoras estão quase prontas, para ela não se preocupar.

A professora McGonagall estava ainda a olhar para ele e, por um momento, Harry pensou que ela ia explodir, mas, quando falou, fê-lo num tom de voz estranhamente rouco.

— É claro — disse. E Harry, espantado, viu uma lágrima a brilhar-lhe no canto de um dos olhos. — É claro. Eu compreendo que tudo isto tem sido muito duro para os amigos daqueles que foram... eu compreendo, sim, Potter. Podem ir visitar Miss Granger. Eu mesma informarei o professor Binns de que vocês estão na enfermaria. Digam à Madame Pomfrey que vos dei autorização.

Harry e Ron afastaram-se, quase sem acreditar que tinham escapado a um castigo. Quando viravam a esquina, ouviram nitidamente a professora McGonagall a assoar-se.

— Esta — disse Ron entusiasmado — foi a melhor história que alguma vez inventaste.

Não tinham outro remédio senão ir à enfermaria e dizer a Madame Pomfrey que tinham autorização da professora McGonagall para visitar Hermione.

Madame Pomfrey deixou-os entrar com alguma relutância.

— Não vale a pena falar com uma pessoa Petrificada — afirmou, e ambos tiveram de admitir que ela tinha razão quando se sentaram junto de Hermione e constataram que ela não tinha a menor noção de estar acompanhada. Dizer-lhe que não se preocupasse ou falar com o armário que estava ao lado da cama era exactamente a mesma coisa.

— Será que ela viu quem a atacou? — perguntou Ron, olhando com tristeza para o rosto rígido de Hermione. — Porque se a coisa saltou sobre elas, ficaremos todos sem saber de nada.

Mas Harry não olhava para o rosto de Hermione. Estava mais interessado na sua mão direita, que se encontrava pousada sobre os cobertores e, inclinando-se para ela, viu que tinha, fechado entre os dedos, um pedaço de papel.

Assegurando-se de que Madame Pomfrey não dava por nada, fez sinal a Ron.

— Tenta tirá-lo — murmurou ele, colocando a cadeira de modo a que Madame Pomfrey não pudesse ver Harry.

Não foi tarefa fácil. A mão de Hermione estava fechada com uma força tal que Harry recebeu parti-la. Enquanto Ron vigiava, ele forçou e torceu até que, por fim, depois de vários minutos bastante tensos, conseguiu tirar o papel.

Era uma página retirada de um livro muito antigo da biblioteca. Harry

alisou-a ansiosamente e Ron inclinou-se para poder lê-la também.

*De todos os monstros assustadores que pairam à face da Terra, nenhum é tão estranho nem tão fatal como o Basilisco, também conhecido por rei das serpentes. Esta cobra, que pode atingir proporções gigantescas e viver durante muitas centenas de anos, nasce de um ovo de galinha que é chocado por um sapo. As suas formas de matar são pavorosas, pois, além dos dentes venenosos e mortais, o Basilisco tem um olhar assassino e todos aqueles que ele fixa têm morte instantânea. As aranhas fogem a sete pés do Basilisco que é seu inimigo mortal, e o Basilisco teme apenas o canto do galo, que para ele é fatal.*

Por debaixo disto uma única palavra fora escrita, na letra que Harry reconheceu como sendo de Hermione: *Canos*.

Foi como se se tivesse acendido uma luz no seu espírito.

— Ron — murmurou — é isso. Está aqui a resposta. O monstro da Câmara dos Segredos é um Basilisco, uma serpente gigante. Por isso, só eu tenho ouvido a sua voz por todo o lado, porque eu compreendo serpentês...

Harry olhou para as camas em volta.

— O Basilisco mata as pessoas fixando-as com o olhar, mas ninguém morreu, o que quer dizer que ninguém o olhou directamente nos olhos. Colin viu-o através da lente da máquina fotográfica e o Basilisco queimou o rolo que estava lá dentro, mas o Colin ficou apenas petrificado. O Justin... o Justin deve tê-lo visto através do Nick Quase-Sem-Cabeça. O Nick é que levou com o olhar, mas não podia morrer outra vez... e perto da Hermione e da prefeita dos Ravenclaw foi encontrado um espelho. Hermione acabara de compreender que o monstro era um Basilisco. Aposto que preveniu a primeira pessoa que encontrou de que era melhor olhar por um espelho ao virar de cada esquina. E aquela rapariga puxou do seu espelho e...

Ron estava boquiaberto.

— E *Mrs. Norris*? — perguntou vivamente.

Harry pensou um pouco, tentando imaginar a cena na noite do *Hallowe'en*.

— A água... — disse lentamente. — A poça de água que saiu da casa de banho da Murta Queixosa. Aposto que *Mrs. Norris* só viu o reflexo do monstro.

Examinou a folha de papel que tinha na mão. Quanto mais olhava, mais sentido faziam as coisas.

— *O Basilisco só teme o cantar do galo, que é fatal para ele!* — leu em

voz alta. — Os galos do Hagrid foram mortos. O herdeiro de Slytherin não queria um único galo perto do castelo, com a Câmara aberta. *As aranhas fogem do Basilisco*. Tudo encaixa.

— Mas como tem o Basilisco andado por aí? — perguntou Ron. — Uma serpente horrível e enorme... alguém a teria visto.

Mas Harry apontou para a palavra que Hermione escrevinhara no final da página.

— Os canos — disse. — Os canos... Ron, o monstro tem usado a canalização. Eu ouvi sempre a voz dentro das paredes...

Ron agarrou subitamente o braço de Harry.

— A entrada para a Câmara dos Segredos — disse numa voz rouca. — E se for numa casa de banho? Se for na...

— *Na casa de banho da Murta Queixosa* — completou Harry.

Ficaram ali sentados, tomados de uma excitação enorme, mal querendo acreditar.

— Isso significa que — prosseguiu Harry — eu não posso ser o único na escola a falar serpentês. Há também o herdeiro de Slytherin. É desse modo que ele tem controlado o Basilisco.

— O que vamos fazer? — perguntou Ron, com os olhos a faiscar. — Vamos falar com a McGonagall?

— Vamos até à sala dos professores — decidiu Harry, dando um salto. — Ela estará lá dentro de dez minutos, está quase no intervalo.

Desceram a escada a correr. Não querendo ser descobertos outra vez a vaguear pelos corredores, foram directamente até à sala dos professores, que estava deserta. Era uma divisão ampla, toda forrada, com cadeiras de madeira escura. Harry e Ron passearam de um lado para o outro, demasiado nervosos para se sentarem.

Mas a campainha anunciando o intervalo não chegou a tocar.

Em vez disso, ecoando nos corredores, ouviram a voz da professora McGonagall ampliada por magia.

— *Todos os alunos devem regressar de imediato aos seus dormitórios. Todos os professores à sala de professores. Imediatamente, por favor.*

Harry deu meia-volta e olhou para Ron.

— Não me digas que houve um novo ataque, não agora!

— Que vamos fazer? — disse Ron, aterrado. — Voltar para o dormitório?

— Não — disse Harry, olhando em volta. Havia uma espécie de armário à sua esquerda cheio com os mantos dos professores. — Ali. Vamos ouvir o que se passa. A seguir, poderemos contar-lhes o que descobrimos.

Esconderam-se dentro do armário, ouvindo a algazarra de centenas de



peças e a porta da sala de professores a abrir-se. Do meio da confusão de mantos bafios, viram os professores encher a sala. Alguns tinham um ar totalmente confuso, outros pareciam apavorados. Por fim, chegou a professora McGonagall.

— Aconteceu — disse no silêncio da sala de professores. — O monstro levou uma aluna. Levou-a mesmo para a Câmara.

O professor Flitwick soltou um grito agudo. A professora Sprout bateu com a mão na boca. Snape agarrou com força as costas de uma cadeira e perguntou: — Como pode ter tanta certeza?

— O herdeiro de Slytherin — disse a professora McGonagall, muito pálida. — Deixou outra mensagem. Mesmo por baixo da primeira: «*O esqueleto dela ficará para sempre na Câmara dos Segredos.*»

O professor Flitwick desatou a chorar.

— Quem é ela? — quis saber Madame Hooch, que se afundara sem forças numa cadeira. — Quem é a aluna?

— A Ginny Weasley — revelou a professora McGonagall.

Harry viu Ron, ao seu lado, escorregar silenciosamente até ao chão do armário.

— Vamos ter de mandar todos os alunos embora amanhã — declarou a professora McGonagall. — Isto é o fim de Hogwarts, o Dumbledore sempre disse...

A porta da sala dos professores voltou a abrir-se. Por um breve momento, Harry pensou que fosse Dumbledore, mas era Lockhart e vinha todo sorridente.

— Peço desculpa, adormeci. Perdi alguma coisa?

Não pareceu reparar que os outros professores o olhavam com uma espécie de aversão. Snape deu um passo em frente.

— O homem que faltava — disse. — O homem certo. O monstro raptou uma garota, Lockhart, levou-a para a Câmara dos Segredos. O seu momento chegou.

Lockhart empalideceu.

— Isso mesmo, Lockhart — acrescentou a professora Sprout. — Não estava a dizer ontem à noite que sempre tinha sabido onde era a entrada para a Câmara dos Segredos?

— Eu... bem... eu — disse atabalhoadamente Lockhart.

— Sim, não me disse que sabia exactamente o que estava lá dentro? — proferiu com voz esganiçada o professor Flitwick.

— Eu disse? Não me lembro...

— Lembro-me perfeitamente de o ouvir dizer que lamentava não ter tentado apanhar o monstro antes de o Hagrid ser preso — disse Snape. —

Não disse que toda a história tinha sido uma atrapalhão e que deveriam ter-lhe dado carta-branca desde o princípio?

Lockhart olhou em volta para a cara de espanto dos colegas.

— Eu... nunca... eu, de facto... deve ter-me compreendido mal.

— Então vamos deixá-lo, Gilderoy — disse a professora McGonagall.

— Esta noite será uma excelente oportunidade para actuar. Nós trataremos de assegurar que ninguém o atrapalha. Vai poder enfrentar o monstro sozinho. Finalmente tem carta-branca.

Lockhart olhou desesperado à sua volta, mas ninguém foi salvá-lo. Já não estava bem-parecido. O lábio tremia-lhe e a ausência do seu habitual sorriso de dentes brancos dava-lhe um ar magricelas e fraco.

— M-muito bem — acedeu. — Vou até ao meu gabinete para... para me preparar.

E saiu da sala.

— Ótimo! — exclamou a professora McGonagall, com as narinas dilatadas. — Isto deve afastá-lo do nosso caminho. Os Chefes de Equipa devem ir agora comunicar aos respectivos alunos o que se passou e informá-los de que o Expresso de Hogwarts os levará a casa amanhã de manhã. Os restantes certifiquem-se, por favor, de que não há alunos fora dos dormitórios.

Os professores levantaram-se e saíram um a um.

Foi talvez o pior dia da vida de Harry. Ele, Ron, Fred e George sentaram-se juntos a um canto na sala comum dos Gryffindor, incapazes de proferir uma palavra. Percy não estava lá. Tinha ido tratar de enviar uma coruja a Mr. e Mrs. Weasley e, em seguida, fechara-se no dormitório.

Nunca uma tarde custara tanto a passar e nunca a Torre dos Gryffindor estivera tão cheia de gente e tão silenciosa.

Fred e George foram para a cama quase ao pôr-do-sol, incapazes de ficar ali mais tempo.

— Ela sabia qualquer coisa, Harry — disse Ron, falando pela primeira vez desde que tinham saído do armário da sala dos professores. — Por isso a levaram. Não era nenhuma parvoíce sobre o Percy, ela tinha descoberto qualquer coisa sobre a Câmara dos Segredos. Com certeza por isso é que a... — Ron esfregou os olhos, enervadíssimo. — Afinal ela era sangue puro, não pode haver outra explicação.

Harry olhava para o Sol que mergulhava de um vermelho cor de sangue na linha do horizonte. Era a pior coisa que lhe tinha acontecido. Se, pelo menos, pudessem fazer alguma coisa.

— Harry — disse Ron. — Achas que há alguma possibilidade de ela não

estar...? Sabes o que eu quero dizer.

Harry não sabia que resposta dar. Não acreditava que Ginny pudesse ainda estar viva.

— Sabes uma coisa? — disse Ron. — Acho que devíamos ir ter com o Lockhart, contar-lhe o que sabemos. Ele vai tentar entrar na Câmara, podemos dizer-lhe onde achamos que fica a entrada e contar-lhe que o monstro é um Basilisco.

Como Harry não tinha nenhuma ideia melhor e como queria fazer alguma coisa, concordou. Os Gryffindor que os rodeavam estavam tão tristes e com tanta pena dos Weasley que ninguém tentou impedi-los, quando os viram levantar-se, atravessar a sala e sair pelo buraco do retrato.

A escuridão começava a instalar-se quando chegaram ao gabinete de Lockhart, onde a actividade era muita. Do corredor ouvia-se o ruído de coisas a serem deitadas fora, pancadas surdas e passos apressados.

Harry bateu à porta e houve um silêncio repentino. Em seguida abriu-se uma fresta da porta e viram um dos olhos de Lockhart a espreitar.

— Oh!... Mr. Potter... Mr. Weasley — disse, entreabrindo a porta. — Estou um pouco ocupado neste momento, se forem rápidos...

— Professor, nós temos informações para lhe dar — disse o Harry. — Acho que poderão ajudá-lo.

— Hã... bem... não é — O lado da cara de Lockhart que conseguiam ver parecia muito pouco à vontade. — Quer dizer... bem... está bem.

Abriu a porta e eles entraram.

O gabinete estava praticamente vazio. No chão estavam duas grandes malas abertas. Mantos verde-jade, lilás, azul-noite tinham sido apressadamente dobrados e guardados dentro de uma das malas. Os livros misturavam-se todos dentro da outra. As fotografias que antes cobriam as paredes estavam agora arrumadas em caixas, em cima da secretária.

— Vai a algum lado? — perguntou Harry.

— Hã... bem... sim — hesitou Lockhart, arrancando da porta um *poster* seu em tamanho natural, enquanto falava, e começando a enrolá-lo. — Uma chamada urgente... inevitável... tenho de ir.

— E a minha irmã? — perguntou Ron bruscamente.

— Bem, quanto a isso foi uma pena — disse Lockhart, evitando olhá-los nos olhos, abrindo uma gaveta e começando a despejar o seu conteúdo dentro de um saco. — Ninguém lamenta mais do que eu...

— O senhor é o professor de Defesa Contra a Magia Negra — declarou Harry. — Não pode ir-se embora agora que todas estas coisas de Magia Negra estão a acontecer aqui.

— Bem, devo dizer-te que... quando aceitei o lugar... — resmungou

Lockhart, empilhando soquetes sobre os mantos — nada na descrição do meu trabalho fazia prever...

— Quer dizer que vai *fugir*? — perguntou Harry, incrédulo. — Depois de todas as coisas que conta nos seus livros?

— Os livros podem ser enganadores — disse Lockhart delicadamente.

— Mas foi o senhor quem os escreveu — gritou Harry.

— Meu rapaz — disse Lockhart, endireitando-se e franzindo as sobrancelhas —, usa o senso comum. Os meus livros não teriam vendido metade do que venderam se as pessoas não acreditassem que eu tinha feito todas aquelas coisas. Ninguém está interessado em ler sobre um velho feiticeiro americano mesmo que ele tenha salvado uma cidade inteira de lobisomens, ficaria péssimo na capa. E a feiticeira que correu com a Fada Carpideira tinha um queixo peludo. Como vês...

— Quer dizer que ficou com os louros por tudo o que uma série de outras pessoas fizeram? — perguntou Harry, sem querer acreditar.

— Harry, Harry — disse Lockhart, abanando impacientemente a cabeça. — Não é tão simples assim. Envolveu muito trabalho. Tive de localizar todas essas pessoas, perguntar-lhes em pormenor como tinham feito as coisas. Depois tive de lhes fazer um feitiço antimemória para que não voltassem a lembrar-se do que tinham feito. Se há uma coisa de que me orgulho é dos meus feitiços antimemória. Não, tive muito trabalho, Harry. Não foram só as sessões de autógrafos e as fotografias, sabes? Quem quer ser famoso tem de estar preparado para um trabalho longo e fatigante.

Fechou as malas à chave.

— Vejamos — disse. — Acho que está tudo. Sim, só falta uma coisa. — Empunhou a varinha e voltou-se para eles. — Lamento muito, rapazes, mas vou ter de vos fazer um feitiço antimemória. Não posso deixar que vão por aí repetir os meus segredos. Não venderia nem mais um livro.

Harry pegou na varinha mesmo a tempo e Lockhart mal tinha levantado a dele ao ar quando Harry gritou *Expelliarmus*!

Lockhart foi projectado de costas, indo cair em cima da mala. A varinha voou pelos ares. Ron agarrou-a e atirou-a pela janela aberta.

— Não devia ter deixado o professor Snape ensinar-nos esta — disse Harry, furioso, dando um pontapé a uma das malas. Lockhart olhava para ele, de novo atarantado. Harry apontava-lhe a varinha.

— O que queres que eu faça? — perguntou debilmente. — Eu não sei onde fica a Câmara dos Segredos. Não posso fazer nada.

— Está com sorte — disse Harry, forçando-o com a varinha a pôr-se de pé. — Nós julgamos saber onde é e o que está lá dentro. Vamos.

Conduziram Lockhart para fora do seu gabinete, desceram com ele as

escadas e seguiram pelo corredor escuro em cuja parede brilhavam as mensagens, até à porta da casa de banho da Murta Queixosa.

Mandaram Lockhart à frente. Harry gostou de ver que todo ele tremia.

A Murta Queixosa estava sentada no autoclismo do cubículo do fundo.

— Ah! são vocês — disse, ao ver Harry. — O que querem agora?

— Perguntar-te como morreste — declarou Harry.

O aspecto da Murta mudou por completo. Parecia que nunca lhe tinham feito uma pergunta tão lisonjeira.

— Ooooh! Foi horrível — disse satisfeita. — Aconteceu aqui mesmo.

Morri neste cubículo. Lembro-me tão bem. Estava escondida porque a Olive Hornby andava a implicar comigo por causa dos meus óculos. A porta estava fechada e eu estava a chorar e, então, ouvi alguém entrar. Disseram qualquer coisa estranha numa língua diferente, acho eu. Mas o que mais me espantou foi ser um rapaz a falar. Por isso, abri a porta para lhe dizer que fosse à casa de banho deles e nesse momento — Murta inchou com ar importante, o rosto a brilhar — morri.

— Como? — perguntou Harry.

— Não faço ideia — disse Murta numa voz abafada. — Só me lembro de ver dois grandes olhos amarelos, de o meu corpo ficar rígido e em seguida, sentir-me a flutuar... — Olhou sonhadoramente para Harry. — E depois voltei. Estava disposta a vingar-me da Olive Hornby, percebes? Ela ia arrepender-se de ter gozado com os meus óculos.

— Onde foi exactamente que viste os tais olhos? — perguntou Harry.

— Algures por aí — disse Murta, apontando vagamente para o lavatório em frente do seu cubículo.

Harry e Ron apressaram-se. Lockhart estava de pé, mais atrás, com uma expressão de pavor no rosto.

O lavatório parecia perfeitamente vulgar. Examinaram-no centímetro a centímetro, dentro e fora, incluindo os canos por baixo. E foi então que Harry reparou: de lado, rabiscada numa das torneiras de cobre, estava uma cobra pequenina.

— Essa torneira nunca funcionou — disse vivamente Murta enquanto ele tentava abri-la.

— Harry — sugeriu Ron —, diz qualquer coisa em serpentês.

Mas, pensou Harry, as únicas vezes em que conseguira falar serpentês tinham ocorrido quando confrontado com uma verdadeira serpente. Olhou, concentrado para a pequena cobra gravada no cobre, tentando imaginá-la como verdadeira.

— Abre-te — disse.

Olhou para Ron, que abanou a cabeça.

— Estás a falar inglês — disse ele.

Harry voltou a olhar para a cobra, forçando-se a acreditar que estava viva. Se movesse a cabeça, a luz da vela fazia parecer que se mexia.

— Abre-te — repetiu.

Mas desta vez as palavras não foram o que ele ouviu. Um estranho sibilar escapou-lhe da boca e a torneira ganhou uma luz branca e brilhante e começou a rodar. Logo a seguir o lavatório mexeu-se. Afundou-se, melhor dizendo, e desapareceu, deixando um grande cano à vista, um cano onde cabia um homem.

Harry ouviu a respiração arquejante de Ron e olhou de novo para ele. Já decidira o que queria fazer.

— Vou descer — disse.

Não podia deixar de ir, agora que acabavam de descobrir a entrada para a Câmara, existindo uma possibilidade, por mais remota que fosse, de Ginny ainda estar viva.

— Eu também — disse Ron.

Houve uma pausa.

— Bem, parece que não precisam mais de mim — apressou-se Lockhart a dizer, com uma réstia de sorriso. — Eu vou...

Pôs a mão no puxador da porta mas Ron e Harry apontaram-lhe ambos as varinhas.

— O senhor pode ir à frente — disse rispidamente Ron.

Pálido e sem varinha, Lockhart aproximou-se da entrada.

— Meus rapazes — disse numa voz débil. — Meus rapazes, para quê tudo isto?

Harry tocou-lhe nas costas com a varinha e ele meteu as pernas no cano.

— Não me parece que... — começou a dizer, mas Ron deu-lhe um empurrão e ele desapareceu pelo cano abaixo. Harry seguiu-o rapidamente. Introduziu-se lentamente e deixou-se cair.

Era como deslizar por um interminável escorrega, escuro e viscoso. Via outros canos, estendendo-se em todas as direcções, mas nenhum tão largo como o deles, que se torcia e virava, inclinando-se abruptamente. Harry sabia que iam direitos a um ponto muito abaixo da escola, ainda mais fundo do que as masmorras. Atrás de si, ouvia Ron, dando ligeiras pancadas nas curvas.

E então, quando começava a preocupar-se com o que iria acontecer quando tocassem no chão, o cano tornou-se horizontal e ele foi projectado com um ruído surdo, indo aterrar no chão húmido de um túnel de pedra com altura suficiente para ele se pôr de pé. Lockhart estava a levantar-se a alguma distância, todo enlameado e pálido como um fantasma. Harry

afastou-se para deixar Ron sair também do cano.

— Devemos estar quilómetros e quilómetros abaixo da escola — disse Harry, cuja voz ecoou no túnel negro.

— Talvez até debaixo do lago — arriscou Ron, olhando em volta para as paredes escuras e viscosas.

Voltaram-se os três para olhar para a escuridão lá ao fundo.

— *Lumus!* — murmurou Harry à varinha e ela voltou a acender-se.

— Vamos — disse a Ron e a Lockhart e avançaram, os pés a chapinharem ruidosamente no chão molhado.

O túnel era tão escuro que só conseguiam ver alguns centímetros à frente. As suas sombras nas paredes molhadas pareciam monstruosas à luz da varinha.

— Lembrem-se — disse Harry baixinho enquanto caminhavam —, ao menor movimento fechem logo os olhos...

Mas o túnel era silencioso como um túmulo e o primeiro som inesperado que ouviram foi algo a esmigalhar-se, quando Ron pisou um crânio de ratazana. Harry baixou a varinha para olhar para o chão e viu que estava cheio de pequenos ossos de animais. Fazendo um enorme esforço para evitar pensar em que estado iriam encontrar Ginny, avançou até uma curva escura do túnel.

— Harry, está aí qualquer coisa — avisou Ron com voz rouca, agarrando Harry pelo ombro.

Ficaram estáticos a olhar. Harry só conseguia ver o vulto de algo enorme e curvo deitado no túnel. Fosse o que fosse, não se movia.

— Talvez esteja a dormir — murmurou, olhando para os outros dois. Lockhart tapava os olhos com as mãos. Harry voltou-se para olhar para a criatura com o coração a bater tanto que lhe doía no peito.

Lentamente, com os olhos quase fechados mas ainda conseguindo ver, Harry avançou com a varinha levantada.

A luz deslizou sobre uma gigantesca pele de serpente, de um verde-vivo e venenoso, que jazia, vazia e enrolada, no chão do túnel. A criatura que a abandonara devia ter, pelo menos, seis metros de comprimento.

— Bolas — disse Ron, perdendo as forças.

Houve um movimento súbito atrás deles: Gilderoy Lockhart tinha-se ido abaixo das pernas.

— Levante-se — disse Ron de uma forma cortante, apontando-lhe a varinha.

Lockhart pôs-se de pé. Em seguida, empurrou Ron, atirando-o ao chão.

Harry deu um salto, mas... tarde de mais. Lockhart endireitava-se com a varinha de Ron nas mãos e um sorriso no rosto.

— A aventura acaba aqui, rapazes — disse. — Vou levar um bocado desta pele de cobra para a escola, contar-lhes que foi demasiado tarde para salvar a garota e que vocês os dois perderam tragicamente a memória com a visão do seu corpinho mutilado. Digam adeus às vossas recordações.

Levantou ao ar a varinha de Ron, colada com Magicola, e gritou *Obliviate!*

A varinha explodiu com a força de uma pequena bomba. Harry pôs os braços sobre a cabeça e correu, escorregou nos anéis da pele de cobra, afastando-se dos grandes pedaços de tecto do túnel que caíam no chão com o ruído de trovões. Pouco depois viu-se sozinho, olhando para uma sólida parede de pedaços de rocha.

— Ron — gritou ele. — Estás bem, Ron?

— Estou aqui — respondeu a voz abafada de Ron por detrás da avalanche de rochas. — Eu estou bem, mas este sujeito não. Foi atingido pelo feitiço.

Ouviu-se um ruído surdo e um «Au». Parecia que Ron tinha acabado de dar a Lockhart um pontapé nas canelas.

— E agora? — indagou a voz de Ron, que parecia desesperada. — Não podemos passar, vai demorar séculos.

Harry olhou para o tecto do túnel, onde tinham aparecido grandes fendas. Ele nunca tentara partir, através de magia, nada tão grande como aquelas rochas e agora não lhe parecia ser o melhor momento para fazer experiências. E se o túnel abatesse?

Houve um ruído surdo e outro «Au»! atrás das rochas. Estavam a perder tempo. Ginny já estava na Câmara dos Segredos havia duas horas. Harry sabia que só havia uma coisa a fazer.

— Espera aqui! — gritou a Ron. — Fica com o Lockhart, eu vou lá. Se não voltar dentro de uma hora...

Fez-se um silêncio pesado.

— Eu vou ver se desloco um pouco esta rocha — disse Ron, tentando manter a voz firme. — Para tu poderes passar. E, Harry...

— Até já — disse Harry, procurando injectar confiança na sua voz trémula.

E passou sozinho para lá da imensa pele de serpente.

Em breve, o ruído de Ron, tentando deslocar as rochas, deixou de se ouvir. O túnel virou uma e outra vez. Os nervos de Harry tangiam de forma desagradável. Ele só queria que o túnel chegasse ao fim, fosse o que fosse que o aguardasse. E então, finalmente, quando passou a última curva, viu na sua frente uma parede sólida que tinha gravadas duas serpentes enroladas uma na outra, cujos olhos eram quatro esmeraldas, enormes e



brilhantes.

Harry aproximou-se com a garganta seca. Não foi preciso imaginar que as serpentes eram autênticas. Os seus olhos pareciam estranhamente vivos.

Foi fácil descobrir o que tinha de fazer. Pigarreou e os olhos de esmeraldas pareceram mexer-se.

— Abre-te — disse Harry, num sibilar baixo.

As serpentes separaram-se, enquanto a parede se abria ao meio e cada metade desaparecia silenciosamente. A tremer dos pés à cabeça, Harry entrou.

## XVII

### O HERDEIRO DE SLYTHERIN

Encontrou-se ao fundo de uma divisão enorme, fracamente iluminada. Altíssimos pilares de pedra, envolvidos por serpentes esculpidas, erguiam-se, suportando um tecto que se perdia na escuridão e que lançava longas sombras negras através da estranha luz esverdeada que enchia o local.

Com o coração a bater descompassadamente, Harry ficou parado a ouvir aquele silêncio arrepiante. Estaria o Basilisco escondido num canto sombrio, atrás de algum pilar? E onde estaria Ginny?

Pegou na varinha e avançou ao longo das colunas serpenteantes. Cada um dos seus passos provocava um enorme eco nas paredes sombrias. Harry mantinha os olhos semicerrados e estava pronto para os fechar ao mais pequeno movimento. Os olhos vazios das serpentes de pedra pareciam segui-lo. Por mais de uma vez, com o estômago aos saltos, Harry julgou vê-los moverem-se.

Por fim, ao aproximar-se dos dois últimos pilares, avistou uma estátua da altura da própria Câmara que estava encostada à parede do fundo.

Teve de esticar o pescoço para olhar para cima, para a cara gigantesca: era antiga, com um ar simiesco e tinha uma barba enorme que descia quase até à orla do longo manto de pedra. Os dois pés imensos e cinzentos pousavam no chão da Câmara. E, entre eles, voltada para baixo, estava uma figura pequenina vestida de preto com um cabelo flamejante.

— *Ginny!* — murmurou Harry, chegando perto dela e ajoelhando-se. — Ginny, por favor não estejas morta, não estejas morta!

Atirou a varinha para o lado, agarrou Ginny pelos ombros e voltou-a. O rosto dela estava branco e frio como o mármore, contudo os olhos encontravam-se fechados, portanto não estava Petrificada. Mas então devia estar...

— Ginny, acorda por favor — repetiu Harry, desesperado, sacudindo-a.

A cabeça dela oscilava de um lado para o outro.

— Ela não vai acordar — disse uma voz suave.

Harry deu um salto e girou sobre os joelhos.

Um rapaz alto, de cabelo preto, estava encostado ao pilar mais próximo, a observá-lo. As sombras desfocavam-no como se Harry o visse através de uma janela embaciada, mas percebia-se bem quem era.

— Tom... Tom Riddle?

Riddle acenou, sem tirar os olhos do rosto de Harry.

— O que queres dizer com isso de ela não acordar? — perguntou Harry, desesperado. — Ela não está... não está?

— Está viva — disse Riddle. — Mas por um fio.

Harry olhou fixamente para ele. Tom Riddle frequentara Hogwarts havia cinquenta anos. Contudo, ali estava, iluminado por uma luz estranha e desfocada, sem um dia a mais do que os seus dezasseis anos.

— És um fantasma? — perguntou Harry.

— Uma memória — disse Riddle. — Preservada num diário durante cinquenta anos.

Apontou para os pés da estátua gigantesca. Ali, aberto no chão, estava o pequeno diário de capa preta que Harry tinha encontrado na casa de banho da Murta Queixosa. Durante um segundo, perguntou a si próprio como teria ido ali parar, mas havia coisas mais importantes a fazer.

— Preciso da tua ajuda, Tom — disse Harry, levantando de novo a cabeça de Ginny. — Temos de sair daqui. Há um Basilisco... não sei onde está, mas pode aparecer a qualquer momento. Por favor, ajuda-me.

Riddle não se mexeu. Harry, a transpirar, conseguiu levantar ligeiramente Ginny do solo e inclinou-se para pegar na varinha mas ela tinha desaparecido.

— Viste a...?

Olhou para cima. Riddle continuava a olhá-lo, fazendo girar a varinha entre os dedos longos.

— Obrigado — disse Harry, esticando o braço para a agarrar.

Um sorriso surgiu então nos cantos da boca de Riddle, que continuou a olhar para ele, girando indolentemente a varinha.

— Ouve lá — disse Harry, sem querer perder mais tempo, os joelhos a vergarem sob o peso morto de Ginny —, temos de ir. Se o Basilisco aparece...

— Ele não vem, enquanto não for chamado — afirmou Riddle com toda a calma.

Harry voltou a pousar Ginny no chão, incapaz de a segurar por mais tempo.

— Que queres dizer com isso? — perguntou. — Dá-me a minha varinha, posso precisar dela.

O sorriso de Riddle alargou-se.

— Não vais precisar dela — disse.

Harry olhou-o, espantado.

— O que queres dizer?

— Esperei muito tempo por isto, Harry Potter — disse Riddle. — Pela possibilidade de te ver, de falar contigo.

— Olha, eu acho que tu não estás a perceber — disse Harry, perdendo a paciência. — Estamos na Câmara dos Segredos, podemos conversar mais tarde.

— Vamos conversar agora — disse Riddle, sorrindo de orelha a orelha e guardando a varinha de Harry no bolso.

Harry voltou a olhar para ele. Havia qualquer coisa de muito estranho em tudo aquilo.

— Como é que a Ginny ficou assim? — perguntou pausadamente.

— Bem, essa é uma pergunta interessante — disse Riddle, divertido. — E uma longa história, também. Julgo que o verdadeiro motivo que levou a Ginny Weasley a ficar assim foi o ter aberto o seu coração e revelado todos os seus segredos a um estranho ser invisível.

— De que estás a falar? — perguntou Harry.

— Do diário — disse Riddle. — Do *meu* diário. A Ginny escreve nele há meses e meses, contando-me todos os seus insignificantes problemas e atribulações: como os irmãos a arreliam, como teve de vir para a escola com mantos e livros em segunda mão — os olhos de Riddle brilharam —, como acha que o maravilhoso, o grande, o famoso Harry Potter nunca vai gostar dela...

Enquanto falava, nunca os olhos de Riddle se afastaram da cara de Harry. Havia neles um olhar ávido.

— É muito chato ter de ouvir as preocupações idiotas de uma garotinha de onze anos — prosseguiu. — Mas eu fui paciente. Respondi-lhe, mostrei-me compreensivo e amável. A Ginny pura e simplesmente *adorou-me*.

*«Nunca ninguém me compreendeu como tu, Tom... estou tão feliz por ter este diário a quem me confiar... é como ter um amigo que pode andar no meu bolso...»*

Riddle riu-se. Um riso alto, frio, que não lhe assentava bem. Os pêlos do pescoço de Harry arrepiaram-se.

— Verdade se diga que sempre consegui encantar as pessoas de quem preciso. Portanto, a Ginny abriu-me a sua alma, que era precisamente o que eu queria. Fortaleceu-me. Alimentei-me dos seus medos mais profundos,

dos seus mais obscuros segredos. Fui ficando cada vez mais forte e poderoso. Muito mais poderoso do que a pequena Miss Weasley, até que comecei a transmitir-lhe alguns dos *meus* segredos, a passar um pouco da *minha* alma para ela...

— O que queres dizer? — perguntou Harry, cuja boca ficara totalmente seca.

— Ainda não descobriste, Harry Potter? — disse Riddle baixinho. — A Ginny Weasley abriu a Câmara dos Segredos, estrangulou os galos da escola e escreveu mensagens assustadoras nas paredes. Atiçou a serpente de Slytherin contra quatro Sangues de Lama e contra o gato do cepatorta.

— Não! — murmurou Harry.

— Sim! — contrapôs calmamente Riddle. — É claro que, a princípio, não sabia o que estava a fazer. Foi muito divertido. Gostava que visses as coisas que escreveu no diário, começaram a ficar muito mais interessantes.

*Querido Tom* — recitou, olhando para a expressão horrorizada de Harry. — *Acho que estou a perder a memória. Há penas de galo em todas as minhas roupas e eu não sei como foram lá parar. Querido Tom, não me lembro do que fiz na noite de Hallowe'en, mas atacaram uma gata e tenho o manto cheio de tinta. Querido Tom, o Percy não pára de me dizer que ando pálida e não pareço eu. Acho que ele suspeita de mim... Houve outro ataque hoje e eu não sei onde estava. Tom, que vou eu fazer? Acho que estou a ficar maluca... acho que ando a atacar toda a gente, Tom!*

Harry tinha os punhos fechados, as unhas cravadas nas palmas das mãos.

— Levou muito tempo até esta miúda estúpida deixar de confiar no diário — disse Riddle. — Mas acabou por ficar desconfiada e tentou livrar-se dele. E é aí que tu entras, Harry. Tu encontraste-o. E eu não poderia ter ficado mais satisfeito. De todas as pessoas que poderiam ter ficado com ele, foste tu, aquele que eu ambicionava conhecer...

— E por que querias conhecer-me? — perguntou Harry. Começava a ser tomado pela raiva e fez um esforço para manter o tom de voz controlado.

— Bem, a Ginny contou-me tudo a teu respeito — disse Riddle. — A tua fascinante história. — Os seus olhos pousaram na cicatriz na testa de Harry e a sua expressão ganhou maior avidez. — Sabia que devia descobrir mais a teu respeito, falar-te, encontrar-me contigo, se fosse possível. Por isso, para ganhar a tua confiança, resolvi mostrar-te a famosa captura que fiz daquele demente do Hagrid.

— O Hagrid é meu amigo — disse Harry já com a voz a tremer. — E tu tramaste-o, não foi? Pensei que tinha sido um engano, mas...

Ele riu-se. O mesmo riso de antes.

— Era a minha palavra contra a palavra dele. Imagina a cara do velho

Armando Dippet. De um lado, o Tom Riddle, pobre mas brilhante, sem pais mas corajoso, prefeito da escola, um modelo de aluno. Do outro lado, o Hagrid, grande e disparatado, arranjando problemas semana sim, semana não, tentando criar filhotes de lobisomens debaixo da cama, escapando-se para a Floresta Proibida para lutar com *trolls*. Mas, devo admitir que até eu próprio fiquei admirado com os excelentes resultados do meu plano. Pensei que alguém perceberia que o Hagrid nunca poderia ser o herdeiro de Slytherin. Demorei cinco anos inteirinhos até descobrir tudo o que me foi possível sobre a Câmara dos Segredos e a sua entrada secreta... como se o Hagrid tivesse miolos ou poder para isso!

«Só o professor de Transfiguração, o Dumbledore, parecia achar que ele estava inocente. Convenceu o Dippet a mantê-lo aqui e a treiná-lo como guarda dos campos. Sim, é natural que o Dumbledore tenha adivinhado, nunca gostou de mim como os outros professores.»

— Aposto que o Dumbledore te topou logo — disse Harry, de dentes cerrados.

— Pelo menos passou a vigiar-me de perto, a partir do momento em que o Hagrid foi expulso — disse Riddle descuidadamente. — Eu sabia que não era seguro voltar a abrir a Câmara enquanto ainda estava na escola, mas não ia desperdiçar os longos anos que passara a pesquisar. Decidi, por isso, deixar um diário preservando nas suas páginas o meu ego de dezasseis anos para que um dia, com um pouco de sorte, pudesse levar outro a seguir os meus passos e acabar o nobre trabalho de Salazar Slytherin.

— Bem, não o acabaste — disse Harry, triunfante. — Ninguém morreu até agora, nem mesmo a gata. Dentro de poucas horas, a Poção de Mandrágoras estará pronta e todos os que foram Petrificados voltarão de novo a si.

— Não acabei de te dizer que matar Sangues de Lama já não me interessa? Há muitos meses que o meu alvo és... *tu*.

Harry ficou a olhar para ele, espantado.

— Podes imaginar como fiquei furioso quando, no outro dia, o diário foi aberto e vi que era a Ginny quem estava a escrever e não tu. Ela viu-te com o diário e entrou em pânico. E se tu descobrisses como trabalhar com ele e eu te repetisse todos os seus segredos? Ainda pior, e se eu te contasse quem tinha andado a estrangular os galos? Por isso, a grande palerma esperou que o teu dormitório estivesse deserto e foi lá roubá-lo. Mas eu sabia o que tinha de fazer. Era óbvio que andavas na pista do herdeiro de Slytherin. Por tudo o que a Ginny me contara a teu respeito, sabia que irias até onde fosse preciso para desvendar o mistério, principalmente se um dos teus melhores amigos tivesse sido atacado. E a Ginny disse-me que a escola toda

bichanava por tu falares serpentês...

«Por isso, obriguei a Ginny a escrever a sua própria despedida na parede, a vir até aqui e esperar. Ela debateu-se e gritou e ficou muito chatinha. Mas já não lhe resta muita vida: revelou grande parte de si no diário, a mim. O suficiente para eu poder abandonar, por fim, as suas páginas. Desde que aqui cheguei que estou à tua espera. Sabia que virias. Tenho muitas perguntas a fazer-te, Harry Potter.»

— Que perguntas? — indagou Harry, com os punhos fechados.

— Bem — prosseguiu Riddle, sorrindo de satisfação. — Como é que um bebé sem talentos de magia especiais foi capaz de derrotar o maior feiticeiro de sempre? Como conseguiste escapar só com uma cicatriz, quando os poderes de Lord Voldemort foram destruídos?

Havia agora nos seus olhos um brilho vermelho e irado.

— O que é que te interessa saber como eu escapei? — disse Harry lentamente. — O Voldemort veio depois de ti.

— O Voldemort — disse Riddle — é o meu passado, o meu presente e o meu futuro, Harry Potter...

Tirou a varinha de Harry do bolso e começou a escrever no ar três palavras brilhantes:

TOM MARVOLO RIDDLE

Em seguida, fez um gesto com a varinha e as letras do seu nome reagruparam-se de outro modo.

I AM LORD VOLDEMORT (Eu sou Lord Voldemort).

— Vês? — murmurou. — Era um nome que eu já usava em Hogwarts, para os meus amigos mais íntimos apenas, como é óbvio. Achas que ia usar para sempre o nome nojento do meu pai Muggle? Eu, em cujas veias, pelo lado materno, corre o sangue de Salazar Slytherin? Eu, manter o nome de um Muggle cretino que me abandonou ainda antes de eu nascer só porque descobriu que a mulher com quem casara era uma feiticeira? Não, Harry, arranjei um novo nome, um nome que eu sabia que os feiticeiros de todo o mundo viriam um dia a ter medo de pronunciar, quando eu me tivesse tornado o maior feiticeiro do mundo.

A cabeça de Harry parecia bloqueada. Olhou como que paralisado para Riddle, para o rapaz do orfanato, que, depois de crescer, matara os seus pais e tantos outros. Por fim, com algum esforço, conseguiu falar.

— Não és — disse numa voz calma e cheia de ódio.

— Não sou o quê? — perguntou Riddle, irritado.

— Não és o maior feiticeiro do mundo — disse Harry, com a respiração acelerada. — Lamento desiludir-te, mas o maior feiticeiro do mundo é o Albus Dumbledore. Toda a gente sabe. Mesmo tu, quando tinhas força, não

ousavas tentar aproximar-te de Hogwarts. O Dumbledore topou-te perfeitamente quando andavas na escola e ainda agora te assusta, onde quer que te escondas.

O sorriso desaparecera do rosto de Riddle, fora substituído por um olhar furioso.

— O Dumbledore foi afastado deste castelo pela simples *memória* da minha pessoa — sibilou.

— Ele não está tão longe como pensas — retorquiu Harry. Falava por falar, tentando assustar Riddle, desejando que as suas palavras fossem verdade.

Riddle abriu a boca, mas não chegou a falar.

Tinha começado a ouvir-se uma música. Riddle deu uma volta, olhando para a Câmara vazia. A música estava a ficar mais alta. Era misteriosa, arrepiante, sobrenatural. Fez Harry ficar com os cabelos em pé e o coração aumentar-lhe no peito. Por fim, quando a música atingiu um volume tão alto que Harry a sentiu vibrar dentro das suas costelas, começaram a sair chamas do topo do pilar mais próximo.

Uma ave carmesim do tamanho de um cisne surgiu, entoando a sua estranha melodia para o tecto abobadado. Tinha uma cauda dourada tão longa como a de um pavão e garras douradas e brilhantes que seguravam uma trouxa andrajosa.

Segundos depois, a ave voava em direcção a Harry. Deixou cair a coisa andrajosa aos seus pés e pousou pesadamente no seu ombro. Quando fechou as enormes asas, Harry olhou para cima e viu que tinha um longo bico afiado e olhos escuros pequenos e brilhantes.

A ave parou de cantar. Ficou quieta junto da cara de Harry, olhando fixamente para Riddle.

— É uma fénix — disse Riddle, olhando sagazmente para ela.

— *Fawkes*? — murmurou Harry e sentiu as garras douradas apertarem-lhe devagarinho o ombro.

— E aquilo — disse Riddle, olhando para a coisa velha que *Fawkes* deixara no chão — é o velho Chapéu Seleccionador da escola.

Era, de facto. Remendado, puído e sujo, o chapéu jazia imóvel aos pés de Harry.

Riddle começou a rir. Riu-se tanto que a Câmara escura se lhe juntou num eco tal que parecia que dez Riddles se riam ao mesmo tempo.

— Eis o que o Dumbledore envia ao seu defensor. Um pássaro que canta e um chapéu velho. Estás cheio de coragem, Harry Potter? Sentes-te agora mais seguro?

Harry não respondeu. Podia não estar a ver a vantagem da *Fawkes* ou do



Chapéu Seleccionador, mas já não se sentia só, e esperou corajosamente que Riddle parasse de rir.

— Vamos ao que importa, Harry — disse ele, ainda com um enorme sorriso. — Encontrámo-nos duas vezes no teu passado, que é o meu futuro. E duas vezes falhei ao tentar matar-te. *Como foi que sobreviveste?* Conta-me tudo. Quanto mais falares, mais tempo tens de vida.

Harry pensava rapidamente, medindo as suas possibilidades. Riddle tinha a varinha. Ele, Harry, tinha a *Fawkes* e o Chapéu Seleccionador, que não lhe serviriam de muito no combate. As coisas pareciam más, é certo. Mas quanto mais tempo Riddle ali estivesse, mais vida retirava a Ginny... e, entretanto, Harry reparou que a silhueta de Riddle se tornava mais nítida, mais sólida. Se tinha de haver uma luta entre os dois, quanto mais depressa melhor.

— Ninguém sabe por que perdeste os poderes quando me atacaste — disse bruscamente. — Eu próprio não sei. Mas sei por que não me conseguiste matar. A minha mãe morreu para me salvar. A minha mãe, uma vulgar filha de Muggles — acrescentou, a tremer de raiva. — Ela impediu que tu me matasses. E eu vi-te como tu és, no ano passado. És um destroço, quase não existes. Foi onde o teu poder te levou. Estás escondido, és horrível e és louco.

O rosto de Riddle contorceu-se. Em seguida, forçou um sorriso pavoroso.

— Quer dizer, então, que a tua mãe morreu para te salvar. Sim, é um antifetição poderoso. Compreendo agora, afinal não há em ti nada de especial. Eu tinha curiosidade, sabes, porque há uma estranha semelhança entre nós, Harry Potter. Até tu deves ter reparado. Somos ambos meio-sangue, órfãos, criados com Muggles, provavelmente os dois únicos que falam serpentês desde o grande Slytherin, até nos parecemos um pouco fisicamente... mas afinal foi apenas uma questão de sorte que te salvou. Era o que eu queria saber.

Harry ficou parado, tenso, à espera que Riddle levantasse a varinha, mas o seu sorriso cínico alargou-se de novo.

— Agora, Harry, vou dar-te uma pequena lição. Vamos confrontar os poderes de Lord Voldemort, herdeiro de Salazar Slytherin e do famoso Harry Potter, munido com as melhores armas que o Dumbledore lhe conseguiu dar.

Lançou um olhar divertido a *Fawkes* e ao Chapéu Seleccionador e, em seguida, afastou-se. Harry, com as pernas entorpecidas pelo medo, viu-o parar entre dois pilares altos e olhar para a cara de pedra de Slytherin, lá em cima na semiobscuridade. Riddle abriu a boca e sibilou, mas Harry

compreendeu o que ele dizia.

— *Responde-me, Slytherin, o maior dos quatro de Hogwarts.*

Harry voltou-se para olhar melhor para a estátua com *Fawkes* oscilando no ombro.

A gigantesca cara de pedra de Slytherin movia-se. Horrificado, Harry viu a boca da estátua abrir-se mais e mais até se transformar num buraco negro.

E algo se agitava dentro daquela boca. Algo se arrastava para fora das suas entranhas.

Harry recuou até à parede escura da Câmara e, enquanto fechava os olhos com força, sentiu a asa de *Fawkes* roçar-lhe o rosto e levantar voo. Harry quis gritar: — Não me abandonem! — mas que possibilidades tinha uma fénix contra o rei das serpentes?

Uma coisa enorme bateu no chão de pedra, que Harry sentiu estremecer. Sabia o que estava a acontecer, podia senti-lo, quase podia ver a serpente gigantesca a sair da boca de Slytherin. Foi então que ouviu a voz de Riddle sibilar: *Mata-o.*

O Basilisco avançava em direcção a Harry. Ele ouvia o seu corpo enorme escorregar pesadamente pelo chão cheio de pó. Com os olhos sempre fechados, Harry começou a correr para o lado, às cegas, com as mãos abertas a tactear o caminho. Riddle ria-se às gargalhadas.

Harry escorregou e caiu no chão de pedra e a boca soube-lhe a sangue. A serpente estava a poucos centímetros dele. Podia ouvi-la a aproximar-se.

Ouviu-se um salivar explosivo por cima dele e alguma coisa pesada bateu-lhe com tanta força que ele ficou esmagado contra a parede. Esperando que os dentes da serpente lhe perfurassem o corpo, ouviu mais sibilar e qualquer coisa que se agitava com força contra os pilares.

Não conseguiu evitar. Entreabrindo os olhos, espreitou o que se passava.

A enorme serpente, brilhante, de um verde venenoso, espessa como o tronco de um carvalho, erguera-se no ar e a sua imensa cabeça agitava-se de um lado para o outro, entre os dois pilares. Quando Harry, a tremer, se preparava para fechar de novo os olhos se ela se voltasse, percebeu o que distraía a cobra.

*Fawkes* esvoaçava em volta da sua cabeça e o Basilisco, furioso, tentava agarrá-la com os dentes longos e afiados como sabres.

*Fawkes* mergulhou. Harry deixou de ver o bico fino e dourado e uma súbita chuva de sangue escuro inundou o chão. A cauda da serpente agitou-se, não batendo em Harry por pouco e, antes que ele pudesse fechar os olhos, voltou-se. Harry olhou de frente para a cabeça da serpente e viu que os seus olhos, os dois olhos amarelos e bolbosos, tinham sido perfurados

pela fénix. O sangue escorria pelo chão e a serpente cuspiu em agonia.

— *Não!* — Harry ouviu o grito de Riddle. — *Deixa a ave, deixa a ave, o rapaz está atrás de ti, ainda podes cheirá-lo. Mata-o!*

A serpente cega oscilou confusa, ainda mortal. *Fawkes* andava à volta da cabeça dela, entoando a sua misteriosa cantilena, picando-lhe aqui e ali o nariz cheio de escamas, enquanto o sangue jorrava dos seus olhos destruídos.

— Ajudem-me! Ajudem-me! — murmurava Harry aflito. — Alguém me ajude!

A cauda da serpente chicoteou de novo o chão. Harry baixou-se, e algo macio tocou-lhe no rosto.

O Basilisco lançara o Chapéu Seleccionador para os braços de Harry, que o agarrou. Era tudo o que tinha, a sua única esperança. Enfiou-o na cabeça e lançou-se ao chão, enquanto a cauda do Basilisco passava de novo sobre si.

— Ajudem-me, ajudem-me — pensou Harry, os olhos cerrados debaixo do chapéu. — Por favor, ajudem-me.

Nenhuma voz lhe respondeu. Em vez disso, o chapéu contraiu-se como se uma mão invisível o tivesse apertado devagarinho.

Alguma coisa muito dura e pesada caíra sobre a sua cabeça, quase o fazendo desmaiar. A ver estrelas em frente dos olhos, agarrou o chapéu para o tirar e sentiu lá dentro uma coisa longa e dura.

Uma espada de prata cintilante tinha surgido dentro do chapéu. Tinha um cabo cravejado de rubis do tamanho de pequenos ovos.

— *Mata o rapaz, deixa a ave. O rapaz está atrás de ti. Cheira-o!*

Harry estava de pé, preparado. A cabeça do Basilisco baixava, o corpo serpenteava, batendo nos pilares quando se torcia para ficar de frente para ele. Harry podia ver as enormes órbitas ensanguentadas, a boca toda aberta, suficientemente grande para o engolir inteiro, munida de dentes tão longos como a sua espada, finos, brilhantes, venenosos...

Começou a atacar às cegas. Harry baixou-se e a serpente bateu na parede da Câmara. Atacou de novo e a sua língua bifurcada lambeu o corpo de Harry, que levantou a espada com ambas as mãos.

O Basilisco investiu mais uma vez e agora a pontaria foi certa. Harry pôs todo o seu peso contra a espada e enterrou-a até aos copos no céu da boca da serpente.

Mas quando o sangue quente lhe encheu os braços, sentiu uma dor aguda mesmo acima do cotovelo. Um longo dente venenoso penetrava cada vez mais fundo no seu braço, partindo-se, quando o Basilisco tombou para o lado, e caiu no chão a contorcer-se.

Harry escorregou ao longo da parede, apertou com força o dente que estava a derramar veneno por todo o seu corpo e arrancou-o do braço. Mas sabia que era demasiado tarde. Uma dor quente emanava lenta e perseverantemente da ferida. Quando deixou cair o dente e viu o seu próprio sangue manchando-lhe as vestes, a vista começou a ficar turva e a Câmara diluía-se numa rotação ardente e colorida.

Mas algo escarlate passou por ele e Harry ouviu ao seu lado um suave ruído de garras.

— *Fawkes* — disse com a voz empastada. — Foste sensacional, *Fawkes*. — Sentiu o pássaro encostar a sua elegante cabeça ao sítio onde o dente da serpente o tinha ferido.

Ouviu passos ecoarem no vazio e em seguida uma sombra escura moveu-se à sua frente.

— Estás morto, Harry Potter — disse a voz de Riddle, acima dele. — Morto. Até o pássaro do Dumbledore sabe disso. Vês o que ele está a fazer? A chorar.

Harry piscou os olhos. A cabeça de *Fawkes* ora estava focada, ora desfocada. Lágrimas grossas como pérolas escorriam das suas penas lustrosas.

— Vou sentar-me aqui a ver-te morrer, Harry Potter. Leva o teu tempo, eu não tenho pressa.

Harry sentiu-se sonolento. À sua volta, tudo parecia girar.

— E assim acaba o famoso Harry Potter — disse a voz distante de Riddle. — Sozinho na Câmara dos Segredos, esquecido pelos amigos, finalmente derrotado pelo Senhor do Mal que ele tão imprudentemente desafiou. Vais reunir-te à tua querida mãe Sangue de Lama, Harry... Ela deu-te doze anos de tempo emprestado... Mas Lord Voldemort apanhou-te no fim, como sabias que teria de acontecer.

Se morrer é isto, pensou Harry, não é assim tão mau. Até a dor estava a desaparecer.

Mas, estaria a morrer? Em vez de ficar mais escura, a Câmara parecia voltar a estar nítida. Harry sacudiu levemente a cabeça e viu *Fawkes* ainda repousando a cabeça no seu ombro.

Uma fiada de pérolas brilhava em volta da ferida... só que a ferida desaparecera.

— Sai daqui, pássaro — disse subitamente a voz de Riddle. — Afasta-te dele. Já te disse, *sai daqui!*

Harry levantou a cabeça. Riddle apontava a sua varinha a *Fawkes*. Ouviu-se um tiro que parecia de carabina e *Fawkes* levantou novamente voo num rodopio de ouro e escarlate.

— Lágrimas de fénix — disse Riddle em voz baixa, olhando para o braço de Harry. — É claro... poderes curativos... esqueci-me...

Olhou para a cara de Harry. — Mas não faz mal. Pensando bem, eu até prefiro assim. Tu e eu, Harry Potter... Tu e eu...

Levantou a varinha.

Então, num roçar de asas, *Fawkes* voou sobre as cabeças de ambos, deixando cair uma coisa no colo de Harry: *o diário*.

Durante uma fracção de segundo, tanto Harry como Riddle, ainda com a varinha levantada, ficaram a olhar para aquilo. Em seguida, sem pensar, sem ponderar, como se pensasse fazê-lo desde o princípio, Harry agarrou o dente do Basilisco que estava no chão, junto dele, e espetou-o no coração do caderno.

Ouviu-se um grito longo e terrível. A tinta esguichou em torrentes de dentro do diário, derramando-se sobre as mãos de Harry e inundando o chão. Riddle torcia-se e contorcia-se, estrebuchando, aos gritos. E, por fim... desapareceu.

A varinha de Harry caiu ao chão com um baque e fez-se silêncio, um silêncio apenas cortado pelo pingue pingue da tinta que ainda escorria do diário. Com um leve silvo, o veneno do Basilisco abriu um buraco mesmo no meio do caderno.

A tremer dos pés à cabeça, Harry pôs-se de pé. Sentia tudo a andar à roda como se tivesse viajado quilómetros e quilómetros com o pó de Floo. Lentamente, apanhou a varinha e o Chapéu Seleccionador, e com um grande puxão arrancou a espada cintilante do céu da boca da serpente.

Ouviu-se então um gemido fraco ao fundo da Câmara. Ginny estava a mexer-se.

Quando Harry chegou junto dela, sentou-se. Os seus olhos abismados saltaram do Basilisco morto para Harry, com o manto ensopado de sangue e, em seguida, para o diário que ele tinha nas mãos. Soltou um enorme soluço e as lágrimas começaram a escorrer-lhe pelo rosto.

— Harry... oh, Harry, eu tentei dizer-te ao p-pequeno-almoço mas não fui capaz em frente do Percy. Era *eu*, Harry, mas eu... eu... j-juro que não q-queria... o R-Riddle obrigou-me, p-possui-me e... *como* é que mataste esse bicho? O-onde está o Riddle? A última coisa de que me lembro foi de o ver a sair do diário...

— Está tudo bem — disse Harry, mostrando-lhe o diário com o buraco do dente. — O Riddle acabou, olha. Ele e o Basilisco. Anda, Ginny, vamos embora daqui.

— Vou com certeza ser expulsa — disse Ginny a chorar, enquanto Harry a ajudava a pôr-se de pé. — Desde que o B-Bill veio para Hogwarts que eu

sonhava vir também para cá e a-agora vou ter de me ir embora e... O que vão a minha mãe e o meu pai dizer?

*Fawkes* esperava por eles, pairando no ar, à entrada da Câmara. Harry fez Ginny avançar, passaram sobre os anéis imóveis do Basilisco, pela escuridão cheia de ecos e voltaram ao túnel. Harry ouviu as portas de pedra fecharem-se atrás deles com um leve sibilar.

Depois de alguns minutos a caminhar pelo túnel escuro, chegou aos ouvidos de Harry o som distante do deslocar de uma rocha.

— Ron — gritou ele, apressando-se. — A Ginny está bem. Está aqui comigo!

Ouviu Ron gritar de alegria e, ao ultrapassar a curva seguinte, viram a sua cara ansiosa a espreitar por uma abertura bastante grande que conseguira abrir na derrocada.

— Ginny! — Ron estendeu o braço pela fresta para a puxar primeiro. — Estás viva. Não posso acreditar. O que aconteceu?

Tentou abraçá-la, mas Ginny afastou-o, soluçando.

— Mas estás bem, Ginny — disse Ron, sorrindo para ela. — Já passou tudo... De onde veio esse pássaro?

*Fawkes* passara pela abertura, atrás de Ginny.

— É do Dumbledore — explicou Harry, espremendo-se para caber também.

— E como arranjaste uma espada? — perguntou Ron, olhando, espantado, para a arma brilhante que Harry tinha na mão.

— Eu explico-te tudo quando sairmos daqui — disse Harry, lançando um olhar de esguelha a Ginny.

— Mas...

— Mais tarde — disse Harry rapidamente. Não lhe parecia uma boa ideia contar a Ron quem tinha aberto a Câmara, ali, em frente de Ginny. — Onde está o Lockhart?

— Ali atrás — disse Ron, a rir e a abanar a cabeça em direcção ao cano. — Está em muito mau estado. Anda ver.

Conduzidos por *Fawkes*, cujas grandes asas escarlates emitiam uma suave luz dourada que brilhava na escuridão, voltaram ao lugar onde o cano começava. Gilderoy Lockhart estava sentado a cantarolar baixinho.

— Perdeu a memória — disse Ron. — O Encantamento de Memória atingiu-o a ele. Não sabe quem é nem onde está, nem sequer sabe quem nós somos. Eu disse-lhe que viesse para aqui e esperasse. É um perigo para ele próprio.

Lockhart olhou-os, bem-disposto.

— Olá — disse. — Que lugar estranho, este. É aqui que vocês moram?

— Não — respondeu Ron, levantando as sobrancelhas para Harry.

Harry baixou-se e observou o túnel escuro e longo.

— Já pensaste como é que vamos sair daqui? — perguntou a Ron.

O amigo abanou a cabeça, mas *Fawkes*, a fénix, tinha passado por Harry e estava agora no ar, em frente dele, os olhos como pérolas a brilharem no escuro. Abanava as longas penas douradas da cauda. Harry olhou para ela, inseguro.

— Ela parece querer que a agarres — disse Ron, perplexo. — Mas tu és muito pesado para um pássaro.

— A *Fawkes* — disse Harry — não é um pássaro qualquer.

Voltou-se rapidamente para os companheiros.

— Temos de nos agarrar uns aos outros. Ginny, agarra a mão de Ron. O professor Lockhart...

— Ele está a falar consigo — disse Ron secamente.

— Agarre a outra mão da Ginny.

Harry entalou a espada e o Chapéu Seleccionador no cinto. Ron deitou a mão ao manto de Harry e este agarrou as penas da cauda, estranhamente quentes, da *Fawkes*.

Sentiu uma extraordinária leveza apoderar-se de todo o seu corpo e em seguida estavam todos a voar pelo cano acima. Harry conseguia ouvir Lockhart, lá atrás, comentando: — Espantoso, isto parece mágico! — O ar frio batia nos cabelos de Harry e, antes que ele tivesse deixado de gozar aquela viagem, já ela acabara. Os quatro escorregavam pelo chão molhado da casa de banho da Murta Queixosa e, enquanto Lockhart endireitava o chapéu, o lavatório voltara ao seu lugar, tapando o cano.

Murta arregalou os olhos.

— Vocês estão vivos — disse inexpressivamente a Harry.

— Não é preciso mostrares-te tão desiludida — respondeu ele, muito sério, limpando as nódoas de sangue e lodo dos óculos.

— Bem... é que eu pensei que, se vocês morressem, seriam bem-vindos à minha casa de banho — disse Murta com um rubor prateado.

— Hum! — fez Ron, quando saíram dali para o corredor deserto. — Harry, acho que a Murta gosta de ti. Tens concorrência, Ginny!

Mas Ginny continuava a chorar silenciosamente.

— Aonde vamos agora? — perguntou Ron, olhando ansiosamente para ela. Harry apontou.

*Fawkes* indicava o caminho, iluminando o corredor com o seu brilho dourado.

Seguiram-na e pouco depois estavam no gabinete da professora McGonagall.

Harry bateu e abriu a porta.



## XVIII

### A RECOMPENSA DE DOBBY

Durante alguns momentos reinou o silêncio, enquanto Harry, Ron, Ginny e Lockhart pararam na entrada da porta, cobertos de muco e limo e (no caso de Harry) sangue. Em seguida, ouviu-se um grito.

— Ginny!

Era Mrs. Weasley, que tinha estado a chorar, sentada em frente do lume. Pôs-se de pé num salto, seguida de Mr. Weasley e precipitaram-se ambos para a filha.

Harry olhava para trás deles. Dumbledore rejubilava junto da lareira, ao lado da professora McGonagall que, com a mão no peito, inspirava profundamente para se acalmar. *Fawkes* rasou as orelhas de Harry e foi instalar-se no ombro de Dumbledore, ao mesmo tempo que Harry dava por si nos braços de Mrs. Weasley, juntamente com Ron.

— Tu salvaste-a! Salvaste-a! COMO FOI QUE CONSEGUISTE?

— Acho que todos nós gostaríamos de saber — disse, sem energia, a professora McGonagall.

Mrs. Weasley soltou Harry, que hesitou um momento. Depois, foi até à secretária e colocou sobre o tampo o Chapéu Seleccionador, a espada cravejada de rubis e o que restava do diário de Riddle.

Em seguida, contou-lhes tudo. Falou durante quase um quarto de hora no silêncio extasiado: contou-lhes da voz sem corpo que ouvia, como Hermione acabara por descobrir que se tratava de um Basilisco que circulava nos canos, como ele e Ron tinham seguido as aranhas até à floresta, como *Aragog* lhes dissera onde morrera a última vítima do Basilisco, como tinham chegado à conclusão de que a vítima era a Murta Queixosa e que a entrada para a Câmara dos Segredos devia ser naquela casa de banho...

— Muito bem — elogiou a professora McGonagall quando ele se calou.

— Então, tu descobriste onde era a entrada, infringindo uma centena de regras da escola pelo caminho, devo dizer, mas como diabo saíram vocês vivos de lá de dentro?

Harry, com a voz já um pouco rouca de tanto falar, contou-lhes da chegada da *Fawkes* e do Chapéu Seleccionador, que lhe tinha dado a espada. Mas, chegando aí, hesitou. Até ao momento evitara referir-se ao diário de Riddle ou a Ginny. Ela tinha a cabeça encostada ao ombro de Mrs. Weasley e as lágrimas corriam-lhe ainda pelo rosto. E se a expulsassem? — pensou Harry, tomado de pânico. O diário de Riddle já não funcionava... quem poderia provar que fora ele quem a obrigara a fazer tudo aquilo?

Olhou instintivamente para Dumbledore, que sorria, o fogo iluminando-lhe os óculos de meia-lua.

— O que mais me interessa saber — disse Dumbledore amavelmente — é como conseguiu Lord Voldemort enfeitiçar a Ginny quando as minhas fontes me dizem que ele está neste momento escondido nas florestas da Albânia.

Um alívio, quente e glorioso percorreu Harry da cabeça aos pés.

— O quê? — exclamou Mr. Weasley, numa voz estupefacta. — O Quem-Nós-Sabemos enfeitiçou a Ginny? Mas a Ginny não... a Ginny não foi...?

— Foi este diário — esclareceu Harry rapidamente, pegando-lhe e mostrando-o a Dumbledore. — O Riddle escreveu-o quando tinha dezasseis anos.

Dumbledore pegou no diário e olhou atentamente por cima do seu nariz longo e adunco para as páginas queimadas e húmidas.

— Fantástico — disse em voz baixa. — É claro que ele deve ter sido o aluno mais brilhante que alguma vez passou por Hogwarts. — Olhou em volta para os Weasleys, que o observavam com um ar totalmente confuso.

— Muito poucas pessoas sabem que Lord Voldemort se chamou em tempos Tom Riddle. Eu próprio fui seu professor há cinquenta anos, em Hogwarts. Ele desapareceu depois de deixar a escola, viajou muito, mergulhou tão fundo nas artes da Magia Negra, associado aos piores feiticeiros, realizou transformações mágicas tão perigosas que, quando reapareceu como Lord Voldemort, estava totalmente irreconhecível. Ninguém o relacionou com o rapazinho inteligente e bonito que aqui foi, em tempos, Delegado dos Alunos.

— Mas a Ginny — insistiu Mrs. Weasley. — O que tem a nossa Ginny que ver com... com... ele?

— O diário — soluçou Ginny. — Eu a-andei todo o ano a escrever no

diário e ele r-respondia-me...

— Ginny! — repreendeu Mr. Weasley. — Não aprendeste nada do que te ensinei? Não me cansei de te dizer que nunca confiasses em nada que pensasse por si próprio *se não conseguisses ver onde tinha o cérebro?* Por que não me mostraste o diário, a mim ou à tua mãe? Um objecto suspeito como esse tinha de estar cheio de Magia Negra!

— Eu n-não sabia — soluçou Ginny. — Estava no meio dos livros que a mãe me comprou. Pensei que alguém se tinha esquecido dele ali...

— É melhor Miss Weasley ir imediatamente para a enfermaria — interrompeu Dumbledore com voz firme. — Foi sujeita a uma prova terrível. Não será castigada. Outros feiticeiros mais velhos e mais experientes do que ela têm sido ludibriados por Lord Voldemort. — Dirigiu-se à porta e abriu-a. — Repouso, cama e talvez uma caneca de chocolate quente. A mim, anima-me sempre — acrescentou, piscando-lhe simpaticamente o olho. — Vais ver que a Madame Pomfrey ainda está acordada. Ela tem estado a dar o sumo de Mandrágora às vítimas do Basilisco; julgo que elas estarão a acordar dentro de momentos.

— Então, a Hermione está bem! — exclamou Ron, cheio de alegria.

— Não houve danos irreversíveis — sossegou-o Dumbledore.

Mrs. Weasley saiu com Ginny e Mr. Weasley seguiu-as, ainda bastante abalado.

— Sabe, Minerva — disse pensativo o professor Dumbledore —, acho que tudo isto merece um banquete. Posso pedir-lhe que previna os cozinheiros?

— Certamente — disse, animada, a professora McGonagall, dirigindo-se também à porta. — Deixo-o a tratar das coisas com o Potter e o Weasley, está bem?

— Claro — disse Dumbledore.

Saiu e os dois olharam inseguros para Dumbledore. Que queria ela dizer com tratar das coisas? Certamente não iriam ser castigados?

— Lembro-me de vos ter dito a ambos que teria de vos expulsar se voltassem a quebrar as regras da escola — disse Dumbledore.

Ron abriu a boca, horrorizado.

— O que vem mostrar-nos que as melhores pessoas, às vezes, têm de engolir as suas próprias palavras. — Dumbledore sorriu e continuou: — Vocês vão receber ambos um prémio especial por serviços prestados à escola e... deixem-me ver, sim, acho que duzentos pontos cada um para os Gryffindor.

Ron ficou tão corado que parecia as flores de S. Valentim do Lockhart e voltou a fechar a boca.

— Mas um de vós parece demasiado calado sobre a sua participação nesta perigosa aventura — acrescentou Dumbledore. — Porquê tanta modéstia, Gilderoy?

Harry estremeceu. Esquecera-se por completo de Lockhart. Voltou-se e viu-o a um canto da sala ainda com o mesmo sorriso vago. Quando Dumbledore se dirigiu a ele, olhou por cima do ombro para ver com quem ele estava a falar.

— Professor Dumbledore — disse Ron rapidamente. — Houve um acidente lá em baixo, na Câmara dos Segredos. O professor Lockhart...

— Eu sou um professor? — perguntou Lockhart surpreso. — Devo ter sido péssimo, não é verdade?

— Tentou fazer um feitiço antimemória e o feitiço virou-se contra o feiticeiro — explicou Ron a Dumbledore.

— Incrível! — disse Dumbledore, abanando a cabeça, o bigode prateado a tremer. — Trespasado pela tua própria espada, Gilderoy!

— Espada? — disse Lockhart de forma imprecisa. — Eu não tenho espada. Esse rapaz é que tem — apontou para Harry. — Ele empresta-lhe uma.

— Importas-te de levar também o professor Lockhart até à enfermaria, Ron? — disse Dumbledore. — Eu gostava de falar um pouco mais com o Harry.

Lockhart saiu sem pressa. Antes de fechar a porta, Ron lançou um olhar curioso a Dumbledore e a Harry.

O director passou para uma das cadeiras junto do lume.

— Senta-te, Harry — disse. E Harry sentou-se, sentindo-se indescritivelmente nervoso.

— Antes de mais, Harry, quero agradecer-te — disse Dumbledore, com os olhos a brilharem de novo. — Deves ter demonstrado uma grande lealdade para comigo. Só isso poderia levar a *Fawkes* a ir ajudar-te.

Deu uma palmadinha à fénix, que pousara, entretanto, nos seus joelhos. Harry sorria acanhadamente sob o olhar observador de Dumbledore.

— Então, encontraste o Tom Riddle — prosseguiu o director amavelmente. — Calculo que ele estaria particularmente interessado em ti...

De repente, Harry lembrou-se de algo que o havia intrigado e as palavras saíram-lhe sem pensar.

— Professor Dumbledore... o Riddle disse que eu sou como ele, que há entre nós estranhas semelhanças...

— Ah! sim? — Dumbledore olhou pensativamente para ele, por debaixo das espessas sobrancelhas prateadas. — E o que achas tu disso?

— Eu não me considero parecido com ele — disse Harry, mais alto do que desejaria. — Isto é, eu sou um Gryffindor, eu sou...

Mas calou-se com uma dúvida a rondar-lhe o espírito.

— Professor — arriscou passado alguns momentos. — O Chapéu Seleccionador disse que eu... teria ficado bem nos Slytherin; durante algum tempo toda a gente pensou que eu era o herdeiro de Slytherin por falar serpentês...

— Tu falas serpentês, Harry — explicou Dumbledore calmamente — porque Lord Voldemort, que é o único descendente de Salazar Slytherin, fala serpentês. Ou eu me engano muito, ou ele transferiu para ti alguns dos seus poderes na noite em que te fez essa cicatriz. Não que quisesse fazê-lo, claro, mas aconteceu.

— O Voldemort pôs um pouco de si próprio em mim? — perguntou Harry, assombrado.

— É o que parece ter acontecido.

— Então, eu deveria estar nos Slytherin — disse Harry, olhando desesperado para o rosto de Dumbledore. — O Chapéu Seleccionador viu em mim os poderes de Slytherin e...

— Pôs-te nos Gryffindor — concluiu tranquilamente Dumbledore. — Ouve, Harry, tu tens por acaso muitas das capacidades que o Salazar Slytherin apreciava nos seus estudantes cuidadosamente seleccionados. O seu raro dom de falar serpentês, desenvoltura, determinação, um certo desprezo pelas regras estabelecidas — acrescentou com o bigode a tremer de novo. — Mas ainda assim, o Chapéu Seleccionador pôs-te nos Gryffindor. E sabes porquê? Pensa um pouco.

— Só me pôs nos Gryffindor — disse Harry numa voz débil — porque eu pedi para não ir para os Slytherin.

— Exacto — disse Dumbledore a sorrir. — E isso torna-te muito diferente do Tom Riddle. São as nossas escolhas, Harry, que mostram quem de facto nós somos, mais do que as nossas capacidades.

Harry continuava sentado, imóvel e espantado.

— Se queres provas de que o teu lugar é nos Gryffindor, sugiro que vejas isto com mais atenção.

Dumbledore aproximou-se da secretária da professora McGonagall, pegou na espada de prata ensanguentada e mostrou-lha. Sem perceber, Harry voltou-a ao contrário. Os rubis brilharam à luz da lareira e foi então que ele reparou no nome gravado mesmo por baixo do punho da espada.

GODRIC GRYFFINDOR.

— Só um verdadeiro Gryffindor poderia ter tirado a espada de dentro do chapéu, Harry — disse, com simplicidade, Dumbledore.

Durante um minuto, nenhum dos dois falou. Depois, Dumbledore abriu uma das gavetas da secretária da professora McGonagall e retirou de lá uma pena e um tinteiro.

— Tu precisas de comer e de ir dormir. Sugiro que desças para o banquete, enquanto eu escrevo para Azkaban. Precisamos de recuperar o nosso guarda dos campos. E tenho de esboçar um anúncio para *O Profeta Diário* — acrescentou, pensativo. — Vamos precisar de um novo professor de Defesa contra a Magia Negra. É um problema, estamos sempre a perdê-los.

Harry levantou-se e dirigiu-se à porta. Tinha acabado de estender a mão para o puxador quando ela se abriu tão violentamente que saltou das dobradiças.

Lucius Malfoy estava ali, furioso, e, a seu lado, aterrorizado e embrulhado em inúmeras ligaduras, estava Dobby.

— Boa tarde, Lucius — cumprimentou Dumbledore, de forma amena.

Mr. Malfoy quase derrubou Harry enquanto entrava na sala. Dobby dava passos miudinhos atrás dele, inclinado até à bainha do seu manto com um olhar apavorado no rosto.

— Então — disse Lucius Malfoy com os olhos fixos em Dumbledore —, voltaste. Os membros do Conselho Directivo suspenderam-te, mas tu mesmo assim sentiste-te capaz de voltar a Hogwarts.

— Bem vêes, Lucius — disse Dumbledore, sorrindo serenamente. — Os outros onze membros do Conselho contactaram-me hoje. Foi como ser apanhado numa tempestade de corujas, para dizer a verdade. Ouviram dizer que a filha do Arthur Weasley tinha sido morta e quiseram-me novamente aqui. Parece que me consideravam o homem certo para o lugar. Contaram-me algumas histórias muito estranhas. Alguns deles tinham a impressão de que tu tinhas ameaçado amaldiçoar-lhes as famílias se não concordassem com a minha suspensão.

Mr. Malfoy ficou ainda mais pálido do que de costume, mas os olhos continuavam cheios de fúria.

— Então já acabaste com os ataques? — rosnou. — Apanhaste o culpado?

— Já, sim — disse Dumbledore com um sorriso.

— E quem é? — perguntou Malfoy secamente.

— O mesmo que da última vez, Lucius — disse Dumbledore. — Mas desta vez, Lord Voldemort agiu através de outra pessoa, por meio de um diário.

Pegou no pequeno livro com o buraco no meio, observando Mr. Malfoy atentamente. Harry, porém, olhava para Dobby.

O elfo fazia uns sinais muito estranhos. Com os seus grandes olhos fixos em Harry, não parava de apontar para o diário e, em seguida, para Mr. Malfoy, batendo logo a seguir com o punho na cabeça.

— Estou a ver... — disse Mr. Malfoy lentamente a Dumbledore.

— Um plano inteligente — afirmou o director num tom de voz suave, continuando a olhar para Mr. Malfoy directamente nos olhos. — Porque se não fosse aqui o Harry e o seu amigo Ron a descobrirem o diário, sem dúvida a Ginny Weasley teria ficado com todas as culpas. Ninguém teria conseguido provar que ela agira contra a sua própria vontade.

Mr. Malfoy não se pronunciou. O seu rosto parecia agora uma máscara.

— E vê bem — continuou Dumbledore — o que poderia ter acontecido... os Weasleys são uma das mais proeminentes famílias de feiticeiros de sangue puro, imagina o efeito na imagem de Arthur Weasley e na sua Lei de Protecção aos Muggles, se a sua própria filha fosse acusada de atacar e matar filhos de Muggles. Foi uma sorte o diário ter sido descoberto e as memórias de Riddle apagadas. Quem sabe que consequências poderia ter tido?

Mr. Malfoy falou contra vontade.

— Sim, foi uma sorte — concordou secamente.

Nas suas costas, Dobby continuava a apontar para o diário e para Lucius Malfoy, batendo depois com o punho na cabeça.

E Harry finalmente percebeu. Fez um sinal a Dobby, que correu a esconder-se num canto, torcendo desta vez as orelhas para se castigar.

— Não quer saber como a Ginny obteve esse diário, Mr. Malfoy? — perguntou Harry.

Lucius Malfoy voltou-se para ele.

— Como queres que eu saiba onde é que a estúpida da garota o arranjou?

— Porque foi o senhor quem lho deu — disse Harry. — Na Borrões e Floreados. O senhor pegou no velho livro de Transfiguração da Ginny e meteu o diário lá dentro, não foi?

Viu as mãos brancas de Mr. Malfoy abrirem-se e fecharem-se.

— Prova isso — sibilou.

— Oh! ninguém vai poder prová-lo — disse Dumbledore, sorrindo a Harry. — Não agora que o Riddle desapareceu do diário. Por outro lado, aconselhar-te-ia, Lucius, a não dares mais nenhum do antigo material escolar de Lord Voldemort. Se mais algum for parar às mãos de crianças inocentes, acho que o Arthur Weasley fará com que se descubra a sua origem.

Lucius Malfoy ficou calado um momento e Harry viu claramente a sua mão direita torcer-se como se desejasse chegar à varinha. Em vez disso,

voltou-se para o seu elfo doméstico.

— Vamos, Dobby.

Abriu a porta e, quando o elfo se aproximou, deu-lhe um pontapé que o projectou para longe. No gabinete ouviam-se os gritos de dor de Dobby no corredor. Harry pensou durante um momento e depois teve uma ideia.

— Professor Dumbledore — disse apressadamente. — Posso dar o diário outra vez a Mr. Malfoy?

— Certamente, Harry — disse Dumbledore com toda a calma. — Mas não demores, olha o banquete.

Harry agarrou no diário e saiu do gabinete. Os gritos de dor de Dobby afastavam-se ao longe. Sem perder tempo, perguntando a si próprio se o plano iria resultar, Harry descalçou um sapato, puxou uma das peúgas enlameadas e viscosas e meteu o diário dentro dela. Em seguida, correu até ao fundo do corredor escuro.

Apanhou-os no topo das escadas.

— Mr. Malfoy — disse ofegante, parando. — Tenho uma coisa para si. E meteu a peúga malcheirosa na mão de Lucius Malfoy.

— O que é...?

Mr. Malfoy tirou o diário de dentro da peúga, deitou-a fora e olhou furioso para o caderno estragado e para Harry.

— Ainda vais acabar por ter um fim igual ao dos teus pais um dia destes, Harry Potter — disse em voz baixa. — Eles também eram uns idiotas metediços.

Voltou-se para se ir embora.

— Anda, Dobby, eu disse-te para vires!

Mas Dobby não se mexeu. Tinha nas mãos a peúga nojenta de Harry e olhava para ela como se fosse um tesouro de valor incalculável.

— O senhor dar uma peúga ao Dobby — disse o elfo, maravilhado. — Dar ela ao Dobby.

— O que é isso? — disse, irritado, Mr. Malfoy. — O que estás para aí a dizer?

— Dobby ter uma peúga — repetiu, incrédulo. — O senhor deitar ela fora e Dobby apanhar e Dobby agora ser livre...

Lucius Malfoy ficou paralisado a olhar para o elfo. Em seguida, precipitou-se para Harry.

— Fizeste-me perder o meu servo, rapaz.

Mas Dobby gritou: — Não pense que ir fazer mal ao Harry Potter!

Ouviu-se um enorme estrondo e Mr. Malfoy foi empurrado para trás; caiu pelas escadas abaixo, saltando três degraus de cada vez e foi aterrar lá em baixo feito num feixe.



Levantou-se, o rosto lívido e pegou na varinha, mas Dobby estendeu-lhe um dedo ameaçador.

— Ir embora já — disse furioso, apontando para Mr. Malfoy. — Não tocará no Harry Potter. Ir embora, já.

Lucius Malfoy não teve escolha. Lançando aos dois um último olhar de cólera, embrulhou-se no manto e desapareceu.

— Harry Potter libertar Dobby! — disse o elfo com voz esganiçada, olhando para Harry, a luz do luar reflectida nos seus grandes olhos em forma de globos. — Harry Potter libertar Dobby.

— Era o mínimo que eu podia fazer, Dobby — disse Harry a sorrir —, mas promete-me que não vais voltar a tentar salvar-me a vida.

O rosto feio e escuro do elfo abriu-se, mostrando os dentes, num enorme sorriso.

— Tenho uma pergunta a fazer-te, Dobby — disse Harry, enquanto o elfo pegava na peúga dele com as mãos a tremer. — Disseste-me que tudo isto não tinha nada a ver com Aquele Cujo Nome Não Deve Ser Pronunciado. Lembras-te? Bem...

— Ser uma pista, senhor — disse Dobby, com os olhos muito abertos como se fosse absolutamente óbvio. — Dobby estar a dar-lhe uma pista. Antes de o Senhor do Mal mudar de nome, seu nome poder ser pronunciado, está a ver?

— Certo — disse Harry sem grande convicção. — Bem, é melhor eu ir andando. Há um banquete e a minha amiga Hermione já deve ter acordado...

Dobby lançou os braços à cintura de Harry e abraçou-o.

— Harry Potter ser muito maior do que Dobby imaginava! — soluçou. — Adeus, Harry Potter.

E com um estalido final, Dobby desapareceu.

Harry assistira a diversos banquetes, mas nenhum que se parecesse com aquele. Estavam todos de pijama e a festa durou a noite inteira. Harry não sabia se o melhor tinha sido Hermione a correr para ele e a gritar: — Tu conseguiste! Tu conseguiste!, ou Justin saindo disparado da mesa dos Hufflepuff para lhe estender a mão, desfazendo-se em desculpas por ter suspeitado dele, ou Hagrid, que apareceu às três e meia e que lhes deu palmadas nos ombros com tanta força que eles foram parar dentro dos pratos de bolo de creme, ou os quatrocentos pontos que ele e Ron obtiveram para os Gryffindor, ganhando a Taça pela segunda vez consecutiva, ou a professora McGonagall, de pé, a comunicar-lhes que os exames tinham sido cancelados como um prémio da escola (Oh! não!

exclamou Hermione), ou Dumbledore a anunciar que, infelizmente, o professor Lockhart não poderia voltar no ano seguinte por ter de se ausentar a fim de recuperar a memória. Alguns dos professores juntaram-se aos alunos, que aplaudiram, entusiasmados, esta notícia.

— Que pena — ironizou Ron, servindo-se de um *donut* com compota. — E eu que começava a gostar dele...

O resto do período de Verão decorreu sob um sol escaldante. Hogwarts voltara à normalidade, apenas com algumas pequenas diferenças: as aulas de Defesa Contra a Magia Negra foram canceladas (Mas nós tivemos imensa prática — disse Ron vendo o descontentamento de Hermione) e Lucius Malfoy foi demitido do Conselho Directivo. Draco já não passeava por ali como se fosse o dono da escola. Pelo contrário, tinha um ar melindrado e carrancudo. Por outro lado, Ginny Weasley andava de novo feliz da vida.

Em breve chegou o dia de regressarem a casa no Expresso de Hogwarts. Harry, Ron, Hermione, Fred, George e Ginny encheram um compartimento. Tiraram o máximo partido daquelas últimas horas em que lhes era permitido usar magia antes das férias. Brincaram às Explosões, gastaram o último fogo-de-artifício do Dr. Filibuster de Fred e de George, e treinaram o mútuo desarmamento através de magia. Harry começava a ficar muito bom naquilo.

Já estavam perto da estação de King's Cross, quando Harry se lembrou de uma coisa.

— Ginny, o que foi que viste o Percy fazer que ele não queria que nos contasses?

— Ah! isso — disse Ginny a rir. — Bem, é que o Percy tem uma *namorada*.

Fred deixou cair uma pilha de livros na cabeça de George.

— O quê?

— É aquela prefeita dos Ravenclaw, a Penelope Clearwater — revelou Ginny. — Foi para ela que ele escreveu durante todo o Verão. Encontravam-se na escola em grande segredo. Eu apanhei-os a beijarem-se numa sala de aula vazia e ele ficou tão aflito quando ela foi... sabes... atacada. Não vais aborrecê-lo, pois não? — perguntou, cheia de ansiedade.

— Que ideia! — respondeu Fred com uma tal satisfação no rosto que parecia que o seu aniversário chegara mais cedo.

— É claro que não — disse George, a rir-se à socapa.

O Expresso de Hogwarts abrandou e finalmente parou.

Harry tirou a pena e um pouco de pergaminho e voltou-se para Ron e Hermione.

— Isto é um número de telefone — disse ele a Ron, escrevinhando-o duas vezes, cortando o pergaminho ao meio e dando-lhes os números. — Eu expliquei ao teu pai como usar um telefone no Verão passado. Ele sabe fazer a chamada. Liga-me para casa dos Dursleys, está bem? Não consigo suportar outros dois meses sem ter mais ninguém com quem falar...

— Mas a tua tia e o teu tio vão ficar orgulhosos de ti, não vão? — perguntou Hermione quando saíram do comboio e se misturaram na multidão que se encontrava junto da barreira encantada. — Quando souberem o que fizeste este ano.

— Orgulhosos? — disse Harry. — Estás doida! Podendo eu ter morrido tantas vezes e tendo escapado? Vão ficar é furiosos...

E juntos atravessaram a barreira e regressaram ao mundo dos Muggles.

## Notas de rodapé

1 *Haggis* — prato típico da Escócia, feito de miúdos de carneiro e servido com nabos e batatas. (NR)

2 *Eggnog* — bebida servida quente na qual se adiciona gema de ovo a cerveja, cidra ou vinho. (NR)

3 Sobremesa típica do Natal, servida quente, contendo frutos secos e regada com brande, ao qual se lança fogo. (NR)

4 *Trifle* — Sobremesa de bolo recheado de fruta e gelatina, coberto de natas ou creme de leite. (NR)

5 O nome do ministro reflecte a sua personalidade, pois significa alguém que evita tomar decisões difíceis, optando por soluções fáceis mas insatisfatórias. (NR)

*Títulos disponíveis da série Harry Potter (por ordem de leitura):*

Harry Potter e a Pedra Filosofal  
Harry Potter e a Câmara dos Segredos  
Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban  
Harry Potter e o Cálice de Fogo  
Harry Potter e a Ordem da Fênix  
Harry Potter e o Príncipe Misterioso  
Harry Potter e os Talismãs da Morte

*Livros da Biblioteca de Hogwarts:*

Monstros Fantásticos e Onde Encontrá-los  
O Quidditch Através dos Tempos  
Os Contos de Beedle o Bardo

*Continue a ler o primeiro capítulo do próximo livro da série Harry Potter...*

# HARRY POTTER

e o

PRISIONEIRO *de*  
AZKABAN



3

J.K. ROWLING

# I

## O CORREIO DAS CORUJAS

Harry Potter era um rapazinho muito pouco vulgar. Por um lado, a época do ano que mais detestava era a das férias de Verão. Por outro, queria muito fazer os trabalhos de casa, mas via-se obrigado a fazê-los às escondidas, pela calada da noite. Além disso, Harry Potter era um feiticeiro.

Era quase meia-noite e ele estava deitado de bruços, na cama, com os cobertores a taparem-lhe a cabeça formando uma espécie de tenda, uma lanterna na mão e um enorme livro com encadernação de cabedal (*A História da Magia*, de Adalbert Waffling) apoiado contra a almofada. Harry moveu a sua pena de águia ao longo da página, franzindo as sobrancelhas, enquanto procurava alguma coisa que o ajudasse a escrever o texto: «A queima das bruxas no século XIV foi totalmente inútil. Comente.»

A pena parou no princípio de um parágrafo muito prometedor. Harry ajeitou os óculos redondos sobre o nariz, aproximou mais a lanterna do livro e leu:

*As pessoas não-mágicas (mais conhecidas por Muggles) tinham um tremendo receio da magia durante a Idade Média, mas não sabiam reconhecê-la. Das poucas vezes que prendiam uma verdadeira feiticeira ou feiticeiro, a fogueira não tinha qualquer efeito sobre eles. A feiticeira ou feiticeiro efectuava um feitiço básico de travagem das chamas e fingia torcer-se com dores enquanto sentia uma ligeira sensação de cócegas. Na verdade, a feiticeira Wendelin gostava tanto de ser queimada que se deixou apanhar quarenta e sete vezes ao todo, sob os mais variados disfarces.*

Harry pôs a pena na boca e procurou debaixo da almofada o tinteiro e um rolo de pergaminho. Lenta e cautelosamente, abriu o frasco de tinta,

molhou a pena e começou a escrever, fazendo uma pausa de vez em quando para prestar atenção, porque se algum dos Dursley desse pelo ruído da pena a arranhar o pergaminho enquanto passava para a casa de banho, ele seria provavelmente fechado no armário que ficava debaixo das escadas até ao final do Verão.

A família Dursley, do número quatro de Privet Drive, era a razão pela qual Harry nunca apreciava as férias de Verão. O tio Vernon, a tia Petúnia e o seu filho Dudley eram os seus únicos familiares vivos. Eram Muggles e tinham uma atitude medieval em relação à magia. Os pais de Harry, já falecidos, que tinham sido ambos feiticeiros, nunca eram mencionados sob o tecto dos Dursley. Durante muitos anos, a tia Petúnia e o tio Vernon acreditaram que se maltratassem Harry suficientemente, conseguiriam extirpar a magia de dentro dele. Para sua grande cólera, fracassaram por completo e agora viviam apavorados com a ideia de que alguém pudesse descobrir que o sobrinho passara os dois últimos anos na Escola de Magia e Feitiçaria de Hogwarts.

Tudo o que actualmente podiam fazer era fechar-lhe os livros de encantamentos, a varinha, o caldeirão e a vassoura no início das férias de Verão e proibi-lo de falar com os vizinhos.

Esta separação dos livros de encantamentos constituía um verdadeiro problema para Harry, porque os professores de Hogwarts tinham-lhe passado uma grande quantidade de trabalhos para fazer nas férias. Um deles, o mais difícil de todos, sobre Poções de Encolher, era para o professor de quem Harry menos gostava, o professor Snape, que adoraria ter um bom pretexto para lhe dar um castigo que durasse um mês. Por isso, Harry aproveitara a sua sorte durante a primeira semana de férias, enquanto o tio Vernon, a tia Petúnia e Dudley tinham ido até ao jardim admirar o novo carro da empresa do tio (falando muito alto para que todos os vizinhos reparassem nele) e, esgueirando-se até lá abaixo, pegara na chave do armário que ficava debaixo das escadas, tirara alguns dos seus livros e escondera-os debaixo da cama. Desde que não manchasse os lençóis com tinta, os Dursley não iriam descobrir que ele estudava magia à noite.

Harry tentava ao máximo evitar problemas com os tios, que já estavam bastante aborrecidos por ele ter recebido uma chamada telefónica de um colega feiticeiro, uma semana depois do início das férias de Verão.

Ron Weasley, que era um dos seus melhores amigos em Hogwarts, descendia de uma família de feiticeiros, o que significava que sabia uma série de coisas que Harry ignorava, embora nunca na vida tivesse utilizado um telefone. Infelizmente, foi o tio Vernon quem atendeu a chamada.

— Vernon Dursley, diga por favor.



Harry, que por acaso estava na sala naquele momento, ficou gelado quando ouviu a voz de Ron do outro lado.

— ESTÁ? ESTÁ? CONSEGUE OUVIR-ME? EU... QUERO... FALAR... COM... O HARRY... POTTER!

Ron gritava tão alto que o tio Vernon deu um salto e afastou o auscultador trinta centímetros do ouvido, olhando para ele com uma expressão que era um misto de fúria e de pânico.

— QUEM FALA? — berrou secamente em direcção ao auscultador. — QUEM ESTÁ AO TELEFONE?

— RON... WEASLEY — gritou Ron tão alto como se ele e o tio Vernon estivessem a falar de um para o outro extremo de um campo de futebol — EU SOU... UM AMIGO DO HARRY... DA ESCOLA...

Os olhos pequeninos do tio Vernon pousaram sobre Harry, que parecia pregado ao chão.

— NÃO MORA AQUI NENHUM HARRY POTTER! — respondeu o tio secamente, segurando o auscultador à distância de um braço, como se receasse que ele explodisse. — NÃO SEI DE QUE ESCOLA ESTÁ A FALAR! NÃO VOLTE A LIGAR PARA CÁ! NÃO SE APROXIME DA MINHA FAMÍLIA!

E pousou o auscultador no descanso como se largasse uma aranha venenosa.

A barafunda que se seguiu foi uma das piores de sempre.

— COMO TE ATREVES A DAR ESTE NÚMERO A PESSOAS COMO... A PESSOAS COMO TU?! — vociferou o tio Vernon, enchendo Harry de perdigotos.

Ron apercebeu-se obviamente de que tinha criado problemas ao amigo e não voltou a ligar. A outra grande amiga de Hogwarts, Hermione Granger, também não dissera nada. Harry suspeitou de que Ron a avisara para não telefonar, o que foi uma pena, porque Hermione, a jovem feiticeira mais inteligente do ano de Harry, era filha de Muggles, sabia perfeitamente usar o telefone e seria certamente sensata a ponto de não referir a escola de Hogwarts.

Harry, portanto, já não tinha notícias de nenhum amigo ou amiga feiticeiros havia cinco longas semanas e aquele Verão estava a tornar-se quase tão mau como o anterior. Havia apenas uma pequena coisa que era melhor: depois de ter jurado que não a usaria para mandar cartas a nenhum dos amigos, Harry tinha sido autorizado a soltar a sua coruja *Hedwig* durante a noite. O tio Vernon acabara por ceder por causa da balbúrdia que ela fazia, sempre encurralada na gaiola.

Harry acabou o seu texto sobre a feiticeira Wendelin e parou para escutar. O silêncio da casa sombria era apenas cortado pelos ronc

distantes do seu enorme primo Dudley. Devia ser muito tarde. Harry sentia picadas nos olhos devido ao cansaço. Seria melhor acabar o trabalho na noite seguinte.

Tapou o tinteiro, tirou uma velha fronha que tinha debaixo da cama, pôs a lanterna, *A História da Magia*, o seu trabalho, a pena e o tinteiro dentro da fronha e meteu tudo num esconderijo debaixo do soalho, mesmo sob a cama onde dormia. Em seguida, pôs-se de pé, espreguiçou-se e viu as horas no despertador de ponteiros luminosos que tinha na mesinha-de-cabeceira.

Era uma da manhã. O seu estômago contorceu-se. Havia uma hora que fizera treze anos sem dar por isso.

Outra coisa pouco usual na vida de Harry era a escassa esperança que depositava nos dias do seu aniversário. Nunca, até então, recebera um cartão de parabéns. Os Dursley tinham ignorado por completo os seus dois últimos aniversários e ele não tinha qualquer motivo para esperar que se lembrassem deste.

Harry atravessou a escuridão do quarto, passou pela enorme gaiola vazia de *Hedwig* e foi até à janela que estava aberta. Encostou-se ao peitoril, sentindo no rosto o agradável ar fresco da noite, depois de bastante tempo debaixo dos cobertores. *Hedwig* estava fora havia já duas noites, o que não o preocupava muito, já que não era a primeira vez, mas esperava que ela voltasse rapidamente. Era a única criatura naquela casa que não estremecia com a presença dele.

Apesar de continuar pequeno e magro para a idade, Harry crescera alguns centímetros desde o ano anterior. No entanto, o seu cabelo preto asa de corvo mantinha-se igual, teimosamente desalinhado por mais que o penteasse. Os olhos, por detrás dos óculos, eram de um verde brilhante e, na testa, por entre o cabelo, podia ver-se, claramente, uma fina cicatriz em forma de raio.

De todas as coisas pouco usuais em Harry, esta cicatriz era a mais extraordinária. Não era, como os Dursley durante dez anos tinham querido fazer-lhe acreditar, uma lembrança do acidente de automóvel em que tinham morrido os seus pais, porque Lily e James Potter não tinham morrido em nenhum acidente de automóvel, tinham sido assassinados. Assassinados pelo feiticeiro negro mais temido dos últimos cem anos, Lord Voldemort.

Harry escapara desse ataque apenas com uma cicatriz na testa, quando a maldição de Voldemort, em vez de o matar, se voltara contra o seu criador. Preso à vida por um fio, Voldemort desaparecera...

Harry, porém, voltara a encontrá-lo em Hogwarts. Ficou à janela, recordando o último encontro e reconhecendo que tivera imensa sorte em

chegar vivo aos treze anos de idade.

Perscrutou o céu cheio de estrelas em busca de um sinal de *Hedwig*, trazendo-lhe, talvez, no bico um rato morto, à espera de um elogio. Olhando absorto sobre os telhados, só alguns segundos depois se apercebeu do que estava a ver.

Recortada contra a Lua dourada e aumentando de tamanho a cada momento, via-se uma criatura grande, estranhamente desequilibrada que agitava as asas em direcção a Harry.

Ficou muito quieto, vendo-a descer a pouco e pouco. Durante uma fracção de segundo hesitou, com a mão no puxador da janela, perguntando a si próprio se deveria fechá-la, mas, então, a bizarra criatura sobrevoou um dos candeeiros de Privet Drive e Harry, percebendo o que era, afastou-se.

Pela janela entraram três corujas, duas das quais carregavam a terceira que parecia estar inconsciente. Aterraram com um ruído abafado na cama de Harry e a coruja do meio, que era grande e cinzenta, caiu para o lado e ficou imóvel. Trazia um grande pacote amarrado às patas.

Harry reconheceu de imediato a coruja inconsciente. Era *Errol* e pertencia à família Weasley. Saltando para a cama, desamarrou os cordéis que lhe envolviam as patas, pegou no embrulho e levou-a para a gaiola de *Hedwig*. *Errol* abriu um olho remelento, deu um frágil pio de gratidão e começou a beber água.

Harry voltou-se para as outras corujas. Uma delas, uma coruja-das-neves, era a sua *Hedwig*. Também ela transportava um embrulho e tinha um ar profundamente satisfeito. Deu a Harry uma bicada afectuosa quando ele lhe tirou a carga e voou pelo quarto, indo juntar-se à *Errol*.

Harry não reconheceu a terceira, uma bonita coruja trigueira, mas soube imediatamente de onde ela vinha, pois viu a carta que trazia, com o timbre de Hogwarts. Mal Harry lhe retirou o correio, ela enfunou as penas com ar importante, abriu as asas e voou em direcção à janela, perdendo-se na noite.

Harry sentou-se na cama, pegou no embrulho de *Errol*, rasgou o papel castanho e descobriu lá dentro um presente embrulhado em papel dourado com o seu primeiro cartão de parabéns. Com os dedos ligeiramente trémulos, abriu o sobrescrito. Duas folhas de papel caíram, uma carta e um recorte de jornal.

O recorte era claramente do jornal de feiticeiros *O Profeta Diário*, porque as pessoas da fotografia a preto e branco moviam-se. Harry pegou no recorte, alisou-o e leu:

FUNCIONÁRIO DO MINISTÉRIO DA MAGIA OBTÉM GRANDE PRÉMIO

*Arthur Weasley, chefe do Gabinete da Utilização Incorrecta dos Artefactos dos Muggles do Ministério da Magia, ganhou o Prémio Anual Galeão d'O Profeta Diário.*

*Radiante, a esposa de Mr. Weasley disse ao nosso jornal: — Vamos gastar esse ouro numas férias de Verão no Egipto, onde se encontra Bill, o nosso filho mais velho, que trabalha como anulador de maldições para o Banco de Feiticeiros de Gringotts.*

*A família Weasley passará um mês inteiro no Egipto, regressando para o início das aulas em Hogwarts onde cinco das crianças Weasley estão matriculadas.*

Harry observou a fotografia móvel e um sorriso iluminou-lhe o rosto quando viu os nove Weasley acenando-lhe, entusiasmados, em frente de uma enorme pirâmide. A rechonchuda Mrs. Weasley, Mr. Weasley, alto e calvo, os seis filhos e a filha, todos eles (a fotografia a preto e branco não mostrava) com cabelos de um ruivo flamejante. Mesmo no centro da fotografia via-se Ron, alto e magro, de pernas finas com o seu rato *Scabbers* ao ombro e o braço sobre Ginny, a irmã mais nova.

Harry não se lembrava de ninguém que merecesse mais ganhar uma pilha de ouro que os Weasley, que eram ótimas pessoas e muito pobres. Pegou na carta de Ron e desdobrou-a.

*Caro Harry,  
feliz aniversário!*

*Desculpa, lamento imenso aquilo do telefonema. Espero que os Muggles não te tenham criado grandes problemas. Falei com o meu pai e ele disse que eu não devia ter gritado.*

*Isto aqui no Egipto é magnífico. O Bill levou-nos a visitar todos os túmulos e não imaginas as maldições que os antigos feiticeiros egípcios lhes lançaram. A mãe não deixou a Ginny entrar no último. Estava cheio de esqueletos mutantes de Muggles que o profanaram e a quem cresceram cabeças extra.*

*Eu não queria acreditar quando o meu pai ganhou o prémio d'O Profeta Diário. Setecentos galeões! A maior parte gastou-se nestas férias, mas vão comprar-me uma nova varinha para o próximo ano lectivo.*

Harry lembrava-se muito bem do dia em que a varinha de Ron estoirara. Tinha sido quando o carro em que eles voavam a caminho de Hogwarts se espetara contra uma árvore nos campos da escola.

*Estaremos de volta uma semana antes do começo das aulas e vamos a*

*Londres comprar a varinha e os livros. Achas que podemos encontrar-nos nessa altura?*

*Não deixes que os Muggles te deprimam! Tenta vir a Londres,*

*Ron*

*PS: O Percy é Delegado dos Alunos. Recebeu a carta na semana passada.*

Harry voltou a olhar para a fotografia. Percy, que estava no sétimo e último ano de Hogwarts, tinha um ar particularmente presunçoso. Pregara o seu distintivo de Delegado dos Alunos no fez que encarrapitara sobre o cabelo bem penteado, os óculos com aros de tartaruga a brilharem ao sol do Egipto.

Harry voltou-se em seguida para o presente e desembulhou-o. Lá dentro estava uma coisa que parecia um pão de vidro em miniatura. Junto dele, havia outro cartão de Ron.

*Harry, isto é um Avisoscópio. Se houver alguém traiçoeiro perto de ti, ele acende-se e gira. O Bill diz que é uma aldrabice para os feiticeiros turistas e que não é de confiança porque não parou de se acender ontem à noite à hora do jantar. Mas ele não percebeu que o Fred e o George lhe tinham posto duas baratas dentro da sopa.*

*Adeus,*

*Ron*

Harry pôs o Avisoscópio de bolso na mesinha-de-cabeceira, onde o objecto ficou muito quieto e equilibrado, reflectindo os ponteiros luminosos do relógio. Olhou satisfeito para ele durante alguns segundos, depois pegou no embrulho que Hedwig lhe trouxera.

Lá dentro havia também um presente embrulhado, um cartão e uma carta. Desta vez de Hermione.

*Querido Harry,*

*o Ron escreveu-me a contar da chamada telefónica que foi atendida pelo teu tio Vernon. Espero que esteja tudo bem contigo.*

*Estou a passar férias em França e não sabia como mandar-te isto. E se abrissem na alfândega? Mas foi então que apareceu a Hedwig. Acho que ela queria assegurar-se de que tu recebias alguma coisa no dia dos teus anos, para variar.*

*O teu presente foi adquirido através do catálogo das corujas. Vinha um anúncio n'O Profeta Diário (temo-lo recebido. É tão bom mantermo-nos a par do que se passa no mundo da feitiçaria). Viste a fotografia do Ron e da*

*família toda que saiu na semana passada? Aposto que está a aprender imensas coisas. Estou cheia de inveja, os feiticeiros do antigo Egipto eram fascinantes.*

*Aqui também há algumas histórias de feitiçaria locais. Reescrevi o meu trabalho para História da Magia para incluir algumas das coisas que descobri. Espero que não esteja demasiado grande, já ultrapassei em dois rolos de pergaminho aquilo que o professor Binns pediu.*

*O Ron diz que vai estar em Londres na última semana de férias. Achas que podes vir também? Espero que sim. Se não fores, vejo-te no Expresso de Hogwarts do dia 1 de Setembro.*

*Beijos da*

*Hermione*

*PS: O Ron diz que o Percy é Delegado dos Alunos. Aposto que está contentíssimo, mas o Ron não parece lá muito satisfeito.*

Harry riu-se de novo, enquanto guardava a carta e pegava no seu presente. Era muito pesado. Conhecendo Hermione como conhecia, calculou que se tratasse de um livro enorme cheio de feitiços complicados... mas não era. O seu coração deu um salto quando rasgou o papel e viu um elegante estojo preto com letras douradas que diziam: *Kit de Tratamento de Vassouras.*

— Uau! Hermione! — exclamou, abrindo o fecho de correr do estojo para o ver por dentro.

Havia um grande frasco de verniz, para cabos Super-Brilho da *Fleetwood*, uma tesoura prateada para aparar a cauda da vassoura, uma bússola pequenina para lhe adaptar nas viagens mais longas e um livro prático de cuidados a ter com a vassoura, tipo *Faça Você Mesmo*.

Além dos amigos, aquilo de que Harry tinha mais saudades era do Quidditch, o jogo mais popular do mundo mágico, um jogo extremamente perigoso, excitante e jogado em cima de vassouras. Harry era por acaso um excelente jogador, fora o aluno mais jovem em um século a ser seleccionado para uma das equipas desportivas de Hogwarts. Um dos seus bens mais preciosos era a sua vassoura de corrida *Nimbus Dois Mil*.

Harry pôs o estojo de parte e pegou no último embrulho. Reconheceu de imediato os rabiscos desordenados no papel castanho: este era de Hagrid, o guarda dos campos. Rasgou a parte de cima do papel e vislumbrou uma coisa verde, semelhante a couro, mas, antes de ter tido tempo de o abrir convenientemente, o embrulho estremeceu e o que estava lá dentro abocanhou-o ruidosamente, como se tivesse mandíbulas.

Harry ficou gelado. Sabia que Hagrid nunca lhe enviaria

propositadamente nada que fosse perigoso, mas a verdade é que ele não tinha uma visão muito comum do que era perigoso. Sabia-se que tinha feito amizade com aranhas gigantes, comprara cães com três cabeças a homens com quem jogara nos bares e guardara ilegalmente ovos de dragão na sua cabana.

Muito nervoso, Harry apalpou o embrulho. A coisa tentou novamente mordê-lo. Harry pegou no candeeiro que tinha à cabeceira da cama, agarrou-o com força com uma das mãos e levantou-o à altura da cabeça, pronto para lhe bater. Em seguida, agarrou o resto do papel de embrulho com a outra mão e puxou.

E apareceu um livro. Harry só teve tempo de admirar a sua bonita capa verde, adornada com o título a dourado *O Monstruoso Livro dos Monstros* antes de ele se virar e fugir pela cama fora, qual caranguejo esquisito.

— Oh, oh — resmungou Harry. O livro caiu ao chão com um baque e atravessou rapidamente o quarto. Harry seguiu-o sub-repticiamente. O livro escondera-se no vão escuro debaixo da secretária. Pedindo aos céus que os Dursley estivessem a dormir profundamente, Harry pôs-se de gatas e conseguiu agarrá-lo.

— Ai!

O livro fechou-se-lhe nas mãos e logo a seguir escapou-se, correndo apoiado nas capas. Harry andou de um lado para o outro, atirou-se para a frente e conseguiu comprimi-lo contra o chão. No quarto ao lado, o tio Vernon soltou um ronco no meio do sono.

*Hedwig* e *Errol* observaram, interessadas, o modo como Harry segurou nos braços o livro irrequieto, abrindo uma gaveta e retirando de dentro um cinto que amarrou em volta dele. O Livro dos Monstros estremeceu zangado, mas já não podia correr nem morder, por isso Harry pousou-o na cama e leu o cartão de Hagrid.

*Querido Harry,  
feliz aniversário!*

*Achei qu'este livro te seria útil prò próximo ano. Não te vou contar mais nada. Depois conversamos. Espero qu'os Muggles te estejam a tratar bem.*

*O melhor pra ti,  
Hagrid*

Harry achou bastante sinistro que Hagrid tivesse pensado que um livro capaz de morder-lhe iria ser útil, mas colocou o cartão ao lado dos de Ron e de Hermione, cada vez mais satisfeito. Só faltava agora a carta de Hogwarts.

Reparando que era mais espessa que habitualmente, abriu o sobrescrito, retirou a primeira folha de pergaminho e leu:

*Caro Mr. Potter,*

*por favor, tome nota de que o novo ano escolar em Hogwarts terá o seu início no dia 1 de Setembro. O Expresso de Hogwarts partirá da estação de King's Cross, plataforma nove e três quartos, às onze horas da manhã.*

*Os alunos do terceiro ano estarão autorizados a visitar a vila de Hogsmeade em certos fins-de-semana. Por favor, entregue a autorização que enviamos para que o seu pai ou encarregado de educação a assine.*

*Juntamos também uma lista dos livros para o próximo ano.*

*Atenciosamente,*

*Professora McGonagall*

*Vice-directora*

Harry pegou no documento de autorização para visitar Hogsmeade e olhou para ela sem sorrir.

Seria óptimo visitar Hogsmeade aos fins-de-semana. Sabia que era uma vila exclusivamente de feiticeiros, onde nunca pusera os pés. Mas como iria convencer o tio Vernon e a tia Petúnia a assinar a autorização?

Olhou para o despertador: eram duas horas da manhã.

Tomando a decisão de deixar aquela preocupação para o dia seguinte, Harry voltou a meter-se na cama e fez uma cruzinha no gráfico que ele mesmo construía, onde riscava os dias que faltavam para voltar a Hogwarts. Em seguida, tirou os óculos e deitou-se com os olhos abertos, fixos nos três cartões de parabéns que tinha recebido.

Era extremamente raro sentir-se assim, como naquele momento, feliz, pela primeira vez na vida, por ser o dia do seu aniversário.



Título original: Harry Potter and the Chamber of Secrets

Tradução do inglês por Isabel Fraga

Revisão de texto de Isabel Nunes

Todos os direitos reservados; nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer meio, quer seja eletrónico, mecânico, fotocópia ou outro, sem a autorização prévia da editora

Esta edição digital foi publicada pela primeira vez pela Pottermore Limited em 2015

Publicado pela primeira vez em papel em Portugal em 2000 por Editorial Presença

Copyright © J.K. Rowling 1998

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2000

Imagem da capa: Olly Moss © Pottermore Limited 2015

Harry Potter characters, names and related indicia are trademarks of and © Warner Bros. Ent.

O direito moral do autor foi reivindicado

ISBN 978-1-78110-308-1